

EDIÇÃO BILÍNGUE
ALEMÃO/PORTUGUÊS

EBOOK GRÁTIS

LUDWIG WITTGENSTEIN

SOBRE A CERTEZA

FINO TRACO

EDITORA

ORGANIZAÇÃO E TRADUÇÃO
Mauro Lúcio Leitão Condé
Cristiane Maria Cornelia Gottschalk
Wagner Teles de Oliveira



HISTÓRIA



CAPES

EDIÇÃO BILÍNGUE
ALEMÃO/PORTUGUÊS

LUDWIG WITTGENSTEIN

SOBRE A CERTEZA

TRADUÇÃO, APRESENTAÇÃO E NOTAS

Mauro Lúcio Leitão Condé

Cristiane Maria Cornelia Gottschalk

Wagner Teles de Oliveira

Todos os direitos reservados à Fino Traço Editora Ltda.

© Mauro Lúcio Leitão Condé, Cristiane Maria Cornelia Gottschalk e Wagner Teles de Oliveira

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização da editora.

As ideias contidas neste livro são de responsabilidade de seus organizadores e autores e não expressam necessariamente a posição da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação | Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W786s

Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951

“Sobre a certeza” / Ludwig Wittgenstein ; tradução, introdução e notas Mauro Lúcio Leitão Condé, Cristiane Maria Cornelia Gottschalk, Wagner Teles de Oliveira. - Ebook- Belo Horizonte [MG] : Fino Traço, 2025.

274 p.

Tradução de: Über Gewißheit

“Edição bilíngue alemão/português”

ISBN 978-85-8054-789-4

1. Filosofia. I. Condé, Mauro. II. Gottschalk, Cristiane. III. Oliveira, Wagner Teles de. IV. Título.

25-102238.0

CDD: 100

CDU: 1



Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

05/12/2025 08/12/2025

Conselho Editorial Coleção *Scientia*

Carlos Alberto Filgueiras (UFRJ)

Bernardo Jefferson de Oliveira (UFMG)

Gilberto Hochman (Fiocruz)

Maria Amélia Dantes (USP)

Maria de Fátima Nunes (Universidade de Évora - Portugal)

Olival Freire (UFBA)



FINO TRAÇO EDITORA LTDA.

finotracoeeditora.com.br

Sumário

- 7. Agradecimentos
- 9. Apresentação e Notas à Tradução do
Sobre a Certeza de Ludwig Wittgenstein
- 47. Sobre a Certeza
- 269. Referências Bibliográficas

E-BOOK GRATUITO - PROIBIDO COMERCIALIZAÇÃO

Agradecimentos

A publicação desta tradução foi possível graças ao aporte financeiro do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, por meio do CAPES/Proex. Somos muito gratos ao programa e à agência de fomento por este suporte para transformar nossa tradução em um livro. A participação de Wagner Teles de Oliveira neste projeto editorial foi apoiada pelo FINAPESQ/UEFS.

E-BOOK GRATUITO - PROIBIDO COMERCIALIZAÇÃO

Apresentação e Notas à Tradução do *Sobre a Certeza* de Ludwig Wittgenstein

O projeto de tradução do *Sobre a Certeza* de Ludwig Wittgenstein surgiu em algum momento no início do período de pós-pandemia da Covid 19, inspirado exatamente nas formas de contato acadêmico e pesquisas realizadas remotamente durante aquele difícil período pandêmico. Considerando a existência de uma amizade, a admiração e o respeito mútuos pelos trabalhos realizados pelos três pesquisadores sobre (ou a partir de) a obra de Wittgenstein, reunirmo-nos para discutir Wittgenstein e traduzir o *Sobre a Certeza* nos pareceu um projeto altamente sedutor. As sessões remotas eram momentos agradáveis não apenas academicamente – com as análises da obra de Wittgenstein e da filosofia em um sentido mais amplo – mas também reflexões sobre a carreira docente, a situação em nossas universidades, o cotidiano da vida de cada um de nossos estados (MG, SP e BA), além de trocas de experiências pessoais. Enfim, foram muitos momentos gratificantes que consolidaram ainda mais a nossa amizade. E, esperamos, nosso conhecimento sobre a obra de Wittgenstein.

Como é de praxe nesse tipo de empreitada, algumas passagens do texto wittgensteiniano eram traduzidas rapidamente, mas outras levavam um tempo muito grande. Tratava-se de encontrar em português as melhores palavras para traduzir o original em alemão, definir a melhor expressão ou encontrar o melhor encadeamento das ideias. Com base nessa óbvia experiência do imprevisível tempo da tradução, já vislumbrando uma possível publicação em livro, concluímos que um encontro mensal, como o que estávamos fazendo, demandaria um tempo demasiadamente largo. Então, passamos a

nos reunir semanalmente. O que certamente não apenas avançou o trabalho, mas muito nos animou. Ao longo dos anos, foram muitas as sessões agradáveis e memoráveis em torno da obra de Wittgenstein.

Embora já houvesse algumas traduções do *Sobre a Certeza* em português, nossa pretensão, desde o início, independentemente de publicarmos ou não a tradução, seria “dar a nossa versão” surgida não apenas da nossa afinidade de interpretação do filósofo austríaco, mas também da possibilidade de dialogarmos sobre cada proposição do livro. Assim, diferentemente de outras traduções, esta se realizou a seis mãos, palavra por palavra, conceito por conceito, ideia por ideia, pensamento por pensamento.

Para a tradução direta do texto de Wittgenstein, usamos a edição alemã (Wittgenstein, 1970), além do cotejo dos respectivos manuscritos do filósofo austríaco a partir do projeto *Wittgenstein Source*. Vez por outra, diante de passagens mais complexas e de difícil interpretação, cotejamos com as edições em inglês e em espanhol. Em menor recorrência, utilizamos comparativamente a edição francesa e a italiana. E mesmo, em um ponto específico ou outro, chegamos a cotejar com as traduções em português já existentes no Brasil e em Portugal. Não apenas por se tratar das idiossincrasias de Wittgenstein – além de um certo grau de obsessão com o seu próprio texto –, mas também por se tratar de uma edição póstuma, o texto de *Sobre a Certeza* é marcado por muitas peculiaridades. Talvez a maior delas seja o fato de que o texto publicado no livro *Sobre a Certeza*, escrito até os dias finais da vida de Wittgenstein, não se tratar propriamente de um único texto, mas de diferentes manuscritos que foram editados para se tornarem um único volume. Na seção que se segue, apresentamos algumas dessas peculiaridades da obra do filósofo austríaco, em especial, do *Sobre a Certeza*, além de algumas considerações sobre a nossa tradução.

Wittgenstein morreu no dia 29 de abril de 1951. Entre o fim de fevereiro e o início de março, ele teria dito a Joan Bevan (1999, p. 137),

seu médico, em cuja casa ele se hospedara por abominar a ideia de passar seus últimos dias em um hospital, que “Estava trabalhando como nunca antes”. Wittgenstein sabia que a sua vida estava por um fio. Treze dias antes da sua morte, ele escreve para Norman Malcolm dizendo haver encontrado, de repente, há cerca de um mês, o estado de espírito adequado para fazer filosofia, depois de ter estado absolutamente seguro de que isso jamais voltaria a acontecer (Malcolm, 1999, p. 108). Wittgenstein nada escreveu entre o final de setembro do ano anterior e o início de março de 1951. O tratamento do câncer, que o impedia de pensar com clareza, havia sido interrompido. Pela primeira vez, em mais de dois anos, diz Wittgenstein, “A cortina de sua mente se abriu”, sendo evidente, para ele, que tudo poderia ter um fim na manhã seguinte, mas isso o tinha deixado “cheio de ânimo”. Ele escreverá, pelo menos, até o dia 27 de abril de 1951, quando registra, no manuscrito final do *Sobre a Certeza*, a data pela última vez.

Em meados de 1949, Wittgenstein esteve em Ithaca, nos EUA, para se encontrar com Norman Malcolm, que estava ocupado em analisar a tentativa de refutação do ceticismo de Moore já há algum tempo. Malcolm havia acabado de escrever “Defending Common Sense” (1949) e estava ansioso para ouvir o que Wittgenstein pensava a respeito. Malcolm e Wittgenstein, então, concentraram suas conversas na discussão de dois ensaios de George Edward Moore: “A Defence of Common Sense” (1925) e “Proof of an External World” (1939). O *Sobre a Certeza*, como mencionado, contém uma seleção de textos derivados de manuscritos posteriores ao retorno de Wittgenstein dos EUA, reunindo textos escritos entre o final de 1949 e 27 de abril de 1951, portanto, dois dias antes da sua morte. A edição de G. E. M. Anscombe e G. H. von Wright, que veio a público em 1969, pretende ser uma coletânea que teria sido topicamente separada pelo próprio Wittgenstein, consistindo em uma reação a Moore, provocada pelas conversas com Malcolm.

Entre 1945 e 1951, o trabalho filosófico de Wittgenstein dedica-se quase exclusivamente à gramática das cores, à lógica dos conceitos psíquicos e à reflexão sobre certeza, dúvida, crença e conhecimento.

Há uma clara conexão, em especial, entre a tematização das questões que envolvem o interior e o exterior e a reflexão sobre a certeza. Wittgenstein, afinal, está preocupado com a inteligibilidade da expressão e da manifestação de estados mentais, o que implica decisivamente questões epistemológicas mais gerais sobre a certeza. A edição de *Sobre a Certeza* faz parecer tratar-se de um conjunto de anotações provocado pelas conversas com Malcolm, constituindo uma monografia à parte sobre o tema.

As conversas com Malcolm estimularam a renovação do interesse de Wittgenstein pelas questões que os ensaios de Moore suscitaram. Mas esse interesse tem uma longa história no exercício filosófico de Wittgenstein, em especial, em relação a Moore, um dos seus principais interlocutores imediatos. Moore separou um diário para registrar as conversas que mantinha com Wittgenstein, que contém anotações de 1912 a 1939. Em 8 de maio de 1934, Moore anota que Wittgenstein o tinha visitado e contou-lhe haver lido “sua ‘*Defence*’”.¹ Wittgenstein não estava na reunião do *Moral Sciences Club*, em 1939, quando Moore apresentou seu ensaio “Proof of an External World”, mas estava na ocasião em que John Wisdom fez uma exposição sobre o ensaio de Moore, em 1942.² Wittgenstein virá a escrever a respeito a partir da última metade da década de 1940.

O pensamento de Moore consiste em uma importante fonte de inspiração para Wittgenstein, modulada tanto pelas conversas que eles mantinham quanto pelo debate nas reuniões do *Moral Sciences Club*. Nessa medida, o diálogo com Moore é mais importante do que pode parecer, estando identificado à gênese do desenvolvimento da filosofia tardia de Wittgenstein, cuja expressão mais polida ganha forma nas *Investigações Filosóficas*. As observações de Wittgenstein, que deram

1. Kim van Gennip reproduz essa anotação do diário de Moore em sua tese doutoral *Wittgenstein's On Certainty in the Making*, 2009, p. 31, que contém uma detalhada investigação sobre o desenvolvimento da tematização de questões epistemológicas no pensamento de Wittgenstein, fazendo ver que o tema da certeza tem uma história bastante abrangente na obra de Wittgenstein, iniciada na década de 1930. O diário de Moore não foi publicado e encontra-se acessível somente na *University Library* de Cambridge.

2. Essa informação é atestada pelos anais do *Moral Sciences Club*, sendo reproduzida por Van Gennip em *Wittgenstein's On Certainty in the Making*, pp. 30-31.

origem ao *Sobre a Certeza*, não estão à parte das repercussões dessa interlocução no desenvolvimento de seu pensamento, mas têm uma história bem mais longa do que o curto período entre 1949 e 1951.

Em 21 de abril de 1939, Moore apresentou o ensaio “Certainty” no *Moral Sciences Club*. Em boa medida, o texto de Moore é uma reação a “Philosophical Perplexity”, de Wisdom (1937). O centro do debate é a aplicação da expressão “é certo que...” a afirmações sobre coisas materiais e afirmações sobre dados dos sentidos. Wittgenstein teria reagido ao ensaio de Moore como um “cavalo de guerra”. Fez questões ao longo de, pelo menos, duas horas, mas frequentemente não permitia que Moore as respondesse (Malcolm, 2001, pp. 31-32). De acordo com o testemunho de Malcolm (2001, p. 31) acerca dessa ocasião, “a genialidade e o vigor de Wittgenstein eram impressionantes e mesmo apavorantes”.

Em suas aulas sobre experiência privada, por volta de 1934, a reflexão de Wittgenstein cuidou de insistir no caráter especial das afirmações sobre os dados sensoriais. A dúvida acerca de uma dessas afirmações não teria o mesmo sentido que uma dúvida sobre afirmações sobre coisas materiais, então a expressão “é certo que...” não poderia ser aplicada indistintamente aos dois tipos de afirmação. O texto de Wisdom contra o qual Moore se insurgia era um texto de um wittgensteiniano recém-convertido.

Wisdom havia acompanhado as aulas de Wittgenstein desde 1934 e, como é sabido, as questões em debate haviam sido objeto dessas aulas, o que torna “Philosophical Perplexity” uma tentativa de elaborar, à sua maneira, uma perspectiva acerca do conhecimento e da experiência sensorial, inspirada especialmente na forma de Wittgenstein enfrentar problemas filosóficos. É bem provável, portanto, como sugere Van Gennip (2009, p. 162), que Wittgenstein tenha entendido o ensaio de Moore como uma provocação. Afinal de contas, Moore sabia que as críticas que dirigia a Wisdom acertavam em cheio a perspectiva defendida por Wittgenstein, cujas aulas ele havia acompanhado.

Isso não torna o *Sobre a Certeza* uma polêmica contra Moore.³ O apelo ao senso comum para responder a questões filosóficas, para Wittgenstein, não poderia consistir em uma solução para o problema do idealismo, tampouco para defender o realismo. Ele prefere mostrar o quanto as formulações filosóficas transgridem os limites do sentido. Isso estava claro, para Wittgenstein, quando menos, desde 1934, como testemunham as notas de alunos sobre suas aulas. Os textos que tiveram lugar na edição de *Sobre a Certeza* pressupõem, levam em conta e compartilham o método “da mais completa, mais corrigida e melhor acabada” (Salles, 2006, p. 175) das obras maduras de Wittgenstein, as *Investigações Filosóficas*.

As questões de que tratam os manuscritos editados em *Sobre a Certeza* desenvolvem ideias elaboradas por Wittgenstein no MS 119,⁴ escrito em 1937, que teve muitos de seus parágrafos incorporados ao texto das *Investigações Filosóficas* (Cf. Oliveira, 2020). Além disso, encontram-se em estreita continuidade com os textos editados em *Últimos Escritos sobre a Filosofia da Psicologia*, que possuem temáticas comuns e vocabulário conceitual semelhante, além de abordar muitas das suas questões fundamentais, a exemplo, em especial, do MS 173. É também esse o caso de manuscritos cuja redação é contemporânea aos textos incluídos na edição de *Sobre a Certeza* (1969), mas sequer foram cogitados na publicação, como os MSS 169, 170 e 171.

Wittgenstein explora questões acerca de conceitos epistemológicos nesses manuscritos. Além disso, os MSS 137 e 138, escritos anteriormente aos textos acerca da certeza, contêm reflexões em continuidade com as questões epistemológicas enfrentadas em *Sobre a Certeza*. A conexão entre esses textos, que se concentram em tematizar a filosofia da

3. Em uma carta de 18 de junho de 1969, enviada para Anscombe e Von Wright, para tratar do prefácio de *Sobre a Certeza*, R. Rhees (2003) diz ser um equívoco a impressão de que as observações de Wittgenstein sejam uma polêmica contra os escritos de Moore. Para Rhees, as proposições de Moore estão no centro de investigação de Wittgenstein, mas a diferença de propósitos impede de entender o texto de Wittgenstein como uma polêmica contra Moore.

4. Ao longo do texto, fazemos referência aos manuscritos, que integram o *Wittgenstein Nachlass*: The Bergen Electronic Edition, publicados pelo *Wittgenstein Source* (<http://www.wittgensteinsource.org>), a partir da abreviação MS e o respectivo número do manuscrito. Quando se trata de textos editados, optamos por fazer a referência a partir da abreviatura, assim: SC – *Sobre a Certeza*; IF – *Investigações Filosóficas*; Z – *Zettel*. Indicando, em todos os casos, a página ou o parágrafo.

psicologia, e o *Sobre a Certeza* permite ver o desenvolvimento do pensamento de Wittgenstein como vinculado, em certo sentido, àquelas preocupações filosóficas de 1934. Afinal, os textos sobre filosofia da psicologia tematizam a certeza aplicada a expressões e manifestações psicológicas, ao passo que os textos sobre a certeza e o conhecimento tematizam a certeza acerca de afirmações sobre o mundo exterior. É verdade que não se trata da mesma noção de certeza em contextos distintos, mas não deixa de ser esclarecedor ler as observações de Wittgenstein sobre conhecimento, crença, certeza e dúvida tendo em conta sua continuidade com a filosofia da psicologia.

A inclusão desses manuscritos na edição não estava em sintonia com a ideia de que se tratava de reunir textos topicamente separados por Wittgenstein, na qual se baseou a edição de Anscombe e Von Wright. O caso que mais salta aos olhos, nesse sentido, é a exclusão do trecho entre as páginas 46v-51v do MS 176, escritas em continuidade com as páginas 22r-46r (§426 – §523, do *Sobre a Certeza*) que foram incluídas na edição. Como as páginas do MS 176, que não foram incluídas na edição do *Sobre a Certeza*, foram publicadas nos *Últimos Escritos sobre a Filosofia da Psicologia*, cujos cuidados editoriais dispensam uma nova edição em língua portuguesa, decidimos não as incluir nesta edição.⁵ Assim, mesmo o leitor não versado em língua alemã, pode lê-las em continuidade com os trechos publicados em *Sobre a Certeza*.

Nossa edição segue a versão editada por Anscombe e Von Wright, cujo tempo desde a sua publicação já consagrou o *Sobre a Certeza* como um *livro* para estudiosos e interessados no pensamento de Wittgenstein. Assim, o texto desta edição, que se tornou o livro *Sobre a Certeza*, é composto da seguinte forma: §1 – §65 (MS 172, pp.1-20); §66 – §192 (MS 174, pp.14v-40); §193 – §425 (MS 175, pp.1r-78v); §426 – §523 (MS 176, pp. 22r-46r); §524 – §637 (MS 176, pp. 51v-80v); e §638 – §676 (MS 177, pp.1r-11). Desses manuscritos, apenas o 175 e o 177 foram publicados integralmente no *Sobre a Certeza*. As quatro páginas restantes do MS 172, por exemplo, foram publicadas em *Anotações sobre*

5. A tradução para a língua portuguesa foi feita por António Marques, Nuno Venturinha e João Tiago Proença, tendo sido publicada em 2007 pela Fundação Calouste Gulbenkian.

as Cores.⁶ Termos seguido, em linhas gerais, a edição de Anscombe e Von Wright, não quer dizer que deixamos de confrontar as decisões editoriais que a constituíram com os manuscritos de Wittgenstein. Com isso, incluímos, em nota de rodapé, parágrafos que constam nos manuscritos, mas que não foram incluídos na edição de 1969, deixando ao leitor a tarefa de decidir sobre sua eventual sintonia com o contexto em que foram escritos. A título de exemplo, entre as anotações que constituem os §64 e §65 de *Sobre a Certeza*, à altura da página 20 do MS 172, há uma anotação relativamente extensa sobre a crença em milagres, que não foi incluída na edição de Anscombe e Von Wright. Há, como essa, outras tantas observações de Wittgenstein que tiveram o mesmo destino na edição de Anscombe e Von Wright. Todas elas foram incluídas nesta nossa edição a partir do mesmo procedimento.

A edição dos herdeiros editoriais não foi feita de maneira a permitir que o leitor se reporte diretamente aos manuscritos, que se tornaram bastante acessíveis depois de sua publicação em domínio eletrônico por iniciativa do projeto *Wittgenstein Source*. A omissão de variantes, a supressão de repetições ou de passagens inteiras, segundo critérios editoriais não raro pouco claros, parece-nos impedi-lo de decidir-se entre interpretações possíveis. Com isso, não se deixa ao intérprete aquilo que ele próprio pode fazer por si mesmo, ao contrário do que recomenda Wittgenstein.⁷ Nesse sentido, em nossa edição, as variantes foram indicadas em nota de rodapé na medida em que nos pareceram ser importantes à compreensão do texto, tendo sido incorporada boa parte delas. Para evitar o excesso de notas, apenas aquelas que julgamos ter alguma relevância filosófica foram incorporadas, pois a variação vocabular significava uma variação conceitual. Em muitos casos, as variantes compreendem expressões ou palavras sinônimas alternativas irrelevantes conceitualmente ou mesmo

6. O texto das *Anotações sobre as Cores* foi publicado, no Brasil, pela Editora da Unicamp, em 2009, tendo sido estabelecido e traduzido por João Carlos Salles, cuja pesquisa mostrou que a ordenação original dos parágrafos é diferente daquela que foi editada, o que não foi corrigido sequer na edição eletrônica do *Nachlass*.

7. “Was der Leser auch kann, das überlaß dem Leser” (“O que o leitor também pode, deixe ao leitor”). (MS 137, p.134b).

lapsos típicos da escrita à mão, que levaram Wittgenstein a riscar palavras ou expressões. Mas há casos nos quais a avaliação acerca da relevância filosófica pareceu-nos inconclusiva, sendo preferível fazer constar a variante e deixar que o leitor decida. Com efeito, não foram incorporadas variantes como as que seguem:

- “~~Und~~ || Aber ist dies eine *ausreichende* Prüfung? (“E || Mas esta é uma verificação *suficiente*?) §110 – MS 174, p.24vr;
- wenn, wer es || der das sagt, sich geirrt hat (se quem a diz || aquele que a diz) §337 – MS 175, p.58r);
- Es gibt eine Unzahl allgemeiner || unzählbare allgemeine Erfahrungssätze (Há uma infinidade de proposições empíricas gerais || incontáveis proposições empíricas gerais) §273 – MS 175, p.25r;
- was die Gründe ~~dieser~~ || solcher Zweifel selbst (que as razões para tais dúvidas || para *essa*) §516 – MS 176, p.44r;
- Natürlich kann ich mich irren. Und auf ihre Frage “Kannst Du Dich nicht irren?” müßte ich ~~sagen~~ || antworten: Nein. (É claro que posso estar enganado. E à pergunta deles: “Você não pode estar enganado?”, eu teria que ~~dizer~~ || responder: Não.) §667 – MS 177, p.8r.

Ao passo que foram incorporadas variantes como as que seguem, mesmo quando riscadas por Wittgenstein, tendo isso sido indicado em cada caso:

- Der Unterschied des Begriffs “wissen” vom Begriff “sicher || überzeugt sein” ist gar nicht von großer Wichtigkeit (A diferença entre o conceito “saber” e o conceito “ter certeza” || “estar convencido” não é tão importante) §8 – MS 172, p.2;
- (Das Licht geht nach & nach über das ~~ganze System~~ || Ganze auf.) (A luz se faz gradualmente sobre o todo || ~~tudo o sistema~~.) §141 – MS 174, p.30v;

- die so wenig anzuzweifeln ist wie etwa “Ich habe Schmerzen” || “Ich glaube, daß ...” (o qual é tão pouco duvidoso quanto, digamos, “Estou com dor” || “Eu acredito que...”) §178 – MS 174, p.38r;
- Mit dem Wort “gewiß” drücken wir die vollkommene || völlige Überzeugung, die Abwesenheit jedes Zweifels aus, & wir suchen damit den Andern zu überzeugen || überreden (Com a palavra “certeza”, expressamos total || perfeita convicção, ausência de qualquer dúvida, e procuramos convencer || persuadir a outra pessoa) §194 – MS 175, p.1r;
- daß gelehrte Richter befragt würden || zu entscheiden hätten (que juízes instruídos seriam perguntados || teriam que decidir) §453 – MS 176, p.29v;
- (Wenn ich in eine Kiste gepackt würde, wäre es möglich, daß ich mich über die Art des Transportes irrte. || Unter gewissen Umständen wäre es möglich, daß ich mich über die Art des Transportes irrte.) (Se eu tivesse sido posto em uma caixa, é possível que eu tivesse me enganado sobre o meio de transporte. || Em certas circunstâncias, seria possível que eu tivesse me enganado sobre o meio de transporte.) § 641 – MS 177, p.gv.

O uso abundante de itálicos é uma peculiaridade da escrita de Wittgenstein, mas a forma de escrita é um elemento do estilo dele, não de quem lida com o desafio de traduzir seus textos. Muitos desses itálicos (sublinhados nos manuscritos) foram omitidos na edição de Anscombe e Von Wright. Em geral, o itálico pode enfatizar a conotação de uma palavra ou expressão, ou destacar um conceito importante. No entanto, o uso feito por Wittgenstein não parece se deter nessa função. Por isso, passa a ser disputável concluir o que os itálicos acrescentam à interpretação, o que só pode ser decidido caso a caso. Como interpretá-los, então, é uma tarefa que consideramos justo que seja deixada ao leitor, incorporamos os itálicos presentes nos manuscritos ao texto editado. Afinal, além de tudo, como Baker adverte, Wittgenstein tinha um cuidado metuculoso e reescrevia suas anotações movido pela obsessão de modificá-las sutilmente, o que

sugere que o itálico “não é um ornamento gratuito”, em especial, em textos submetidos ao processo de revisão de Wittgenstein (Baker, 1999, p.181).

Os textos publicados em *Sobre a Certeza*, no entanto, não chegaram à etapa de revisão às mãos de Wittgenstein, o que deve ser razão suficiente para incorporar os itálicos à edição, pois não há como identificar quais itálicos ele suprimiria, caso os tivesse revisado. Qualquer escolha nesse sentido seria inteiramente arbitrária, retirando do leitor as condições de formar seu próprio juízo. Situação semelhante se passa com o uso de aspas duplas e simples, cujo uso também é abundante. Wittgenstein emprega aspas duplas, em geral, para diferenciar menção de uso, encenar diálogos ou atribuir afirmações ou perguntas a um eventual interlocutor. Ele emprega as aspas simples, em geral, para mencionar conceitos, mas também para enfatizar palavras, expressões ou frases. Nesse caso, há alguma semelhança com a função dos itálicos. Também as aspas foram incorporadas ao texto, corrigindo, em muitos casos, a supressão delas feita na edição de Anscombe e Von Wright.

A pontuação peculiar de Wittgenstein, o uso incessante de itálicos e aspas simples e duplas, não nos parece mera excentricidade, mas um traço de seu estilo. Como ele parece sugerir, essa peculiaridade traduz-se em determinação de uma forma de ler os seus textos: “[Na verdade, gostaria de retardar o ritmo de leitura através da utilização contínua || dos meus frequentes sinais de pontuação. Pois gostaria de ser lido lentamente. (Como eu mesmo leio)]” (MS 136, p.28b). É, portanto, alguma paciência que o uso dos itálicos e das aspas deve requisitar da leitura de seus textos, o que, de resto, é indispensável à leitura filosófica, ainda mais quando se trata de pensar por si próprio as questões em jogo.

Neste projeto de tradução do *Sobre a Certeza*, dois pontos nos reuniram em torno de Wittgenstein. Ele não apenas é o filósofo que fornece os contornos de nossa visão de mundo filosófica, mas também temos em comum a ideia de aplicar a filosofia wittgensteiniana a outros

domínios. Em outras palavras, cada um de nós possui o interesse comum na obra wittgensteiniana, mas interesses distintos na sua aplicação. Mauro Condé tem se dedicado a estudar as relações e as influências de Wittgenstein na história e filosofia da ciência. Cristiane Gottschalk possui uma trajetória na reflexão sobre Wittgenstein e a educação matemática, em um sentido restrito, e na filosofia da educação, em um sentido geral. Por sua vez, Wagner Teles tem se dedicado a estudar o impacto do pensamento de Wittgenstein no direito e na filosofia do direito.

Assim, como forma de trazer ao leitor o que nos moveu na nossa aproximação da obra de Wittgenstein, em especial, em nossos diferentes campos de interesses para a aplicação do pensamento wittgensteiniano, na seção a seguir, esboçaremos as áreas acima mencionadas procurando delinear porque o pensamento de Wittgenstein, em geral, e o *Sobre a Certeza*, em particular, tornou-se importante para esses diferentes domínios de conhecimento, com ênfase em questões de epistemologia.

Wittgenstein: História e Filosofia da Ciência

A segunda filosofia de Wittgenstein, presente sobretudo nas *Investigações Filosóficas* e em *Sobre a Certeza*, oferece uma chave de leitura particularmente fecunda para o enfrentamento de problemas epistemológicos em História e Filosofia da Ciência, ainda que o filósofo austríaco não tenha sido, ele próprio, um historiador ou filósofo da ciência. Autores centrais do campo, como Thomas Kuhn – desde *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962) – e Steve Shapin e Simon Schaffer, em *Leviatã e a Bomba de Ar: Hobbes, Boyle e a vida experimental* (1985),⁸ elaboraram obras fortemente influenciadas por Wittgenstein. Contudo, embora reconheçam a importância de

8. Estes foram os dois livros de história da ciência que tiveram maior impacto na área. Com republicações e traduções, influenciaram enormemente a comunidade de historiadores da ciência no mundo inteiro. Após sua obra magna, Kuhn continuou se aproximando do pensamento de Wittgenstein (Cf. Condé, 2013), embora nunca tenha efetivado essa aproximação completamente.

seu pensamento, os usos e apropriações da filosofia wittgensteiniana por esses autores permaneceram, em certa medida, limitados, não permitindo o pleno desenvolvimento de questões epistemológicas centrais na história e filosofia da ciência.

No prefácio à tradução inglesa de *Gênese e desenvolvimento de um fato científico* (1935), de Ludwik Fleck, publicada em 1979, Kuhn afirma que os grandes impasses presentes na obra de Fleck – e poderíamos acrescentar, em sua própria obra – já teriam sido apontados por Wittgenstein em *Sobre a Certeza* (Kuhn, 1979, p. xi). Contudo, apesar de reconhecer a relevância das ideias inovadoras ali apresentadas, Kuhn não chegou a desenvolver uma compreensão mais ampla de como tais problemas epistemológicos poderiam encontrar soluções a partir de um aprofundamento sistemático da perspectiva wittgensteiniana. O historiador da ciência norte-americano não pareceu disposto a abandonar algumas de suas próprias convicções teóricas para incorporar plenamente o pensamento de Wittgenstein (Condé, 2020; Oliveira e Condé, 2002). Como consequência, Kuhn não formulou uma história da ciência efetivamente ancorada em Wittgenstein, tampouco levou adiante a sua nova teoria sobre a ciência alternativa que tantas vezes anunciou (Condé, 2023).

Shapin e Schaffer, por sua vez, embora tenham recorrido a Wittgenstein como um referencial para compreender a “forma de vida experimental” que marcou o nascimento da ciência moderna, permaneceram mais comprometidos com os pressupostos do chamado “programa forte” da sociologia do conhecimento científico, afastando-se, assim, de posições centrais da filosofia wittgensteiniana (Condé, 2017). Desse modo, ainda que acompanhem Wittgenstein em pontos relevantes, Kuhn, Shapin e Schaffer acabam por trilhar caminhos teóricos próprios, distanciando-se do filósofo austríaco e perdendo, com isso, a oportunidade de construir um modelo mais robusto para a história da ciência.

Como indicado, uma leitura mais atenta da filosofia wittgensteiniana das *Investigações Filosóficas* e de *Sobre a Certeza* permite identificar um caminho frutífero para a compreensão de problemas fundamentais da

história e da filosofia da ciência. Nesse contexto, a noção de gramática assume papel central, oferecendo um quadro conceitual poderoso e ainda pouco explorado para a compreensão da ciência e a escrita de sua história. Em vez de propor uma filosofia tradicional da história da ciência ou uma epistemologia clássica, é possível desenvolver, a partir de Wittgenstein, uma abordagem que conceba tanto a ciência quanto a história como gramáticas. Assim, compreendemos a ciência e sua história como gramáticas instituídas por sistemas sociais, regras, práticas e significados – isto é, por jogos de linguagem enraizados em formas de vida (Condé, 2021).

A tese central de uma leitura wittgensteiniana da epistemologia e da historiografia da ciência baseia-se na articulação de duas perspectivas complementares: a gramática da história (entendida como uma teoria da inteligibilidade histórica) e a gramática da ciência (concebida como uma teoria da racionalidade científica). Da integração entre ambas emerge propriamente uma gramática da história da ciência, capaz de oferecer diretrizes metodológicas para se compreender a ciência e sua historicidade sem recorrer a fundamentos metafísicos ou positivistas, nem incorrer em narrativas teleológicas.

A gramática, em Wittgenstein, não deve ser compreendida como uma sintaxe normativa, mas como o conjunto dinâmico de “regras” que governam os jogos de linguagem em suas práticas sociais, no interior de uma forma de vida. Esse conjunto de regras constitui um modelo de racionalidade (Condé, 2004). Diante da diversidade de processos científicos e de seus múltiplos jogos de linguagem, a gramática funciona como um “sistema de referência” (*IF*, §206) (*SC*, §83) que confere inteligibilidade ao processo como um todo. Trata-se de uma racionalidade holística, mas não totalizante, pois é aberta, não hierárquica e fundamentada na práxis social.

Nesse sentido, a gramática não expressa essências metafísicas ou positivistas. Para Wittgenstein, os significados emergem do uso das palavras em seus contextos, formando jogos de linguagem (*IF*, §43) inseridos em formas de vida. É nelas que se realizam ações, instituições, hábitos, costumes e comportamentos. As regras gramaticais não são

arbitrárias nem necessárias em sentido metafísico: são convenções socialmente instituídas que, embora dinâmicas, mantêm coerência no interior de uma rede gramatical. A racionalidade, portanto, é gramatical: a própria lógica se expressa na gramática, e aquilo que conta como possível, com sentido ou racional é determinado por regras gramaticais. Vemos o mundo pela gramática. Como afirma Wittgenstein: “A gramática nos diz que tipo de objeto alguma coisa é” (*IF*, §373).

Com base nessa filosofia wittgensteiniana, é possível pensar uma gramática da história. Embora Wittgenstein não tenha desenvolvido explicitamente uma teoria da história, suas reflexões sobre tempo, significado e práticas sociais permitem uma compreensão não metafísica da historicidade. Uma gramática da história rejeita grandes narrativas, teleologias e explicações essencialistas, buscando compreender como o sentido histórico emerge de instituições, redes de práticas, eventos e jogos de linguagem distribuídos no tempo e no espaço de uma determinada forma de vida. A compreensão histórica não consiste em descobrir a essência ou o propósito último dos acontecimentos, mas em apreender como determinadas configurações gramaticais (históricas) se constituíram.

Essa abordagem implica uma ontologia minimalista – “A essência é expressa na gramática” (*IF*, §371) – que enfatiza a contingência sem recair no relativismo. As gramáticas históricas não são sistemas fechados, pois apresentam permanências e rupturas e se conectam a outras gramáticas por meio de “semelhanças de família” (*IF*, §§67, 77, 108). A tarefa da análise histórica é, assim, identificar padrões, regras e conexões intermediárias que possibilitem uma “visão panorâmica” (*IF*, §122) de processos históricos complexos. A história, concebida como gramática, privilegia o “como” da formação social e institucional – a pragmática das ações e eventos – e não o “porquê” metafísico de causas ou fins últimos.

Paralelamente a essa compreensão da história, torna-se possível desenvolver uma gramática da ciência, entendida como uma teoria da racionalidade científica. A ciência, assim como nossa compreensão

histórica, é uma instituição constituída por regras, práticas e valores em seus múltiplos jogos de linguagem. O que distingue a ciência de outras formas de conhecimento – como a religião, a arte ou a feitiçaria – não é um fundamento empírico puro ou transcendental, mas a gramática específica que governa suas práticas, incluindo métodos experimentais, raciocínio teórico e padrões de justificação em sua interação com a natureza.

Embora não seja completamente independente de outras gramáticas, a gramática da ciência possui autonomia relativa. Mesmo em interação com práticas políticas e sociais, ela mantém normas internas próprias e jogos de linguagem específicos. Essa perspectiva permite repensar problemas epistemológicos clássicos, como a questão do fundamento do conhecimento e o problema do relativismo. Em vez de buscar um fundamento último, compreendemos que o conhecimento científico se sustenta em práticas e acordos compartilhados, estabilizados em um “sistema de referência” possibilitado pela gramática e por seus jogos de linguagem, no interior de uma forma de vida. “O nosso saber forma um grande sistema. E é só neste sistema que o singular tem o valor que lhe atribuímos” (SC, §410). Assim, o conhecimento não repousa sobre um fundamento único, mas sobre a articulação de múltiplas variáveis que compõem o sistema como um todo. Mesmo os fatos são apreendidos por meio da gramática: “A *verdade* de certas proposições empíricas pertence ao nosso sistema de referência” (SC, §83).

Uma contribuição central da gramática da ciência para a história e a filosofia da ciência é o tratamento equilibrado entre fatos empíricos e práticas sociais. Embora os fatos não sejam independentes da gramática, tampouco são redutíveis a construções sociais. Como observa Wittgenstein: “Se imaginarmos os fatos de forma diferente do que eles são, certos jogos de linguagem perdem importância, outros se tornam importantes” (SC, §63). Percebemos o mundo por meio da gramática – tanto em seus aspectos empíricos quanto sociais.

Wittgenstein distingue, ainda, entre proposições empíricas e gramaticais – ainda que “não haja uma divisão nítida entre ambas” (SC, §97) –, distinção essa que permite compreender como o conhecimento

científico depende simultaneamente de regularidades empíricas e de regras linguísticas e sociais. Esse equilíbrio possibilita à gramática da ciência mediar a clássica oposição entre abordagens internalistas e externalistas na história da ciência. A ciência não se reduz nem a fatores sociais nem a fundamentos empíricos ou metafísicos isolados. A noção de gramática permite conceber a relação essencial entre fatos e práticas sociais, entre a humanidade e a natureza.

Por fim, a partir de Wittgenstein, é possível conceber uma gramática da história da ciência integrando os aportes da gramática da história e da gramática da ciência. A história da ciência distingue-se de outros domínios históricos pelo papel central desempenhado pela natureza. Na história política, enquanto uma condição social, a morte ou a sobrevivência de um líder pode alterar radicalmente o curso dos acontecimentos; na história da ciência, enquanto uma condição natural, os padrões de comportamento da natureza precisam ser respeitados, mesmo que estes sejam interpretados. Ignorar tais padrões não impede que, para a física, a pedra caia ou que, para a biologia, a bactéria produza a doença.

Ainda assim, a história da ciência não pode ser escrita como mera constatação de fatos empíricos, nem como uma narrativa linear de progresso do conhecimento dos fatos. O historiador da ciência deve analisar as práticas científicas no interior de suas formas de vida históricas, identificando jogos de linguagem, instituições e suas interações com fatos e experimentos, bem como a forma como esses fatos são compreendidos em contextos históricos específicos.

Em suma, a noção wittgensteiniana de gramática oferece um quadro teórico coerente e flexível para a compreensão da ciência e de sua história. Ao privilegiar práticas sociais e regras no interior de formas de vida, a gramática da história da ciência propõe uma abordagem da natureza não metafísica, não teleológica e não reducionista, capaz de enfrentar problemas clássicos da epistemologia e da historiografia, preservando, ao mesmo tempo, a especificidade do conhecimento científico. Tanto as *Investigações Filosóficas* quanto o *Sobre a Certeza* mostram-se, assim, fundamentais para essa tarefa.

Wittgenstein: Educação Matemática e a Filosofia da Educação

No campo da educação, pelo menos duas de suas áreas de pesquisa têm se voltado para os escritos tardios de Wittgenstein: a educação matemática e a filosofia da educação. A primeira delas, desde a década de noventa, rapidamente percebeu o potencial de suas reflexões para fundamentar seu ensino e, assim, apontar para novas metodologias na educação básica que levem em consideração a natureza peculiar dos enunciados da matemática e seu papel no nosso pensamento.⁹ A filosofia da educação, incluindo a filosofia da educação matemática, ao longo do mesmo período, também têm organizado eventos e publicado artigos que levantam questões éticas e epistemológicas sobre formação humana, ensino e aprendizagem de uma perspectiva wittgensteiniana da linguagem e do significado.¹⁰

Esse interesse crescente pela filosofia tardia de Wittgenstein se dá, a nosso ver, com a maior divulgação de seus escritos póstumos (publicados inicialmente estritamente na língua inglesa), conforme foram sendo traduzidos para outras línguas, como o espanhol e o português. No entanto, arriscamos afirmar que talvez o que mais tenha impulsionado o interesse de pesquisadores da educação em investigar questões filosóficas e educacionais inspirados no filósofo austríaco, seja o diálogo travado com Moore ao longo dos parágrafos

9. Dentre os pesquisadores da educação matemática no Brasil que se debruçaram sobre as obras de Wittgenstein para pensar a educação matemática, sobressai-se o trabalho da pesquisadora Marisa Rosâni Abreu da Silveira, coordenadora do *Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagem Matemática* (GELIM) sediado na UFPA de 2007 a 2021, cujos membros continuam gerando publicações, em boa parte fruto de diversos eventos sobre linguagem e ensino de matemática, com a participação de pesquisadores de todo o país. Cf. Teixeira Junior & Ripardo & Lacerda, 2024. Com uma abordagem análoga, a partir de 2002 também se iniciou uma pesquisa desenvolvida por Cristiane Maria Cornelia Gottschalk na FEUSP e no CLE/Unicamp sobre filosofia da educação matemática de uma perspectiva wittgensteiniana, cujos artigos nesta área possibilitaram estabelecer um diálogo profícuo da autora com o grupo de pesquisa GELIM, que perdura até hoje.

10. Os artigos filosófico-educacionais inspirados no segundo Wittgenstein têm sido publicados em coletâneas na sua maior parte em língua inglesa (Smeyers & Marshall, 1995; Peters & Burbules & Smeyers, 2010; Peters & Stickney, 2017) e, só mais recentemente, no Brasil em português (Gottschalk, 2020; Gottschalk & Sousa, 2025), a partir das pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa *Filosofia, Educação, Linguagem e Pragmática* (FELP) sediado na FEUSP desde 2004.

de seus últimos escritos publicados em *Sobre a Certeza*, pois é nesta obra que o filósofo passa a desenvolver mais determinadas ideias que, embora já estivessem presentes em obras anteriores, ressurgem através de metáforas, exemplos do cotidiano e mesmo de situações fictícias, que tematizam a aquisição de sentidos e de seus limites *no contexto da educação formal*, espaço privilegiado para a formação de novas crenças, novas certezas e, consequentemente, o acirramento de dúvidas.

De fato, consideremos a ideia, já presente nas IF, de que nossas crenças mais fundamentais não dizem respeito a uma vivência mental característica ou a algum sentimento, mas que decorrem simplesmente de *um modo de agir* diante do que escolhemos como pertinentes *em nossa forma de vida*,¹¹ ou seja, nossas crenças teriam como fundamentos últimos, *ações* que passam a desempenhar na linguagem *uma função normativa*, analogamente a regras que aprendemos a seguir em nosso cotidiano (IF, §§217, 590). Um exemplo basilar é o *gesto ostensivo*. Ao nomearmos algo *apontando* para determinado objeto estamos introduzindo uma *convenção* na nossa linguagem que, ao ser aceita, passa a funcionar como se fosse um axioma da matemática que, juntamente com outros axiomas, geram teoremas com força de norma. Outras técnicas também foram sendo inventadas e apropriadas pela linguagem cotidiana, constituindo-se, a partir delas, novos “axiomas”, que por sua vez, geram novos “teoremas”, formando-se, assim, sistemas de enunciados relacionados entre si, o que nosso filósofo irá denominar de *Gramática do uso* de nossas palavras e expressões linguísticas. Sem dúvida, esta pode ser vista como uma das grandes contribuições filosóficas de Wittgenstein, ao ter observado que a linguagem ordinária também produz “teoremas”, ou seja, enunciados que nos parecem inequívocos. Daí o interesse de Wittgenstein pela matemática e a geometria, na medida em que estas áreas do saber exemplificam, de modo bastante esclarecedor, o

11. Lembrando que o termo “forma de vida”, na obra de Wittgenstein, abrange basicamente os hábitos, os costumes e as instituições que fazem parte das mais diversas culturas (Moreno, 1995), distinguindo-se, assim, da forma de vida animal.

funcionamento da nossa linguagem ordinária em seu papel constitutivo dos *sentidos* que passamos a atribuir aos fatos do mundo.

A própria percepção sensível também é organizada pela linguagem. Ao ensinarmos uma criança pequena a utilizar palavras que denominam cores, costumamos apontar para objetos em nosso entorno proferindo simultaneamente o nome de suas respectivas cores. Por exemplo, para ensiná-la o emprego da palavra “vermelho”, apontamos para diferentes tonalidades de vermelho e afirmamos peremptoriamente, “isto é vermelho!”. O gesto ostensivo aqui faz a mediação entre o objeto apontado e o som da palavra “vermelho”. Neste momento, estamos introduzindo uma espécie de axioma na linguagem cotidiana da criança, que possibilitará a ela, em algum momento não previsível a priori, a identificação de outras tonalidades de vermelho que ainda não tinham sido ensinadas. Pode-se dizer, então, que a criança aprendeu uma *técnica* para utilizar a palavra “vermelho” (*IF*, §418), ou seja, aprendeu o *conceito* de vermelho. O mesmo procedimento também é realizado recorrendo-se a objetos de outras cores, condição para que, em algum momento, outros “axiomas” a respeito das cores passem a gerar novos enunciados que são como que “engolidos” pela criança com uma função *normativa*,¹² por exemplo, “ao se misturar a cor amarela com a cor azul *necessariamente* obtém-se a cor verde”, “a cor branca não é transparente”, “a cor branca é mais clara que a cor preta” etc., enunciados que adquirem uma necessidade tal qual os teoremas da matemática e que passam a fazer parte de nossas formas de vida como *condição de sentido* para os demais enunciados. Este tipo de enunciado resultante de enunciados “axiomáticos” previamente aceitos por uma comunidade linguística é denominado por Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas* de *proposição gramatical*.

Pois bem, são exatamente as proposições gramaticais que são retomadas por Wittgenstein nos seus últimos escritos publicados em *Sobre a Certeza*, na medida em que são elas que desempenham o papel

12. O próprio Wittgenstein utiliza o termo “engolir” no parágrafo 143 de *Sobre a Certeza* para se referir ao processo de constituição de nossas certezas, tais como as afirmações existenciais de que o mundo existe, o homem existe, montanhas e rios existem etc.

de expressar as nossas crenças mais fundamentais, consideradas por nós como certezas inabaláveis, irrefutáveis. Embora não descrevam o mundo empírico, passam a desempenhar o papel de condição de possibilidade para o enunciado de *proposições empíricas*, estas sim, proposições que descrevem fatos do mundo com sentido, atribuindo a eles valores de verdade: posso verificar, por exemplo, que, se eu misturar uma tinta amarela com outra azul para pintar uma parede, terei como resultado uma parede verde. Em outras palavras, os fundamentos últimos de nosso conhecimento não estariam em domínios metafísicos, empíricos ou mentais, mas simplesmente em *convenções* produzidas por um trabalho da linguagem, construídas através de técnicas linguísticas (Moreno, 2021). No exemplo acima, em convenções aceitas para empregar os nomes das cores que, conectadas entre si, produzem enunciados com uma força normativa.

Ora, a ideia de uma natureza convencional dos nossos fundamentos retorna com muita força em *Sobre a Certeza* com a finalidade precípua de dirimir confusões geradas pela filosofia do senso comum, que havia sido proposta por Moore, como já mencionado. Desde o início desta obra, acompanhamos Wittgenstein problematizando as teses de Moore através de exemplos e metáforas que nos conduzem às seguintes conclusões terapêuticas:¹³ quando afirmamos que “Esta é minha mão” não estamos verificando nada no mundo e tampouco estamos diante de um enunciado empírico. Trata-se de uma proposição gramatical de natureza convencional, proferida com a mesma função normativa de quando afirmamos que “Isto é vermelho”, “Aquilo é azul”, “Esta cor é branca” etc. Se aceitamos que “esta é minha mão”, “o mundo existe há muitos anos”, “existem montanhas e rios”, “isto é vermelho” (no contexto de ensino das cores), entre outras afirmações presentes nos parágrafos de *Sobre a Certeza*, passa a fazer sentido dizer, por exemplo, que subi tal montanha há tantos anos atrás, que acabei de pintar a janela de vermelho, que acenei para alguém, estas sim,

13. Terapia no sentido filosófico atribuído por Wittgenstein, ou seja, como método de esclarecimento de confusões de natureza conceitual, quando estamos presos à imagem exclusivista de uma concepção referencial da linguagem.

proposições empíricas que são passíveis de verificação, enquanto que as primeiras são fundamentadas em meras convenções, pertencentes a uma determinada forma de vida.¹⁴

Assim, não compreendemos o sentido de uma afirmação porque este já estaria contido em algum domínio extralinguístico, pelo contrário, o sentido é constituído gradualmente através de um trabalho incessante de uma determinada língua, o que envolve treino e repetições de palavras imersas em diversas atividades, entre outras técnicas linguísticas, no interior de um contexto e com finalidades específicas, constituindo-se, assim, o que Wittgenstein passa a denominar, a partir da década de 1930, de “jogos de linguagens”:¹⁵ o significado de uma palavra é *o uso* que fazemos dela em uma determinada situação, ou mais precisamente, no interior de um ou mais jogos de linguagem (*IF*, §43). Desta nova concepção pragmática de linguagem, Wittgenstein se contrapõe ao modelo referencial da linguagem que predominava até então, a saber, de que o significado de uma palavra estaria previamente, de algum modo, no objeto ao qual ela se refere (*IF*, §1). Em contraposição a esta imagem reducionista da linguagem e da significação, nosso filósofo irá ressaltar a multiplicidade das funções da linguagem ordinária. Como corolário de sua crítica ao modelo referencial da linguagem, elucida a seguir que: “O significado de uma palavra é seu *uso* na linguagem” (*IF*, §43, *itálico nosso*), ou seja, as palavras nem sempre possuem um uso referencial, e tampouco nossas afirmações necessariamente se referem a algum fato do mundo. Boa

14. A gramática das cores dos esquimós, por exemplo, é totalmente diferente da gramática das cores de países mais quentes. Eles têm mais de cem tonalidades de branco, enquanto, aqui no Brasil e em outros países, recorreremos no máximo a três tonalidades de branco em nosso uso cotidiano da linguagem. Nosso critério de não transparência da cor branca, por exemplo, já não vale mais entre os esquimós, e seria uma temeridade em sua forma de vida não saber distinguir um branco menos transparente do que outro... De modo geral, os enunciados sobre cores podem ser bastante diversos de uma cultura para outra, e por consequência, a *imagem de mundo* de cada uma delas difere entre si (*SC*, §162).

15. O termo “jogo de linguagem” ocupa um lugar central na filosofia madura de Wittgenstein. Embora não tenha, em momento algum, apresentado uma definição precisa desse conceito ao longo de sua extensa obra, no parágrafo 23 das *IF* ele nos brinda com uma elucidativa caracterização desse termo, apresentando em seguida diversos exemplos de jogos de linguagem: “A expressão “jogo de linguagem” deve salientar aqui que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (*IF*, §23).

parte delas desempenham outras funções, dentre as quais, a função normativa, presente nos enunciados gramaticais.

Daí a confusão perpetrada por Moore, ao atribuir um uso referencial a enunciados que não se referem a nada no mundo empírico, tais como, “esta é minha mão”. Segundo o filósofo britânico, esta afirmação expressa uma proposição empírica passível de verificação, enquanto para Wittgenstein, trata-se de uma *certeza* da qual não abrimos mão e que comporta uma necessidade: “esta *deve ser* minha mão”. Portanto, não cabe verificá-la. Além do mais, torna-se condição de sentido para se poder fazer afirmações descritivas que envolvem o conceito de mão, tais como: “Escrevi a mão este texto antes de digitá-lo”; “Com esse tempo frio minha mão ficou gelada”; e assim por diante. Não discernir estas diferentes funções de nossos enunciados linguísticos seria a fonte da maior parte das confusões da filosofia tradicional e, por conseguinte, de nosso particular ponto de vista, também da filosofia e da história da educação, como argumentaremos a seguir.

Desde a antiguidade, o processo de atribuição de sentidos era visto como um enigma para os filósofos, levantando-se as seguintes questões, entre outras, que interessam sobremaneira ao campo da educação: Como é possível a comunicação? Como saber se os estudantes atribuem os mesmos sentidos às palavras proferidas por seus mestres? Como se explica o aprendizado de novos conhecimentos, que ainda não haviam sido ensinados? Como evitar uma mera doutrinação de nossos estudantes, possibilitando que se tornem autônomos e, mais recentemente, como desenvolver neles o espírito crítico?

As tentativas de resposta às questões acima, ao longo dos séculos, têm levado ao surgimento de teorias educacionais que se ancoram em uma concepção referencial da linguagem, conduzindo a uma série de paradoxos e de confusões.¹⁶ No século IV d.C., por exemplo, Agostinho,

16. Por exemplo, o paradoxo do ensino, que já aparece no diálogo *Menon* de Platão, na forma do paradoxo do conhecimento empregado pelos sofistas, para refutar a possibilidade da existência de verdades absolutas independentes do ensino. Em uma versão mais recente, este paradoxo pode ser sintetizado na seguinte questão: Como é possível que uma criança aprenda coisas novas sem

em seu tratado de linguagem e de educação, escrito na forma de um diálogo intitulado *O Mestre*, apresentou como um dos problemas fundamentais da educação a tarefa de se evitar uma mera doutrinação de discípulos por seus mestres, propondo uma investigação sobre o papel da linguagem no ensino e na aprendizagem. Recorre à sua teoria da iluminação divina para afirmar que, por termos sido criados à imagem e semelhança de Deus, todos teríamos uma centelha divina dentro de nós, que abrigaria as verdades absolutas reveladas por Deus. Conclui, portanto, que o significado das palavras estaria na própria experiência, sendo que aquelas (as palavras proferidas) apenas incitam os discípulos a aprender, ou seja, apenas evocam as verdades reveladas por Deus, o único Mestre de todos. Daí que o aprendizado de fato se daria através de uma contemplação interior.

O modelo referencial da linguagem surge aqui com bastante força, na medida em que Agostinho postula a existência de verdades a priori em cada um, o que explicaria a possibilidade de acesso de todos a um mesmo conhecimento, solucionando-se, assim, metafisicamente, a possibilidade da comunicação. Assim, desta concepção epistemológica, as palavras teriam exclusivamente a função de nomear significados extralinguísticos, previamente existentes. Em outras palavras, a própria experiência teria mais valor do que as palavras proferidas exteriormente. Os discípulos teriam apenas que averiguar, em seus templos interiores, a veracidade do que foi dito por supostos mestres terrenos, evitando-se, assim, a manipulação e a crença em falsas opiniões.

Alguns séculos mais tarde, Jean-Jacques Rousseau retoma no *Emílio ou Da Educação* uma preocupação similar: a de evitar que as crianças sejam corrompidas pelo ensino formal de uma sociedade preconceituosa, injusta e desigual, ao ensiná-las convenções dos homens em um período da vida (dos zero aos doze anos de idade) em que elas ainda não possuem uma razão formada, não sendo ainda capazes, portanto, de distinguir o certo do errado, e nem o bem do mal.

que tenha sido ensinada por alguém? Ou seja, como ela pode ser professora e aluna ao mesmo tempo de si mesma? Cf. Ryle (1969).

Consequentemente, a criança deve aprender em contato direto com a natureza e as coisas que a rodeiam; evitando-se, assim, ao máximo dar preceitos ou qualquer tipo de instrução. Só assim ela aprenderia a julgar por si própria, de modo autônomo, os ensinamentos que irá receber da educação dos homens, quando inserida na sociedade. Em outras palavras, o fundamento último do conhecimento poderia ser encontrado na própria natureza, *independentemente da linguagem*. Os sinais linguísticos, também para Rousseau, teriam apenas a função de representação do mundo empírico ou mental, reforçando-se, assim, a crença em significados extralinguísticos que asseguram a veracidade do que é dito, ou ensinado.

Ao longo da história da educação, outras variantes destas duas posições (a idealista de Agostinho e a empirista de Rousseau) foram sendo formuladas (Gottschalk, 2007). Mais recentemente, por exemplo, estabeleceu-se uma “nova” pedagogia, intitulada *pedagogia das competências*, que tem sido rapidamente implementada no Brasil por todo o território nacional. No entanto, ao invés de “um templo interior”, seus formuladores recorrem a supostas estruturas cognitivas em desenvolvimento que conteriam, potencialmente, *competências e habilidades* a serem desenvolvidas na escola, tendo em vista a resolução de problemas a serem enfrentados no futuro por uma determinada sociedade. Aqui também, em pleno século XXI, apresenta-se uma concepção pedagógica atrelada a um uso estritamente referencial da linguagem, na medida em que permanece a crença em uma espécie de centelha divina (estruturas mentais) que, em gérmen, seria comum a todos os seres humanos; e que seria apenas uma questão de tempo para que as ciências cognitivas identificassem precisamente a gênese de tais competências e como se desenvolvem no cérebro humano (Perrenoud, 1999). Desta perspectiva mentalista e utilitarista dos ideais educativos, o ensino deveria priorizar o desenvolvimento de tais competências em detrimento de conhecimentos, como se aquelas fossem entidades autônomas que pairam acima da contingência dos saberes humanos. Mais uma vez, a linguagem teria apenas a função de nomeá-las, desconsiderando-se o *uso* que efetivamente fazemos

da palavra “competência” em nossas formas de vida, que apenas expressa o grau de excelência em uma determinada atividade, e não algo a ser desenvolvido em si (Azanha, 2006). Temos aqui, portanto, mais uma confusão de natureza conceitual com efeitos deletérios para a prática educacional.

De modo geral, as confusões pedagógicas ressurgem quando as sucessivas teorias educacionais, ao longo da história, pressupõem que o aprendizado ocorre naturalmente, bastando que o professor ou a professora apresentem situações de aprendizagem que mobilizem os conhecimentos prévios de seus estudantes (no caso da pedagogia das competências) ou que acreditem que a descoberta de novos conhecimentos se dê a partir de observações e experimentações (no caso de concepções pedagógicas herdeiras do empirismo de Rousseau), evitando-se ao máximo instruções explícitas ou tácitas que são atribuídas ao ensino dito tradicional. O papel dos professores passa então a ser visto como o de facilitadores ou mediadores do processo de aprendizagem, que deveria se dar de modo quase que espontâneo.

Ora, uma das finalidades precípuas da escola é a de ampliar os sentidos epistemológicos e éticos que atribuímos aos fatos do mundo e, como vimos acima, de uma perspectiva wittgensteiniana da linguagem, este processo se dá inserindo os estudantes em novos jogos de linguagem, cujas regras são de natureza *convencional*, ou seja, não são passíveis de serem descobertas através de observações ou de experimentações empíricas, ou através de supostas competências a serem desenvolvidas na mente das crianças. De uma perspectiva wittgensteiniana da linguagem, *como se ensina constitui o sentido do que se ensina* (Z, §412), daí que o ensino explícito (ou mesmo o tácito) pode ser visto como *condição* para a constituição de novos sentidos, articulados entre si nas diferentes Gramáticas e *compartilhados* dentro de uma forma de vida.

Em outras palavras, dado que nossas certezas são de natureza *convencional*, podemos concluir que não são passíveis de serem descobertas *naturalmente* pelo aprendiz (como pressupunha Rousseau e seus epígonos), e tampouco teriam uma existência prévia em

estruturas mentais (tal como postulado por concepções idealistas/mentalistas do significado). E aqui recorreremos novamente a uma ideia central que ressurgue com muita clareza nos últimos escritos de Wittgenstein: nossas certezas desempenham o papel de *condição de sentido* para o que dizemos, fazemos, sentimos e pensamos. Para que duvidemos delas, precisamos tê-las *aprendido*. Só assim é que podemos eventualmente questionar os jogos de linguagem nos quais fomos introduzidos, regulados por elas. E como nos lembra Wittgenstein, duvidar significa *pensar* (SC, §480).

De fato, precisamente por terem uma natureza convencional, nossas certezas não são absolutas e imutáveis. Embora comportem uma necessidade em nossa forma de vida, poderiam ter sido outras em outra forma de vida. Daí o grande desafio para os que formam crianças e mesmo os que ensinam adultos: como instigar o espírito crítico de seus alunos e alunas sem resvalar em um relativismo ingênuo, onde tudo vale? Como transmitir nossos valores de modo não dogmático? Qual seria o papel da persuasão na atividade do ensino, *sem que haja manipulação*?

Aparentemente surgem aqui novos impasses filosófico-educacionais no lugar dos enigmas clássicos da filosofia da educação. Entretanto, ao longo das páginas de *Sobre a Certeza* aqui traduzidas, o filósofo nos brinda com várias pistas a serem perseguidas pelo leitor. Gostaríamos de ressaltar pelo menos duas delas: a primeira refere-se à de que a relatividade das crenças se dá no nível das *Gramáticas* de nossas diferentes formas de vida, ou seja, pode haver diferentes modos da razão humana, ou como diz Wittgenstein, diferentes imagens de mundo (SC, §162); e a segunda, a de que no interior de cada uma das Gramáticas existentes, suas respectivas crenças comportam uma *necessidade* da qual não se abre mão (SC, §279). Daí que a tarefa mor do filósofo e educador no *Sobre a Certeza*, para além do esclarecimento de confusões que ressurgem a todo momento na filosofia tradicional, é a de mostrar que existem crenças em outras culturas e formas de vida que também comportam uma necessidade, e que são tão legítimas quanto as nossas.

Assim, a falta de compreensão de outros modos de se pensar não se reduz a uma falta de *entendimento* do outro, mas depende essencialmente da *vontade* para se aceitar a legitimidade de outras crenças. Daí o papel importante da persuasão (que se dá no nível da vontade), tendo em vista o combate ao pensamento dogmático. Não se trata aqui, portanto, do sentido pejorativo da persuasão, como temiam Agostinho e Rousseau, de que seus discípulos fossem doutrinados ou manipulados, mas de uma tarefa ética que foi perseguida por Wittgenstein até seus últimos escritos: o direito de pensar de outros modos, inventando-se novos jogos de linguagem e eventualmente abandonando-se outros; e, em particular, a importância pedagógica de fomentar a imaginação em todos os níveis de ensino, dos primeiros anos até o ensino superior. O que não significa que tudo vale; pelo contrário, nossas crenças estão enraizadas em valores arduamente conquistados ao longo dos séculos, frutos de muitas lutas sociais e políticas, lembrando que mesmo a matemática, considerada por Wittgenstein como sendo constituída por enunciados eminentemente normativos, também tem um lastro no empírico. Do contrário, estaria reduzida a um mero jogo, como outro qualquer.

Embora Wittgenstein não tivesse uma preocupação em solucionar os paradoxos e controvérsias filosófico-educacionais, sua investigação sobre os limites do sentido e, em particular, sobre as condições linguísticas para a sua constituição, presentes sobretudo em seus últimos escritos, fornece ferramentas conceituais poderosas para a elucidação de boa parte dos impasses que desafiavam os filósofos da educação desde a antiguidade clássica, sem qualquer necessidade de se apelar para quaisquer entidades metafísicas ou mentais, e tampouco para processos naturais do mundo empírico como fundamentos últimos da significação. Além do que, Wittgenstein também foi um educador (Gottschalk, 2020, 2022), não só no período em que deu aulas no ensino primário em rincões extremamente pobres de uma Áustria destruída pela Primeira Guerra Mundial, como também em

suas aulas sobre os fundamentos da matemática, no Trinity College, em meio à alta sociedade inglesa da época. Segundo o depoimento de seus ilustres alunos, dentre os quais, o grande matemático Alan Turing (que desempenhou um papel fundamental para o término da Segunda Guerra Mundial), Wittgenstein insistia, em suas aulas, que seu objetivo maior era o de que fossem capazes de pensar de outros modos, relativizando as crenças vigentes, em particular aquelas presentes entre filósofos da matemática de sua época.¹⁷

No entanto, ao contrário dos filósofos que o antecederam (e mesmo de educadores contemporâneos que se inspiraram em suas ideias),¹⁸ Wittgenstein nos possibilita concluir, ao longo dos parágrafos de *Sobre a Certeza*, que nossas crenças mais fundamentais não estão previamente em Deus, na natureza ou em estruturas mentais inatas em desenvolvimento. Como é reiterado por ele nesses seus últimos escritos, nossas crenças compartilhadas estão *na* linguagem,¹⁹ sendo como que “engolidas” por nós ao longo da aprendizagem de nossa língua materna (SC, §§141-144). Através destes e de outros parágrafos que se seguem (SC, §§162, 283, 298 e 476), encontramos pérolas educacionais que ainda não foram levadas a sério pelo nosso sistema de ensino ocidental. Em particular o parágrafo 283 expressa uma ideia fundamental para os educadores:²⁰ a de que só é possível duvidar a partir de certezas já consolidadas *na* linguagem, caso contrário, a criança torna-se incapaz de aprender certos tipos de jogos de linguagem, condição

17. Em particular o matemático britânico G. H. Hardy, cuja concepção de matemática foi bastante criticada por Wittgenstein (Gerrard, 1987).

18. Surpreendentemente, o sociólogo Philippe Perrenoud, que é autor de várias obras publicadas no Brasil que fundamentam as políticas educacionais vigentes em prol de uma pedagogia das competências (como vemos na matriz do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e suas implicações nos currículos de todo o sistema público em nosso país), em sua obra *Construir as competências desde a escola* define o conceito de “competência” recorrendo a exemplos de jogos de linguagem presentes no parágrafo 23 das *IF*, sem a devida menção ao nosso filósofo. No entanto, o uso que ele faz destes exemplos apenas mostra sua incompreensão da concepção pragmática da linguagem em Wittgenstein, ao postular, na mesma obra, supostas estruturas mentais na criança, ainda a serem descritas no futuro pelas ciências cognitivas quando estiverem em um estágio mais avançado de desenvolvimento. Em outras palavras, ainda estamos presos a uma concepção mentalista do significado (fruto de uma imagem referencial da linguagem), orientando as atuais práticas pedagógicas.

19. Esta ideia já estava presente nas *IF*, §241.

20. Ideia já apresentada, em outros termos, no parágrafo §241 das *Investigações Filosóficas*.

para eventualmente criticá-los, *imaginando* outras possibilidades de sentido que curem o dogmatismo do pensamento.

Em suma, a filosofia terapêutica de Wittgenstein nos inspira a repensar as práticas vigentes no campo educacional, com a expectativa de resistir às novas formas de barbárie que também invadem o espaço escolar, dentre as quais: o uso não regulamentado das plataformas digitais propiciando a proliferação de *fake news*, discursos de ódio, vários tipos de preconceitos e de negacionismos, ataques cibernéticos a instituições democráticas, entre outras ações que têm abalado democracias no mundo todo, abrindo espaço para o ressurgimento de movimentos de extrema-direita e o irrompimento de novas guerras e genocídios. Esperamos que as pistas valiosas que Wittgenstein nos fornece em *Sobre a Certeza* sejam um alento para as novas gerações de professoras e professores que estão sendo formadas, na medida em que podem também ser vistas como ferramentas poderosas de enfrentamento do pensamento dogmático em suas diversas formas.

Wittgenstein: Direito e Filosofia do Direito

No início dos anos 1930, quando Wittgenstein passa a se ocupar da forma de pensar que abre caminho para as *Investigações Filosóficas*, ele estava dedicado ao que julgava ser algo inteiramente novo em matéria de filosofia. Em uma de suas aulas, como relata Moore (2013, p. 322), Wittgenstein teria dito que não se tratava de um novo estágio no curso de um desenvolvimento contínuo das ideias, pois o que ele estava fazendo produzia “uma ‘torção’ no ‘desenvolvimento do pensamento humano’”. Wittgenstein, então, teria caracterizado a ruptura produzida pela sua reflexão filosófica em relação à tradição de pensamento como comparável àquela que ocorreu quando Galileu e seus contemporâneos inventaram a dinâmica ou quando “a química foi desenvolvida a partir da alquimia”. Wittgenstein sabe muito bem que o gênero de pensamento filosófico que ele passa a desenvolver a partir daí, abrindo caminho para o que virão a ser as *Investigações Filosóficas*,

não está em condições de reivindicar ancestrais. É exatamente por essa razão que ele próprio o caracteriza como uma “nova disciplina”.

No final de agosto de 1940, Wittgenstein escreve sobre a sua originalidade, comparando-a à de Freud e a define como “uma originalidade do solo, não da semente”. Ele diz que talvez sequer tenha uma semente própria, mas “atire uma semente em meu solo e ela germinará como em nenhum outro lugar” (MS 162b, p. 59v). Mais do que qualquer outra coisa, ele não pretende transmitir uma espécie de doutrina, mas provocar uma mudança na *forma de pensar*. Por isso, as suas observações filosóficas não constituem um manancial de soluções ou de correções de rota da filosofia com a qual elas rompem. Elas se instalam na recusa a qualquer espécie de dogmatismo, podendo resultar apenas em um “esboço de paisagens”, composto por um conjunto variado de perspectivas. É o que parece tornar aquilo que Wittgenstein caracteriza como “nova disciplina” pródigo em abrir caminhos que o seu próprio pensamento não se encarrega de explorar, dando ampla margem ao desenvolvimento das suas ideias em domínios não supostos por elas. A exploração do pensamento em direções, as mais variadas, da qual resulta o esboço, deixa pontas soltas, além de criar condições à formulação de questões que a própria obra jamais formulara.

É mais do que lições o que pode ser extraído do *Sobre a Certeza*. Uma nova forma de pensar as questões, ainda que de outras disciplinas, viceja. É bem o caso do direito. Já é bastante conhecida, mesmo pelo público menos familiarizado com teorias jurídicas, a repercussão do pensamento de Wittgenstein no desenvolvimento da teoria das normas e da teoria do direito no século XX, especialmente a partir das ideias de H. Hart. Mas são bastante significativos os impactos da recepção do *Sobre a Certeza* mais recentes e em outros domínios jurídicos. A filosofia da argumentação, na qual se baseia todo um conjunto de reflexões acerca da teoria das normas e da teoria do direito, e a teoria do delito são, sem dúvida, domínios que se beneficiaram da nova forma de pensar introduzida por Wittgenstein.

A história da teoria do delito é bastante longa e repleta de conceitos voltados à compreensão do fenômeno criminal. Nada mais natural que essas formulações, ao longo do tempo, tenham experimentado perspectivas filosóficas e modelos científicos momentaneamente vigentes. No entanto, nenhuma dessas mudanças de perspectiva mostrou-se capaz de pôr o direito na condição de expressão linguística, como se mostrara capaz de fazer a filosofia de Wittgenstein. O contato do pensamento jurídico com a filosofia de Wittgenstein, em especial, o seu pensamento tardio, provocou uma espécie de revisão das bases do sistema de imputação. Os profundos e variados efeitos desse novo ponto de vista orbitam o conceito de ação, que deixa de ser compreendida como um fato subsumido pela norma, para passar a ser entendida como um jogo simbólico regrado que dá forma ao significado da conduta individual. Destitui-se, assim, a teoria do delito e, por conseguinte, o sistema de imputação criminal, das suas características bases ontológicas. Passa-se a prestar uma atenção toda especial ao significado da conduta, com ênfase no contexto particular e nas determinações normativas de domínio comum.

A explicação das conexões entre o sujeito e a ação deve ser suficiente para sustentar a atribuição de responsabilidade pela conduta criminosa a partir de uma gradação capaz de discriminar a espécie delitiva. Não basta explicar a vinculação entre o agente e a conduta de forma genérica. A explicação deve ser específica a ponto de permitir classificar claramente o tipo de conduta. Com isso, é inevitável que a atribuição da responsabilidade ponha em questão a relação entre elementos objetivos e subjetivos. É importante, então, decidir se o agente tinha uma intenção vinculada à ação realizada e se conhecia o que resultou dela, de sorte que a questão passa a ser: como podemos ter certeza acerca da conexão entre o resultado de uma ação, a intenção do agente e o seu conhecimento? A questão é determinar quais condições devem ser satisfeitas para sustentar a afirmação de que o sujeito agiu de forma intencional ou detendo conhecimento sobre o resultado de sua ação.

Entender a certeza, o conhecimento e a intenção como estados mentais faz confundir a atribuição da responsabilidade com uma descrição de processos psicológicos, como tais, inapreensíveis. Aquela questão é tematizada na literatura sobre a teoria do delito tendo como pano de fundo a distinção entre o mundo físico e o universo psicológico. Como é natural, a consideração dessa distinção baseia-se na ideia de que, quando se trata do mundo da consciência, tudo se passa como se apenas o próprio sujeito tivesse evidência, ao passo que qualquer outra pessoa poderia tê-la apenas indiretamente. É bastante natural também que seja suscitada a pergunta a respeito de como conferir um tratamento à atribuição de intenção que se mostre apto a preservar a objetividade da qual o processo penal não pode prescindir sem perder de vista a materialidade da ação que orienta a atribuição de responsabilidade subjetiva. É exatamente nesse ponto que as soluções conceituais da teoria do delito experimentam repercussões do pensamento de Wittgenstein, originalmente a partir da concepção significativa da ação elaborada por Tomás S. Vives Antón.²¹

De acordo com a perspectiva desenvolvida por Vives Antón a partir de Wittgenstein, as diferentes espécies de conduta passam a poder ser distinguidas à medida que o sentido da conduta é compreendido como determinado gramaticalmente. O que cada espécie de conduta delituosa tem de peculiar torna-se inteligível por ser entendido como o domínio de uma técnica. Isso significa haver uma estrutura gramatical a partir da qual podem ser feitas as diferenças finas entre elas. O ponto de partida dessa perspectiva é o abandono daquela ideia de ação como constituída por duas espécies de realidade, uma realidade física e uma realidade mental. Com efeito, a atribuição de conhecimento a um agente passa a depender de condições lógicas estruturantes daquilo que é razoável acreditar ser sabido por ele, tendo em vista, em especial, a existência de muitas coisas que ele não tem o direito

21. A concepção significativa da ação de Vives Antón é desenvolvida em *Fundamentos do Sistema Penal* e foi recepcionada no Brasil, em especial, pela obra de P. C. Busato. Os impactos do pensamento de Vives Antón já são bastante amplos na Europa e nos EUA, tendo sido explorado por autores como Martínez-Bujan Pérez, Fletcher, Ruiz Antón, Alcácer Guirao, Borja Jiménez, González Cussac, Gorriz Royo, dentre outros.

de não saber (Vives Antón, 2019, pp. 60-61). Nesse mesmo sentido, a limitação gramatical da dúvida alcança as manifestações psicológicas e, com isso, faz o reconhecimento da intenção ser determinado por padrões lógicos. A identificação das condições de possibilidade da compreensão do fenômeno criminal com as condições que possibilitam o discurso introduz, desse modo, uma nova forma de pensar a teoria do delito e seus conceitos. Podemos, com isso, compreender a conduta alheia e avaliá-la a partir da aplicação de requisitos jurídicos pelas mesmas razões que falamos e nos entendemos. Compartilhamos uma forma de vida manifesta em nossos modos de julgar e de agir, havendo então formas básicas estruturantes da ação.

A consideração dessas formas básicas como âncora da argumentação é o ponto de partida do pensamento jurídico de A. Aarnio. A filosofia da argumentação, elaborada por ele, pretende ser um desenvolvimento do *Sobre a Certeza*, tendo amplos efeitos, sobretudo, na teoria das normas, teoria do direito e hermenêutica jurídica. Baseia-se na ideia de que as nossas discordâncias devem supor uma certeza não proposicional sobre os fundamentos. Podemos muito bem divergir sobre detalhes interpretativos ou discordar acerca da aplicação de uma norma jurídica, mas para isso deve haver uma confiança cega em todo um sistema simbólico comum. Afinal, o significado obtido por meio do processo de interpretação é adquirido a partir de uma linguagem e uma forma de vida. A correção, nesse caso, está na dependência de um pano de fundo comum, um *sistema de referência*. Mas isso não significa que aquilo que estamos dispostos a considerar correto coincida com uma espécie de consenso. Aquilo que julgamos correto obedece, segundo essa perspectiva, padrões de aceitação mais importantes à racionalidade do que ao consenso.

Isso permite pensar a sociedade como fonte de legitimidade do direito, pois a aceitabilidade das decisões passa a ser baseada na expectativa ordinária, não sendo entendida simplesmente como decorrente do exercício de um poder legal (Aarnio, 1987, p. 236). A certeza jurídica, típica da interpretação legal, vincula-se intrinsecamente aos valores do sistema social, na medida em que a

aceitação não diz respeito unicamente à racionalidade da decisão, mas à sua razoabilidade. As expectativas ordinárias estão, como é natural, ancoradas nos valores sociais. Assim, a sintonia entre as decisões e essas expectativas compreende uma espécie de construção da pacificação social. O que habilita o pensamento de Aarnio a fazer esse tipo de consideração sobre os laços entre a sociedade e o sistema de justiça é um modo especial de pensar a argumentação.

Aarnio pensa a argumentação a partir de duas características básicas. Para ele, (i) toda argumentação ocorre em um jogo de linguagem e (ii) os jogos são regidos por certos fundamentos, que estão fora de questão. A certeza identificada com o que está fora de questão não diz respeito a declarações em particular, mas a todo um sistema. A partir dessa ideia de Wittgenstein, Aarnio pode entender a argumentação na dependência de condições básicas sem cuja satisfação a comunicação linguística não seria possível. Nesse ponto, é preciso uma ligeira torção em uma das mais importantes distinções conceituais do *Sobre a Certeza*. A distinção entre conhecimento e certeza experimenta um ambiente não suposto inteiramente em sua origem, pois se subordina aos interesses de uma filosofia da argumentação. Aarnio vincula a ideia de possibilidade de duvidar que caracteriza o conhecimento, à exigência de apresentação de razões em que consiste a argumentação. Diferentemente disso, aquilo que consideramos certo é assim concebido sem argumentação, na medida em que não paira qualquer dúvida (Aarnio, 2011, p. 40).

Quando aplicada à argumentação, essa distinção é inteiramente orientada pela ideia de uma estrutura básica e inegociável como aquilo que a torna possível. De acordo com essa leitura, o *Sobre a Certeza* pavimenta um caminho bastante frutífero à elaboração de uma teoria do discurso em razão de permitir pensar a justificação da interpretação legal a partir da ênfase na dependência da argumentação relativamente a uma estrutura básica da vida social, que enreda a vida e as manifestações culturais. A linguagem é expressão dessa estrutura. Por isso não pode ser reduzida a conteúdos semânticos. A interpretação, ao contrário disso, é uma questão semântica, mas já que

mobiliza recursos linguísticos e a linguagem não pode ser reduzida à semântica, então está inevitavelmente conectada a uma forma de vida.

A conclusão à qual Aarnio pretende chegar consiste em situar a aceitabilidade racional como um princípio regulador da interpretação legal, no sentido de reflexo de acordos de fundo da comunidade (Aarnio, 1987, p. 227). O caminho até essa conclusão é aberto pela noção de ‘imagem de mundo’ de Wittgenstein. É o que cria condições para se pensar a conexão entre a aceitabilidade e uma forma de vida. A função reguladora da aceitabilidade supõe uma forma de vida que está fora do alcance de escolhas individuais, ao contrário de tudo aquilo que se pode dispor para argumentar. As nossas expectativas de justiça, em boa medida, refletem um consenso representativo do sistema de valores que constitui a ordem jurídica. Mas é a aceitabilidade do conteúdo que está diretamente relacionada com essas expectativas, não a racionalidade. Isso torna imprescindível haver um tal consenso. Ele é necessário e suficiente para basear as decisões, pois que haja um é inerente à democracia ocidental.

A questão, para Aarnio, é evitar que um tal sistema seja uma espécie de realidade etérea. E é nesse ponto que a reflexão de Wittgenstein sobre a certeza presta-lhe um papel fundamental, pois abre caminho para se pensar as questões do direito de maneira pedestre. A pretensão de correção continua a ser uma condição ideal e a compreensão dos fundamentos do direito e do raciocínio jurídico não se desfazem da dimensão ideal do direito. As condições ideais, como tais, não realizáveis concretamente em comunidades humanas, funcionam como critérios para o discurso real, que se instala a partir de pré-condições teóricas. A lição de Wittgenstein consiste em mostrar que o consenso da maioria é preponderante nas decisões de uma comunidade ideal ao exercício da aceitabilidade (Aarnio, 2011, p. 211). Em termos práticos, essa preponderância significa haver uma ação recíproca entre a sistematização das normas e o conhecimento específico delas. Não há conhecimento que não seja perspectivo, mas, por outro lado, o sistema jurídico fornece um quadro para a interpretação, cuja sustentação depende das relações que estabelece com o quadro sistêmico. O

sistema, com isso, tem um caráter eminentemente prático, pois resulta das interações entre a sistematização e a interpretação, sem lugar para definições rígidas.

Belo Horizonte, São Paulo e Salvador, janeiro de 2026

Mauro Lúcio Leitão Condé – UFMG

Cristiane Maria Cornelia Gottschalk – USP

Wagner Teles de Oliveira – UEFS/UFBA

Sobre a Certeza

Alemão/Português

1. Wenn du weißt, daß hier eine Hand¹ ist, so geben wir dir alles übrige zu.²

(Sagt man, der und der Satz lasse sich nicht beweisen, so heißt das natürlich nicht, daß er sich nicht aus andern herleiten läßt; jeder Satz läßt sich aus andern herleiten. Aber diese mögen nicht sicherer sein als er selbst.) (Dazu eine komische Bemerkung H. Newmans.)

2. Daß es mir – oder Allen – so *scheint*, daraus folgt nicht, daß es so *ist*. Wohl aber läßt sich fragen, ob man dies sinnvoll bezweifeln kann.

3. Wenn z. B. jemand sagt “Ich weiß nicht, ob da eine Hand ist”, so könnte man ihm sagen “Schau näher hin”. – Diese Möglichkeit des Sichüberzeugens gehört zum Sprachspiel. Ist einer seiner wesentlichen Züge.

4. “Ich weiß, daß ich ein Mensch bin.” Um zu sehen, wie unklar der Sinn des Satzes ist, betrachte seine Negation. Am ehesten noch könnte man ihn so auffassen: “Ich weiß, daß ich die menschlichen Organe habe.” (Z. B. ein Gehirn, welches doch noch niemand gesehen hat.) Aber wie ist es mit einem Satze wie “Ich weiß, daß ich ein Gehirn habe”? Kann ich ihn bezweifeln? Zum *Zweifeln* fehlen mir die Gründe! ‘Es spricht alles dafür, und nichts dagegen’.³ Dennoch läßt sich vorstellen, daß bei einer Operation mein Schädel sich als leer erwiese.

1. Wittgenstein faz referência a “Proof of an external world” (1939), de E. Moore, cuja estratégia argumentativa consiste, no essencial, em inferir a existência do mundo exterior da afirmação incontestada de existência de um objeto material. Com isso, a prova de um mundo exterior deve resultar da declaração de que eu tenho uma mão. Moore dedica outros dois ensaios a questões semelhantes ou correlatas: “A Defence of Common Sense” (1925) e “Certainty” (1959). Os três ensaios encontram-se publicados em *Philosophical Papers* (Londres: George Allen and Unwin, 1959). Apenas “Certainty” não foi publicado anteriormente.

2. O conjunto de parágrafos 1 a 65 corresponde às 20 primeiras páginas do MS 172.

3. Além de a expressão estar entre aspas simples no MS 172 (pp. 1-2), o que foi omitido na edição inglesa de Anscombe e Von Wright, há a seguinte variante: ‘Es spricht alles dafür’, daß ich ... (‘Tudo fala a favor’ de que eu...).

1. Se você sabe que aqui há uma mão, então admitimos todo o restante.

(Se alguém diz que tal e tal proposição não pode ser provada, isso não significa, naturalmente, que não possa ser deduzida de outras; qualquer proposição pode ser deduzida de outras. Mas estas podem não ser mais certas do que a proposição inicialmente mencionada). (Eis uma observação interessante de H. Newman).¹

2. O fato de *parecer* assim para mim – ou para todos – não significa que assim o *seja*. Mas é possível perguntar se faz sentido duvidar disso.

3. Se, por exemplo, alguém dissesse: “Não sei se aqui há uma mão”, você poderia dizer-lhe: “Olhe mais de perto”. – Esta possibilidade de convencer-se faz parte do jogo de linguagem. É uma de suas características essenciais.

4. “Eu sei que sou um ser humano”. Para ver como não está claro o sentido da proposição, considere sua negação. O mais próximo que se pode chegar a entender é: “sei que tenho órgãos humanos” (por exemplo, um cérebro, que ainda ninguém viu). Mas e quanto a uma proposição como “Eu sei que tenho um cérebro”? Posso duvidar disso? Eu não tenho razões para *duvidar*! ‘Tudo fala a seu favor, e nada contra’. Entretanto, é concebível que uma operação possa revelar que meu crânio esteja vazio.

1. Não faltam testemunhos acerca do quanto Wittgenstein tinha familiaridade com a obra de John Henry Newman (1801), mas não há por onde determinar qual seria exatamente a observação a que Wittgenstein refere-se. Os testemunhos compreendem desde conversas com alunos até anotações feitas a partir de suas aulas. Em “Conversations with Wittgenstein”, editado por R. Rhees em *Ludwig Wittgenstein: Personal Recollections*, por exemplo, M. Drury relata que Wittgenstein contou-lhe ter lido *Apologia pro Vita Sua*, tendo ficado fascinado com a sua sinceridade; já N. Malcom, em *Ludwig Wittgenstein: a memoir*, relata que Wittgenstein havia lido os escritos teológicos do Cardeal Newman em 1950.

A obra de Newman que se dedica ao tema da inferência é *An Essay in Aid of a Grammar of Assent*. Nela, é explorada extensamente a ideia de que a exigência de um fundamento para todas as convicções paralisaria a ação. Com isso, a ação é definida como ponto de partida capaz de evitar as investidas do ceticismo, o que implica renunciar a exigência de basear a justificação das crenças fundamentais em inferências. Em especial, por considerá-la impraticável.

5. Ob sich ein Satz im Nachhinein als falsch erweisen kann, das kommt auf die Bestimmungen an, die ich für diesen Satz gelten lasse.⁴

6. Kann man nun (wie Moore) aufzählen, was man weiß? So ohne weiteres, glaube ich, nicht. – Es wird nämlich sonst das Wort “Ich weiß” gemißbraucht. Und durch diesen Mißbrauch scheint sich ein seltsamer und höchst wichtiger Geisteszustand zu zeigen.⁵

7. Mein Leben zeigt, daß ich weiß oder sicher bin, daß dort ein Sessel steht, eine Tür ist usf. Ich sage meinem Freunde z. B. “Nimm den Sessel dort”, “Mach die Tür zu”, etc., etc.

8. Der Unterschied des Begriffs “wissen” vom Begriff “sicher sein”⁶ ist gar nicht von großer Wichtigkeit, außer da, wo “Ich weiß” heißen soll: Ich *kann* mich nicht irren. Im Gerichtssaal z. B. könnte in jeder Zeugenaussage statt “Ich weiß” “Ich bin sicher” gesagt werden. Ja, man könnte es sich denken, daß das “Ich weiß” dort verboten wäre. [Eine Stelle im Wilhelm Meister, wo “Du weißt” oder “Du wußtest” im Sinne “Du warst sicher” gebraucht wird, da es sich anders verhielt, als er wußte.]

9. Bewähre ich nun im Leben, daß ich weiß, daß da eine Hand (nämlich meine Hand) ist?

10. Ich weiß, daß hier ein kranker Mensch liegt? Unsinn! Ich sitze an seinem Bett, schaue aufmerksam in seine Züge. – So weiß ich also nicht, daß da ein Kranker liegt? – Es hat weder die Frage noch die Aussage Sinn. So wenig wie die: “Ich bin hier”, die ich doch jeden Moment gebrauchen könnte, wenn sich die passende Gelegenheit dazu ergäbe. – So ist also auch “ $2 \times 2 = 4$ ” Unsinn und kein wahrer arithmetischer Satz, außer bei bestimmten Gelegenheiten? “ $2 \times 2 = 4$ ” ist ein wahrer Satz der Arithmetik – nicht “bei bestimmten Gelegenheiten” noch “immer” – aber die Laut- oder Schriftzeichen “ $2 \times 2 = 4$ ” könnten im Chinesischen eine andere Bedeutung haben oder

4. Há, no MS 172 (p. 2), a seguinte variante: anerkenne (reconhecer).

5. A variante seguinte encontra-se no MS 172 (p.2): Seelenzustand zu zeigen (revelar-se o estado mental).

6. Há a seguinte variante no MS 172 (p. 2): überzeugt sein (estar convencido).

5. Se uma proposição pode se mostrar falsa posteriormente, depende do que eu fizer valer como determinantes para essa proposição.

6. Pode-se agora (como Moore) listar o que se sabe? A princípio, acredito que não. – Porque senão a expressão “eu sei” seria mal utilizada. E, através desse mau uso, parece revelar-se um estranho e altamente importante estado de espírito.

7. Minha vida mostra que sei ou tenho certeza de que ali se encontra uma poltrona, uma porta, e assim por diante. Eu digo a meu amigo, por exemplo: “Pegue essa poltrona ali”, “Feche a porta”, etc.

8. A diferença entre o conceito “saber” e o conceito “ter certeza” não é tão importante. A menos que se entenda a expressão “eu sei” no sentido de: eu não *posso* estar errado. No tribunal, por exemplo, em qualquer testemunho, ao invés de “eu sei” poderia ser dito “eu tenho certeza”. É verdade que se poderia pensar que a expressão “eu sei” ali seria proibida. [Uma passagem em *Wilhelm Meister* onde “Você sabe” ou “Você sabia” é usado no sentido de “Você tinha certeza” porque as coisas se passavam de modo diferente do que ele sabia].

9. Eu me certifico, na vida cotidiana, que sei que aqui há uma mão (isto é, minha própria mão)?

10. Eu sei que aqui há uma pessoa doente deitada? Absurdo! Estou sentado à sua cabeceira, olhando atentamente suas feições. – Então eu não sei que lá há um doente deitado? – Nem a pergunta nem a afirmação fazem sentido. Tampouco quanto em: “estou aqui”, que eu poderia usar em qualquer ocasião oportuna. – Então “ $2 \times 2 = 4$ ” também é um absurdo e não uma proposição da aritmética, exceto em certas ocasiões? “ $2 \times 2 = 4$ ” é uma proposição verdadeira da aritmética – nem “em certas ocasiões” e tampouco “sempre” – mas os caracteres fonéticos ou escritos “ $2 \times 2 = 4$ ” poderiam ter uma significação diferente em chinês ou ser considerados absurdos, do que se conclui: somente no uso a proposição faz sentido. E “eu sei que aqui há um doente deitado”, usada em uma situação *inadequada*, só por essa razão não parece um absurdo, mas sim como algo evidente, porque é relativamente fácil

aufgelegter Unsinn sein, woraus man sieht: nur im Gebrauch hat der Satz Sinn. Und “Ich weiß, daß hier ein Kranker liegt”, in der *unpassenden* Situation gebraucht, erscheint nur darum nicht als Unsinn, vielmehr als Selbstverständlichkeit, weil man sich verhältnismäßig leicht eine für ihn passende Situation vorstellen kann und weil man meint, die Worte “Ich weiß, daß...” seien überall am Platz, wo es keinen Zweifel gibt (also auch dort, wo der Ausdruck des Zweifels unverständlich wäre).

11. Man sieht eben nicht, wie sehr spezialisiert der Gebrauch von “Ich weiß” ist.

12. Denn “Ich wei...” scheint einen Tatbestand zu beschreiben, der das Gewußte als Tatsache verbürgt. Man vergißt eben immer den Ausdruck “Ich glaubte,⁷ ich wüßte es”.

13. Es ist nämlich nicht so, daß man aus der Äußerung des Andern⁸ “Ich weiß, daß es so ist” den Satz “Es ist so” schließen könnte. Auch nicht aus der Äußerung und daraus, daß sie keine Lüge ist. – Aber kann ich nicht aus meiner Äußerung “Ich weiß etc.” schließen “Es ist so”? Doch, und aus dem Satz “Er weiß, daß dort eine Hand ist” folgt auch “Dort ist eine Hand”. Aber aus seiner Äußerung “Ich weiß...” folgt nicht, er wisse es.

14. Es muß erst erwiesen werden, daß er’s weiß.

15. Daß kein Irrtum möglich war, muß *erwiesen* werden. Die Versicherung “Ich weiß es” genügt nicht. Denn sie ist doch nur die Versicherung, daß ich mich (da) nicht irren kann, und daß ich mich nicht *darin* nicht irre, muß *objektiv* feststellbar sein.

16. “Wenn ich etwas weiß, so weiß ich auch, daß ich’s weiß, etc.”, kommt darauf hinaus, “Ich weiß das” heiße “Ich bin darin unfehlbar”. Ob ich aber das bin, muß sich objektiv feststellen lassen.

17. Angenommen nun, ich sage “Ich bin darin unfehlbar, daß das ein Buch ist” – ich zeige dabei auf einen Gegenstand. Wie sähe hier ein Irrtum aus? Und habe ich davon eine *klare* Vorstellung?

7. No MS 172 (p. 4), há a seguinte variante: dachte (pensava).

8. A seguinte variante encontra-se no MS 172 (p. 4): dem Satz (da proposição).

imaginar uma situação adequada para ela e porque se pensa que as palavras “eu sei que ...” estão em toda parte onde não há dúvida (ou seja, também onde a expressão da dúvida seria incompreensível).

11. Simplesmente não nos damos conta do quão especializado é o uso de “eu sei”.

12. Pois “Eu sei...” parece descrever um estado de coisas (*Tatbestand*) que atesta o que é conhecido como fato. É que sempre se esquece da expressão “eu pensava que sabia isso”.

13. Pois não é o caso que se poderia inferir do enunciado de outra pessoa “eu sei que é assim” a proposição “isto é assim”. Nem do enunciado e por não ser mentira. – Mas não posso concluir do meu enunciado “eu sei etc.” que “isto é assim”? Sim, e da proposição “Ele sabe que há uma mão ali” segue-se também “Há uma mão ali”. Mas de seu enunciado “Eu sei ...” não se segue que ele saiba.

14. Primeiro deve ser comprovado que ele sabe.

15. Deve ser *comprovado* que nenhum erro foi possível. A afirmação “eu sei” não é suficiente. Pois é apenas a afirmação de que não posso estar enganado (aqui), e que não estou enganado *nisso*, que deve ser *objetivamente* verificável.

16. “Se eu sei algo, também sei que sei, etc.”, o que pode ser resumido assim: “Eu sei isso”, que significa “Eu sou incapaz de errar sobre isso”. Mas se eu estou certo disso, isso deve ser objetivamente constatado.

17. Suponhamos agora que eu diga “Eu sou incapaz de errar que isto é um livro”, enquanto eu aponto para um objeto. Ao que se pareceria um erro nesse caso? E eu tenho uma representação *clara* disso?

18. “Ich weiß es” heißt oft: Ich habe die richtigen Gründe für meine Aussage. Wenn also der Andre das Sprachspiel kennt, so würde er zugeben, daß ich das weiß. Der Andre muß sich, wenn er das Sprachspiel kennt, vorstellen können, *wie* man so etwas wissen kann.

19. Die Aussage “Ich weiß, daß hier eine Hand ist” kann man also so fortsetzen, “es ist nämlich meine Hand, auf die ich schaue”. Dann wird ein vernünftiger Mensch nicht zweifeln, daß ichs weiß. Auch der Idealist nicht; sondern er wird sagen, um den praktischen Zweifel, der beseitigt ist, habe es sich ihm nicht gehandelt, es gebe aber noch einen Zweifel *hinter* diesem. – Daß dies eine *Täuschung* ist, muß auf andre Weise gezeigt werden.

20. “Die Existenz der äußeren Welt bezweifeln” heißt ja nicht, z. B., die Existenz eines Planeten⁹ bezweifeln, welche später durch Beobachtung bewiesen wird.¹⁰ – Oder will Moore sagen, das Wissen, hier sei seine Hand, ist von anderer *Art* als das, es gebe den Planeten Saturn? Sonst könnte man den Zweifelnden auf die Entdeckung des Planeten Saturn hinweisen und sagen, seine Existenz sei nachgewiesen worden, also auch die Existenz der äußeren Welt.¹¹

21. Moores Ansicht läuft eigentlich darauf hinaus, der Begriff ‘wissen’ sei den Begriffen ‘glauben’, ‘vermuten’, ‘zweifeln’, ‘überzeugt sein’ darin analog, daß die Aussage “Ich *weiß*...” kein Irrtum sein könne. Und *ist* es so, dann kann aus einer Äußerung auf die Wahrheit einer Behauptung geschlossen werden. Und hier wird die Form “Ich glaubte zu wissen”

9. No MS 172 (p. 6), há a seguinte variante: eines Himmelskörpers (corpo celeste).

10. Há essa variante no MS 172 (p. 6): einwandfrei erwiesen wird (impecavelmente comprovada). Além das variantes pontualmente indicadas, no MS 172 (pp. 6-7), todo esse período contém a seguinte variante: Die Existenz der äußeren Welt bezweifeln” heißt nicht – zum Exempel die Existenz eines Planeten bezweifeln, die aber später durch Beobachtung bewiesen || einwandfrei erwiesen wird. – || die sich aber später durch Beobachtung als bewiesen || einwandfrei erwiesen herausstellt. (Duvidar da existência do mundo exterior não quer dizer – por exemplo, a existência de um planeta que mais tarde é comprovado pela observação || impecavelmente comprovado – || que, no entanto, foi posteriormente comprovado por observação || provado sem falhas).

11. No MS 172 (pp. 6-7), há as seguintes variantes: Seinerzeit haben Leute auch schon die Existenz des || eines Planeten an dieser Stelle bezweifelt || an der Existenz des || eines Planeten an dieser Stelle gezweifelt, sie ist aber dann durch Beobachtungen festgestellt worden. (Naquele tempo, as pessoas já duvidavam da existência de um planeta nesse lugar || da existência de || duvidavam da existência de um planeta nesse lugar, mas ela foi estabelecida por meio de observações).

18. “Eu sei” frequentemente significa: eu tenho as razões corretas para minha afirmação. Portanto, se o outro conhece o jogo de linguagem, ele admitiria que eu sei. Se ele conhece o jogo de linguagem, então deve ser capaz de imaginar *como* se pode saber tal coisa.

19. À afirmação “Sei que há uma mão aqui” pode-se acrescentar “Eu estou olhando para minha mão”. Uma pessoa razoável não duvidaria que eu sei disso. Tampouco o idealista duvidaria; mas ele diria que não estava preocupado com a dúvida prática, que é excluída, mas que ainda há uma dúvida *por trás* dela – Que seja uma *ilusão* deve ser mostrado de outra forma.

20. Duvidar da existência do mundo exterior, por exemplo, não quer dizer duvidar da existência de um planeta cuja existência pode ser comprovada por observação posterior. – Ou Moore quer dizer que o conhecimento de que a sua mão está aqui é de um *tipo* diferente do conhecimento de que o planeta Saturno existe? Caso contrário, poderia indicar ao cético a descoberta do planeta Saturno e dizer que a sua existência foi provada e, com isso, também a existência do mundo exterior.

21. A opinião de Moore equivale na realidade a dizer que o conceito de ‘saber’ seja análogo aos conceitos de ‘acreditar’, ‘supor’, ‘duvidar’, ‘estar convencido’ de que a afirmação “eu *sei* ...” não pode ser um erro. E, se assim *for*, então a verdade de uma afirmação pode ser concluída a partir de um enunciado. Porém, com isso, seria ignorada a forma da expressão “eu acreditava saber”. – Mas se tal forma não for admitida, então um erro também deve ser logicamente impossível na *asserção*. E isto deve ser compreendido por qualquer pessoa que *conheça* o jogo de linguagem; a asseveração, feita por alguém digno de confiança, não pode ajudá-lo em nada.

übersehen. – Soll aber diese nicht zugelassen werden, dann muß ein Irrtum auch in der *Behauptung* logisch unmöglich sein. Und dies muß einsehen, wer das Sprachspiel kennt; die Versicherung des Glaubwürdigen, er *wisse* es, kann ihm dabei nicht helfen.

22. Es wäre doch merkwürdig, wenn wir dem Glaubwürdigen glauben müßten, der sagt “Ich kann mich nicht irren”; oder dem, der sagt “Ich irre mich nicht”.

23. Wenn ich nicht weiß, ob Einer zwei Hände hat (z. B., ob sie ihm amputiert worden sind oder nicht), werde ich ihm die Versicherung, er habe zwei Hände, glauben, wenn er glaubwürdig ist. Und sagt er, er *wisse* es, so kann mir das nur bedeuten, er habe sich davon überzeugen können, seine Arme seien also z. B. nicht noch von Decken und Verbänden verhüllt, etc., etc. Daß ich dem Glaubwürdigen hier glaube, kommt daher, daß ich ihm die Möglichkeit, sich zu überzeugen, zugestehe. Wer aber sagt, es gäbe (vielleicht) keine physikalischen Gegenstände, tut das nicht.

24. Die Frage des Idealisten wäre etwa so: “Mit welchem *Recht* zweifle ich nicht an der Existenz meiner Hände?” (Und darauf kann die Antwort nicht sein: “Ich *weiß*, daß sie existieren.”) Wer aber so fragt, der übersieht, daß der Zweifel an einer Existenz nur in einem *Sprachspiel* wirkt. Daß man also erst fragen müsse: Wie sähe so ein Zweifel aus? und es nicht so ohne weiteres versteht.

25. Auch darin, “daß hier eine Hand ist”, kann man sich irren. Nur unter bestimmten Umständen nicht. – “Auch in einer Rechnung kann man sich irren – nur unter gewissen Umständen *nicht*.”

26. Aber kann man aus einer *Regel* ersehen, unter welchen Umständen ein Irrtum in der Verwendung der Rechenregeln logisch ausgeschlossen ist?¹²

Was nützt uns so eine Regel? Könnten wir uns bei ihrer Anwendung nicht (wieder) irren?

12. No MS 172 (p. 9), há a seguinte variante: sein soll (deve ser).

22. Seria estranho se tivéssemos que acreditar em alguém digno de confiança que dissesse “Eu não posso estar errado” ou naquele que diz “Eu não estou errado”.

23. Se eu não souber se uma pessoa tem duas mãos (por exemplo, se elas foram amputadas ou não), acreditarei em sua asseveração de que ela tem duas mãos se ela for confiável. E se ele diz que *sabe*, isso só pode significar para mim que ele conseguiu se convencer de que seus braços ainda não estão cobertos por cobertores e ataduras, etc., etc. Que eu acredite na pessoa confiável, nesse caso, segue-se que lhe concedo a possibilidade de convencer-se. Mas quem diz que não existem (talvez) objetos físicos, não o faz.

24. A questão do idealista seria algo parecido com isto: “Com que *direito* não duvido da existência das minhas mãos? (E a isto a resposta não pode ser: “Eu *sei* que elas existem”). Mas aquele que pergunta desta forma esquece o fato de que a dúvida sobre uma existência só funciona em um *jogo de linguagem*. Por isso, é preciso perguntar primeiro: O que seria uma tal dúvida? e não a compreende de imediato.

25. Também podemos nos enganar de “que aqui há uma mão”. Mas não sob determinadas circunstâncias. – “Também se pode equivocar em um cálculo –, mas *não* sob certas circunstâncias”.

26. Mas pode-se ver, a partir de uma *regra*, em que circunstâncias um erro no emprego das regras de cálculo é logicamente excluído?

Para que nos serve tal regra? Não poderíamos estar (novamente) enganados ao aplicá-la?

27. Wollte man aber dafür etwas Regelartiges angeben, so würde darin der Ausdruck “unter normalen Umständen” vorkommen. Und die normalen Umstände erkennt man, aber man kann sie nicht genau beschreiben. Eher noch eine Reihe von abnormalen.

28. Was ist ‘eine Regel lernen’? – *Das*.

Was ist ‘einen Fehler in ihrer Anwendung machen’? – *Das*. Und auf was hier gewiesen wird, ist etwas Unbestimmtes.

29. Das Üben im Gebrauch der Regel zeigt auch, was ein Fehler in ihrer Verwendung ist.

30. Wenn Einer sich überzeugt hat, so sagt er dann: “Ja, die Rechnung stimmt”,¹³ aber er hat das nicht aus dem Zustand seiner Gewißheit gefolgert. Man schließt nicht auf den Tatbestand aus der eigenen Gewißheit.

Die Gewißheit ist *gleichsam* ein Ton, in dem man den Tatbestand feststellt, aber man schließt nicht aus dem Ton darauf, daß er berechtigt ist.

31. Die Sätze, zu denen man, wie gebannt, wieder und wieder zurückgelangt, möchte ich aus der philosophischen Sprache ausmerzen.

32. Es handelt sich nicht darum, daß *Moore* wisse, es sei da eine Hand, sondern darum, daß wir ihn nicht verstünden, wenn er sagte “Ich mag mich natürlich darin irren”. Wir würden fragen: “Wie sähe denn so ein Irrtum aus?” – z. B. die Entdeckung aus, daß es ein Irrtum war?

33. Wir merzen also die Sätze aus, die uns nicht weiterbringen.

13. Não constam aspas no MS 172 (pp. 9-10).

Entre o final da página 9 e o início da página 10 do MS 172, há a seguinte variante: Wenn Einer sich von etwas überzeugt so sagt er dann, ||: das ist gewiß. Aber er hat es nicht aus dem Zustand seiner Gewißheit gefolgert. (Quando alguém está convencido de algo, então diz: isso é certo. Mas ele não inferiu isso do seu estado de certeza).

27. Se, no entanto, se quisesse especificar algo parecido com uma regra para isso, então a expressão “em circunstâncias normais” apareceria nela. E as circunstâncias normais podem ser reconhecidas, mas não podemos descrevê-las com precisão. Quando muito descreveríamos uma série de circunstâncias anormais.

28. O que é ‘aprender uma regra’? – *Isso.*

O que é ‘cometer um erro em sua aplicação’? – *Isso.* E o que é apontado aqui é algo indeterminado.

29. A prática do uso da regra também mostra o que é um erro em seu emprego.

30. Quando alguém está convencido, então diz: “Sim, o cálculo está correto”, mas ele não inferiu isso de seu estado de certeza. Não se conclui um fato a partir da própria certeza.

A certeza é, *por assim dizer*, um tom de voz em que se afirma o fato, mas não se deduz, pelo tom, que isso se justifica.

31. Gostaria de erradicar da linguagem filosófica as proposições a que se retorna repetidamente, como que por encanto.

32. Não se trata de Moore saber que havia uma mão, mas de não o entendermos se ele dissesse: “É claro que posso estar enganado nisto”. Nós perguntaríamos: “Como seria um erro como esse?” – Por exemplo, a descoberta de que se tratava de um erro?

33. Portanto, eliminamos as Proposições que não nos levam a lugar algum.

34. Wem man das Rechnen beibringt, wird dem auch beigebracht, er könne sich auf eine Rechnung des Lehrers verlassen?¹⁴ Aber einmal müßten¹⁵ doch diese Erklärungen ein Ende haben. Wird ihm auch beigebracht, er könne sich auf seine Sinne verlassen – weil man ihm allerdings in manchen Fällen sagt, man könne sich in dem und dem besonderen¹⁶ Fall *nicht* auf sie verlassen? – Regel und Ausnahme.

35. Aber kann man sich nicht vorstellen, es gäbe keine physikalischen Gegenstände? Ich weiß nicht. Und doch ist “Es gibt physikalische Gegenstände” Unsinn. Soll es ein Satz der Erfahrung sein? –

Und ist *das* ein Erfahrungssatz: “Es scheint physikalische Gegenstände zu geben”?

36. Die Belehrung “A ist ein physikalischer Gegenstand” geben wir nur dem, der entweder noch nicht versteht, was “A” bedeutet, oder was “physikalischer Gegenstand” bedeutet. Es ist also eine Belehrung über den Gebrauch von Worten und “physikalischer Gegenstand”, ein logischer Begriff. (Wie Farbe, Maß, ...) Und darum läßt sich ein Satz “Es gibt physikalische Gegenstände” nicht bilden.

Solchen verunglückten Versuchen begegnen wir aber auf Schritt und Tritt.

37. Ist es aber eine genügende Antwort auf die Skepsis der Idealisten oder die Versicherungen der Realisten¹⁷ [zu sagen, daß der Satz] “Es gibt physikalische Gegenstände” Unsinn ist? Für sie ist es doch nicht Unsinn. Eine Antwort wäre aber:¹⁸ diese Behauptung, oder ihr Gegenteil, sei ein fehlgegangener Versuch (etwas¹⁹) auszudrücken, was so nicht auszudrücken ist. Und daß er fehlgeht, läßt sich zeigen; damit ist aber ihre Sache noch nicht erledigt. Man muß eben zur

14. No MS 172 (p. 11), há a seguinte variante: unter den & den Umständen verlassen? (confiar em tais e tais circunstâncias).

15. No MS 172 (p. 11), “müssen” (devem), e não “müßten” (deveriam), como anotado pela edição de Anscombe e Von Wright.

16. No MS 172 (p. 11), há a seguinte variante: speziellen (especial).

17. No MS 172 (p. 12), há a seguinte variante: Reden der Idealisten, oder der Realisten (Ao que falam idealistas ou realistas).

18. As seguintes variantes encontram-se anotadas no MS 172 (p. 12): Es wäre zu sagen || Man könnte ihnen antworten (Seria preciso dizer || Poder-se-ia respondê-los).

19. No MS 172 (p. 12), há a seguinte variante: das (isso).

34. A quem é ensinado aritmética também é ensinado que ele pode confiar no cálculo do professor? Mas, em algum momento, estas explicações devem chegar ao fim. A ele também é ensinado que pode confiar em seus sentidos – dado que, no entanto, em alguns casos, é dito que em tal e tal caso particular ele *não* pode confiar neles? – Regra e exceção.

35. Mas não seria possível imaginar que não existem objetos físicos? Não sei. E, no entanto, “existem objetos físicos” é um absurdo. Seria uma proposição empírica? –

E *isso* é uma proposição empírica: “Parece que existem objetos físicos”?

36. Só damos a instrução “A é um objeto físico” para alguém que ainda não entende o que “A” ou o que “objeto físico” significam. Portanto, é uma instrução sobre o uso de palavras e “objeto físico” é um conceito lógico (como cor, medida ...) E é por isso que uma proposição “Existem objetos físicos” não pode ser construída.

Contudo, vez por outra, encontramos tais tentativas malsucedidas.

37. Mas será que é uma resposta suficiente ao ceticismo dos idealistas ou às garantias dos realistas [dizer que a proposição] “Existem objetos físicos” é um absurdo? Para eles, afinal, não é um absurdo. Mas uma resposta seria: essa afirmação, ou seu oposto, é uma tentativa equivocada de expressar (algo) que não pode ser expresso dessa forma. E é possível demonstrar que ela falha; mas esse não é o fim da questão. É preciso chegar à conclusão de que o que se apresenta a nós como a primeira expressão de uma dificuldade ou de sua resposta pode ainda ser uma expressão bastante errada. Assim como aquele que, com razão, critica um quadro, muitas vezes, em primeiro lugar, o faz onde não o é pertinente, e é necessária uma *investigação* para encontrar o ponto certo de ataque para a crítica.

Einsicht kommen, daß das, was sich uns als erster Ausdruck einer Schwierigkeit oder ihrer Beantwortung anbietet, noch ein ganz falscher²⁰ Ausdruck sein mag. So wie der, welcher ein Bild mit Recht tadelt, zuerst oft da den Tadel anbringen wird, wo er nicht hingehört, und es eine *Untersuchung* braucht, um den richtigen Angriffspunkt des Tadels zu finden.

38. Das Wissen in der Mathematik. Man muß sich hier immer wieder an die Unwichtigkeit eines ‘inneren Vorgangs’ oder ‘Zustands’ erinnern und fragen “Warum soll er wichtig sein? Was geht er mich an?” Interessant ist es, wie wir die mathematischen Sätze *gebrauchen*.

39. So rechnet man, unter solchen Umständen *behandelt* man eine Rechnung als unbedingt zuverlässig, als gewiß richtig.

40. Auf “Ich weiß, daß dort meine Hand ist” kann die Frage folgen “Wie weißt du es?”, und die Antwort darauf setzt voraus, daß *dies* so gewußt werden kann. Statt “Ich weiß, daß dort meine Hand ist” könnte man also sagen “Dort ist meine Hand” und hinzufügen, *wie* man es weiß.

41. “Ich weiß, wo ich den Schmerz empfinde”, “Ich weiß, daß ich ihn da empfinde” ist so falsch wie: “Ich weiß, daß ich Schmerzen habe.” Richtig aber: “Ich weiß, wo du meinen Arm berührt hast”.

42. Man kann sagen “Er glaubt es, aber es ist nicht so”, nicht aber “Er weiß es, aber es ist nicht so”. Kommt dies von der Verschiedenheit der Seelenzustände des Glaubens und des Wissens? Nein. – “Seelenzustand” kann man etwa nennen, was sich im Ton der Rede, in der Gebärde etc. ausdrückt. Es wäre also *möglich*, von einem seelischen Zustand der Überzeugtheit zu reden; und der kann der gleiche sein, ob gewußt oder fälschlich geglaubt wird. Zu meinen, den Worten “glauben” und “wissen” müßten verschiedene Zustände entsprechen, wäre so, als glaubte man, dem Worte “ich” und dem

20. No MS 172 (p. 12), há a seguinte variante: gar nicht ihr richtiger (de modo algum a sua mais correta).

38. O conhecimento na matemática. Aqui é preciso sempre se lembrar da irrelevância de um “processo interno” ou “estado” e se perguntar: “Por que isso deveria ser importante? O que isso me afeta?” O que importa é como *usamos* as proposições matemáticas.

39. É *assim* que se calcula; sob tais circunstâncias, um cálculo é *tratado* como totalmente confiável, com certeza correto.

40. “Eu sei que minha mão está aqui” pode ser seguido pela pergunta “Como você sabe?”, e a resposta a essa pergunta pressupõe que *isso* pode ser conhecido. Portanto, em vez de “Eu sei que minha mão está aqui”, pode-se dizer “Aqui está minha mão” e acrescentar *como* se sabe disso.

41. “Eu sei onde eu sinto a dor”, “Eu sei que eu sinto ela aqui” é tão errado quanto “eu sei que eu tenho uma dor”. Mas é correto: “eu sei onde você tocou meu braço”.

42. Pode-se dizer “Ele acredita, mas não é assim”, mas não “Ele sabe, mas não é assim”. Isso se deve à diferença entre os estados da alma de crença e de conhecimento? Não. “Estado de alma” pode ser chamado de algo que se expressa no tom da fala, nos gestos, etc. Portanto, seria *possível* falar de um estado mental de convicção; e isso pode ser o mesmo, quer seja conhecido ou acreditado erroneamente. Pensar que às palavras “acreditar” e “saber” devem corresponder a estados diferentes seria como acreditar que pessoas diferentes devem corresponder à palavra “eu” e ao nome “Ludwig” porque os conceitos são diferentes.

Namen “Ludwig” müßten verschiedene Menschen entsprechen, weil die Begriffe verschieden sind.

43. Was für ein Satz ist dies: “Wir *können* uns in $12 \times 12 = 144$ nicht verrechnet haben”? Es muß doch ein Satz der Logik sein. – Aber ist er nun nicht derselbe, oder kommt [es] auf das gleiche hinaus, wie die Feststellung $12 \times 12 = 144$?²¹

44. Forderst du eine Regel, aus der hervorgeht,²² daß man sich hier nicht könne verrechnet haben, so ist die Antwort, daß wir dies nicht durch eine Regel gelernt haben, sondern dadurch, daß wir rechnen lernten.

45. Das *Wesen* des Rechnens haben wir beim Rechnenlernen kennengelernt.

46. Aber läßt sich denn nicht beschreiben, wie wir uns von der Verlässlichkeit einer Rechnung überzeugen? O doch! Aber eine Regel kommt dabei eben nicht zum Vorschein.²³ – Das wichtigste aber ist: Es braucht die Regel nicht. Es geht uns nichts ab. Wir rechnen nach einer Regel, das ist genug.

47. So rechnet man. Und Rechnen ist *dies*. Das, was wir z. B. in der Schule lernen. Vergiß diese transzendente²⁴ Sicherheit, die mit deinem Begriff des Geistes zusammenhängt.

48. Man könnte aber doch aus einer Menge von Rechnungen gewisse als ein für allemal zuverlässig, andre als noch nicht feststehend bezeichnen.²⁵ Und ist das nun eine *logische* Unterscheidung?

49. Aber bedenk: auch wenn mir die Rechnung feststeht, ist es nur eine Entscheidung zu einem praktischen Zweck.²⁶

21. No MS 172 (p. 15), há a seguinte variante: der Satz $12 \times 12 = 144$? || wie der: $12 \times 12 = 144$? (à posição $12 \times 12 = 144$ || como: $12 \times 12 = 144$?).

22. No MS 172 (p. 15), há a seguinte variante: die uns lehrt (que nos ensine).

23. No MS 172 (p. 15), há a seguinte variante: heraus (para fora).

24. No MS 172 (p. 16), há a seguinte variante: superlative (superlativa).

25. No MS 172 (p. 16), há a seguinte variante: unterscheiden (distinguir).

26. No MS 172 (p. 16), há a seguinte variante: eine praktische Entscheidung (uma decisão prática).

43. Que tipo de proposição é esta: “Não *podemos* ter errado o cálculo em $12 \times 12 = 144$ ”? Deve ser uma proposição da lógica. – Mas não é o mesmo ou o equivalente à afirmação $12 \times 12 = 144$?

44. Se você está demandando uma regra a partir da qual se possa ver que não se pode ter calculado errado aqui, a resposta é que não aprendemos isso por meio de uma regra, mas aprendendo a contar.

45. Aprendemos sobre a *essência* do cálculo ao aprender a calcular.

46. Mas não é possível descrever como podemos nos convencer da confiabilidade de um cálculo? Ah, sim! Mas uma regra não vem à tona no processo. – Mas o mais importante é que a regra não é necessária. Ela não faz falta. Calculamos de acordo com uma regra, e isso é suficiente.

47. *Assim* se calcula. E calcular é *isso*. Aquilo que aprendemos na escola, por exemplo. Esqueça essa certeza transcendente que está ligada ao seu conceito de espírito.

48. Poderíamos, no entanto, a partir de um conjunto de cálculos, descrever alguns deles como confiáveis e outros como ainda não estabelecidos. E essa é agora uma distinção *lógica*?

49. Mas lembre-se: mesmo que o cálculo esteja estabelecido para mim, é apenas uma decisão para finalidades práticas.

50. Wann sagt man, “Ich weiß, daß ... x ... = ...”? Wenn man die Rechnung geprüft hat.

51. Was ist das für ein Satz: “Wie sähe denn hier ein Fehler aus!”? Es müßte ein logischer Satz sein. Aber es ist eine Logik, die nicht gebraucht wird, weil, was sie lehrt, nicht durch Sätze gelehrt wird.
– Es ist ein logischer Satz, denn er beschreibt ja die begriffliche (sprachliche) Situation.

52. Diese Situation ist also nicht dieselbe für einen Satz wie “In dieser Entfernung von der Sonne existiert ein Planet” und “Hier ist eine Hand” (nämlich die meine). Man kann den zweiten keine Hypothese nennen. Aber es gibt keine scharfe Grenze zwischen ihnen.

53. Man könnte also Moore recht geben, wenn man ihn so deutet, daß ein Satz, der sagt, da sei ein physikalischer Gegenstand, eine ähnliche logische Stellung haben kann wie einer, der sagt, da sei ein roter Fleck.

54. Es ist nämlich nicht wahr,²⁷ daß der Irrtum vom Planeten zu meiner eigenen Hand nur immer unwahrscheinlicher werde. Sondern er ist an einer Stelle auch nicht mehr denkbar.²⁸

Darauf deutet schon, daß es sonst auch denkbar sein müßte, daß wir uns in *jeder* Aussage über physikalische Gegenstände irrten, daß alle, die wir je machen, falsch sind.

55. Ist also die *Hypothese* möglich, daß es alle die Dinge in unserer Umgebung nicht gibt? Wäre sie nicht wie die, daß wir uns in allen Rechnungen verrechnet haben?

56. Wenn man sagt “Vielleicht gibt es diesen Planeten nicht und die Lichterscheinung kommt anders zustande”, so braucht²⁹ man doch ein Beispiel eines Gegenstandes, *den* es gibt. Es gibt ihn nicht, – wie z. B. ...

27. Há as seguintes variantes no MS 172 (p. 17): falsch zu sagen || unrichtig (falso dizer || incorreto). A primeira das variantes se encontra riscada.

28. No MS 172 (p. 17), há a seguinte variante: logisch möglich (logicamente possível). Esta variante encontra-se riscada no MS 173 (p. 17).

29. Há a seguinte variante no MS 172 (p. 18): hat (tem).

50. Quando se diz: “Eu sei que ... x ... = ...”? Quando se tiver verificado o cálculo.

51. Que tipo de proposição é esta: “O que seria um erro aqui!”? Teria de ser uma proposição lógica. Mas essa é uma lógica que não é usada porque o que ela ensina não é aprendido através de proposições. – É uma proposição lógica pois descreve a situação conceitual (linguística).²

52. Portanto, essa situação não é a mesma para uma proposição como “A tal distância do Sol existe um planeta” e “Aqui há uma mão” (ou seja, a minha). Não se pode chamar a segunda de hipótese. Mas não há um limite nítido entre elas.

53. Poderíamos, assim, concordar com Moore se o interpretássemos de tal forma que uma proposição que diz que há um objeto físico pudesse ter uma posição lógica semelhante à de uma proposição que diz que há uma mancha vermelha.

54. Pois não é verdade que o erro desde o planeta até a minha própria mão esteja se tornando cada vez mais improvável. Ao invés disso, em um determinado momento, ele também não é mais concebível.

Isso já é indicado pelo fato de que, de outra forma, também teria de ser concebível que estejamos enganados em *cada* afirmação sobre objetos físicos, que todas as que fazemos estejam erradas.

55. É possível, então, levantar a *hipótese* de que todas as coisas em nosso entorno não existem? Isso não seria como a hipótese de que erramos em todos os nossos cálculos?

56. Quando alguém diz: “Talvez esse planeta não exista e o fenômeno da luz ocorra de uma maneira diferente”, assim é necessário um exemplo de um objeto *que* exista. Ele não existe, – como, *por exemplo...*

Ou devemos dizer que a *certeza* é apenas um ponto construído do qual umas coisas se aproximam um pouco mais, outras um pouco

2. Em seguida, no MS 172 (p. 16), há o seguinte trecho que não foi assimilado pela edição de Anscombe e Von Wright: Darum, weil ich weiß, warum etwas schlecht ist, brauche ich meinem Wissen, daß es schlecht ist, nicht zu mißtrauen. (Por isso, por saber por que algo é ruim, não preciso desconfiar do meu conhecimento de que é ruim.)

Oder soll man sagen, daß die *Sicherheit* nur ein konstruierter Punkt ist, dem sich manches mehr, manches weniger nähert? Nein. Der Zweifel verliert nach und nach seinen Sinn. So *ist* eben dieses Sprachspiel.

Und zur Logik gehört alles, was ein Sprachspiel beschreibt.

57. Könnte nun “Ich *weiß*, ich vermute nicht nur, daß hier meine Hand ist”, könnte das nicht als grammatischer Satz aufgefaßt werden? Also *nicht* temporal. –

Aber ist er dann nicht wie *der*: “Ich weiß, ich vermute nicht nur, daß ich Rot³⁰ sehe”?

Und ist die Konsequenz “Also gibt es physikalische Gegenstände” nicht wie die “Also gibt es Farben”?

58. Wird “Ich weiß etc.” als grammatischer Satz aufgefaßt, so kann natürlich das “Ich” nicht wichtig sein. Und es heißt eigentlich “Es gibt in diesem Falle keinen Zweifel” oder “Das Wort ‘Ich weiß nicht’ hat in diesem Falle keinen Sinn”. Und daraus folgt freilich auch, daß “Ich *weiß*” keinen hat.

59. “Ich weiß” ist hier eine *logische* Einsicht. Nur läßt sich der Realismus nicht durch sie beweisen.

60. Es ist falsch zu sagen, daß die ‘Hypothese’, *dies* sei ein Stück Papier, durch spätere Erfahrung bestätigt oder entkräftet würde, und daß, in “Ich weiß, daß das ein Stück Papier ist”, das “Ich weiß” sich entweder auf eine solche Hypothese bezieht oder auf eine logische Bestimmung.

61. --- Eine Bedeutung eines Wortes ist eine Art seiner Verwendung.

Denn sie ist das, was wir erlernen, wenn das Wort zuerst unserer Sprache einverleibt wird.

62. Darum besteht eine Entsprechung zwischen den Begriffen ‘Bedeutung’ und ‘Regel’.

30. Variante riscada no MS 172 (p. 18): etwas Rot (algo vermelho).

menos? Não. A dúvida perde gradualmente seu sentido. Esse jogo de linguagem é assim mesmo.

E à lógica pertence tudo o que um jogo de linguagem descreve.

57. Agora, “Eu *sei*, não apenas suponho, que aqui está minha mão” não poderia ser considerada uma proposição gramatical? Portanto, *não* temporal. –

Mas então não é como *esta*: “Eu sei, eu não apenas suponho, que estou vendo vermelho”?

E a consequência “Então existem objetos físicos” não é como “Então existem cores”?

58. Se “Eu sei etc.” for entendida como uma proposição gramatical, então é claro que o “eu” não pode ser importante. E, na verdade, significa “Não há dúvida nesse caso” ou “A expressão ‘Eu não sei’ não tem sentido nesse caso”. E segue-se, é claro, que “Eu *sei*” também não tem sentido nenhum.

59. Aqui, “eu sei” é uma perspectiva *lógica*. No entanto, o realismo não se deixa provar através dela.

60. É incorreto dizer que a ‘hipótese’ de que *isso* seja um pedaço de papel seria confirmada ou invalidada pela experiência posterior e que, em “Eu sei que isso é um pedaço de papel”, o “eu sei” se refere a tal hipótese ou a uma determinação lógica.

61. --- O significado de uma palavra é um modo de empregá-la.

Pois é o que aprendemos quando a palavra é incorporada, pela primeira vez, em nossa linguagem.³

62. Portanto, há uma correspondência entre os termos ‘significado’ e ‘regra’.

3. A escrita inicial desse parágrafo se encontra riscada no MS172 (p.19) e compreende uma variação do trecho assimilado pela edição de Anscombe e Von Wright: Die Art & Weise seiner Verwendung aber ist (das), was wir lernen, wenn wir das Wort gebrauchen lernen, also eine Technik. (Mas o seu modo de emprego é o que aprendemos quando aprendemos a usar a palavra, portanto, uma técnica).

63. Stellen wir uns die Tatsachen anders vor als sie sind, so verlieren gewisse Sprachspiele an Wichtigkeit, andere werden wichtig.³¹ Und so ändert sich, und zwar allmählich, der Gebrauch des Vokabulars der Sprache.

64. Die Bedeutung eines Worts vergleiche mit der ‘Funktion’ eines Beamten. Und ‘verschiedene Bedeutungen’ mit ‘verschiedenen Funktionen’.

65. Wenn sich die Sprachspiele ändern, ändern sich die Begriffe, und mit den Begriffen³² die Bedeutungen der Wörter.

66. Ich mache Behauptungen die Wirklichkeit betreffend mit verschiedenen Graden der Sicherheit. Wie zeigt sich der Grad der Sicherheit? Welche Konsequenzen hat er?

Es kann sich z. B. um Sicherheit des Gedächtnisses oder der Wahrnehmung handeln. Ich mag meiner Sache sicher sein, aber wissen, welche Prüfung mich eines Irrtums überweisen könnte. Ich bin z. B. der Jahreszahl einer Schlacht ganz sicher, sollte ich aber in einem bekannten Geschichtswerk eine andere Jahreszahl finden, so würde ich meine Ansicht ändern und würde dadurch nicht an allem Urteilen irre werden.

31. A seguinte variante encontra-se no MS 172 (p.19): erhalten eine neue Wichtigkeit (adquirem uma nova importância).

32. Variante riscada no MS 172 (p. 20): & mit ihnen (e com eles).

63. Se imaginarmos os fatos de forma diferente do que eles são, certos jogos de linguagem perdem importância, outros se tornam importantes. E assim, gradualmente, o uso do vocabulário da linguagem muda.

64. O significado de uma palavra compara-se com a ‘função’ de um funcionário. E ‘significados diferentes’ com ‘funções diferentes’.⁴

65. Quando os jogos de linguagem mudam, os conceitos mudam e, com os conceitos, os significados das palavras.⁵

66. Faça afirmações sobre a realidade com diferentes graus de certeza. Como o grau de certeza se manifesta? Que consequências ele tem?⁶

Pode ser, por exemplo, a certeza da memória ou do ato da percepção. Eu posso estar seguro de algo, mas sei qual prova poderia me convencer de que estou errado. Por exemplo, estou bem certo do ano de uma batalha, mas se eu encontrasse um ano diferente em uma obra histórica conhecida, mudaria minha opinião, o que não quer dizer que perca toda minha confiança em minha capacidade de julgar.

4. Entre as anotações do que vieram a ser os parágrafos 64 e 65, no MS 172 (p.20), há a seguinte observação, que não foi incluída na edição de Anscombe e Von Wright: Das Gegenteil der Wundergläubigkeit ist nicht notwendigerweise || Die Unfähigkeit an Wunder zu glauben muß nicht darin bestehen || Wenn Einer an Wunder nicht glaubt, ist das nicht notwendigerweise darauf zurückzuführen, daß Einer die seltsamen Begebenheiten nicht glaubt, sondern daß er nicht im Stande ist, in ihnen mehr als seltsame Begebenheiten zu sehen. Wer || Der an Wunder glaubt, faßt sie als Durchbrechungen des Gangs der Welt auf, die ein Dreinsprechen eines höheren Wesens sind. Wer das nicht sehen kann || dafür blind ist der ist ähnlich Einem, der einen Gesichtsausdruck || ‘Ausdruck der Gemütsbewegung’ nicht als solchen auffassen könnte, d.h. einfach, der so & so nicht natürlich auf diese Erscheinung reagiert. (O contrário da crença em milagres não é necessariamente || A incapacidade de acreditar em milagres não precisa consistir em || Caso uma pessoa não acredite em milagres, não é necessariamente por não acreditar em acontecimentos estranhos, mas por não ser capaz de ver neles mais do que acontecimentos estranhos. Quem || Aquele que acredita em milagres os toma como interrupções do curso do mundo, que são uma manifestação de um ser superior. Quem não é capaz de ver isso || é cego para isso tal como quem não vê uma fisionomia || não poderia tomar uma ‘expressão de emoção’ como tal, ou seja, simplesmente não reage naturalmente a esse fenômeno).

5. Encerra-se aqui a parte originada do MS 172.

6. O conjunto de parágrafos 66 a 192 deriva do MS 174, pp. 14v-39v.

67. Könnten wir uns einen Menschen vorstellen, der sich dort immer wieder irrt, wo wir einen Irrtum für ausgeschlossen halten und ihm auch nicht begegnen?

Er sagt z. B. mit derselben Sicherheit (und allen ihrer Zeichen) wie ich, er wohne dort und dort, sei soundso alt, komme von der und der Stadt, etc., irrt sich aber.

Wie aber verhält er sich dann zu diesem Irrtum? Was soll ich annehmen?

68. Die Frage ist: Was soll der Logiker hier sagen?

69. Ich möchte sagen: “Wenn ich mich *darin* irre, so habe ich *keine* Gewähr, daß irgend etwas, was ich sage, wahr ist.” Aber ein Anderer wird das darum nicht von mir sagen, noch ich von einem Andern.

70. Ich habe seit Monaten an der Adresse A gewohnt, den Straßennamen und die Hausnummer unzählige Male gelesen, unzählige Briefe hier erhalten und unzähligen Leuten die Adresse gegeben. Irre ich mich darin, so ist dieser Irrtum kaum geringer, als wenn³³ ich (fälschlich) glaubte, ich schriebe Chinesisch und nicht Deutsch.

71. Wenn mein Freund sich eines Tages einbildete, seit langem da und da³⁴ gelebt zu haben, etc. etc., so würde ich das keinen *Irrtum* nennen, sondern eine, vielleicht vorübergehende, Geistesstörung.

72. Nicht jeder fälschliche Glaube dieser Art ist ein Irrtum.

73. Was aber ist der Unterschied zwischen Irrtum und Geistesstörung? Oder wie unterscheidet es sich, wenn ich etwas als Irrtum und als Geistesstörung behandle?

74. Kann man sagen: Ein *Irrtum* hat nicht nur eine Ursache, sondern auch einen Grund?

D. h. ungefähr: er läßt sich in das richtige Wissen des Irrenden einordnen.

33. Variante riscada no MS 174 (p. 15v): der es wäre, daß (o que seria).

34. A seguinte variante encontra-se riscada no MS 174 (p. 16r): dort & dort (aqui e ali).

67. Poderíamos imaginar uma pessoa que sempre se engana onde consideramos que um erro é impossível e tampouco o encontramos?

Ele diz, por exemplo, com a mesma certeza (e todos os seus sinais) que eu, que mora aqui e acolá, tem tal idade, vem de certa cidade, etc., mas está enganado.

Mas como, então, ele se comporta com relação a esses erros? O que devo supor?

68. A pergunta é: o que o lógico deve dizer aqui?

69. Gostaria de dizer: “Se eu estiver errado *nisso*, *não* tenho garantia de que nada do que eu disser seja verdade”. Mas outra pessoa não dirá isso de mim, nem eu de uma outra.

70. Estou morando no endereço A há meses, li o nome da rua e o número da casa inúmeras vezes, recebi inúmeras cartas aqui e dei o endereço a inúmeras pessoas. Se eu estiver errado nisso, esse erro é pouco menor do que se eu (erroneamente) acreditasse que estava escrevendo em chinês e não em alemão.

71. Se um dia meu amigo imaginasse que havia vivido ali e acolá por muito tempo, etc. etc., eu não chamaria isso de *erro*, mas de uma perturbação mental, talvez temporária.

72. Nem toda crença falsa desse tipo é um erro.

73. Mas qual é a diferença entre erro e perturbação mental? Ou qual é a diferença quando trato algo como um erro ou como uma perturbação mental?

74. Podemos dizer que um *erro* não tem apenas uma causa, mas também uma razão? Ou seja, aproximadamente: ele pode ser ajustado ao conhecimento correto da pessoa que cometeu o erro.

75. Wäre das richtig? Wenn ich bloß fälschlich glaubte, daß hier vor mir ein Tisch steht, so könnte das noch ein Irrtum sein; wenn ich aber fälschlich glaube, daß ich diesen oder einen solchen Tisch seit mehreren Monaten täglich gesehen und ständig benützt habe, so ist das kein Irrtum.

76. Mein Ziel muß es natürlich sein, anzugeben, welche Aussagen man hier machen möchte, aber nicht sinnvoll machen kann.

77. Ich werde eine Multiplikation zur Sicherheit vielleicht zweimal rechnen, vielleicht sie von einem Andern nachrechnen lassen. Aber werde ich sie zwanzigmal nachrechnen oder sie von zwanzig Leuten nachrechnen lassen? Und ist *das* eine gewisse Fahrlässigkeit? Wäre die Sicherheit bei zwanzigfacher Nachprüfung wirklich größer?!

78. Und kann ich dafür einen *Grund* angeben, daß sie's nicht ist?

79. Daß ich ein Mann und keine Frau bin, kann verifiziert werden, aber wenn ich sagte, ich sei eine Frau, und den Irrtum damit erklären wollte, daß ich die Aussage nicht geprüft habe, würde man die Erklärung nicht gelten lassen.

80. Man prüft an der *Wahrheit* meiner Aussagen mein *Verständnis*³⁵ dieser Aussagen.

81. D. h.: wenn ich gewisse falsche Aussagen mache, wird es dadurch unsicher, ob ich sie verstehe.

82. Was als ausreichende Prüfung einer Aussage gilt, – gehört zur Logik. Es gehört zur Beschreibung des Sprachspiels.

83. Die *Wahrheit* gewisser Erfahrungssätze gehört zu unserm Bezugssystem.

84. Moore sagt, er *wisse*, daß die Erde lange vor seiner Geburt existiert habe. Und so ausgedrückt scheint es eine Aussage über seine Person zu sein, wenn es auch außerdem eine Aussage über die physikalische Welt ist. Es ist nun philosophisch uninteressant, ob

35. Há a seguinte variante no MS 174 (p.17r): Verstehen (entendimento).

75. Seria isso correto? Se eu apenas acreditasse falsamente que há uma mesa na minha frente, isso ainda poderia ser um erro; mas se eu acreditar falsamente que vi e usei essa ou aquela mesa todos os dias por vários meses e que a usei constantemente, isso ainda seria um erro.⁷

76. Meu objetivo deve ser, naturalmente, indicar quais afirmações se gostaria de fazer aqui, mas que não se pode fazer com sentido.

77. Por segurança, talvez eu calcule uma multiplicação duas vezes, talvez faça com que ela seja recalculada por outra pessoa. Mas será que eu vou recalculá-la vinte vezes ou fazer com que seja recalculada por vinte pessoas? E *isso* é uma certa negligência? Será que a certeza seria realmente maior se fosse verificada vinte vezes?!

78. E posso dar uma *razão* para que ela não o seja?

79. Que eu sou homem e não mulher pode ser verificado, mas se eu dissesse, sou uma mulher, e quisesse explicar o erro dizendo que não tinha verificado a afirmação, a explicação não seria aceita.

80. Verifica-se na *verdade* das minhas afirmações minha *compreensão* dessas afirmações.

81. Ou seja: se eu fizer certas afirmações falsas, torna-se incerto se eu as entendo.

82. O que é considerado uma verificação suficiente de uma afirmação, pertence à lógica. Pertence à descrição do jogo de linguagem.

83. A *verdade* de certas proposições empíricas pertence ao nosso sistema de referência.

84. Moore diz que *sabe* que a terra existia muito antes dele nascer. E assim expresso, parece ser uma afirmação sobre sua pessoa, embora também seja uma afirmação sobre o mundo físico. Agora é filosoficamente desinteressante se Moore sabe disso ou daquilo, mas é interessante que se possa saber e como. Se Moore nos tivesse

7. Ao contrário do que se encontra no MS 174 (p.16r), na edição de Anscombe e Von Wright, o ponto de interrogação foi anotado no final do parágrafo.

Moore dies oder jenes weiß, aber interessant, daß und wie es gewußt werden kann.³⁶ Hätte Moore uns mitgeteilt, er wisse die Entfernung gewisser Sterne voneinander, so könnten wir daraus schließen, daß er besondere Untersuchungen angestellt habe, und wir werden nun erfahren wollen, welche Untersuchungen. Aber Moore wählt gerade einen Fall, in dem wir Alle zu wissen scheinen, was er weiß, und ohne sagen zu können, wie. Ich glaube z. B. ebensoviel von dieser Sache (der Existenz der Erde) zu wissen wie Moore, und wenn er weiß, daß es sich so verhält, wie er sagt, so weiß *ich's* auch. Denn es ist auch nicht so, als hätte er seinen Satz auf einem Gedankenweg erreicht,³⁷ der mir zwar zugänglich, aber von mir nicht begangen worden ist.

85. Und was gehört nun dazu, daß Einer dies wisse? Kenntnis der Geschichte etwa? Er muß wissen, was es heißt: die Erde habe schon soundso lange existiert. Denn das muß nicht jeder Erwachsene und Gescheite wissen. Wir sehen Menschen Häuser bauen und zerstören und werden zu der Frage geleitet “Wie lange steht dieses Haus schon?”. Aber wie kommt man darauf, dies von einem Berg, z. B., zu fragen? Und haben denn alle Menschen den Begriff ‘die Erde’ als einen *Körper*, der entstehen und vergehen kann? Warum soll ich mir nicht die Erde als flach, aber in jeder Richtung (auch der Tiefe) ohne Ende³⁸ denken? Aber dann könnte man immerhin sagen “Ich weiß, daß dieser Berg lange vor meiner Geburt existiert hat.” – Wie aber, wenn ich einen Menschen träfe, der dies nicht glaubt?

86. Wie wenn man in Moores Sätzen “Ich weiß” durch “Ich bin der unerschütterlichen Überzeugung” ersetzte?

87. Kann ein Behauptungssatz, der als Hypothese funktionieren könnte, nicht auch als ein Grundsatz des Forschens und Handelns

36. Há a seguinte variante no MS 174 (p.17v): daß er es wissen kann, & wie er es wissen kann. (que ele possa saber e como ele pode saber.)

37. As seguintes variantes riscadas encontram-se no MS 174 (p. 18r): durch einen Gedankengang erreicht, der || durch ein Raisonement erreicht, das (por um fluxo de pensamento, que || por um raciocínio, que).

38. A seguinte variante encontra-se no MS 174 (p.18v): endlich (infundável).

dito que conhecia a distância de certas estrelas umas das outras, poderíamos concluir que ele tinha feito investigações específicas, e agora vamos querer saber quais foram. Mas Moore escolhe um caso em que todos nós parecemos saber o que ele sabe, e sem poder dizer como. Eu, por exemplo, acredito que sei tanto sobre estas coisas (a existência da terra) quanto Moore, e se ele sabe que é como ele diz, então *eu* também sei disso. Pois não é como se ele tivesse chegado a sua proposição por um caminho de pensamento que, embora acessível para mim, eu não tenha percorrido.

85. E agora, o que leva alguém a saber isso? Conhecimento da história, talvez? Ele deve saber o que significa o fato de a Terra já existir por tanto tempo. Pois nem toda pessoa adulta e inteligente sabe disso. Vemos pessoas construindo e destruindo casas e somos levados a fazer a pergunta: “Há quanto tempo esta casa está de pé?” Mas como é possível fazer essa pergunta a uma montanha, por exemplo? E será que todas as pessoas têm a ideia [*Begriff*] da ‘Terra’ como um *corpo* que pode nascer e morrer? Por que eu não deveria pensar na Terra como plana, mas em todas as direções (incluindo a profundidade) sem fim? Mas, então, poderíamos pelo menos dizer: “Eu sei que essa montanha existia muito antes de eu nascer”. – Mas como seria se eu encontrasse uma pessoa que não acreditasse nisso?

86. E se, nas proposições de Moore, “Eu sei” fosse substituído por “Tenho uma convicção inabalável”?

87. Uma proposição assertiva, que poderia funcionar como uma hipótese, não poderia também ser usada como um princípio de pesquisa e ação? Ou seja, ela não pode simplesmente ser privada de dúvida, mesmo que não esteja de acordo com uma regra explícita? Ela é simplesmente aceita como algo evidente [*Selbstverständlichkeit*], nunca questionado e até talvez nunca expressado.

gebraucht werden?³⁹ D. h. kann er nicht einfach dem Zweifel entzogen sein, wenn auch nicht einer ausgesprochenen Regel gemäß? Er wird einfach als eine Selbstverständlichkeit hingenommen,⁴⁰ nie in Frage gezogen, ja vielleicht nie ausgesprochen.

88. Es kann z. B. sein, daß *unser ganzes Forschen* so eingestellt ist, daß dadurch gewisse Sätze, wenn sie je ausgesprochen werden, abseits allen Zweifels stehen. Sie liegen abseits von der Straße, auf der sich das Forschen bewegt.⁴¹

89. Man möchte sagen: “Alles spricht dafür und nichts dagegen, daß die Erde lange vor meiner Geburt ...” Aber könnte ich nicht doch das Gegenteil glauben? Aber die Frage ist: wie würde sich dieser Glaube praktisch betätigen? – Vielleicht sagt Einer: “Darauf kommt’s nicht an. Ein Glaube ist, was er ist, ob er sich praktisch betätigt oder nicht.” Man denkt sich: Er ist allemal die gleiche Einstellung des menschlichen Geistes.

90. “Ich weiß” hat eine primitive Bedeutung, ähnlich und verwandt der von “Ich sehe”. (“Wissen”, “videre”.) Und “Ich wußte, daß er im Zimmer war, aber er war nicht im Zimmer” ist ähnlich wie “ch sah ihn im Zimmer, aber er war nicht da”. “Ich weiß” soll eine Beziehung ausdrücken, nicht zwischen mir und einem Satzsinn (wie “Ich glaube”), sondern zwischen mir und einer Tatsache. So daß die *Tatsache* in mein Bewußtsein aufgenommen wird. (Hier ist auch der Grund, warum man sagen will, man *wisse* eigentlich nicht, was in der Außenwelt, sondern nur, was im Reich⁴² der sogenannten Sinnesdaten geschieht.) Ein Bild des Wissens wäre dann das Wahrnehmen eines äußern Vorgangs durch Sehstrahlen, die ihn, wie er ist, ins Auge und Bewußtsein projizieren. Nur ist sofort die Frage, ob man denn dieser Projektion auch sicher sein könne. Und dieses Bild zeigt zwar die *Vorstellung*, die wir uns vom Wissen machen, aber nicht eigentlich, was ihr zugrunde liegt.

39. Variante riscada no MS 174 (p.18v): einen Grundsatz des Forschens & Handelns ausmachen (perfazer um princípio de pesquisa e ação).

40. Variante no MS 174 (p.19r): vorausgesetzt (suposta).

41. Variante no MS 174 (p.19r): vom Strom der Forschung (do curso da pesquisa).

42. Há a seguinte variante riscada no MS 174 (p.19v): in der Welt (no mundo).

88. Pode ser, por exemplo, que *toda a nossa pesquisa* fosse assim definida de tal forma que certas proposições, se alguma vez proferidas, permanecessem fora de qualquer dúvida. Elas estão fora do caminho em que a pesquisa se move.

89. Poderíamos: “Tudo fala a favor e nada contra que a Terra existia muito antes de eu ter nascido...” Mas será que eu não poderia acreditar no contrário? Mas a questão é: como seria o efeito prático dessa crença? – Talvez alguém diga: “Isso não importa. Uma crença é o que é, seja ela praticamente ativa ou não”. Pensa-se: de todo modo, ela é a mesma atitude do espírito humano.

90. “Eu sei” tem um significado primitivo semelhante e relacionado ao de “eu vejo”. (“Saber”, “videre”). E “Eu sabia que ele estava no quarto, mas ele não estava no quarto” é semelhante a “Eu o vi no quarto, mas ele não estava lá”. “Eu sei” destina-se a expressar uma relação, não entre mim e um sentido da frase (como “eu acredito”), mas entre mim e um fato. De modo que tomei consciência do *fato* (aqui está também a razão pela qual se quer dizer que realmente não se *sabe* o que está acontecendo no mundo exterior, mas apenas o que está acontecendo no reino dos chamados dados sensoriais). Uma imagem do conhecimento seria, então, a percepção de um processo externo através de feixes visuais que o projetam, como ele é, no olho e na consciência. Mas a questão imediata é se podemos ter certeza desta projeção. E esta imagem mostra a *representação mental* que temos de conhecimento, mas não exatamente no que se baseia.

91. Wenn Moore sagt, er wisse, daß die Erde existiert habe etc., so werden ihm die meisten von uns darin recht geben, daß sie so lange existiert hat, und ihm auch glauben, daß er davon überzeugt ist. Aber hat er auch den richtigen *Grund* zu seiner Überzeugung? Denn, wenn nicht, so *weiß* er es doch nicht (Russell)

92. Man kann aber fragen: “Kann Einer einen triftigen Grund haben zu glauben, die Erde existiere erst seit kurzem, etwa erst seit seiner Geburt?” – Angenommen, es wäre ihm immer so gesagt worden, – hätte er einen guten Grund, es zu bezweifeln? Menschen haben geglaubt, sie könnten Regen machen; warum sollte ein König nicht in dem Glauben erzogen werden,⁴³ mit ihm habe die Welt begonnen?

Und wenn nun Moore und dieser König zusammenkämen und diskutierten, könnte Moore wirklich seinen Glauben als den richtigen erweisen? Ich sage nicht, daß Moore den König nicht zu seiner Anschauung bekehren könnte, aber es wäre eine Bekehrung besonderer Art: der König würde dazu gebracht, die Welt anders zu betrachten.

Bedenke, daß man von der *Richtigkeit* einer Anschauung manchmal durch ihre *Einfachheit* oder *Symmetrie* überzeugt wird, d. h.: dazu gebracht wird, zu dieser Anschauung überzugehen. Man sagt dann etwa einfach: “So muß es sein.”

93. Die Sätze, die darstellen, was Moore ‘*weiß*’, sind alle solcher Art, daß man sich schwer vorstellen kann, *warum* Einer das Gegenteil glauben sollte. Z. B. der Satz, daß Moore sein ganzes Leben in geringer Entfernung von der Erde verbracht hat. – Wieder kann ich hier von mir selber statt von Moore reden. Was könnte mich dazu bringen, das Gegenteil davon zu glauben? Entweder eine Erinnerung, oder daß es mir gesagt wurde. – Alles, was ich gesehen oder gehört habe, macht mich⁴⁴ der Überzeugung, daß kein Mensch sich je weit von der Erde entfernt hat. Nichts spricht in meinem Weltbild für das Gegenteil.

43. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 20v): aufwachsen (crescido).

44. Variante riscada no MS 184 (p. 21r): bringt mich zu (me leva a).

91. Se Moore diz que sabe que a Terra existe, etc., a maioria de nós concordará com ele que ela existe há muito tempo e também acreditará que ele está convencido disso. Mas será que ele tem a *razão* certa para sua convicção? Pois, se não tiver, ele não *sabe* (Russell).

92. Mas podemos nos perguntar: “Alguém pode ter uma razão convincente para acreditar que a Terra existe há pouco tempo, por exemplo, desde o seu nascimento?” – Suponha que sempre tenham lhe dito isso, – ele teria uma boa razão para duvidar? Os homens já acreditaram que podiam fazer chover; por que um rei não deveria ser criado para acreditar que o mundo começou com ele?

E agora, se Moore e esse rei se reunissem e discutissem o assunto, Moore poderia realmente provar que sua fé é a correta? Não estou dizendo que Moore não conseguiria converter o rei ao seu ponto de vista, mas seria um tipo especial de conversão: o rei seria levado a ver o mundo de forma diferente.

Lembre-se de que às vezes nos convencemos da *correção* de um ponto de vista por sua *simplicidade* ou *simetria*, isto é, por ser levados a adotá-lo. Então, dizemos simplesmente: “É *assim* que deve ser”.

93. As proposições que apresentam o que Moore ‘*sabe*’ são todas de tal natureza que é difícil imaginar *por que* alguém deveria acreditar no contrário. Por exemplo, a proposição que Moore passou toda a sua vida a uma curta distância da Terra. – Novamente posso falar aqui de mim mesmo em vez de Moore. O que poderia me fazer acreditar no contrário? Ou uma lembrança ou o que me foi dito. – Tudo o que vi ou ouvi me convenceu de que nenhum homem jamais se afastou da terra. Nada em minha imagem de mundo fala o contrário.

94. Aber mein Weltbild habe ich nicht, weil ich mich von seiner Richtigkeit überzeugt habe; auch nicht, weil ich von seiner Richtigkeit überzeugt bin. Sondern es ist der überkommene Hintergrund, auf welchem ich zwischen wahr und falsch unterscheide.

95. Die Sätze, die dies Weltbild beschreiben, könnten zu einer Art Mythologie gehören.⁴⁵ Und ihre Rolle ist ähnlich⁴⁶ der von Spielregeln, und das Spiel kann man auch rein praktisch, ohne ausgesprochene Regeln, lernen.

96. Man könnte sich vorstellen, daß gewisse Sätze von der Form der Erfahrungssätze erstarrt⁴⁷ wären und als Leitung für die nicht erstarrten, flüssigen Erfahrungssätze funktionierten; und daß sich dies Verhältnis mit der Zeit änderte, indem flüssige Sätze erstarrten und feste⁴⁸ flüssig würden.

97. Die Mythologie kann wieder in Fluß geraten, das Flußbett der Gedanken sich verschieben. Aber ich unterscheide zwischen der Bewegung⁴⁹ des Wassers im Flußbett und der Verschiebung dieses; obwohl es eine scharfe Trennung der beiden nicht gibt.

98. Wenn aber Einer sagte “Also ist auch die Logik eine Erfahrungswissenschaft”, so hätte er unrecht. Aber dies ist richtig, daß der gleiche Satz einmal als von der Erfahrung zu prüfen, einmal als Regel der Prüfung behandelt werden kann.

99. Ja, das Ufer jenes Flusses besteht zum Teil aus hartem Gestein, das keiner oder einer unmerklichen Änderung unterliegt, und teils aus Sand, der bald hier, bald dort wegundangeschwemmt wird.

100. Die Wahrheiten,⁵⁰ von denen Moore sagt, er wisse sie, sind solche, die, beiläufig gesprochen, wir Alle wissen, wenn er sie weiß.

45. Variante riscada no MS 174 (p. 21v): gehören beinahe zu einer Art Mythologie (pertencem praticamente a um tipo de mitologia).

46. Variante riscada no MS 174 (p. 21v): eigentlich die (propriamente).

47. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 21v): gefrorenen (congelado).

48. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 21v): gefrorene (congelado).

49. Há as seguintes variantes no MS 174 (p. 22r): dem Fließen || Strömen (A correnteza || fluxo).

50. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 22v): Sätze (proposições).

94. Mas não tenho minha imagem de mundo porque me convenci de sua correção. Nem porque estou convencido de sua correção. Em vez disso, é o pano de fundo herdado a partir do qual faço a distinção entre verdadeiro e falso.

95. As proposições que descrevem essa imagem de mundo poderiam pertencer a um tipo de mitologia. E seu papel é semelhante ao das regras do jogo, e o jogo também pode ser aprendido de forma puramente prática, sem a explicitação das regras.

96. Poderíamos imaginar que certas proposições da forma de proposições empíricas teriam se solidificado e funcionado como um canal para as proposições empíricas fluidas e não solidificadas; e que essa relação mudaria com o tempo, à medida que as proposições fluidas se solidificassem e as sólidas se tornassem fluidas.

97. A mitologia pode se tornar fluida novamente, o leito do rio do pensamento pode mudar. Mas distingo entre o movimento da água no leito do rio e a mudança do próprio leito, embora não haja uma divisão nítida entre os dois.

98. Mas se alguém dissesse: “Portanto, a lógica também é uma ciência empírica”, ele estaria errado. Mas isso é verdade, que a mesma proposição pode ser tratada em um momento como uma proposição a ser verificada pela experiência, e em outros como regra de verificação.

99. Sim, a margem desse rio consiste em parte de rocha dura, que está sujeita a nenhuma ou a uma imperceptível mudança e, em parte, de areia que, ora aqui ou ali, é arrastada pela correnteza ou depositada.

100. As verdades que Moore diz saber são aquelas que, por assim dizer, se ele as sabe, todos nós sabemos.

101. So ein Satz könnte z. B. sein: “Mein Körper ist nie verschwunden und nach einiger Zeit wieder aufgetaucht.”

102. Könnte ich nicht glauben, daß ich einmal, ohne es zu wissen, etwa im bewußtlosen Zustand, weit von der Erde entfernt war, ja, daß Andre dies wissen, es mir aber nicht sagen? Aber dies würde gar nicht zu meinen übrigen Überzeugungen passen. Nicht, als ob ich das System dieser Überzeugungen beschreiben könnte. Aber meine Überzeugungen bilden ein System, ein Gebäude.

103. Und wenn ich nun sagte “Es ist meine unerschütterliche Überzeugung, daß etc.”, so heißt das in unserm Falle auch, daß ich nicht bewußt durch bestimmte Gedankengänge⁵¹ zu der Überzeugung gelangt bin, sondern, daß sie solchermassen in allen meinen *Fragen und Antworten* verankert ist, daß ich nicht an sie rühren kann.

104. Ich bin z. B. auch davon überzeugt, daß die Sonne kein Loch im Himmelsgewölbe ist.

105. Alle *Prüfung*, alles Bekräftigen und Entkräften einer Annahme geschieht schon innerhalb eines Systems. Und zwar ist dies System nicht ein mehr oder weniger willkürlicher und zweifelhafter Anfangspunkt aller unsrer Argumente, sondern es gehört zum Wesen dessen, was wir ein Argument nennen. Das System ist nicht so sehr der Ausgangspunkt, als das Lebelement der Argumente.

106. Ein Erwachsener hätte einem Kind erzählt, er wäre auf dem Mond gewesen. Das Kind erzählt mir das, und ich sage, es sei nur ein Scherz gewesen, Soundso sei nicht auf dem Mond gewesen; niemand sei auf dem Mond gewesen; der Mond sei weit, weit von uns entfernt, und man könne nicht hinaufsteigen oder hinfliegen. – Wenn nun das Kind darauf beharrte: es gebe vielleicht doch eine Art, wie man hinkommen könne, und sie sei mir nur nicht bekannt, etc. – was könnte ich erwidern? Was könnte ich Erwachsenen eines Volksstamms erwidern, die glauben, Leute kämen manchmal auf den Mond (vielleicht deuten sie ihre Träume so), und die allerdings

51. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 23r): Evidenz (evidência).

101. Assim, uma tal proposição poderia ser, por exemplo: “Meu corpo nunca desapareceu e reapareceu depois de algum tempo”.

102. Eu não poderia acreditar que já estive alguma vez, sem saber, longe da terra, talvez em um estado de inconsciência, mesmo que outros saibam disso e não me digam? Mas isso não se encaixaria de forma alguma em minhas outras convicções. Não como se eu pudesse descrever o sistema dessas convicções. Mas minhas convicções formam um sistema, um edifício.

103. E se eu então dissesse “É minha convicção inabalável de que etc.”, isso também significa, no nosso caso, que não cheguei conscientemente à convicção através de certas linhas de pensamento, mas que ela está ancorada em todas as minhas *perguntas e respostas* de tal modo que não posso tocá-la.

104. Eu também estou, por exemplo, convencido de que o Sol não é um buraco no céu.

105. Todas as *verificações*, todas as confirmações e invalidações de uma suposição já ocorrem no interior de um sistema. E esse sistema não é um ponto de partida mais ou menos arbitrário e duvidoso para todos os nossos argumentos, mas pertence à essência do que chamamos de argumento. O sistema não é tanto o ponto de partida, mas o elemento vital do argumento.

106. Um adulto disse a uma criança que havia estado na lua. A criança me contou isso, e eu disse que era apenas uma piada, que fulano não tinha estado na lua, que ninguém tinha estado na lua, que a lua estava muito, muito longe de nós e que não era possível subir ou voar até lá. – Se a criança insistisse que talvez houvesse uma maneira de chegar lá, que eu não soubesse, etc., o que eu poderia responder? O que eu poderia dizer aos adultos de uma tribo que acreditam que as pessoas às vezes vão à lua (talvez eles interpretem seus sonhos dessa forma) e que admitem, no entanto, que não é possível subir ou voar até lá por meios comuns? – Mas uma criança geralmente não mantém essa crença e logo se convencerá do que lhe dissermos a sério.

zugeben, man könnte nicht mit gewöhnlichen Mitteln hinaufsteigen oder hinfliegen? – Ein Kind wird aber für gewöhnlich nicht an so einem Glauben festhalten und bald von dem überzeugt werden, was wir ihm im Ernst sagen.

107. Ist dies nicht ganz so, wie man einem Kind den Glauben an einen Gott, oder daß es keinen Gott gibt, beibringen kann, und es je nachdem für das eine oder andere triftig scheinende Gründe wird vorbringen können?

108. “Aber gibt es denn da keine objektive Wahrheit? Ist es nicht wahr, oder aber falsch, daß jemand auf dem Mond war?” Wenn wir in unserm System denken, so ist es gewiß, daß kein Mensch je auf dem Mond war. Nicht nur ist uns so etwas nie im Ernst von vernünftigen Leuten berichtet worden, sondern unser ganzes System der Physik verbietet uns, es zu glauben. Denn diese verlangt Antworten auf die Fragen: “Wie hat er die Schwerkraft überwunden?”, “Wie konnte er ohne Atmosphäre leben?” und tausend andere, die nicht zu beantworten wären. Wie aber, wenn uns statt allen diesen Antworten entgegnet würde: “Wir wissen nicht, *wie* man auf den Mond kommt, aber die dorthin kommen, erkennen sofort, daß sie dort sind; und auch du kannst ja nicht alles erklären.” Von Einem, der dies sagte, würden wir uns geistig sehr entfernt fühlen.

109. “Ein Erfahrungssatz läßt sich *prüfen*” (sagen wir). Aber wie? Und wodurch?

110. Was *gilt* als seine Prüfung? – “Aber ist dies eine *ausreichende* Prüfung? Und, wenn ja, muß sie nicht in der Logik als solche⁵² erkannt werden?” – Als ob die Begründung nicht einmal zu Ende käme. Aber das Ende ist nicht die unbegründete Voraussetzung, sondern die unbegründete Handlungsweise.

111. “Ich *weiß*, daß ich nie auf dem Mond war” – Das klingt ganz anders unter den tatsächlichen Umständen, als es klänge, wenn manche Menschen auf dem Mond gewesen wären und vielleicht

52. Variante riscada no MS 174 (p. 25r): logisch als ausreichend (como logicamente suficiente).

107. Não é assim que se ensina uma criança a acreditar em um Deus ou que nenhum Deus existe, e ela será capaz de dar razões que pareçam convincentes para uma ou outra crença?

108. “Mas não existe então verdade objetiva? Não é verdade, ou mesmo falso, que alguém esteve na Lua?” Se pensarmos em nosso sistema, é certo que nenhuma pessoa jamais esteve na Lua. Não só tal coisa nunca nos foi seriamente relatada por pessoas sensatas, mas todo o nosso sistema de física nos proíbe de acreditar nisso. Porque isso exige respostas às perguntas: “como ele superou a gravidade?”, “como ele pôde viver sem atmosfera?” e milhares de outras que não puderam ser respondidas. Mas e se, em vez de todas essas respostas, respondessem-nos: “Não sabemos *como* chegar à Lua, mas quem chega lá reconhece imediatamente que está lá; e também não se pode explicar tudo”. Nós nos sentiríamos muito distantes espiritualmente de alguém que dissesse isso.

109. “Uma proposição empírica pode ser *verificada*” (dizemos). Mas como? E por quais meios?

110. O que é *considerado* sua verificação? – “Mas esta é uma verificação *suficiente*?⁸ E, se assim for, não deveria ser reconhecida como tal na lógica?” – Como se a fundamentação nem sequer chegasse ao fim. Mas o fim não é a pressuposição não fundamentada, mas o modo de agir não fundamentado.

111. “Eu *sei* que nunca estive na lua” – Isso soa completamente diferente nas circunstâncias reais do que soaria se algumas pessoas tivessem estado na lua e talvez algumas sem que soubessem disso. Neste caso, poderíamos dar razões para esse conhecimento. Não existe aqui uma relação semelhante à que existe entre a regra geral da multiplicação e certas multiplicações realizadas? Quero dizer: que eu não tenha estado na Lua é tão certo para mim quanto qualquer razão apresentada para isso.

8. O destaque em itálico não foi assimilado pela edição de Anscombe e Von Wright, embora presente no MS 174 (pp. 24v-25r).

mancher, ohne es selbst zu wissen. In *diesem* Falle könnte man Gründe für dies Wissen angeben. Ist hier nicht ein ähnliches Verhältnis, wie zwischen der allgemeinen Regel des Multiplizierens und gewissen ausgeführten Multiplikationen? Ich will sagen: Daß ich nicht auf dem Mond gewesen bin, steht für mich *ebenso* fest, wie irgendeine Begründung dafür feststehen kann.⁵³

112. Und ist [es] nicht das, was Moore sagen will, wenn er sagt, er *wisse* alle jene Dinge? – Aber handelt sich's wirklich darum, daß er's weiß, und nicht darum, daß gewisse dieser Sätze für uns feststehen müssen?

113. Wenn Einer uns Mathematik lehren will, wird er nicht damit anfangen, uns zu versichern, er *wisse*, daß $a + b = b + a$ ist.

114. Wer keiner Tatsache gewiß ist, der kann auch des Sinnes seiner Worte nicht gewiß sein.

115. Wer an allem zweifeln wollte, der würde auch nicht bis zum Zweifel kommen. Das Spiel des Zweifelns selbst setzt schon die Gewißheit voraus.

116. Hatte Moore, statt "Ich weiß ...", nicht sagen können "Es steht für mich fest, daß ..."? Ja auch: "Es steht für mich und viele Andre fest ..."

117. Warum ist es mir nicht möglich, daran zu zweifeln, daß ich nie⁵⁴ auf dem Mond war? Und wie könnte ich versuchen, es zu tun?

Vor allem schiene mir die Annahme, vielleicht sei ich doch dort gewesen, *müßig*.

Nichts würde daraus folgen, dadurch erklärt werden. Sie hinge mit nichts in meinem Leben zusammen.

Wenn ich sage "Nichts spricht dafür und alles dagegen", so setzt dies schon ein Prinzip des Dafür – und Dagegensprechens voraus. D. h. ich muß sagen können, was dafür *spräche*.

53. No MS 174 (p. 25v), há a seguinte variante: welche Gründe dafür feststehen können (quanto qualquer razão que poderia ser estabelecida para isso).

54. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 26r): nicht (não).

112. E não é isso que Moore quer dizer quando diz que *sabe* todas essas coisas? – Mas é realmente uma questão de ele saber, e não dessas proposições serem inquestionáveis para nós?

113. Se alguém quiser nos ensinar matemática, não começará nos garantindo que *sabe* que $a + b = b + a$.

114. Quem não tem certeza de nenhum fato, não pode também ter certeza do sentido de suas palavras.

115. Quem quisesse duvidar de tudo sequer chegaria a duvidar. O próprio jogo da dúvida já pressupõe a certeza.

116. Em vez de “Eu sei...”, não poderia Moore ter dito “É certo para mim que...”? Como também: “É certo para mim e para muitos outros ...”.

117. Por que não é possível eu duvidar que nunca estive na lua? E como eu poderia tentar fazer isso?

Acima de tudo, a suposição de que talvez eu tenha estado lá, afinal, parece-me *inútil*.

Nada resultaria disso, nem seria explicado por ela. Não tem nada a ver com nada em minha vida.

Quando eu digo “Nada fala a favor e tudo contra”, isso já pressupõe um princípio de falar a favor e contra. Ou seja, eu devo ser capaz de dizer o que *falaria* a favor.

118. Wäre es nun richtig zu sagen: Niemand hat bisher meinen Schädel geöffnet, um zu sehen, ob ein Gehirn drin ist; aber alles spricht dafür und nichts dagegen, daß man eins drin finden würde?

119. Kann man aber auch sagen: Nichts spricht dagegen und alles dafür, daß der Tisch dort auch dann vorhanden ist, wenn niemand ihn sieht? Was spricht denn dafür?

120. Wenn aber nun Einer es bezweifelte, wie würde sich sein Zweifel praktisch zeigen? Und könnten wir ihn nicht ruhig zweifeln lassen, da es ja gar keinen Unterschied macht?

121. Kann man sagen: “Wo kein Zweifel, da auch kein Wissen“?

122. Braucht man zum Zweifel nicht Gründe?

123. Wohin ich schaue, ich finde keinen Grund, daran zu zweifeln, daß...

124. Ich will sagen: Wir verwenden Urteile als Prinzip(ien) des Urteilens.

125. Wenn mich ein Blinder fragte “Hast du zwei Hände?”, so würde ich mich nicht durch Hinschauen davon vergewissern. Ja, ich weiß nicht, warum ich meinen Augen trauen sollte, wenn ich überhaupt dran zweifelte. Ja, warum soll ich nicht meine *Augen* damit prüfen, daß ich schaue, ob ich beide Hände sehe? *Was ist wodurch* zu prüfen? (Wer entscheidet darüber, *was* feststeht?)

Und was bedeutet die Aussage, das und das⁵⁵ stehe fest?

126. Ich bin der Bedeutung meiner Worte nicht gewisser als bestimmter Urteile. Kann ich zweifeln, daß diese Farbe “blau” heißt? (Meine) Zweifel bilden ein System.

127. Denn wie weiß ich, daß Einer zweifelt? Wie weiß ich, daß er die Worte “Ich zweifle daran” so⁵⁶ gebraucht wie ich?

128. Ich habe von Kind auf so urteilen gelernt. *Das ist* Urteilen.

55. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 27r): etwas (algo).

56. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 27v): in der Bedeutung (com esse significado).

118. Seria correto dizer então: Ninguém ainda abriu meu crânio para ver se há um cérebro nele; mas tudo fala a favor, e nada contra, de que um cérebro seria encontrado nele?

119. Mas também pode-se dizer: Nada fala contra e tudo fala a favor, que a mesa está lá mesmo quando ninguém a vê? O que há para falar a favor disso?

120. Mas se alguém, então, duvidasse, como sua dúvida se mostraria na prática? E não poderíamos deixá-lo tranquilamente duvidar, já que isso não faz diferença alguma?

121. Pode-se dizer: “Onde não há dúvida, não há conhecimento”?

122. Não é preciso razões para duvidar?

123. Aonde quer que eu olhe, não encontro razão para duvidar que ...

124. Quero dizer: Usamos juízos como princípio(s) de juízos.

125. Se um cego me perguntasse: “Você tem duas mãos?”, eu não me certificaria disso olhando para elas. Sim, não sei por que deveria confiar em meus olhos, se eu duvidasse que tenho duas mãos. Sim, por que não deveria verificar com meus *olhos* para ver se o que eu vejo são ambas as mãos? *O que* deve ser verificado pelo quê? (Quem decide *o que* está estabelecido?).

E o que significa a afirmação de que tal e tal coisa é dada como estabelecida?

126. Não tenho mais certeza do significado de minhas palavras do que de certos juízos. Posso duvidar que essa cor seja chamada de “azul”? (Minhas) dúvidas formam um sistema.

127. Como posso saber se alguém duvida? Como sei que ele usa as palavras “eu duvido” como eu faço?

128. Apreendi a julgar dessa forma desde criança. *Isso é julgar.*

129. So habe ich urteilen gelernt; *das* als Urteil kennengelernt.

130. Aber ist es nicht die Erfahrung, die uns lehrt, *so* zu urteilen, d. h., daß es richtig ist, *so* zu urteilen? Aber wie *lehrt's* uns die Erfahrung? *Wir* mögen es aus ihr entnehmen, aber die Erfahrung rät uns nicht,⁵⁷ etwas aus ihr zu entnehmen. Ist sie der *Grund*, daß wir *so* urteilen (und nicht bloß die Ursache), so haben wir nicht wieder einen Grund dafür, dies als Grund anzusehen.⁵⁸

131. Nein, die Erfahrung ist nicht der Grund für unser Urteilsspiel. Und auch nicht sein ausgezeichnete Erfolg.

132. Menschen haben geurteilt, ein König könne Regen machen; *wir* sagen, dies widerspräche aller Erfahrung. Heute urteilt man, Aeroplane, Radio etc. seien Mittel zur Annäherung der Völker und Ausbreitung von Kultur.

133. Unter gewöhnlichen Umständen überzeuge ich mich nicht durch den Augenschein, ob ich zwei Hände habe. *Warum* nicht? Hat Erfahrung es als unnötig erwiesen? Oder (auch): Haben wir, auf irgendeine Weise, ein allgemeines Gesetz der Induktion gelernt und vertrauen ihm nun auch hier? – Aber warum sollen wir erst *ein allgemeines* Gesetz gelernt haben und nicht gleich das spezielle?

134. Wenn ich ein Buch in eine Lade lege, so nehme ich nun an, es sei darin, es sei denn ... “Die Erfahrung gibt mir immer recht. Es ist noch kein gut beglaubigter Fall vorgekommen, daß ein Buch (einfach) verschwunden wäre.” Es ist *oft* vorgekommen, daß sich ein Buch nie mehr gefunden hat, obwohl wir sicher zu wissen glaubten, wo es war. – Aber die Erfahrung lehrt doch wirklich, daß ein Buch, z. B., nicht verschwindet. (Z. B. nicht nach und nach verdunstet.) – Aber ist es diese Erfahrung mit Büchern etc., die uns annehmen läßt, das Buch sei nicht verschwunden? Nun, angenommen, wir fänden, daß unter bestimmten neuen Umständen Bücher verschwänden – würden wir

57. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 27v): zwingt uns dazu nicht. (não nos obriga a isso).

58. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 28r): zu betrachten (encarar).

129. Foi assim que aprendi a julgar; foi *isso* que aprendi como sendo um juízo.

130. Mas não é a experiência que nos ensina a julgar dessa forma, isto é, que é correto julgar dessa forma? Mas como a experiência nos *ensina*? Nós podemos extrair isso dela, mas a experiência não nos recomenda a extrair o que quer que seja dela. É a *razão* pela qual julgamos assim (e não apenas a causa), não temos outra razão para considerar isso como uma razão.

131. Não, a experiência não é a razão de nosso jogo de juízos. Tampouco é seu resultado mais bem-sucedido.

132. As pessoas julgavam que um rei poderia fazer chover; *nós* dizemos que isso contraria toda experiência. Hoje, as pessoas julgam que aviões, rádios etc. são meios de aproximar os povos e disseminar a cultura.

133. Em circunstâncias normais, não me convenço pela visão que tenho duas mãos. *Por que* não? A experiência provou que isso não é necessário? Ou (também): será que, de alguma forma, aprendemos uma lei geral de indução e agora confiamos nela aqui também? – Mas por que deveríamos ter aprendido *uma* lei *geral* primeiro e não imediatamente a específica?

134. Quando coloco um livro em uma gaveta, agora presumo que ele esteja lá, a menos que ... “A experiência sempre prova que estou certo. Nunca se registrou um caso de que um livro tenha (simplesmente) desaparecido.” Ocorre *frequentemente* um livro nunca mais ser encontrado, apesar de acharmos que sabíamos com certeza onde ele estava. – Mas a experiência nos ensina que um livro, por exemplo, não desaparece. (Por exemplo, não evapora gradualmente.) – Mas será que é essa experiência com livros, etc., que nos faz supor que o livro não desapareceu? Agora, suponhamos que descobrimos que, sob certas novas circunstâncias, os livros desaparecem – não mudaríamos nossa pressuposição? Podemos negar o efeito da experiência em nosso sistema de pressuposições?

nicht unsre Annahme ändern? Kann man die Wirkung der Erfahrung auf unser System von Annahmen leugnen?

135. Aber folgen wir nicht einfach dem Prinzip, daß, was *immer* geschehen ist, auch wieder geschehen wird (oder etwas ähnlichem)? – Was heißt es, diesem Prinzip folgen? Bringen wir es wirklich in unser Raisonnement? Oder ist es nur das *Naturgesetz*, dem scheinbar unser Schließen folgt? Das letztere mag es sein. Ein Glied⁵⁹ in unsrer Überlegung ist es nicht.

136. Wenn Moore sagt, er *wisse* das und das, so zählt er wirklich lauter Erfahrungssätze auf, die wir ohne besondere Prüfung bejahen, also Sätze, die im System unsrer Erfahrungssätze eine eigentümliche logische Rolle spielen.

137. Auch wenn der Glaubwürdigste mir versichert, er *wisse*, es sei so und so, so kann dies allein mich nicht davon überzeugen, daß er es weiß. Nur, daß er es zu wissen glaubt. Darum kann Moores Versicherung, er *wisse* ..., uns nicht interessieren. Die Sätze aber, welche Moore als Beispiele solcher gewußten Wahrheiten aufzählt, sind allerdings interessant. Nicht weil jemand ihre Wahrheit weiß, oder sie zu wissen glaubt, sondern weil sie alle im System unsrer empirischen Urteile eine ähnliche Rolle spielen.

138. Z. B. gelangen wir zu keinem von ihnen durch eine Untersuchung. Es gibt z. B. historische Untersuchungen und Untersuchungen über die Gestalt und auch (über) das Alter der Erde, aber nicht darüber, ob die Erde in den letzten 100 Jahren existiert habe. Freilich, viele von uns hören Berichte, haben Nachricht über diesen Zeitraum von ihren Eltern und Großeltern; aber können sich die nicht irren? – “Unsinn” wird man sagen, “Wie sollen sich denn alle diese Menschen irren!” Aber ist das ein Argument? Ist es nicht einfach die Zurückweisung einer Idee? Und etwa eine Begriffsbestimmung? Denn rede ich hier von einem möglichen Irrtum, so ändert das die Rolle, die “Irrtum” und “Wahrheit” in unserm Leben spielen.

59. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 29r): Das erste (O primeiro).

135. Mas não seguimos apenas o princípio de que o que quer que tenha acontecido, acontecerá novamente (ou algo do gênero)? – O que significa seguir esse princípio? Nós realmente o incluímos em nosso raciocínio? Ou é apenas a *lei natural* que nosso raciocínio parece seguir? Pode ser isso mesmo. Mas não é um elemento das nossas considerações.

136. Quando Moore diz que *sabe* isso e aquilo, ele está realmente enumerando todas as proposições empíricas que afirmamos sem qualquer verificação específica, isto é, proposições que desempenham um papel lógico peculiar no sistema de nossas proposições empíricas.

137. Mesmo que alguém de minha mais alta confiança me garanta que *sabe* que é de tal e tal modo, isso por si só não pode me convencer de que ele sabe. Apenas que ele acredita que sabe. Portanto, a garantia de Moore de que ele sabe ... não pode nos interessar. No entanto, as sentenças que Moore lista como exemplos de tais verdades conhecidas são interessantes. Não porque alguém saiba sua verdade ou pense que as conhece, mas porque todas elas desempenham um papel *semelhante* no sistema de nossos juízos empíricos.

138. Por exemplo, não chegamos a nenhuma delas por meio de investigação.

Há, por exemplo, investigações históricas e investigações sobre a forma e também (sobre) a idade da Terra, mas não sobre se a Terra existiu nos últimos 100 anos. É claro que muitos de nós ouvimos relatos e recebemos notícias sobre esse período de nossos pais e avós; mas será que eles não podem estar errados? – “Absurdo” você dirá: “Como todas essas pessoas podem estar erradas!” Mas isso é um argumento? Não é simplesmente a rejeição de uma ideia? E talvez uma definição de um conceito? Pois se eu falar aqui de um possível erro, isso muda o papel que “erro” e “verdade” desempenham em nossas vidas.

139. Um eine Praxis festzulegen, genügen nicht Regeln, sondern man braucht auch Beispiele.

Unsre Regeln lassen Hintertüren offen, und die Praxis muß für sich selbst sprechen.

140. Wir lernen die Praxis des empirischen Urteilens nicht, indem wir Regeln lernen; es werden uns *Urteile* beigebracht und ihr Zusammenhang mit andern Urteilen. *Ein Ganzes* von Urteilen wird uns plausibel gemacht.

141. Wenn wir anfangen, etwas zu *glauben*, so nicht einen einzelnen Satz, sondern ein ganzes System von Sätzen. (Das Licht geht nach und nach über das Ganze auf).⁶⁰

142. Nicht einzelne Axiome leuchten mir ein, sondern ein System, worin sich Folgen und Prämissen *gegenseitig* stützen.

143. Es wird mir z. B. erzählt, jemand sei vor vielen Jahren auf diesen Berg gestiegen. Untersuche ich nun immer die Glaubwürdigkeit des Erzählers und ob dieser Berg vor Jahren existiert habe? Ein Kind lernt viel später, daß es glaubwürdige und unglaubwürdige Erzähler gibt, als es Fakten lernt, die ihm erzählt werden. Es lernt, daß jener Berg schon lange existiert habe, *gar nicht*; d. h. die Frage, ob es so sei, kommt gar nicht auf. Es schluckt, sozusagen, diese Folgerung mit dem hinunter, *was* es lernt.

144. Das Kind lernt eine Menge Dinge glauben. D. h. es lernt z. B. nach diesem Glauben handeln. Es bildet sich nach und nach ein System von Geglaubtem heraus, und darin steht manches unverrückbar fest, manches ist mehr oder weniger beweglich. Was feststeht, tut dies nicht, weil es an sich offenbar oder einleuchtend ist, sondern es wird von dem, was darum herumliegt, festgehalten.

145. Man will sagen “*Alle* meine Erfahrungen zeigen, daß es so ist”. Aber wie tun sie das? Denn jener Satz, auf den sie zeigen, gehört auch zu ihrer besonderen Interpretation.

60. Variante riscada no MS 174 (p. 30v): ganze System (todo o sistema).

139. Para estabelecer uma prática, as regras não são suficientes; mas exemplos também são necessários. Nossas regras deixam flancos abertos, e a prática deve falar por si mesma.

140. Não aprendemos a prática do juízo empírico por meio do aprendizado de regras; aprendemos *juízos* e sua conexão com outros juízos. *Uma gama* de juízos se torna plausível para nós.

141. Quando começamos a *acreditar* em algo, não se trata de uma única proposição, mas de um sistema inteiro de proposições. (A luz se faz gradualmente sobre o todo).

142. Não são os axiomas isoladamente que se tornam evidentes para mim, mas um sistema no qual as consequências e as premissas se apoiam *mutuamente*.

143. Por exemplo, disseram-me que alguém escalou esta montanha há muitos anos. Será então que sempre investigo a credibilidade de quem me conta isso e se essa montanha existia há muitos anos? Uma criança aprende os fatos que lhe são contados e muito mais tarde que existem narradores confiáveis e não confiáveis. *De modo algum*, ela aprende que aquela montanha existiu há muito tempo, isto é, não surge a questão de ela ter existido ou não. A criança engole, por assim dizer, essa conclusão com *aquilo que* aprende.

144. A criança aprende a acreditar em muitas coisas. Isso significa, por exemplo, que ela aprende a agir de acordo com essas crenças. Gradualmente, um sistema de crenças é formado e, nele, algumas coisas são inabalavelmente fixas, outras são mais ou menos móveis. Aquilo que se mantém fixo não o é por ser óbvio ou evidente por si mesmo, mas porque é sustentado pelo que se movimenta ao seu redor.

145. Você quer dizer: “*Todas* as minhas experiências mostram que esse é o caso”. Mas como elas fazem isso? Porque a proposição para a qual elas apontam também pertencem à sua interpretação particular.

“Que eu considere essa proposição como certamente verdadeira também caracteriza minha interpretação da experiência”.

“Daß ich diesen Satz als sicher wahr betrachte, kennzeichnet auch meine Interpretation der Erfahrung.”

146. Wir machen uns von der Erde das *Bild* einer Kugel, die frei im Raume schwebt und sich in 100 Jahren nicht wesentlich ändert. Ich sagte “Wir machen uns das *Bild* etc.”, und dies Bild hilft uns nun zum Beurteilen verschiedener Sachverhalte.⁶¹

Ich kann die Dimensionen einer Brücke allerdings berechnen, manchmal auch berechnen, daß hier eine Brücke günstiger ist als eine Fähre etc. etc. – aber irgendwo muß ich mit einer Annahme oder Entscheidung anfangen.

147. Das Bild der Erde als Kugel ist ein *gutes* Bild, es bewährt sich überall, es ist auch ein einfaches Bild – kurz, wir arbeiten damit, ohne es anzuzweifeln.

148. Warum überzeuge ich mich nicht davon, daß ich noch zwei Füße habe, wenn ich mich von dem Sessel erheben will? Es gibt kein warum. Ich tue es einfach nicht. So handle ich.

149. Meine Urteile selbst charakterisieren die Art und Weise, *wie* ich urteile, das Wesen des Urteilens.

150. Wie beurteilt Einer, welches seine rechte und welches seine linke Hand ist? Wie weiß ich, daß mein Urteil mit dem der Andern übereinstimmen wird? (Wie weiß ich, daß diese Farbe Blau ist?)⁶² Wenn ich hier *mir* nicht traue, warum soll ich dem Urteil des Andern trauen? Gibt es ein Warum? Muß ich nicht irgendwo anfangen zu trauen? D. h. Ich muß irgendwo mit dem Nichtzweifeln anfangen; das ist nicht, sozusagen, vorschnel aber verzeihlich, sondern es gehört zum Urteilen.

151. Ich möchte sagen: Moore *weiß* nicht, was er zu wissen behauptet, aber es steht für ihn fest, so wie auch für mich; es als feststehend zu betrachten, gehört zur *Methode* unseres Zweifelns und Untersuchens.

61. Variante riscada no MS174 (p. 32r): zu verschiedenen Vorhersagen & andern Urteilen. (diversas previsões e outros juízos).

62. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 32v): “Blau” heißt (se chama azul). A edição de Anscombe e Von Wright omite os parênteses que se encontram no MS 174.

146. Representamos a Terra como *a imagem* de uma esfera que flutua livremente no espaço, não se alterando significativamente em 100 anos. Eu disse “Nós formamos a *imagem* etc.”, e essa imagem agora nos ajuda a julgar vários fatos.

No entanto, posso calcular as dimensões de uma ponte, às vezes também calcular que uma ponte é mais favorável aqui do que uma balsa etc., etc. – mas tenho que começar em algum lugar com uma suposição ou decisão.

147. Das Bild der Erde als Kugel ist ein *gutes* Bild, es bewährt sich überall, es ist auch ein einfaches Bild – kurz, wir arbeiten damit, ohne es anzuzweifeln.

147. A imagem da Terra como uma esfera é uma *boa* imagem, ela se comprova em todos os lugares; é também uma imagem simples – em resumo, trabalhamos com ela sem duvidar.

148. Por que não me certifico se ainda tenho dois pés quando quero me levantar da cadeira? Não há porquê. Eu simplesmente não faço isso. É assim que ajo.

149. Meus próprios juízos caracterizam a maneira e o modo *como* julgo, a natureza do juízo.⁹

150. Como alguém julga qual é sua mão direita e qual é sua mão esquerda? Como sei que meu juízo concordará com o dos outros? (Como sei que essa cor é azul?) Se eu não confio em *mim mesmo* aqui, por que deveria confiar no juízo alheio? Existe um por quê? Não tenho que começar a confiar em algum lugar? Ou seja, tenho que começar em algum lugar sem duvidar; e isso não é, por assim dizer, precipitado, mas perdoável, pois pertence ao juízo.

151. Eu gostaria de dizer: Moore não *sabe* o que afirma saber, mas é certo para ele, assim como é para mim; considerar isso como estabelecido faz parte do *método* de nossa dúvida e investigação.

9. O itálico presente no MS 174 (p. 32v) não foi incorporado à edição de Anscombe e Von Wright.

152. Die Sätze, die für mich feststehen, lerne ich nicht ausdrücklich. Ich kann sie nachträglich *finden* wie die Rotationsachse eines sich drehenden Körpers. Diese Achse steht nicht fest in dem Sinne, daß sie festgehalten wird, aber die Bewegung um sie herum bestimmt sie als unbewegt.

153. Niemand hat mich gelehrt, daß meine Hände nicht verschwinden, wenn ich auf sie nicht aufpasse. Noch kann man sagen, ich setze die Wahrheit dieses Satzes bei meinen Behauptungen etc. voraus (als ruhten sie auf ihm), während er erst durch unser anderweitiges Behaupten Sinn erhält.

154. Es gibt Fälle solcher Art, daß, wenn Einer dort Zeichen des Zweifels gibt, wo wir nicht zweifeln, wir seine Zeichen nicht mit Sicherheit als Zeichen des Zweifels verstehen können.

D. h.: Damit wir seine Zeichen des Zweifels als solche verstehen, darf er sie nur in bestimmten Fällen geben und nicht in andern.

155. Der Mensch kann sich unter gewissen Umständen nicht *irren*. ("Kann" ist hier logisch gebraucht, und der Satz sagt nicht, daß unter diesen Umständen der Mensch nichts Falsches sagen kann.) Wenn Moore das Gegenteil von jenen Sätzen aussagte, die er für gewiß erklärt, würden wir nicht nur nicht seiner Meinung sein, sondern ihn für geistesgestört halten.

156. Damit der Mensch sich irre, muß er schon mit der Menschheit konform urteilen.

157. Wie, wenn ein Mensch sich nicht erinnern könnte, ob er immer fünf Finger oder zwei Hände gehabt hat? Würden wir ihn verstehen? Könnten wir sicher sein, daß wir ihn verstehen?

158. Kann ich mich z. B. darin irren, daß die einfachen Worte, die diesen Satz bilden, deutsche Wörter sind, deren Bedeutung ich kenne?

159. Wir lernen als Kinder Fakten, z. B. daß jeder Mensch ein Gehirn hat, und wir nehmen sie gläubig hin. Ich glaube, daß es eine Insel, Australien, gibt von der und der Gestalt usw. usw., ich glaube, daß ich Urgroßeltern gehabt habe, daß die Menschen, die sich für meine Eltern

152. Não aprendo explicitamente as proposições que são pacíficas para mim. Posso *encontrá-las* depois como o eixo de rotação de um corpo giratório. Esse eixo não é fixo no sentido de que é mantido firme, mas é o movimento em torno dele que determina a sua imobilidade.

153. Ninguém me ensinou que minhas mãos não desaparecem se eu não olhar para elas. Tampouco se pode dizer que eu pressuponho a verdade dessa proposição em minhas afirmações, etc. antecipadamente (como se elas se apoiassem nisso), ao passo que ela só faz sentido por meio de nossas outras afirmações.

154. Há casos de tal natureza que, se alguém der sinais de dúvida onde não duvidamos, não podemos entender com certeza seus sinais como sinais de dúvida.

Isso quer dizer que: para que possamos entender seus sinais de dúvida como tais, ele deve dá-los apenas em certos casos e não em outros.

155. Em determinadas circunstâncias, uma pessoa não pode estar *errada* (“pode” é usado aqui logicamente, e a proposição não diz que, nessas circunstâncias, a pessoa não pode dizer nada de errado). Se Moore dissesse o oposto das proposições que ele declara serem certas, nós não apenas discordaríamos dele, mas o considerariamos insano.

156. Para que uma pessoa erre, ela já deve julgar em conformidade com a humanidade.

157. E se uma pessoa não conseguisse se lembrar se sempre teve cinco dedos ou duas mãos? Nós a entenderíamos? Poderíamos ter certeza de que a entendemos?

158. Posso estar enganado, por exemplo, quanto ao fato de que as palavras simples que formam essa frase são palavras em português cuja significação eu conheço?

159. Aprendemos fatos quando crianças, como, por exemplo, que todo ser humano tem um cérebro, e acreditamos piamente neles. Acredito que existe uma ilha, a Austrália, com tal e tal formato etc., etc., acredito que tive bisavós, que as pessoas que diziam ser meus

ausgaben, wirklich meine Eltern waren, etc. Dieser Glaube mag nie ausgesprochen, ja, der Gedanke, daß es so ist, nie gedacht werden.

160. Das Kind lernt, indem es dem Erwachsenen glaubt. Der Zweifel kommt *nach* dem Glauben.

161. Ich habe eine Unmenge gelernt und es auf die Autorität von Menschen angenommen, und dann manches durch eigene Erfahrung bestätigt oder entkräftet gefunden.

162. Was in Lehrbüchern, der Geographie z. B. steht, halte ich im allgemeinen für wahr. Warum? Ich sage: Alle diese Fakten sind hundertmal bestätigt worden. Aber wie weiß ich das? Was ist meine Evidenz dafür? Ich habe ein Weltbild. Ist es wahr oder falsch?

Es ist vor allem das Substrat alles meines Forschens und Behauptens. Die Sätze, die es beschreiben, unterliegen nicht alle gleichermaßen der Prüfung.

163. Prüft jemand je, ob dieser Tisch hier stehenbleibt, wenn niemand auf ihn achtgibt? Wir prüfen die Geschichte Napoleons, aber nicht, ob alle Berichte über ihn auf Sinnestrug, Schwindel u. dergl. beruhen. Ja, wenn wir überhaupt prüfen, setzen wir damit schon etwas voraus, was nicht geprüft wird. Soll ich nun sagen, das Experiment, das ich etwa zur Prüfung eines Satzes mache, setze die Wahrheit des Satzes voraus, daß hier wirklich der Apparat steht, welchen ich zu sehen glaube (u. dergl.)?

164. Hat das Prüfen nicht ein Ende?

165. Ein Kind könnte zu einem andern sagen "Ich weiß, daß die Erde schon viele hundert Jahre alt ist", und das hieße: Ich habe es gelernt.

166. Die Schwierigkeit ist, die Grundlosigkeit unseres Glaubens einzusehen.

167. Daß unsre Erfahrungsaussagen nicht alle gleichen Status haben, ist klar, da man so einen Satz festlegen und ihn vom Erfahrungssatz zu einer Norm⁶³ der Beschreibung machen kann.

63. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 35v): Regel (regra).

pais eram meus pais, etc. Essa crença pode nunca ter sido expressa; e mesmo o pensamento de que é assim nunca ter sido pensado.

160. A criança aprende acreditando no adulto. A dúvida vem *depois* da crença.

161. Apreendi muita coisa e as aceitei com base na autoridade das pessoas, e depois descobri que algumas delas foram confirmadas ou invalidadas pela minha própria experiência.

162. Eu geralmente considero verdadeiro o que está escrito nos livros didáticos, por exemplo, de geografia. Por quê? Eu digo: Todos esses fatos foram confirmados centenas de vezes. Mas como sei disso? Qual é a minha evidência para isso? Eu tenho uma imagem de mundo. Ela é verdadeira ou falsa? Acima de tudo, ela é o substrato de todas as minhas pesquisas e afirmações. As proposições que a descrevem não estão todas igualmente sujeitas à comprovação.

163. Alguém já verificou se essa mesa permanece aqui se ninguém prestar atenção nela? Verificamos a história de Napoleão, mas não se todos os relatos sobre ele se baseiam em uma ilusão, farsa e coisas do gênero. Na verdade, se fizemos alguma verificação, já estaremos pressupondo algo que não foi verificado. Devo dizer agora que o experimento que faço para verificar uma proposição, por exemplo, pressupõe a verdade da proposição de que aqui está realmente o aparato que acredito ver (e coisas do gênero)?

164. Não há um fim para as verificações?

165. Uma criança poderia dizer a outra: “Eu sei que a Terra tem muitas centenas de anos”, e isso significaria: “Eu aprendi isso”.

166. A dificuldade é reconhecer a falta de fundamento de nossa crença.

167. É claro que nossos enunciados empíricos não têm todos o mesmo status, pois é possível definir uma proposição e transformá-la de proposição empírica em norma de descrição.

Pense nas investigações químicas. Lavoisier realiza experimentos com substâncias em seu laboratório e agora conclui que isso e aquilo

Denk an chemische Untersuchungen. Lavoisier macht Experimente mit Stoffen in seinem Laboratorium und schließt nun, daß bei der Verbrennung dies und jenes geschehe. Er sagt nicht, daß es ja ein andermal anders zugehen könne. Er ergreift ein bestimmtes Weltbild, ja, er hat es natürlich nicht erfunden, sondern als Kind gelernt. Ich sage Weltbild und nicht Hypothese, weil es die selbstverständliche Grundlage seiner Forschung ist und als solche auch nicht ausgesprochen wird.

168. Aber welche Rolle spielt nun die Voraussetzung, daß ein Stoff A auf einen Stoff B unter gleichen Umständen immer gleich reagiert? Oder gehört das zur Definition eines Stoffs?

169. Man könnte meinen, es gäbe Sätze, welche aussprechen, daß eine⁶⁴ Chemie *möglich* ist. Und das wären Sätze einer Naturwissenschaft. Denn worauf sollen sie sich stützen, wenn nicht auf Erfahrung?

170. Ich glaube, was mir Menschen in einer gewissen Weise übermitteln. So glaube ich geographische, chemische, geschichtliche Tatsachen etc.

So *lerne* ich die Wissenschaften.

Ja, lernen beruht natürlich auf glauben.

Wer gelernt hat, der Mont Blanc sei 4000 m hoch, wer es auf der Karte nachgesehen hat, sagt nun, er *wisse* es.

Und kann man nun sagen: Wir messen unser Vertrauen so zu,⁶⁵ weil es sich so bewährt hat?

171. Ein Hauptgrund für Moore anzunehmen, daß er nicht auf dem Mond war, ist der, daß niemand auf dem Mond war und hinkommen *konnte*; und das glauben wir auf Grund dessen, was wir lernen.

172. Vielleicht sagt man “Es muß doch ein Prinzip diesem Vertrauen zugrunde liegen”, aber was kann so ein Prinzip leisten? Ist es mehr als ein Naturgesetz des ‘Fürwahrhaltens’?

64. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 36v): die (a).

65. Há a seguinte variante riscada no MS 174 (p. 36v): schenken unser Vertrauen dort (depositamos aí nossa confiança).

acontece durante a combustão. Ele não diz que isso poderia acontecer de forma diferente em outro momento. Ele adota uma determinada imagem de mundo, ele não a inventou, é claro, mas a aprendeu quando era criança. Eu digo imagem de mundo e não hipótese, porque ela é a base evidente de sua pesquisa e como tal não é sequer mencionada.

168. Mas qual é o papel da pressuposição de que uma substância A sempre reaja da mesma forma que uma substância B sob as mesmas circunstâncias? Ou isso pertence à definição de uma substância?

169. Pode-se pensar que haja proposições que afirmam que uma química seja *possível*. E essas seriam proposições de uma ciência natural. Em que elas deveriam se basear, senão na experiência?

170. Acredito no que as pessoas me transmitem de uma determinada maneira. Portanto, acredito em fatos geográficos, químicos, históricos, etc.

É assim que *aprendo* as ciências.

Sim, é claro que o aprendizado se baseia na crença.

Qualquer pessoa que tenha aprendido que o Mont Blanc tem 4.000 m de altura, que tenha olhado no mapa, agora diz que *sabe* disso.

E agora podemos dizer que temos essa confiança porque ela se comprovou?

171. Um dos principais motivos para Moore acreditar que não esteve na Lua é o fato de que ninguém esteve na Lua nem *poderia* ter chegado lá; e acreditamos nisso com base no que aprendemos.

172. Talvez alguém diga: “Deve haver um princípio subjacente a essa confiança”, mas o que esse princípio pode proporcionar? É mais do que uma lei natural que a ‘estabelece como verdadeira’?

173. Liegt es denn in meiner Macht, was ich glaube? oder was ich unerschütterlich glaube?

Ich glaube, daß dort ein Sessel steht. Kann ich mich nicht irren? Aber kann ich glauben, daß ich mich irre? ja kann ich es überhaupt in Betracht ziehen? – Und *könnte* ich nicht auch an meinem Glauben festhalten, was immer ich später erfahre?!

Aber ist nun mein Glaube *begründet*?

174. Ich handle mit *voller* Gewißheit. Aber diese Gewißheit ist meine eigene.

175. “Ich weiß es”, sage ich dem Andern; und hier gibt es eine Rechtfertigung. Aber für

meinen Glauben gibt es keine.

176. Statt “Ich weiß es” kann man in manchen Fällen sagen “Es ist so; verlaß dich drauf”. In manchen Fällen aber: “Das habe ich schon vor Jahren gelernt”; und manchmal:

“Ich bin sicher, daß es so ist.”

177. Was ich weiß, das glaube ich.

178. Der falsche Gebrauch, den Moore von dem Satz⁶⁶ “Ich weiß ...” macht, liegt darin, daß er ihn als eine Äußerung betrachtet, die so wenig anzuzweifeln ist wie etwa “Ich habe Schmerzen”.⁶⁷ Und da aus “Ich weiß, daß es so ist” folgt “Es ist so”, so kann also auch dies nicht angezweifelt werden.

179. Es wäre richtig zu sagen: “Ich glaube ...” hat subjektive Wahrheit; aber “Ich weiß...” nicht.

180. Oder auch: “Ich glaube ...” ist eine Äußerung, nicht aber “Ich weiß...”.⁶⁸

181. Wie, wenn Moore statt “Ich weiß ...” gesagt hätte “Ich schwöre...”?

66. Há a seguinte variante riscada no MS 174 (p. 37v): von der Äußerung (da declaração).

67. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 38r): “Ich glaube, daß ...” (“Eu acredito que...”).

68. Há a seguinte variante riscada no MS 174 (p. 38r): “Ich weiß ...” nicht. (“Eu sei...” não).

173. Está em meu poder aquilo em que acredito? Ou o que eu acredito inabalavelmente?

Acredito que há uma poltrona ali. Será que não posso estar enganado? Mas posso acreditar que estou errado? Sim, posso até considerar isso? – E não *poderia* também manter minha crença, independentemente do que eu descobrir depois?

Mas será que minha crença é *fundamentada*?

174. Ajo com *total* certeza. Mas essa é minha própria certeza.

175. “Eu sei disso”, digo à outra pessoa; e aqui há uma justificativa. Mas para minha crença não há nenhuma.

176. Em vez de “eu sei isso”, em alguns casos você pode dizer “É assim; acredite nisso”. Mas em alguns casos: “Eu aprendi isso anos atrás”; e às vezes: “Tenho certeza de que é assim”.

177. Eu acredito no que eu sei.

178. O uso equivocado que Moore faz da proposição “Eu sei ...” é que ele a considera como um enunciado, o qual é tão pouco duvidoso quanto, digamos, “Estou com dor”. E como de “Eu sei que é assim” segue-se “é assim”, então, esta também não pode ser posta em dúvida.

179. Seria correto dizer: “Eu acredito ...” tem verdade subjetiva; mas “Eu sei ...” não a tem.

180. Ou também: “Eu acredito...” é uma declaração, mas não “Eu sei...”.

181. E se Moore ao invés de “Eu sei...” tivesse dito “Eu juro...”?

182. Die primitivere Vorstellung ist, daß die Erde *nie* einen Anfang genommen hat. Kein Kind hat Grund, sich zu fragen, wie lange es die *Erde* schon gegeben hat, weil aller Wandel *auf*ihr vor sich geht. Wenn das, was man die Erde nennt, wirklich einmal entstanden⁶⁹ ist, was schwer genug vorzustellen ist, so nimmt man den Anfang natürlich in unvordenklicher Zeit an.

183. “Es ist sicher, daß Napoleon nach der Schlacht bei Austerlitz ... Nun, dann ist es doch auch sicher, daß die Erde damals existiert hat.”

184. “Es ist sicher, daß wir nicht vor 100 Jahren von einem andern Planeten auf diesen herabgekommen sind.” Nun, so sicher, als eben solche Sachen sind.

185. Es käme mir lächerlich vor, die Existenz Napoleons bezweifeln zu wollen; aber wenn Einer die Existenz der Erde vor 150 Jahren bezweifelte, wäre ich vielleicht eher bereit aufzuhorchen, denn nun bezweifelt er unser ganzes System der Evidenz. Es kommt mir nicht vor, als sei dies System sicherer als eine Sicherheit⁷⁰ in ihm.

186. “Ich könnte annehmen, daß Napoleon nie existiert hat und eine Fabel⁷¹ ist, aber nicht, daß die *Erde* vor 150 Jahren nicht existiert hat.”

187. “*Weißt* du, daß die Erde damals existiert hat?” – “Freilich weiß ich’s. Ich habe es von jemandem, der sich genau auskennt.”

188. Es kommt mir vor, als müßte der, welcher an der Existenz der Erde zu jener Zeit zweifelt, das Wesen aller historischer Evidenz antasten. Und von dieser kann ich nicht sagen, sie sei bestimmt *richtig*.

189. Einmal muß man von der Erklärung auf die bloße Beschreibung kommen.

190. Was wir historische Evidenz nennen, deutet darauf hin, die Erde habe schon lange vor meiner Geburt existiert; – die entgegengesetzte Hypothese hat *nichts* für sich.

69. Há a seguinte variante no MS 174 (p. 38v): geworden (tornou-se).

70. Há a seguinte variante riscada no MS 174 (p. 39r): Wahrheit (Verdade).

71. Há a seguinte variante riscada no MS 174 (p. 39r): Erfindung (invenção).

182. A ideia mais primitiva é que a Terra *nunca* teve um começo. Nenhuma criança tem motivos para se perguntar há quanto tempo a Terra existe, pois todas as mudanças ocorrem *nela*. Se o que chamamos de Terra realmente teve um início em algum momento, o que é bastante difícil de se imaginar, o início se deu naturalmente em um tempo impensável.

183. “É certo que Napoleão, após a batalha de Austerlitz ... Bem, então também é certo que a Terra existia naquela época.”

184. “É certo que não viemos de outro planeta para este há 100 anos”. Bem, tão certo quanto outras coisas como essa.

185. Para mim pareceria ridículo duvidar-se da existência de Napoleão; mas se alguém duvidasse da existência da Terra há 150 anos, talvez eu estivesse mais disposto a prestar-lhe atenção, porque, neste caso, ele duvida de todo o nosso sistema de evidências. Não me parece que esse sistema seja mais certo do que uma certeza nele contida.

186. “Eu poderia supor que Napoleão nunca existiu e é uma fábula, mas não que a Terra não existia há 150 anos.”

187. “Você *sabe* que a Terra existia naquela época?” – “É claro que eu sei. Eu obtive isso de alguém que sabe exatamente isso.”

188. Parece-me que aquele que duvida da existência da Terra naquela época teria que pôr em xeque a essência de todas as evidências históricas. E sobre isso não posso dizer que estavam definitivamente *corretas*.

189. Em algum momento, deve-se passar da explicação para a mera descrição.

190. Aquilo a que chamamos de evidência histórica indica que a Terra existia muito antes de meu nascimento; – a hipótese contrária não tem *nada* a seu favor.

191. Wenn nun alles für eine Hypothese, nichts gegen sie spricht – ist sie dann gewiß wahr? Man kann sie so bezeichnen. – Aber stimmt sie gewiß mit der Wirklichkeit, den Tatsachen, überein? – Mit dieser Frage bewegst du dich schon im Kreise.

192. Es gibt freilich Rechtfertigung; aber die Rechtfertigung hat ein Ende.

193. Was heißt: die Wahrheit eines Satzes sei *gewiß*?

194. Mit dem Wort “gewiß” drücken wir die völlige⁷² Überzeugung, die Abwesenheit jedes Zweifels aus, und wir suchen damit den Andern zu überzeugen.⁷³ Das ist *subjektive* Gewißheit.

Wann aber ist etwas objektiv gewiß? – Wenn ein Irrtum nicht möglich ist. Aber was für eine Möglichkeit ist das? Muß der Irrtum nicht *logisch* ausgeschlossen sein?

195. Wenn ich glaube, in meinem Zimmer zu sitzen, und es ist nicht so, dann wird man nicht sagen, ich habe mich *geirrt*: Aber was ist der wesentliche Unterschied eines Irrtums von diesem Fall?

196. Sichere Evidenz ist die, die wir als unbedingt sicher *annehmen*, nach der wir mit Sicherheit ohne Zweifel *handeln*.

Was wir “Irrtum” nennen, spielt eine ganz bestimmte⁷⁴ Rolle in unsern Sprachspielen, und was wir als sichere Evidenz betrachten, auch.

197. Unsinn⁷⁵ aber wäre es zu sagen, wir betrachten etwas als sichere Evidenz, weil es gewiß wahr ist.

198. Wir müssen vielmehr die Rolle der Entscheidung für und gegen einen Satz erst bestimmen.⁷⁶

72. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 1r): vollkommene (perfeita).

73. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 1r): überreden (persuadir).

74. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 2r): spezielle (especial).

75. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 2r): Falsch (falso).

76. No MS 175 (p. 2r), há a seguinte variante riscada: [die Rolle von] Bejahung & Verneinung erst bestimmen (primeiramente determinar o papel da afirmação e da negação).

No MS 175 (p. 2v), a escrita de bestimmen está rasurada. A edição de Anscombe e Von Wright optou por betrachten (considerar). Parece-nos, no entanto, que a rasura se deve ao acréscimo posterior do segundo m de bestimmen.

191. Se tudo fala a favor de uma hipótese e nada contra ela – ela é, então, com certeza verdadeira? Ela pode ser designada como tal. – Mas ela, com certeza, está de acordo com a realidade, com os fatos? – Com essa pergunta, você já está andando em círculos.

192. Há, é claro, justificativa, mas a justificativa tem um fim.¹⁰

193. O que significa dizer que a verdade de uma proposição é *certa*?¹¹

194. Com a palavra “certeza”, expressamos total convicção, ausência de qualquer dúvida, e procuramos convencer a outra pessoa. Isso é certeza *subjetiva*.

Mas quando algo é uma certeza objetiva? – Quando um erro não é possível. Mas que tipo de possibilidade é essa? O erro não deve ser *logicamente* excluído?

195. Se acredito que estou sentado em meu quarto e não estiver, não se dirá que *errei*: mas qual é a diferença essencial entre um erro e esse caso?

196. Uma evidência certa é aquela que *aceitamos* como absolutamente certa, de acordo com a qual *agimos* com segurança, sem qualquer dúvida.

O que chamamos de “erro” desempenha um papel muito específico em nossos jogos de linguagem, assim como o que consideramos como uma evidência certa.

197. Mas seria um absurdo dizer que consideramos algo como evidência certa porque é com certeza verdadeiro.

198. Em vez disso, primeiramente, devemos determinar o papel da decisão a favor e contra uma proposição.

10. Encerra-se aqui a parte derivada do MS 174.

11. O conjunto de parágrafos de 193 a 425 deriva do MS 175, pp. 1r - 79r (78r - 78v).

199. Der Gebrauch von “wahr oder falsch” hat darum etwas Irreführendes, weil es ist, als sagte man “es stimmt mit den Tatsachen überein oder nicht”, und es sich doch gerade fragt, was “Übereinstimmung” hier ist.

200. “Der Satz ist wahr oder falsch” heißt eigentlich nur, es müsse eine Entscheidung für oder gegen ihn möglich sein. Aber das sagt nicht, wie der Grund zu so einer Entscheidung aussieht.⁷⁷

201. Denk, jemand fragte: “Ist es wirklich richtig, daß wir uns auf die Evidenz unsres Gedächtnisses (oder unsrer Sinne) verlassen, wie wir es tun?”

202. Moores gewisse Sätze sagen beinahe aus, wir hätten ein Recht, uns auf diese Evidenz zu verlassen.

203. [Alles, was wir als Evidenz betrachten, deutet darauf hin, die Erde habe schon lange vor meiner Geburt existiert. Die entgegengesetzte Hypothese hat *keinerlei* Bekräftigung.⁷⁸

Wenn auch alles *für* eine Hypothese, nichts gegen sie spricht, – ist sie *gewiß* wahr?⁷⁹ Man kann sie so *nennen*. Aber stimmt sie *unbedingt*⁸⁰ mit der ‘Welt der Tatsachen’⁸¹ überein? Sie zeigt uns bestenfalls, was “übereinstimmen” heißt. Wir finden es schwierig, sie uns (als) falsch vorzustellen, aber auch schwierig, eine Anwendung von ihr zu machen.

--- Mit dieser Frage bewegst Du Dich schon im Kreise]⁸²

Worin besteht denn diese Übereinstimmung,⁸³ wenn nicht darin, daß, was in diesen Sprachspielen Evidenz ist, für unseren Satz spricht? (*Log. Phil. Abh.*)

77. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 2v): aus welchem Grunde man sich für oder gegen ihn entscheidet (por qual razão se decide a favor ou contra).

78. Há as seguintes variantes no MS 175 (p. 3v): entbehrt jeder Grundlage. || hat nichts für sich. (não possui qualquer fundamento. || não tem nada a favor).

79. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 4r): objektiv (objetivamente). A edição de Anscombe e Von Wright optou por “objektiv wahr”, o que não nos parece ser o caso.

80. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 4r): gewiß (com certeza).

81. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 4r): mit den Tatsachen || dem Tatsächlichen (com os fatos || com o real). As aspas simples foram omitidas na edição de Anscombe e Von Wright.

82. Todo o trecho que se encontra em colchetes foi riscado por Wittgenstein (MS 175, p. 3v - 4v), tendo sido incorporado também pela edição de Anscombe e Von Wright.

83. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 4v): eines solchen Satzes mit den Tatsachen (de uma tal proposição com os fatos).

199. O uso de “verdadeiro ou falso” tem algo de enganoso, porque é como se disséssemos “concorda ou discorda dos fatos” e, no entanto, a questão aqui é o que é “concordância”.

200. “A proposição é verdadeira ou falsa” na verdade significa apenas que deve ser possível tomar uma decisão a favor ou contra ela. Mas isso não diz como a razão para tal decisão se parece.

201. Suponha que alguém tenha perguntado: “É realmente correto confiarmos na evidência de nossa memória (ou de nossos sentidos) como o fazemos?”.

202. As proposições certas de Moore quase dizem que temos o direito de confiar nessas evidências.

203. [Tudo que consideramos como evidência indica que a Terra existia muito antes do meu nascimento. A hipótese oposta não tem *qualquer* tipo de corroboração.

Mesmo que tudo seja *a favor* de uma hipótese e nada contra ela, ela é *certamente* verdadeira?

Poder-se-ia *chamá-la* assim. Mas será que ela corresponde *necessariamente* ao mundo dos fatos? Na melhor das hipóteses, ela nos mostra o que significa “concordar”. Acharmos difícil imaginá-la (como) falsa, mas também é difícil fazer uma aplicação dela.

--- Com essa pergunta, você já está andando em círculos].

Em que consiste essa concordância, a não ser no fato de que o que é evidência nesses jogos de linguagem fala a favor de nossa proposição? (*Tractatus Logico-Philosophicus*).

204. Die Begründung aber, die Rechtfertigung der Evidenz⁸⁴ kommt zu einem Ende; – das Ende aber ist nicht, daß uns gewisse Sätze unmittelbar als wahr einleuchten, also eine Art *Sehen* unsrerseits, sondern unser *Handeln*, welches am Grunde des Sprachspiels liegt.

205. Wenn das Wahre das Begründete ist, dann ist der Grund nicht *wahr*, noch falsch.⁸⁵

206. Wenn Einer uns fragte “Aber ist das *wahr*?”, könnten wir ihm sagen “Ja”; und wenn er Gründe verlangte, so könnten wir sagen “Ich kann dir keine Gründe geben, aber wenn du mehr lernst, wirst du auch dieser Meinung sein”.

Käme es nun nicht dahin, so hieße das, daß er, z. B. Geschichte nicht lernen kann.

207. “Seltsamer Zufall, daß alle die Menschen, deren Schädel man geöffnet hat,⁸⁶ ein Gehirn hatten!”

208. Ich habe ein Telefongespräch mit New York. Mein Freund teilt mir mit, daß seine Bäumchen die und die Knospen tragen. Ich bin nun überzeugt, das Bäumchen sei ... Bin ich auch überzeugt, die Erde existiere?

209. Daß die Erde existiert, ist vielmehr ein Teil des ganzen *Bildes*, das den Ausgangspunkt⁸⁷ meines Glaubens bildet.

210. Bekräftigt mein Telefongespräch mit N. Y. meine Überzeugung, daß die Erde existiert?

Manches scheint uns festzustehen, und es scheidet aus dem Verkehr aus. Es wird sozusagen auf ein totes Geleise verschoben.⁸⁸

84. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 4v): des Sprachspiels (do jogo de linguagem).

85. Parágrafo inteiramente riscado no MS 175 (p. 5r).

86. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 5v): in deren Kopf man geschaut (cuja cabeça foi examinada).

87. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 6r): die Basis (a base).

88. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 6v): geschoben (empurradas).

204. Mas a fundamentação, a justificativa da evidência, chega a um fim; – o fim, entretanto, não é que certas proposições sejam imediatamente aparentes para nós como verdadeiras, isto é, um modo de *ver* de nossa parte, mas nossa *ação*, que está na base do jogo de linguagem.

205. Se o verdadeiro é o que é fundamentado, então o fundamento não é *verdadeiro* nem falso.

206. Se alguém nos perguntasse: “Mas isso é *verdadeiro*?”, poderíamos lhe dizer: “Sim”; e se ele exigisse razões, poderíamos dizer: “Não posso lhe dar nenhuma razão, mas se você aprender mais, também terá essa opinião”.

Se isso não acontecesse, isso significaria que ele não poderia aprender história, por exemplo.

207. “Estranha coincidência o fato de que todas as pessoas cujo crânio foi aberto tivessem um cérebro!”.

208. Faço uma ligação telefônica para Nova Iorque. Meu amigo me diz que suas pequenas árvores estão produzindo brotos. Agora estou convencido de que as pequenas árvores são ... Também estou convencido de que a Terra existe?

209. Que a Terra exista é parte da *imagem* global que forma o ponto de partida da minha crença.

210. Minha conversa telefônica com N. Y. reitera minha convicção de que a Terra existe?

Algumas coisas nos parecem certas e são eliminadas de circulação. São, por assim dizer, deslocadas para uma trilha inutilizada.

211. Es gibt nun unsern Betrachtungen, unsern Forschungen ihre Form. Es war vielleicht einmal umstritten. Vielleicht aber hat es seit unvordenklichen Zeiten zum *Gerüst* aller unsrer Betrachtungen gehört. (Jeder Mensch hat Eltern.)

212. Wir betrachten z.B. eine Rechnung unter gewissen Umständen als genügend⁸⁹ kontrolliert. Was gibt uns dazu ein Recht? Die Erfahrung? Könnte sie uns nicht täuschen? Wir müssen irgendwo mit dem Rechtfertigen Schluß machen,⁹⁰ und dann bleibt der Satz: daß wir *so* rechnen.

213. Unsre 'Erfahrungssätze' bilden nicht eine homogene Masse.

214. Was hindert mich anzunehmen,⁹¹ daß dieser Tisch, wenn ihn niemand betrachtet, entweder verschwindet oder seine Form und Farbe verändert und nun, wenn ihn wieder jemand ansieht, in seinen alten Zustand zurückkehrt? – "Wer wird aber auch so etwas annehmen!" – möchte man sagen.

215. Hier sehen wir,⁹² daß die Idee⁹³ von der 'Übereinstimmung mit der Wirklichkeit' keine klare Anwendung hat.⁹⁴

216. Der Satz "Es ist geschrieben".

217. Wer annähme, daß *alle* unsre Rechnungen unsicher seien und daß wir uns auf keine verlassen können (mit der Rechtfertigung, daß Fehler überall möglich sind), würden wir vielleicht für verrückt erklären. Aber können wir sagen, er sei im Irrtum? Reagiert er nicht einfach anders: wir verlassen uns darauf, er nicht, wir sind sicher, er nicht.

218. Kann ich für einen Augenblick glauben, ich sei je in der Stratosphäre gewesen? Nein. So *weiß* ich das Gegenteil, – wie Moore?

89. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 7r): hinlänglich (suficientemente).

90. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 7r): enden (terminar).

91. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 7v): Was spricht dagegen (O que fala contra).

92. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 7v): zeigt sich (se mostra).

93. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 8r): der Begriff (o conceito).

94. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 8r): nicht recht klar ist (não é bastante clara).

211. Elas dão forma às nossas considerações e pesquisas. Talvez, alguma vez, tenham sido controversas. Mas talvez, desde tempos imemoriais, tenham formado a *estrutura* de todas as nossas considerações. (Todo ser humano tem pais).

212. Em determinadas circunstâncias, por exemplo, consideramos que uma conta é conferida o bastante. O que nos dá direito a fazer isso? A experiência? Ela não poderia nos enganar? Em algum ponto devemos pôr um fim à justificação e então permanece a proposição: é *assim* que calculamos.

213. Nossas ‘proposições empíricas’ não formam uma massa homogênea.

214. O que me impede de supor que esta mesa, quando ninguém está olhando para ela, desaparece ou muda de forma e de cor e, então, quando alguém olha para ela novamente, retorna ao seu estado anterior? – “Mas quem pressuporia uma coisa dessas!” – Alguém poderia dizer.

215. Aqui vemos que a ideia de ‘concordância com a realidade’ não tem uma aplicação clara.

216. A proposição “Está escrito”.

217. Se alguém supusesse que *todos* os nossos cálculos são incertos e que não podemos confiar em nenhum (com a justificativa de que erros são sempre possíveis), talvez pudéssemos declará-lo louco. Mas podemos dizer que ele está errado? Não reage ele simplesmente de forma diferente: nós confiamos nos cálculos, ele não, nós temos certeza, ele não.

218. Posso acreditar, por um momento, que já estive na estratosfera? Não. Então, eu *sei* o contrário, – como Moore?

219. Es kann für mich, als vernünftigen Menschen, kein Zweifel darüber bestehen. – Das ist es eben. –

220. Der vernünftige Mensch hat gewisse Zweifel *nicht*.

221. Kann ich zweifeln, woran ich zweifeln *will*?⁹⁵

222. Ich kann, daß ich nie in der Stratosphäre war, unmöglich bezweifeln. Weiß ich es darum, ist es darum wahr?

223. Könnte ich nicht eben verrückt sein und das nicht bezweifeln, was ich unbedingt bezweifeln sollte.

224. “Ich *weiß*, daß es nie geschehen ist, denn wäre es geschehen, so hätte ich es unmöglich vergessen können.”

Aber, angenommen, es wäre geschehen, so hättest du’s eben doch vergessen. Und wie weißt du, daß du’s unmöglich hättest vergessen können? Nicht bloß aus früherer Erfahrung?

225. Das, woran ich festhalte, ist nicht *ein* Satz, sondern ein Nest von Sätzen.

226. Kann ich die Annahme, ich sei einmal auf dem Mond⁹⁶ gewesen, überhaupt einer ernsten Betrachtung würdigen?

227. “Ist denn das etwas, was man vergessen kann?!”

228. “Unter solchen Umständen sagen die Menschen nicht: ‘Vielleicht haben wir’s alle vergessen’ und dergleichen, sondern sie nehmen an ...”

229. Unsre Rede erhält durch unsre übrigen Handlungen ihren Sinn.

230. Wir fragen uns: Was machen wir mit einer Aussage “Ich *weiß* ...”? Denn uns handelt sich’s nicht um Vorgänge oder Zustände des Geistes.

Und so muß man entscheiden, ob etwas ein Wissen ist oder keines.

231. Wenn einer bezweifelte, ob die Erde vor 100 Jahren existiert hat, so verstünde ich das *darum* nicht, weil ich nicht wüßte, was dieser noch als Evidenz gelten ließe und was nicht.

95. Há, em continuação ao parágrafo, uma anotação riscada por Wittgenstein (MS 175, p. 9r): (Oder glauben, woran ich glauben will?) (Ou acreditar no que eu quero acreditar?).

96. No MS 175 (p. 10r), há a seguinte variante: Nordpol (Polo Norte).

219. Como pessoa razoável, não há qualquer dúvida para mim sobre isso. – É isso mesmo –

220. A pessoa razoável *não* tem certas dúvidas.

221. Posso duvidar do que *quero* duvidar?

222. É impossível duvidar de que nunca estive na estratosfera. É por isso que eu sei disso? É por isso que é verdadeiro?

223. Eu não poderia simplesmente estar louco e não duvidar do que eu absolutamente deveria duvidar?

224. “Eu *sei* que isso nunca aconteceu, pois se tivesse acontecido, eu não poderia ter esquecido.”

Mas, supondo que tivesse acontecido, você teria esquecido, afinal. E como você sabe que não poderia tê-lo esquecido? Não seria apenas pela experiência anterior?

225. Aquilo a que me agarro não é *uma* proposição, mas uma rede de proposições.

226. Posso considerar seriamente a suposição de que já estive na Lua?

227. “Isso é algo que se pode esquecer?!”

228. “Em tais circunstâncias, as pessoas não dizem: ‘Talvez tenhamos todos nos esquecido’ e coisas do gênero, mas supõem ...”

229. Nossa fala adquire seu sentido por meio de nossas demais ações.

230. Nós nos perguntamos: o que fazemos com uma declaração “Eu *sei...*”? Porque não se trata de processos ou estados mentais.

E, *portanto*, temos de decidir se algo é conhecimento ou não.

231. Se alguém duvidasse da existência da Terra há 100 anos, eu não entenderia *porque* não saberia o que ele ainda aceitaria como evidência e o que não.

232. “Jedes einzelne dieser Fakten könnten wir bezweifeln, aber *alle* können wir nicht bezweifeln.”

Wäre es nicht richtiger zu sagen: “*alle* bezweifeln wir nicht”.

Daß wir sie nicht alle bezweifeln, ist eben die Art und Weise, wie wir urteilen, also handeln.

233. Wenn ein Kind mich fragte, ob es die Erde schon vor meiner Geburt gegeben hat, so würde ich ihm antworten, die Erde existiere nicht erst seit meiner Geburt, sondern sie habe schon lang, lang vorher existiert. Und dabei hätte ich das Gefühl, etwas Komisches zu sagen. Etwa, wie wenn das Kind gefragt hätte, ob der und der Berg höher sei als ein hohes Haus, das es gesehen hat. Ich könnte nur dem jene Frage beantworten, dem ich ein Weltbild erst beibrächte.

Wenn ich nun die Frage mit Sicherheit so⁹⁷ beantworte, was gibt mir diese Sicherheit?

234. Ich glaube, daß ich Ahnen habe und daß jeder Mensch sie hat. Ich glaube, daß es verschiedene Städte gibt, und überhaupt an die Hauptdaten der Geographie und der Geschichte. Ich glaube, daß die Erde ein Körper ist, auf dessen Oberfläche wir uns bewegen, und daß er sowenig plötzlich verschwindet oder dergl. wie irgend ein anderer fester Körper: dieser Tisch, dieses Haus, dieser Baum etc. Wenn ich an der Existenz der Erde lang vor meiner Geburt zweifeln wollte, müßte ich alles mögliche bezweifeln, was mir feststeht.

235. Und daß mir etwas feststeht, hat seinen Grund nicht in meiner Dummheit oder Leichtgläubigkeit.

236. Wenn Einer sagte “Die Erde hat nicht schon lange ...” – was würde er damit antasten? Weiß ich’s?

Müßte es ein sogenannter wissenschaftlicher Glaube sein? Könnte es kein mystischer sein? Muß er damit unbedingt geschichtlichen Tatsachen widersprechen? Ja, selbst geographischen?

97. A edição de Anscombe e Von Wright omite *so* (assim) presente no MS 175 (p. 12r).

232. “Poderíamos duvidar de cada um desses fatos, mas não podemos duvidar de *todos*.”

Não seria mais correto dizer: “Não duvidamos de *todos*”?

O fato de não duvidarmos de todos é simplesmente a maneira pela qual julgamos, isto é, agimos.

233. Se uma criança me perguntasse se a Terra existia antes de eu nascer, eu responderia que a Terra não apenas existe desde que nasci, mas que ela existia muito, muito antes. E isso me faria sentir como se eu estivesse dizendo algo engraçado. Como se a criança tivesse perguntado se a montanha era mais alta do que uma casa alta que ela tinha visto. Eu só seria capaz de responder a essa pergunta se primeiro lhe transmitisse uma imagem de mundo.

Se agora eu responder à pergunta assim com certeza, o que me dá essa certeza?

234. Acredito que tenho antepassados e que todo ser humano os tem. Acredito que existem cidades diferentes e, em geral, acredito nos principais fatos da geografia e da história. Acredito que a Terra é um corpo em cuja superfície nos movemos, e que ele tampouco desaparece repentinamente ou algo semelhante, como qualquer outro corpo sólido: esta mesa, esta casa, esta árvore, etc. Se eu quisesse duvidar da existência da Terra muito antes de meu nascimento, eu teria que duvidar de tudo o que permanece firme para mim.

235. E que algo seja firme para mim não se deve à minha estupidez ou credulidade.

236. Se alguém dissesse: “A terra não tem muito tempo...” – o que ele estaria contestando? Será que eu sei?

Seria o que chamamos de crença científica? Não poderia ser uma crença mística? Ele precisa necessariamente de contradizer fatos históricos? Ou mesmo fatos geográficos?

237. Wenn ich sage “Dieser Tisch hat vor einer Stunde noch nicht existiert”, so meine ich wahrscheinlich, er sei erst später hergestellt worden.

Sage ich “Dieser Berg hat damals noch nicht existiert”, so meine ich wohl, er habe sich erst später – vielleicht vulkanisch – gebildet.

Sage ich “Dieser Berg hat vor einer halben Stunde noch nicht existiert”, so ist das eine so seltsame Aussage, daß nicht klar ist, was ich meine. Ob ich z. B. etwas Falsches, aber Wissenschaftliches meine. Vielleicht meint man, die Aussage, der Berg habe damals noch nicht existiert, sei ganz klar, wie immer man sich den Zusammenhang denke.

Aber denke, jemand sagte “Dieser Berg hat vor einer Minute noch nicht existiert, sondern ein genau gleicher”. Nur die gewohnte Umgebung läßt es klar erscheinen, was gemeint ist.

238. Ich könnte also den, der sagt, die Erde habe vor seiner Geburt nicht existiert, weiter fragen, um herauszufinden, mit welchen meiner Überzeugungen⁹⁸ er im Widerspruch ist. Und da *könnte* es sein, daß er meinen Grundanschauungen widerspricht. Und wäre es so, so müßte ich’s dabei bewenden lassen.

Ähnlich geht es, wenn er sagt, er sei einmal auf dem Mond gewesen.

239. Ja, ich glaube, daß jeder Mensch zwei menschliche Eltern hat; aber die Katholiken glauben, daß Jesus nur eine menschliche Mutter hatte. Und Andre könnten glauben, es gebe Menschen, die keine Eltern haben, und aller gegenteiligen Evidenz keinen Glauben schenken. Die Katholiken glauben auch, daß eine Oblate unter gewissen Umständen ihr Wesen gänzlich ändert, und zugleich, daß alle Evidenz das Gegenteil beweist. Wenn also Moore sagte “Ich weiß, daß dies Wein und nicht Blut ist”, so würden Katholiken ihm widersprechen.

240. Worauf gründet sich der Glaube, daß alle Menschen Eltern haben? Auf Erfahrung. Und wie kann ich auf meine Erfahrung diesen sichern Glauben gründen? Nun, ich gründe ihn nicht nur darauf, daß ich die Eltern gewisser Menschen kannte, sondern auf alles, was ich

98. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 15r): Meinungen (opiniões).

237. Quando digo: “Essa mesa não existia há uma hora”, provavelmente quero dizer que ela foi feita mais tarde.

Se eu disser: “Essa montanha não existia naquela época”, provavelmente quero dizer que ela foi formada mais tarde, talvez de forma vulcânica.

Se eu disser: “Essa montanha não existia há meia hora”, essa é uma afirmação tão estranha que não fica claro o que quero dizer. Por exemplo, como se eu quisesse dizer algo falso, mas científico. Talvez alguém pense que a afirmação de que a montanha ainda não existia naquela época é bem clara, a depender do contexto considerado.

Mas suponha que alguém tenha dito: “Esta montanha não existia há um minuto, mas uma exatamente idêntica existia”. Somente o contexto familiar deixa claro o que se quer dizer.

238. Eu poderia então continuar perguntando à pessoa que diz que a Terra não existia antes dela ter nascido para descobrir qual das minhas crenças ela está contradizendo. E *poderia* ser que ela esteja contradizendo minhas crenças básicas. E se fosse assim, eu teria que deixar isso de lado.

É semelhante quando ela diz que já esteve na lua.

239. Eu acredito que todo ser humano tem dois pais humanos; mas os católicos acreditam que Jesus teve apenas uma mãe humana. E outros podem acreditar que existem pessoas que não têm pais e não acreditar em todas as evidências em contrário. Os católicos também acreditam que, sob certas circunstâncias, uma hóstia muda completamente sua natureza, ao mesmo tempo em que todas as evidências provam o contrário. Portanto, quando Moore disse “Eu sei que isso é vinho e não sangue”, os católicos discordariam dele.

240. Em que se baseia a crença de que todas as pessoas têm pais? Na experiência. E como posso basear essa crença convicta em minha experiência? Bem, eu a baseio não apenas no fato de ter conhecido os pais de certas pessoas, mas em tudo o que aprendi sobre a vida sexual dos seres humanos e sua anatomia e fisiologia; também no que ouvi e vi sobre os animais. Mas isso é realmente uma prova?

über das Geschlechtsleben von Menschen und ihre Anatomie und Physiologie gelernt habe; auch darauf, was ich von Tieren gehört und gesehen habe. Aber ist das denn wirklich ein Beweis?

241. Ist hier nicht eine Hypothese, die, wie ich *glaube*, sich immer wieder vollkommen bestätigt?

242. Müssen wir nicht auf Schritt und Tritt sagen: “Ich *glaube* dies mit Bestimmtheit”?

243. “Ich weiß ...” sagt man, wenn man bereit ist, zwingende Gründe zu geben. “Ich weiß” bezieht sich auf eine Möglichkeit⁹⁹ des Dartuns¹⁰⁰ der Wahrheit. Ob Einer etwas weiß, läßt sich zeigen, angenommen, daß er davon überzeugt ist.

Ist aber was er glaubt von solcher Art, daß die Gründe, die er geben kann, nicht sicherer sind als seine Behauptung, so kann er nicht sagen, er wisse, was er glaubt.

244. Wenn Einer sagt “Ich habe einen Körper”, so kann man ihn fragen “Wer spricht hier mit diesem Munde?”

245. Zu wem sagt Einer, er wisse etwas? Zu sich selbst oder zu einem Andern. Wenn er’s zu sich selbst sagt, wie unterscheidet es sich von der Feststellung, er sei *gewiß*,¹⁰¹ es verhalte sich so? Es gibt keine subjektive Sicherheit, daß ich etwas weiß. Subjektiv ist die Gewißheit, aber nicht das Wissen. Wenn ich mir also sage “Ich weiß, daß ich zwei Hände habe”, und das soll nicht nur meine subjektive Gewißheit zum Ausdruck bringen, so muß ich mich davon überzeugen¹⁰² können, daß ich recht habe. Aber das kann ich nicht, denn daß ich zwei Hände habe ist nicht weniger gewiß, ehe ich sie angeschaut habe als nachher. Ich könnte aber sagen: “Daß ich zwei Hände habe ist ein unumstößlicher

99. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 17r): Methode (método).

100. A transcrição da edição de Bergen diverge da edição de Anscombe e Von Wright por ter anotado Deutens (interpretar) ao invés de Dartuns (provar). Nesse caso, não há rasura no trecho do MS 175 (p. 17r), apenas dificuldades inerentes à caligrafia de Wittgenstein e nos parece que a grafia correta é a assumida pela edição de Anscombe e Von Wright.

101. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 17v): sicher (estar certo).

102. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 18v): mir beweisen (provar a mim mesmo).

241. Não está aqui uma hipótese que, como *acredito*, foi completamente confirmada várias vezes?

242. Não devemos dizer a cada caso: “*Acredito* nisso com certeza”?

243. “Eu sei...” é dito quando se está preparado para apresentar razões convincentes. “Eu sei” refere-se a uma possibilidade de provar a verdade. Se alguém sabe algo, isso se mostra, supondo que esta pessoa esteja convencida disso.

Mas se o que ela acredita é de tal ordem que as razões que pode apresentar não são mais certas do que sua afirmação, ela não pode dizer que sabe no que acredita.

244. Se alguém disser “Eu tenho um corpo”, pode-se perguntar “Quem está falando aqui com esta boca?”

245. Para quem alguém diz que sabe algo? A si mesmo ou a outro. Se para si mesmo, qual é a diferença de dizer que tem *certeza* de que é assim? Não há garantia subjetiva de que eu saiba algo. A certeza é subjetiva, mas não o conhecimento. Se eu disser para mim mesmo “Eu sei que tenho duas mãos”, e isso não é apenas para expressar minha certeza subjetiva, então devo ser capaz de me convencer de que estou certo. Mas não posso, pois o fato de eu ter duas mãos não é menos certo antes de olhar para elas do que depois. Mas eu poderia dizer: “O fato de eu ter duas mãos é uma crença irrefutável”. Isso significaria que não estou preparado para aceitar nada como contraprova dessa proposição.

Glaube.” Das würde ausdrücken, ich sei nicht bereit, irgend etwas als Gegenbeweis dieses Satzes gelten zu lassen.

246. “Hier bin ich auf einer Grundlage alles meines Glaubens¹⁰³ angelangt.” “Diese Stellung werde ich *halten!*” Aber ist das nicht eben nur, weil ich davon vollkommen überzeugt bin? – Wie ist das: vollkommen überzeugt sein?

247. Wie wäre es, jetzt daran zu zweifeln, daß ich zwei Hände habe? Warum kann ich’s mir gar nicht vorstellen? Was würde ich glauben, wenn ich das nicht glaubte? Ich habe noch gar kein System, worin es diesen Zweifel geben könnte.

248. Ich bin auf dem Boden meiner Überzeugungen angelangt. Und von dieser Grundmauer könnte man beinahe sagen, sie werde vom ganzen Haus getragen.

249. Man macht sich ein falsches Bild vom *Zweifel*.

250. Daß ich zwei Hände habe, ist unter normalen Umständen so sicher wie irgend etwas, was ich als Evidenz dafür anführen könnte.

Ich bin darum außerstande, den Anblick meiner Hand als Evidenz dafür aufzufassen.

251. Heißt das nicht: ich werde unbedingt nach diesem Glauben¹⁰⁴ handeln und mich durch nichts beirren lassen?

252. Aber es ist doch nicht nur, daß *ich* in dieser Weise glaube, daß ich zwei Hände habe, sondern daß jeder Vernünftige das tut.

253. Am Grunde des begründeten Glaubens liegt der unbegründete Glaube.

254. Jeder ‘vernünftige’ Mensch handelt so.

103. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 18v): Wissens (conhecimento).

104. Há a seguinte variante riscada no MS 175 (p. 20r): so (assim).

246. “Aqui cheguei ao fundamento de toda a minha crença.” “Esta posição eu *mantereí*!”. Mas isso não é apenas porque estou completamente *convencido* disso? – O que é isso: estar completamente convencido?

247. Como seria duvidar agora que tenho duas mãos? Por que não posso sequer imaginar isso? Em que eu acreditaria, se não acreditasse nisso? Ainda não tenho nenhum sistema no qual essa dúvida possa existir.

248. Cheguei ao fundo de minhas convicções.

E quase se poderia dizer que esse alicerce é sustentado pela casa inteira.

249. Têm-se uma imagem errada sobre a *dúvida*.

250. Em circunstâncias normais, que eu tenha duas mãos é tão certo quanto qualquer coisa que eu poderia apresentar como evidência disso.

Portanto, não posso considerar a visão de minha mão como evidência disso.

251. Isso não significa: agirei incondicionalmente de acordo com essa crença e não deixarei que nada me desorienta?

252. Mas não é apenas que *eu* acredito desse modo que tenho duas mãos, mas que toda pessoa razoável acredita.

253. Na base da crença fundamentada está a crença infundada.

254. Toda pessoa ‘razoável’ age *assim*.

255. Das Zweifeln hat gewisse charakteristische Äußerungen, aber sie sind für ihn nur unter gewissen Umständen charakteristisch. Wenn Einer sagte, er zweifle an der Existenz seiner Hände, sie immer wieder von allen Seiten betrachtete, sich zu überzeugen suchte, daß keine Spiegelung oder dergl. vorläge, so wären wir nicht sicher, ob wir das ein Zweifeln nennen sollten. Wir könnten seine Handlungsweise als eine der zweifelnden ähnliche beschreiben, aber sein Spiel wäre nicht das unsre.

256. Andererseits ändert sich das Sprachspiel mit der Zeit.

257. Wenn Einer mir sagte, er zweifle daran, ob er einen Körper habe, würde ich ihn für einen Halbnarren halten. Ich wüßte aber nicht, was es hieße, ihn davon zu überzeugen, daß er einen habe. Und hätte ich etwas gesagt und das hätte nun den Zweifel behoben, so wüßte ich nicht wie und warum.

258. Ich weiß nicht, wie der Satz “Ich habe einen Körper” zu gebrauchen ist.

Das gilt nicht unbedingt von dem Satz, daß ich immer auf oder nahe der Erde war.

259. Wer dran zweifelte, daß die Erde seit 100 Jahren existiert hat, könnte einen wissenschaftlichen oder aber einen philosophischen Zweifel haben.

260. Ich möchte den Ausdruck “Ich weiß” für die Fälle reservieren, in denen er im normalen Sprachverkehr gebraucht wird.

261. Einen vernünftigen Zweifel an der Existenz der Erde während der letzten 100 Jahre kann ich mir jetzt nicht vorstellen.

262. Ich kann mir einen Menschen vorstellen, der unter ganz besonderen Umständen aufgewachsen ist und dem man beigebracht hat, die Erde sei vor 50 Jahren entstanden, und dieses deshalb auch glaubt. Diesen könnten wir belehren: die Erde habe schon lange etc. – Wir würden trachten, ihm unser Weltbild zu geben.

Dies geschähe durch eine Art Überredung.

255. A dúvida tem certas manifestações características, mas são características apenas em determinadas circunstâncias. Se alguém dissesse que duvidava da existência de suas mãos, olhando-as repetidamente de todos os lados, tentando se convencer de que não havia reflexo ou algo semelhante, não teríamos certeza se deveríamos chamar isso de dúvida. Poderíamos descrever seu comportamento como semelhante ao de uma pessoa que duvida, mas seu jogo não seria o nosso.

256. Por outro lado, o jogo de linguagem muda com o tempo.

257. Se alguém me dissesse que duvidava que tem um corpo, eu o consideraria meio louco. Mas eu não saberia o que significaria convencê-lo de que ele tem um corpo. E se eu tivesse dito algo que tivesse tirado a dúvida, eu não saberia como ou por quê.

258. Não sei como deve ser usada a proposição “Eu tenho um corpo”.

Isso não se aplica necessariamente à proposição de que eu sempre estive na Terra ou perto dela.

259. Quem duvidasse que a Terra existe há 100 anos poderia ter uma dúvida científica ou então filosófica.

260. Gostaria de reservar a expressão “eu sei” para os casos em que ela é usada no curso normal da fala.

261. Não consigo imaginar agora uma dúvida razoável sobre a existência da Terra durante os últimos 100 anos.

262. Posso imaginar uma pessoa que cresceu em circunstâncias muito especiais e que tenha sido ensinada que a Terra foi criada há 50 anos e, portanto, acredita nisso. Poderíamos ensiná-la que a Terra existe há muito tempo, etc. – Nós nos esforçaríamos para ensiná-la nossa imagem de mundo.

Isso aconteceria por meio de um tipo de *persuasão*.

263. Der Schüler *glaubt* seinen Lehrern und den Schulbüchern.

264. Ich könnte mir den Fall denken, daß Moore von einem wilden Volksstamm gefangen wird und die den Verdacht aussprechen, er sei von irgendwo zwischen Erde und Mond gekommen. Moore sagt ihnen, er wisse, ..., kann ihnen aber die Gründe für seine Sicherheit nicht geben, weil sie phantastische Ideen vom Flugvermögen eines Menschen haben und von Physik nichts wissen. Dies wäre eine Gelegenheit, jene Aussage¹⁰⁵ zu machen.

265. Aber was sagt sie mehr, als “Ich bin nie dort und dort gewesen und habe zwingende Gründe, das zu glauben”?

266. Und hier müßte man noch sagen, was zwingende Gründe sind.

267. “Ich habe nicht nur den visuellen Eindruck eines Baumes, sondern ich *weiß*, daß es ein Baum ist.”

268. “Ich weiß, daß das eine Hand ist.” – Und was ist eine Hand? – “Nun, *das* z. B.”

269. Bin ich¹⁰⁶ gewisser, daß ich nie auf dem Mond als daß ich nie in Bulgarien war? Warum bin ich so sicher? Nun, ich weiß, daß ich auch nirgends in der Nähe, z. B. nie auf dem Balkan, war.

270. “Ich habe für meine Sicherheit zwingende Gründe.” Diese Gründe machen die Sicherheit objektiv.

271. Was ein triftiger Grund für etwas sei, entscheide nicht ich.¹⁰⁷

272. Ich weiß = Es ist mir als gewiß bekannt.

,273. Wann aber sagt man von etwas, es sei gewiß?

Denn darüber, ob etwas gewiß *ist*, läßt sich streiten; wenn nämlich etwas *objektiv* gewiß ist.

Es gibt eine Unzahl allgemeiner Erfahrungssätze, die uns als gewiß gelten.

105. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 23v): jenen Satz (aquela proposição).

106. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 24v): Ist es (É).

107. Parágrafo inteiramente riscado no MS 175 (p. 25r).

263. O aluno *acredita* em seus professores e nos livros didáticos.
264. Eu poderia pensar no caso em que Moore é capturado por uma tribo selvagem que suspeita que ele tenha vindo de algum lugar entre a Terra e a Lua. Moore diz a eles que sabe, ..., mas não pode lhes dar as razões de sua certeza porque eles têm ideias fantásticas sobre a capacidade de voar de um homem e não sabem nada sobre física. Essa seria uma oportunidade para fazer aquela declaração.
265. Mas o que mais ele diz além de “Eu nunca estive aqui e acolá e tenho razões convincentes para acreditar nisso”?
266. E aqui ainda seria necessário dizer quais são as razões convincentes.
267. “Não tenho apenas a impressão visual de uma árvore, mas *sei* que é uma árvore.”
268. “Eu sei que isso é uma mão.” – E o que é uma mão? – “Bem, *isso*, por exemplo.”
269. Estarei mais certo de que nunca estive na lua do que nunca estive na Bulgária? Por que tenho tanta certeza? Bem, sei que também nunca estive em nenhum lugar perto de lá, por exemplo, nunca estive nos Bálcãs.
270. “Tenho razões convincentes para minha certeza.” Essas razões tornam a certeza objetiva.
271. Não sou eu que decido o que é uma razão válida para algo.
272. Eu sei = É conhecido por mim como certo.
273. Mas quando se diz de algo que é certo?
Pois é discutível se algo é certo; ou seja, se algo é *objetivamente* certo.
Há uma infinidade de proposições empíricas gerais que consideramos certas.

274. Daß Einem, dem man den Arm abgehackt, er nicht wieder wächst, ist ein solcher. Daß Einer, dem man den Kopf abgehauen hat, tot ist und nie wieder lebendig wird, ein anderer.

Man kann sagen, daß Erfahrung uns diese Sätze lehrt. Sie lehrt sie uns aber nicht isoliert, sondern sie lehrt uns eine Menge zusammenhängender Sätze. Wären sie isoliert, so könnte ich etwa an ihnen zweifeln, denn ich habe keine sie betreffende Erfahrung.

275. Ist die Erfahrung der Grund dieser unserer Gewißheit, so ist es natürlich die vergangene Erfahrung.

Und es ist nicht etwa bloß *meine* Erfahrung, sondern die der Anderen, von der ich Erkenntnis erhalte.

Nun könnte man sagen, daß es wiederum Erfahrung ist, was uns den Andern Glauben schenken läßt. Aber welche Erfahrung macht mich glauben, daß die Anatomie und Physiologiebücher nicht Falsches enthalten? Es ist wohl wahr, daß dieses Vertrauen auch durch meine eigene Erfahrung *gestützt* wird.

276. Wir glauben, sozusagen, daß dieses große Gebäude da ist, und nun sehen wir einmal da ein Eckchen, einmal dort ein Eckchen.

277. “Ich kann nicht umhin zu glauben ...”

278. “Ich bin beruhigt, daß es so ist.”

279. Es ist ganz sicher, daß Automobile nicht aus der Erde wachsen. – Wir fühlen, daß, wenn Einer das Gegenteil glauben könnte, er *allem* Glauben schenken könne, was wir für unmöglich erklären, und alles bestreiten könnte, was wir für sicher halten.

Wie aber hängt dieser *eine* Glaube mit allen andern zusammen? Wir möchten sagen daß wer jenes glauben kann das ganze System unsrer Verifikation nicht annimmt.

Dies System ist etwas, was der Mensch durch Beobachtung und Unterricht aufnimmt. Ich sage absichtlich nicht “lernt”.

280. Nachdem er das und das gesehen und das und das gehört hat, ist er außerstande zu bezweifeln, daß ...

274. Que um braço cortado não volta a crescer é uma coisa dessas. Que alguém cuja cabeça foi decepada está morto e nunca mais voltará à vida é outra.

Podemos dizer que a experiência nos ensina essas proposições. Ela não nos ensina essas proposições de forma isolada, mas nos ensina um conjunto coerente de proposições. Se elas estivessem isoladas, então eu poderia duvidar delas, pois não tenho experiência a esse respeito.

275. Se a experiência é o fundamento dessa nossa certeza, é claro que é a experiência passada.

E não é apenas *minha* experiência, mas a de outros, a partir da qual adquiero conhecimento.

Agora, pode-se dizer que, por sua vez, a experiência é o que nos faz acreditar nos outros. Mas qual experiência nos faz acreditar que os livros de anatomia e fisiologia não contêm falsidades? É bem provável que essa confiança também seja *apoiada* por minha própria experiência.

276. Acreditamos, por assim dizer, que esse grande edifício está lá, e agora vemos um cantinho aqui e outro ali.

277. “Não posso deixar de acreditar...”

278. “Estou seguro de que é assim.”

279. É inteiramente certo que os automóveis não crescem a partir da terra. – Achamos que se alguém pudesse acreditar no contrário, poderia acreditar em tudo o que consideramos ser impossível, e poderia negar tudo o que consideramos certo.

Mas como essa crença *específica* está relacionada com todas as outras? Gostaríamos de dizer que quem está em condições de acreditar nisso não aceita todo o nosso sistema de verificação.

Esse sistema é algo que a pessoa assimila por meio da observação e da instrução. Eu não digo “aprende” deliberadamente.

280. Depois de ter visto isso e aquilo e ouvido isso e aquilo, ele é incapaz de duvidar que...

281. *Ich*, L. W., glaube, bin sicher, daß mein Freund nicht Sägespäne im Leib oder im Kopf hat, obwohl ich dafür keine direkte Evidenz der Sinne habe. Ich bin sicher, auf Grund dessen, was mir gesagt wurde, was ich gelesen habe, und meiner Erfahrungen.¹⁰⁸

Daran zu zweifeln erscheint mir als Wahnsinn, freilich wieder in Übereinstimmung mit Anderen; aber *Ich* stimme mit ihnen überein.

282. Ich kann nicht sagen, daß ich gute Gründe habe zur Ansicht, daß Katzen nicht auf Bäumen wachsen oder daß ich einen Vater und eine Mutter gehabt habe.

Wenn Einer daran zweifelt – wie soll es geschehen sein? Soll er von Anfang an nie geglaubt haben, er habe Eltern gehabt? Aber ist denn das denkbar, es sei denn, daß man ihn dies gelehrt hat?

283. Denn wie kann das Kind an dem gleich zweifeln, was man ihm beibringt? Das könnte nur bedeuten, daß es gewisse Sprachspiele nicht erlernen könnte.

284. Die Menschen haben seit den ältesten Zeiten Tiere getötet, ihr Fell, ihre Knochen etc. etc. zu gewissen Zwecken gebraucht; sie haben mit Bestimmtheit drauf gerechnet, in jedem ähnlichen Tier ähnliche Teile zu finden.

Sie haben immer aus der Erfahrung gelernt, und aus ihren Handlungen kann man ersehen, daß sie Gewisses mit Bestimmtheit glauben, ob sie diesen Glauben aussprechen oder nicht. Damit will ich natürlich nicht sagen, daß der Mensch so handeln *solle*, sondern nur, daß er so handelt.

285. Wenn Einer etwas sucht und wühlt etwa an einem bestimmten Platz die Erde auf, so zeigt er damit, daß er glaubt, das, was er sucht, sei dort.

108. Há uma variante riscada no MS 175 (p. 28v): was ich beobachtet habe (o que eu tenho observado).

281. *Eu*, L. W., acredito, tenho certeza, que meu amigo não tem serragem no corpo ou na cabeça, embora não tenha nenhuma evidência direta disso pelos sentidos. Tenho certeza com base no que me foi dito, no que li e em minha experiência.

Duvidar disso me parece loucura, de novo, é evidente que este ponto de vista também está de acordo com o das outras pessoas; mas *eu* concordo com elas.

282. Não posso dizer que tenho boas razões para acreditar que gatos não crescem em árvores ou que eu tive um pai e uma mãe.

Se alguém duvida disso – como isso poderia ter acontecido? Será que ele nunca acreditou desde o início que tinha pais? Mas seria isso concebível, a menos que isso tenha lhe sido ensinado?

283. Pois como a criança pode duvidar imediatamente do que lhe é ensinado? Isso só poderia significar que ela não poderia aprender certos jogos de linguagem.

284. As pessoas têm matado animais desde os tempos mais remotos, usando suas peles, ossos, etc., etc. para determinados fins; elas certamente esperam encontrar partes semelhantes em todo animal semelhante.

Elas sempre aprenderam com a experiência, e isso pode ser visto em suas ações, que acreditam com certeza em certas coisas, quer expressem essa crença ou não. Não quero dizer, é claro, que o homem *deva* agir dessa forma, mas apenas que ele age assim.

285. Se alguém estiver procurando por algo e escava a terra em determinado lugar, mostra com isso que acredita que o que está procurando se encontra lá.

286. Woran wir glauben, hängt von dem ab, was wir lernen. Wir alle glauben, es sei unmöglich, auf den Mond zu kommen; aber es könnte Leute geben, die glauben, es sei möglich und geschehe manchmal. Wir sagen: diese wissen Vieles¹⁰⁹ nicht, was wir wissen. Und sie mögen ihrer Sache noch so sicher sein – sie sind im Irrtum, und wir wissen es.

Wenn wir unser System des Wissens mit ihrem vergleichen, so zeigt sich ihres als das weit ärmere.¹¹⁰

23.9.1950¹¹¹

287. Das Eichhörnchen schließt nicht durch Induktion, daß es auch im nächsten Winter Vorräte brauchen¹¹² wird. Und ebenso wenig brauchen wir ein Gesetz der Induktion, um unsre Handlungen und Vorhersagen zu rechtfertigen.

288. Ich weiß nicht nur, daß die Erde lange vor meiner Geburt existiert hat, sondern auch, daß sie ein großer Körper ist, daß man das festgestellt hat, daß ich und die andern Menschen viele Ahnen haben, daß es Bücher über das alles gibt, daß solche Bücher nicht lügen, etc. etc. etc. Und das alles weiß ich? Ich glaube es. Dieser Wissenskörper wurde mir überliefert, und ich habe keinen Grund, an ihm zu zweifeln, sondern vielerlei Bestätigungen.

Und warum soll ich nicht sagen, ich wisse das alles? Sagt man nicht eben dies?

Aber nicht nur ich weiß oder glaube alles das, sondern die Andern auch. Oder vielmehr, ich *glaube*, daß sie es glauben.

289. Ich bin fest überzeugt, daß die Andern glauben, zu wissen glauben, daß es sich alles so verhält.

290. Ich habe selbst in meinem Buch geschrieben, das Kind lerne ein Wort so und so verstehen: Weiß ich das, oder glaube ich das?

109. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 30v): Manches (mais que).

110. Há a seguinte variante riscada no MS 175 (p. 31r): weit ärmer (mais pobre).

111. A partir desse ponto do MS 175 (p. 31r), Wittgenstein passa a registrar a data de suas observações diariamente.

112. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 31r): benutzen (usamos).

286. Aquilo em que acreditamos depende do que aprendemos. Todos nós acreditamos que é impossível chegar à lua; mas pode haver pessoas que acreditem que isso seja possível e que às vezes acontece. Nós dizemos: elas não sabem muito do que nós sabemos. E não importa o quanto acreditem nisso, elas estão erradas, e nós sabemos disso.

Se compararmos nosso sistema de conhecimento com o deles, o deles se mostra de longe o mais pobre.

23.9.1950

287. O esquilo não conclui por indução que também precisará de suprimentos no próximo inverno. E nós também não precisamos de uma lei de indução para justificar nossas ações e previsões.

288. Não só sei que a Terra existia muito antes de meu nascimento, mas também que ela é um grande corpo, que isso foi estabelecido, que eu e as outras pessoas temos muitos ancestrais, que há livros sobre tudo isso, que esses livros não mentem, etc., etc., etc. E eu sei disso tudo? Eu acredito nisso. Esse conjunto de conhecimentos foi transmitido a mim e não tenho motivos para duvidar dele, além de muitas confirmações.

E por que eu não deveria dizer que sei disso tudo? Não é isso que eles dizem?

Mas não sou apenas eu que sei ou acredito em tudo isso, mas os outros também. Ou melhor, eu *acredito* que eles acreditam nisso.

289. Estou firmemente convencido de que os outros acreditam, acreditam saber, que tudo se comporta assim.

290. Eu mesmo escrevi em meu livro que a criança aprende a entender uma palavra de tal e tal maneira.¹² Eu sei disso ou acredito nisso? Por que não escrevo em um caso como esse “Eu acredito...”, mas simplesmente a proposição declarativa?

12. Wittgenstein refere-se aos parágrafos iniciais das Investigações Filosóficas.

Warum schreibe ich in so einem Falle nicht “Ich glaube ...”, sondern einfach den Behauptungssatz?

291. Wir wissen, daß die Erde rund ist. Wir haben uns endgültig davon überzeugt, daß sie rund ist.

Bei dieser Ansicht werden wir verharren, es sei denn, daß sich unsere ganze Naturanschauung ändert. “Wie weißt du das?” – Ich glaube es.

292. Weitere Versuche können die früheren nicht Lügen strafen, höchstens unsere ganze Betrachtung ändern.

293. Ähnlich der Satz “Das Wasser siedet bei 100^o C.”

294. *So* überzeugen wir uns, *das* nennt man “mit Recht davon überzeugt sein”.

295. Hat man also nicht, in diesem Sinne, einen *Beweis* des Satzes?

Aber es ist kein Beweis dafür, daß dasselbe wieder geschehen ist; aber wir sagen, es gibt uns ein Recht, dies anzunehmen.

296. Dies *nennen* wir “Erfahrungsmäßige Begründung” unsrer Annahmen.

297. Wir lernen eben nicht nur, daß die und die Versuche so und so ausgegangen sind, sondern auch den Schlußsatz. Und daran ist natürlich nichts Falsches. Denn dieser Satz ist ein Instrument für bestimmten Gebrauch.¹¹³

298. Wir sind dessen ganz sicher, heißt nicht nur, daß jeder Einzelne dessen gewiß ist, sondern, daß wir zu einer Gemeinschaft gehören, die durch die Wissenschaft und Erziehung verbunden ist.

299. We are satisfied that the earth is round.¹¹⁴

113. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 34r): gewisse Zwecke (certos fins).

114. Parágrafo escrito originalmente em inglês no MS 175 (p. 34v).

Após o parágrafo 299, no MS 175 (p. 34v), encontra-se a seguinte anotação, que não foi assimilada pela edição de Anscombe e Von Wright certamente em virtude de se tratar de uma observação estranha ao tema da certeza: Denke, ein Dichter sagte: “Wenn dieser Charakter in meiner Tragödie fromm & gut leben wird, so wird es ihm gut gehen, wird er sich aber versündigen, so wird er umkommen.” (Imagine que um poeta dissesse: “Se esse personagem da minha tragédia tiver uma vida piedosa e digna, ele se sairá bem, mas se ele pecar, então perecerá”.

291. Sabemos que a Terra é redonda. Finalmente nos convencemos de que ela é redonda.

Persistiremos nesse ponto de vista a menos que toda a nossa concepção da natureza mude. “Como você sabe disso?” – Eu acredito nisso.

292. Novos experimentos não podem *contradizer* os anteriores, no máximo podem mudar toda a nossa forma de ver.

293. De modo semelhante, a proposição “a água ferve a 100^o C”.

294. É *assim* que nós nos convencemos, *o que* é chamado de “estar certamente convencido”.

295. Não se tem, nesse sentido, uma *prova* da proposição? Mas não é uma prova de que a mesma coisa aconteceu novamente; mas dizemos que isso nos dá o direito de supor isso.

296. Isso é o que *denominamos* de “fundamento empírico” de nossas pressuposições.

297. Nós não apenas aprendemos que tais e tais experimentos resultaram nisso ou naquilo, mas também a proposição daí inferida. E é claro que não há nada de errado nisso. Pois essa proposição é um instrumento para determinados usos.

298. Termos certeza disso não significa apenas que cada indivíduo tem certeza disso, mas que pertencemos a uma comunidade que é ligada pela ciência e pela educação.

299. Estamos convencidos de que a Terra é redonda.

10.3.51

300. Nicht alle Korrekturen unsrer Ansichten¹¹⁵ stehen auf der gleichen Stufe.

301. Angenommen, es sei nicht wahr, daß die Erde schon lange vor meiner Geburt existiert hat, wie hat man sich die Entdeckung dieses Fehlers vorzustellen?

302. Es ist nichts nutz zu sagen “Vielleicht irren wir uns”, wenn, wenn *keiner* Evidenz zu trauen ist, im Fall der gegenwärtigen Evidenz nicht zu trauen ist.

303. Wenn wir uns z. B. immer verrechnet haben und 12×12 nicht 144 ist, warum sollten wir dann irgendeiner anderen Rechnung trauen? Und das ist natürlich falsch ausgedrückt.

304. Aber auch ich *irre* mich in dieser Formel des Einmaleins nicht. Ich mag später einmal sagen, ich sei jetzt verwirrt gewesen, aber nicht, ich hätte mich geirrt.

305. Hier ist *wieder* ein Schritt nötig ähnlich dem der Relativitätstheorie.

306. “Ich weiß nicht, ob das eine Hand ist.” Weißt du aber, was das Wort “Hand” bedeutet? Und sag nicht “Ich weiß, was es jetzt für mich bedeutet”. Und ist das nicht eine Erfahrungstatsache, daß *dies* Wort so gebraucht wird?

Em seguida a esta anotação, há uma outra, mais extensa e repleta de variantes, datada de 10.03.51, na qual Wittgenstein trata do quanto é injustificado o uso não autorizado de suas ideias, ainda não publicadas, por professores universitários. Além de caracterizar um tal uso como roubo (Diebstahl), Wittgenstein considera o uso injustificado porque, “mesmo que (eu) despreze o que eles podem levar || mesmo que o que eles possam levar não seja valioso, eles próprios o consideram valioso e é realmente melhor do que o que eles mesmos podem conceber”. (“wenn (ich) auch, das was sie davontragen können, gering achte || auch, das was sie davontragen können, nicht wertvoll ist, so halten sie selbst es doch für wertvoll, & es ist auch wirklich besser, als was sie selbst erdenken können”). (MS 175, pp. 34v - 35r).

Outra observação dessa natureza será feita por Wittgenstein entre um trecho e outro do parágrafo 371 (MS 175, pp. 59v - 60r).

115. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 35r): Meinungen (opiniões).

10.3.51

300. Nem todas as correções de nossos pontos de vista estão no mesmo nível.

301. Supondo que não seja verdade que a Terra existia muito antes do meu nascimento, como podemos imaginar a descoberta desse erro?

302. É inútil dizer “Talvez estejamos enganados”, quando, se não podemos confiar em *nenhuma* evidência, tampouco podemos confiar na evidência atual.

303. Por exemplo, se sempre calculamos errado e 12×12 não é 144, por que, então, deveríamos confiar em qualquer outro cálculo? E é claro que isso está expresso de forma errada.

304. Mas nem mesmo eu estou *errado* quanto a essa fórmula da tabuada. Posso dizer mais tarde que estava confuso, mas não que estava errado.

305. Aqui, *novamente*, é necessário um passo semelhante ao da teoria da relatividade.

306. “Não sei se isso é uma mão”. Mas você sabe o que significa a palavra “mão”? E não diga “Eu sei o que ela significa para mim agora”. E não é um fato da experiência que *essa* palavra *seja* usada *dessa* forma?

307. Und hier ist es nun sonderbar, daß, wenn ich auch des Gebrauchs der Wörter ganz sicher bin, keinen Zweifel darüber habe, ich doch keine *Gründe* für meine Handlungsweise angeben kann. Versuchte ich's, so könnte ich 1000 geben, aber keinen, der so sicher wäre, wie eben das, was sie begründen sollen.

308. 'Wissen' und 'Sicherheit' gehören zu verschiedenen *Kategorien*. Es sind nicht zwei 'Seelenzustände' wie etwa 'Vermuten' und 'Sichersein'. (Hier nehme ich an, daß es für mich sinnvoll sei zu sagen "Ich weiß, was das Wort 'Zweifel' (z. B.) bedeutet" und daß dieser Satz dem Wort "Zweifel" eine logische Rolle anweist.) Was uns¹¹⁶ nun interessiert ist nicht das Sichersein, sondern das Wissen. D. h. uns interessiert, daß es über gewisse Erfahrungssätze keinen Zweifel geben kann, wenn ein Urteilen¹¹⁷ überhaupt möglich sein soll. Oder auch: Ich bin geneigt zu glauben, daß nicht alles, was die Form eines Erfahrungssatzes hat, ein Erfahrungssatz ist.

309. Ist es, daß Regel und Erfahrungssatz ineinander übergehen?

310. Ein Schüler und ein Lehrer. Der Schüler läßt sich nichts erklären, denn er unterbricht (den Lehrer) fortwährend mit Zweifeln, z. B. an der Existenz der Dinge, der Bedeutung der Wörter, etc. Der Lehrer sagt: "Unterbrich nicht mehr und tu, was ich dir sage; deine Zweifel haben jetzt noch gar keinen Sinn."

311. Oder denk dir, der Schüler bezweifelte die Geschichte (und alles, was mit ihr zusammenhängt), ja auch, ob die Erde vor 100 Jahren überhaupt existiert habe.

312. Da ist es mir, als wäre dieser Zweifel hohl.

Aber ist es dann nicht auch der *Glaube* an die Geschichte? Nein; dieser hängt mit so vielem zusammen.

116. Há a seguinte variante riscada no MS 175 (p. 37r): mich (me).

117. A edição de Anscombe e Von Wright transcreveu Urteil (juízo) quando no MS 175 (p. 37v) encontra-se escrito Urteilen (ato de julgar).

307. E aqui é curioso que, embora eu tenha certeza do uso das palavras e não tenha nenhuma dúvida sobre isso, não consigo dar nenhuma *razão* para meu comportamento. Se eu tentasse, poderia dar mil, mas nenhuma delas seria tão certa como o que deveriam justificar.

308. ‘Conhecimento’ e ‘certeza’ pertencem a *categorias* diferentes. Eles não são dois “estados mentais” como ‘supor’ e ‘estar certo’. (Aqui eu presumo que faz sentido, para mim, dizer “Eu sei o que a palavra ‘dúvida’ (por exemplo) significa” e que essa proposição atribui um papel lógico à palavra “dúvida”). O que nos interessa agora não é estar certo, mas o conhecimento. Ou seja, estamos interessados no fato de que não pode haver dúvida sobre certas proposições empíricas para que um ato de julgar seja possível. Ou também: estou inclinado a acreditar que nem tudo que tem a forma de uma proposição empírica é uma proposição empírica.

309. Será que a regra e a proposição empírica se fundem uma na outra?

310. Um aluno e um professor. O aluno não permite que nada lhe seja explicado, pois ele interrompe (o professor) constantemente com dúvidas, por exemplo, sobre a existência das coisas, o significado das palavras, etc. O professor diz: “Pare de interromper e faça o que eu lhe digo; suas dúvidas até este momento não têm sentido algum”.

311. Ou imagine que o aluno duvidava da história (e de tudo relacionado a ela), até mesmo se a Terra existia de fato há 100 anos.

312. Para mim é como se essa dúvida fosse vazia.

Mas então não o seria também a *crença* na história? Não; ela está ligada a muitas coisas.

313. So ist *das* also, was uns einen Satz glauben macht? Nun, es hängt eben die Grammatik von “glauben” mit der des geglaubten Satzes zusammen.

314. Denk dir, der Schüler fragte wirklich: “Und ist ein Tisch auch da, wenn ich mich umdrehe; und auch, wenn ihn *niemand* sieht?” Soll da der Lehrer ihn beruhigen und sagen “Freilich ist er da!” –

Vielleicht wird der Lehrer ein bißchen ungeduldig werden, sich aber denken, der Schüler werde sich solche Fragen schon abgewöhnen.

315. D. h. der Lehrer wird empfinden, dies sei eigentlich keine berechnete Frage.

Und gleichermaßen, wenn der Schüler die Gesetzmäßigkeit der Natur, also die Berechtigung zu Induktionsschlüssen,¹¹⁸ anzweifelte. – Der Lehrer würde empfinden, daß das ihn und den Schüler nur aufhält, daß er dadurch im Lernen nur steckenbliebe und nicht weiterkäme. – Und er hätte recht. Es wäre, als sollte jemand nach einem Gegenstand im Zimmer suchen; er öffnet eine Lade und sieht ihn nicht darin; da schließt er sie wieder, wartet und öffnet sie wieder, um zu sehen, ob er jetzt nicht etwa darin sei, und so fährt er fort. Er hat noch nicht suchen gelernt. Und so hat jener Schüler noch nicht fragen gelernt. Nicht *das* Spiel gelernt, das wir ihn lehren wollen.

316. Und ist es nicht dasselbe, wie wenn der Schüler den Geschichtsunterricht aufhielte durch Zweifel darüber, ob die Erde wirklich ...?

317. Dieser Zweifel gehört nicht zu den Zweifeln unsers Spiels. (Nicht aber, als ob wir uns dieses Spiel aussuchten!)

12.3.51

318. ‘Die Frage kommt gar nicht auf.’ Ihre Antwort würde eine *Methode* charakterisieren. Es ist aber keine scharfe Grenze zwischen methodologischen Sätzen und Sätzen innerhalb einer Methode.

118. No MS 175 (p. 40r), há a seguinte variante: zur Induktion (da indução).

313. Então é *isso* o que nos faz acreditar em uma proposição? Bem, é justamente pela gramática de “acreditar” estar ligada à gramática da proposição em que se acredita.

314. Imagine que o aluno realmente pergunte: “E a mesa está lá mesmo quando eu me viro e mesmo quando *ninguém* a vê?” O professor deveria tranquilizá-lo e dizer: “Claro que está lá!”?

Talvez o professor fique um pouco impaciente, mas pense que o aluno perderá o hábito de fazer essas perguntas.

315. Isto é, o professor sentirá que essa não é realmente uma pergunta legítima.

E da mesma forma, se o aluno duvidasse das leis da natureza e, portanto, da legitimidade do raciocínio indutivo – O professor sentiria que isso só travaria a ele e ao aluno, que só ficaria preso no aprendizado e não faria nenhum progresso – E o professor estaria certo. Seria como se alguém procurasse um objeto em uma sala. Ele abre uma gaveta e não o vê, então a fecha novamente, espera e abre novamente para ver se não está lá agora, e assim por diante. Ele ainda não aprendeu a procurar. E, portanto, esse aluno ainda não aprendeu a perguntar. Ele não aprendeu o jogo que queremos lhe ensinar.

316. E não é a mesma coisa se o aluno interrompesse a aula de história duvidando se a Terra realmente ...?

317. Essa dúvida não faz parte das dúvidas de nosso jogo. (Mas não como se tivéssemos escolhido esse jogo!).

12.3.51

318. ‘A questão nem sequer se coloca.’ Sua resposta caracterizaria um *método*. Mas não há uma fronteira nítida entre as proposições metodológicas e as proposições dentro de um método.

319. Aber müßte¹¹⁹ man dann nicht sagen, daß es keine scharfe Grenze gibt zwischen Sätzen der Logik und Erfahrungssätzen? Die Unschärfe ist eben die der Grenze zwischen *Regel* und Erfahrungssatz.

320. Hier muß man, glaube ich, daran denken, daß der Begriff ‘Satz’ selbst nicht scharf ist.

321. Ich sage doch: Jeder Erfahrungssatz kann umgewandelt werden in ein Postulat – und wird dann eine Norm der Darstellung. Aber auch dagegen habe ich ein Mißtrauen. Der Satz ist zu allgemein. Man möchte fast sagen “Jeder Erfahrungssatz kann, theoretisch, umgewandelt werden ...”, aber was heißt hier “theoretisch”? Es klingt eben zu sehr nach der *Log. Phil. Abh.*

322. Wie, wenn der Schüler nicht glauben wollte, daß dieser Berg seit Menschengedenken immer dagestanden ist?

Wir würden sagen, er habe ja gar keinen *Grund* zu diesem Mißtrauen.

323. Also muß vernünftiges Mißtrauen einen Grund haben?

Wir könnten auch sagen: “Der Vernünftige glaubt dies.”

324. Wir würden also den nicht vernünftig nennen, der etwas, wissenschaftlicher Evidenz zum Trotz, glaubt.

325. Wenn wir sagen, wir *wissen*, daß ..., so meinen wir, daß jeder Vernünftige in unserer Lage es auch wüßte, daß es Unvernunft wäre, es zu bezweifeln. So will auch Moore nicht nur sagen, *er* wisse, daß er etc. etc., sondern auch, daß jeder Vernunftbegabte in seiner Lage es ebenso wüßte.

326. Wer sagt uns aber, was in *dieser* Lage vernünftig ist zu glauben?

327. Man könnte also sagen: “Der vernünftige Mensch glaubt: daß die Erde längst vor seiner Geburt existiert hat, daß sein Leben sich auf der Erdoberfläche oder nicht weit von ihr abgespielt hat, daß er z. B. nie auf dem Mond war, daß er ein Nervensystem besitzt und verschiedene Innereien wie alle anderen¹²⁰ Menschen etc., etc.”

119. No MS 175 (p. 40v), consta a seguinte variante: könnte (poderíamos).

120. Variante riscada por Wittgenstein no MS 175 (p.43r): oder die meisten (ou a maioria).

319. Mas não deveríamos então dizer que não existe uma fronteira nítida entre as proposições da lógica e as proposições empíricas? A imprecisão está exatamente na fronteira entre *regra* e proposição empírica.

320. Aqui, creio eu, é necessário lembrar que o próprio conceito de ‘proposição’ não é preciso.

321. Contudo digo: Toda proposição empírica pode ser transformada em um postulado e então se torna uma norma de representação. Mas também tenho uma desconfiança sobre isso. A proposição é muito geral. Quase gostaríamos de dizer: “Toda proposição empírica pode, teoricamente, ser transformada...”, mas o que significa ‘teoricamente’ aqui? Isso soa em demasia o *Tractatus Logico-Philosophicus*.

322. E se o aluno não quisesse acreditar que esta montanha sempre esteve ali desde tempos imemoriais?

Diríamos que ele não tinha nenhuma *razão* para essa desconfiança.

323. Então, a desconfiança razoável deve ter uma razão?

Também poderíamos dizer: “A pessoa razoável acredita nisso”.

324. Portanto, não chamaríamos de razoável alguém que acredita em algo apesar das evidências científicas.

325. Quando dizemos que “*sabemos* que ...”, queremos dizer que qualquer pessoa razoável em nosso lugar também saberia que seria insensato duvidar disso. Portanto, Moore também não apenas diz que *ele* sabe, etc., etc.”, mas também que qualquer homem razoável em sua posição também saberia.

326. Mas quem nos diz o que é razoável acreditar *nessa* situação?

327. Assim, poderíamos dizer: “A pessoa razoável acredita que a Terra existia muito antes de seu nascimento; que sua vida ocorreu na superfície da Terra ou não muito longe dela; que ela, por exemplo, nunca esteve na Lua; que ela tem um sistema nervoso e várias vísceras como todos os outros seres humanos etc., etc.”.

328. “Ich weiß es *so*, wie ich weiß, daß ich L. W. heiße.”¹²¹

329. Wenn er *das* bezweifelt – was immer hier “bezweifeln” heißt –, dann wird er dieses Spiel nie erlernen?

330. Der Satz “Ich weiß ...” drückt also hier die Bereitschaft aus, gewisse Dinge zu glauben.

13.3.

331. Wenn wir überhaupt auf den Glauben hin mit Sicherheit handeln, sollen wir uns dann wundern, daß wir an Vielem nicht zweifeln können?

332. Denk dir, jemand würde, ohne *philosophieren* zu wollen, sagen: “Ich weiß nicht, ob ich je auf dem Mond gewesen bin; ich *erinnere* mich nicht, jemals dort gewesen zu sein.” (Warum wäre dieser Mensch von uns so grundverschieden?)

Vor allem: Wie wüßte er denn, daß er auf dem Mond ist? Wie stellt er sich das vor? Vergleiche: “Ich weiß¹²² nicht, ob ich je im Dorfe X war.” Aber ich könnte auch das nicht sagen, wenn X in der Türkei läge, denn ich weiß, daß ich nie in der Türkei war.

333. Ich frage jemand: “Warst du jemals in China?” Er antwortet: “Ich weiß nicht.” Da würde man doch sagen: “Du *weißt* es nicht? Hast du irgendeinen Grund zu glauben, du wärest vielleicht einmal dort gewesen? Warst du z. B. einmal in der Nähe der chinesischen Grenze? Oder waren deine Eltern dort zur Zeit, da du geboren wurdest?” – Normalerweise wissen Europäer doch, ob sie in China waren oder nicht.

334. D. h.: der Vernünftige zweifelt *daran* nur unter den und den Umständen.

335. Das Verfahren in einem Gerichtssaal beruht darauf,¹²³ daß Umstände Aussagen eine gewisse Wahrscheinlichkeit geben. Die

121. No MS 175 (p. 43r), a expressão “auf einem Sessel sitze und” (“sentado em uma poltrona e”) antecede “L. W. heiße”, tendo sido riscada por Wittgenstein.

122. No MS 175 (p. 44r), há a seguinte variante riscada: *erinnere* mich (me lembro).

123. Variante riscada por Wittgenstein no MS 175 (p. 44v): ist darauf basiert || gegründet (é baseado nisso || fundado).

328. “Eu sei que é *assim* tal como sei que meu nome é L. W.”

329. ‘Se ele duvidar *disso* – o que quer que “dúvida” signifique aqui – então ele nunca aprenderá esse jogo’.

330. A proposição “Eu sei ...” expressa também aqui a disposição de acreditar em certas coisas.

13.3.

331. Se de fato agimos com certeza baseados na crença, deveríamos nos surpreender por não podermos duvidar de muitas coisas?

332. Imagine alguém dizendo, sem querer *filosofar*, “Eu não sei se já estive na lua; não me *lembro* de ter estado lá”. (Por que essa pessoa seria tão diferente de nós?).

Acima de tudo, como ela saberia que esteve na lua? Como ele imagina isso? Compare: “Eu não sei se já estive na aldeia X”. Mas eu também não poderia dizer isso se X estivesse na Turquia, porque sei que nunca estive na Turquia.

333. Pergunto a alguém: “Você já esteve na China?” Ele responde: “Eu não sei”. Você diria: “Você não *sabe*? Você tem alguma razão para pensar que pode ter estado lá uma vez? Por exemplo, você já esteve perto da fronteira com a China? Ou seus pais estavam lá na época em que você nasceu?” – Normalmente os europeus sabem se estiveram na China ou não.

334. Ou seja: a pessoa razoável duvida *disso* somente sob tais e tais circunstâncias.

335. O procedimento em um tribunal é baseado no fato de que as circunstâncias dão às declarações uma certa probabilidade. Por exemplo, a afirmação de que alguém veio ao mundo sem pais nunca seria levada em consideração no tribunal.

Aussage z. B., jemand sei ohne Eltern auf die Welt gekommen, würde dort nie in Erwägung gezogen werden.

336. Aber was Menschen vernünftig oder unvernünftig erscheint, ändert sich. Zu gewissen Zeiten scheint Menschen etwas vernünftig, was zu andern Zeiten unvernünftig schien. U. u.

Aber gibt es hier nicht ein objektives Merkmal?

Sehr gescheite und gebildete Leute glauben an die Schöpfungsgeschichte der Bibel, und andere halten sie für erwiesenermaßen falsch, und diese Gründe sind jenen bekannt.

337. Man kann nicht experimentieren, wenn man nicht manches nicht bezweifelt. Das heißt aber nicht, daß man dann gewisse Voraussetzungen auf guten Glauben hinnimmt. Wenn ich einen Brief schreibe und aufgebe, so nehme ich an, daß er ankommen wird, das erwarte ich.

Wenn ich experimentiere, so zweifle ich nicht an der Existenz des Apparates, den ich vor den Augen habe. Ich habe eine Menge Zweifel, aber nicht den. Wenn ich eine Rechnung mache, so glaube ich, ohne Zweifel, daß sich die Ziffern auf dem Papier nicht von selbst vertauschen, auch vertraue ich fortwährend meinem Gedächtnis und vertraue ihm unbedingt. Es ist hier dieselbe Sicherheit wie, daß ich nie¹²⁴ auf dem Mond war.

338. Denken wir uns aber Leute, die dieser Sachen nie ganz sicher wären, aber wohl sagten, es sei *sehr* wahrscheinlich so und es lohne sich nicht, daran zu zweifeln. So einer würde also, wenn er in meiner Lage wäre, sagen: “Es ist höchst unwahrscheinlich, daß ich je auf dem Mond war”, etc. etc. *Wie* würde sich das Leben dieser Leute von unserem unterscheiden? Es gibt ja Leute, die sagen, es sei nur höchst wahrscheinlich, daß das Wasser im Kessel, der überm Feuer steht, kochen und nicht gefrieren wird, es sei also strenggenommen, was wir als unmöglich ansehen,¹²⁵ nur unwahrscheinlich. Welchen

124. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 46r): nicht (não).

125. Consta, no MS 175 (p. 47r), a seguinte variante: als unmöglich nennen (nomeamos como impossível).

336. Mas o que parece razoável ou irrazoável para as pessoas muda. Algo que parece razoável para as pessoas em certas épocas, parecia irrazoável em outras. E vice-versa.

Mas não há aqui uma característica objetiva?

Pessoas *muito* inteligentes e instruídas acreditam na história da criação bíblica, e outras acreditam que ela é comprovadamente falsa, e essas razões são conhecidas por elas.

337. Não é possível fazer experimentos se não houver coisas de que não se duvide. Mas isso não significa que aceitamos certas pressuposições de boa-fé. Quando escrevo uma carta e a coloco no correio, presumo que ela chegará, é isso que espero.

Quando faço um experimento, não duvido da existência do aparato que tenho diante de meus olhos. Tenho muitas dúvidas, mas não essa. Quando faço um cálculo, então eu acredito, sem dúvida, que os números no papel não mudarão por si mesmos, também confio continuamente em minha memória e confio nela incondicionalmente. É a mesma certeza de que nunca estive na lua.

338. Mas imaginemos pessoas que nunca teriam completa certeza dessas coisas, mas que talvez dissessem que é *muito* provável e que não vale a pena duvidar. Então, alguém assim, se estivesse em minha posição, diria: “É altamente improvável que eu tenha ido à lua”, etc., etc. *Como* seria a diferença entre a vida dessas pessoas e a nossa? Há pessoas que dizem que é altamente provável que a água da chaleira que está sobre o fogo ferva e não congele, portanto, a rigor, o que consideramos impossível é apenas improvável. Que diferença isso faz em suas vidas? Não é apenas o fato de eles falarem sobre certas coisas um pouco mais do que as outras?

Unterschied macht dies in ihrem Leben? Ist es nicht nur, daß sie über gewisse Dinge etwas mehr reden als die Andern?

339. Denk dir einen Menschen, der seinen Freund vom Bahnhof abholen soll und nun nicht einfach im Fahrplan nachsucht und zur gewissen Zeit auf den Bahnhof geht, sondern er sagt: “Ich glaube *nicht*, daß der Zug wirklich ankommen wird, aber ich werde dennoch zur Bahn gehen.” Er tut alles, was der gewöhnliche Mensch tut, begleitet es aber mit Zweifeln oder Unwillen über sich selbst etc.

340. Mit derselben Gewißheit, mit der wir *irgend* einen mathematischen Satz glauben, wissen wir auch, wie die Buchstaben “A” und “B” auszusprechen sind, wie die Farbe des menschlichen Bluts heißt, daß andre Menschen Blut haben und es “Blut” nennen.

341. D. h. die *Fragen*, die wir stellen, und unsre *Zweifel* beruhen darauf, daß gewisse Sätze vom Zweifel ausgenommen sind, gleichsam die Angeln, in welchen jene sich bewegen.¹²⁶

342. D. h. es gehört zur Logik unsrer wissenschaftlichen Untersuchungen, daß Gewisses *in der Tat* nicht angezweifelt wird.

343. Es ist aber damit nicht so, daß wir eben nicht alles untersuchen *können* und uns daher notgedrungen mit der Annahme zufriedenstellen müssen. Wenn ich will, daß die Türe sich drehe, müssen die Angeln feststehen.

344. Mein *Leben* besteht darin, daß ich mich mit manchem zufriedengebe.

345. Wenn ich frage “Welche Farbe siehst du jetzt?“, um nämlich zu erfahren, welche Farbe jetzt dort ist, so kann ich nicht zu gleicher Zeit auch bezweifeln, ob der Angeredete Deutsch versteht, ob er mich hintergehen will, ob mein eigenes Gedächtnis, die Bedeutung der Farbnamen betreffend, mich nicht im Stich läßt, etc.

126. Há as seguintes variantes no MS175 (p. 48r), com as duas palavras indicadas riscadas: beruhen auf der Sicherheit || Gewißheit || Zweifelsfreiheit derjenigen Annahmen, die gleichsam die Angeln sind, in denen jene sich drehen (baseiam-se na segurança || certeza || ausência de dúvidas em relação às suposições que são, por assim dizer, as dobradiças que as fazem girar).

339. Imagine uma pessoa que deve buscar seu amigo na estação agora e simplesmente não consulta o horário e vai para a estação em uma determinada hora, ainda assim diz: “Acho que o trem realmente *não* chegará, mas irei à estação mesmo assim”. Ele faz tudo o que uma pessoa comum faz, mas é acompanhado por dúvidas ou descontentamento sobre si mesmo etc.

340. Com a mesma certeza que acreditamos em *qualquer* teorema matemático, também sabemos como soletrar as letras “A” e “B”, como se chama a cor do sangue humano, que outras pessoas têm sangue e o chamam de “sangue”.

341. Isto é, as *perguntas* que fazemos e nossas *dúvidas* são baseadas no fato de que certas proposições são isentas de dúvida, como se fossem dobradiças em torno das quais aquelas se movem.

342. Isto é, faz parte da lógica de nossas investigações científicas que certas coisas não sejam *de fato* postas em dúvidas.

343. Mas não é o caso de não *podermos* investigar tudo e, portanto, termos de nos contentar necessariamente com a suposição. Se eu quiser que a porta gire, as dobradiças devem estar fixas.

344. Minha *vida* consiste em dar-me por satisfeito com algumas coisas.

345. Se eu perguntar: “Que cor você está vendo agora?” para saber que cor está ali agora, não posso, ao mesmo tempo, duvidar se a pessoa a quem estou me dirigindo entende português, se ela está tentando me enganar, se minha própria memória não falha com relação ao significado dos nomes das cores, etc.

346. Wenn ich Einen im Schach matt zu setzen suche, kann ich nicht zweifeln,¹²⁷ ob die Figuren nicht etwa von selbst ihre Stellungen wechseln und zugleich mein Gedächtnis mir einen Streich spielt, daß ich's nicht merke.

15.3.51

347. "I know that that's a tree."¹²⁸ Warum kommt mir vor, ich verstünde den Satz nicht? obwohl¹²⁹ er doch ein höchst einfacher Satz von der gewöhnlichsten Art ist?

Es ist, als könnte ich meinen Geist nicht auf irgendeine Bedeutung einstellen. Weil ich nämlich die Einstellung nicht in dem Bereiche suche, wo sie ist. Sowie ich aus der philosophischen an eine alltägliche Anwendung des Satzes denke, wird sein Sinn klar und gewöhnlich.

348. So wie die Worte "Ich bin hier" nur in gewissen Zusammenhängen¹³⁰ Sinn haben, nicht aber, wenn ich sie Einem sage, der mir gegenüber sitzt und mich klar sieht, – und zwar nicht darum, weil sie dann überflüssig¹³¹ sind, sondern, weil ihr Sinn durch die Situation nicht *bestimmt* ist, aber so eine Bestimmung braucht.

349. "Ich weiß, daß das ein Baum ist" – dies kann alles mögliche bedeuten: Ich schaue auf eine Pflanze, die ich für eine junge Buche, der Andre für eine Ribiselpflanze hält. Er sagt "Das ist ein Strauch", ich, es sei ein Baum. – Wir sehen im Nebel etwas, was einer von uns für einen Menschen hält, der Andre sagt "Ich weiß, daß das ein Baum ist". Jemand will meine Augen prüfen etc. etc. – etc. etc. Jedesmal ist das "das", was ich für einen Baum erkläre, von anderer Art.

Wie aber, wenn wir uns bestimmter ausdrückten? also z. B.: "Ich weiß, daß das dort ein Baum ist, ich sehe es klar genug." – Nehmen

127. Há as seguintes variantes riscadas no MS 175 (p. 49v): muß ich nicht zweifeln || zweifle ich nicht (eu não devo duvidar || eu não duvido).

128. Wittgenstein escreveu essa frase em inglês no MS 175 (p. 49v).

129. Há as seguintes variantes no MS 175 (p. 49v): wo er || es (onde ele || isso).

130. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 50r): Situationen (situações).

131. Há a seguinte variante riscada no MS 175 (p. 50v): eine Selbstverständlichkeit (uma questão óbvia).

346. Quando tento dar xeque-mate em alguém no xadrez, não posso duvidar que as peças não mudarão de posição por vontade própria e, ao mesmo tempo, minha memória me prega uma peça para que eu não perceba.

15.3.51

347. “Eu sei que isso é uma árvore”. Por que me parece que não estou entendendo a proposição, mesmo que seja uma proposição muito simples, do tipo mais comum?

É como se eu não conseguisse ajustar minha mente a nenhum significado. Porque eu não procuro manter o foco no domínio em que ela se encontra. Assim que passo do emprego filosófico para um emprego cotidiano da proposição, seu sentido se torna claro e comum.

348. Assim como as palavras “estou aqui” só têm significado em determinados contextos, mas não quando as digo a alguém sentado à minha frente que me vê claramente – não porque elas sejam supérfluas, mas porque seu sentido não é *determinado* pela situação, mas precisa de tal determinação.

349. “Eu sei que é uma árvore” – isso pode significar qualquer coisa: eu olho para uma planta que acho que é uma faia jovem, o outro acha que é um pé de groselha. Ele diz “Isso é um arbusto”, eu digo que é uma árvore. – Vemos algo na névoa que um de nós acha que é uma pessoa, o outro diz “Eu sei que isso é uma árvore”. Alguém quer examinar meus olhos etc., etc., etc., etc. A cada vez, o “isso” que eu declaro ser uma árvore é de um tipo diferente.

Mas e se nos expressássemos de forma mais específica? Assim por exemplo: “Eu sei que existe uma árvore, eu a vejo com bastante clareza”. – Vamos supor que eu tenha feito essa observação no contexto de uma conversa (que, portanto, era relevante naquele momento); e agora, fora do contexto, eu a repito olhando para a árvore e acrescento: “Quero dizer essas palavras da mesma forma que há cinco minutos”. – Se eu dissesse, por exemplo, que havia pensado novamente em meus olhos ruins e que isso era uma espécie de suspiro, não haveria nada de misterioso no enunciado.

wir sogar an, ich hätte im Zusammenhang eines Gesprächs¹³² diese Bemerkung gemacht (die also damals relevant war); und nun, außer allem Zusammenhang, wiederhole ich sie, indem ich den Baum ansehe, und ich setze hinzu “Ich meine diese Worte so wie vor 5 Minuten”. – Wenn ich z. B. dazu sagte, ich hätte wieder an meine schlechten Augen gedacht und es sei eine Art Seufzer gewesen, so wäre nichts Rätselhaftes an der Äußerung.

Wie der Satz *gemeint* ist, kann ja durch eine Ergänzung des Satzes¹³³ ausgedrückt werden und läßt sich also mit ihm vereinigen.

350. “Ich weiß, daß das ein Baum ist”, sagt ein Philosoph etwa, um sich selbst oder einem Andern vor Augen zu führen, er *wisse* etwas, was keine mathematische oder logische Wahrheit sei. Ähnlich könnte jemand, der mit dem Gedanken umgeht, er sei zu nichts mehr zu brauchen, sich immer wieder sagen “Ich kann noch immer das und das und das tun”. Gingen solche Gedanken öfter in seinem Kopf herum, so würde man sich nicht darüber wundern, wenn er, scheinbar außer allem Zusammenhang, so einen Satz vor sich hin spräche. (Ich habe aber hier bereits einen Hintergrund, eine Umgebung für diese Äußerungen eingezeichnet, ihnen also einen Zusammenhang gegeben.) Wenn Einer dagegen, unter ganz heterogenen Umständen, mit der überzeugendsten Mimik ausriefe “Nieder mit ihm!”, so könnte man von diesen Worten (und ihrem Tone) sagen, sie seien eine Figur, die allerdings wohlbekannte Anwendungen habe, hier aber sei es nicht einmal klar, welche *Sprache* der Betreffende rede. Ich könnte mit meiner Hand die Bewegung machen, die zu machen wäre, wenn ich einen Fuchsschwanz in der Hand hätte und ein Brett durchsägte; aber hatte man ein Recht, diese Bewegung außer allem Zusammenhang ein *Sägen* zu nennen? (Sie könnte ja auch etwas ganz anderes sein!)

132. Há a seguinte variante riscada no MS 175 (p. 51v): in einem Gespräch (em uma conversa).

133. Há a seguinte variante riscada no MS 175 (p. 51v): Worte oder Gebärden Symbole (palavras ou símbolos gestuais).

Como a proposição é *entendida*, pode ser expresso por um acréscimo a ela e, portanto, pode ser incorporado a ela.

350. “Eu sei que isso é uma árvore”, diz um filósofo, por exemplo, para fazer com que ele mesmo ou outra pessoa perceba que ele *sabe* algo que não é uma verdade matemática ou lógica. Da mesma forma, alguém que acha que não tem mais utilidade poderia continuar dizendo a si mesmo: “Eu ainda posso fazer isso, isso e isso”. Se esses pensamentos estivessem sempre rondando sua cabeça, não ficaria surpreso se ele dissesse essa proposição para si mesmo, aparentemente fora de contexto. (Entretanto, eu já desenhei um pano de fundo, um ambiente para essas declarações, ou seja, dei a elas um contexto). Se, por outro lado, alguém exclamasse “Abaixo com ele!” com a mímica mais convincente em circunstâncias completamente diversas, poderíamos dizer que essas palavras (e seu tom) constituem uma imagem que, no entanto, teria aplicações bem conhecidas, mas aqui não estava nem mesmo claro que língua a pessoa em questão estava falando. Eu poderia fazer o movimento com a mão que teria de fazer se tivesse um serrote na mão e estivesse serrando uma tábua; mas será que alguém teria o direito de chamar esse movimento de *serrar* fora de qualquer contexto? (Também poderia ser algo completamente diferente!).

351. Ist nicht die Frage “Haben diese Worte Sinn?” ähnlich der: “Ist das ein Werkzeug?”, indem man, sagen wir, einen Hammer herzeigt. Ich sage “Ja, das ist ein Hammer”. Aber wie, wenn das, was jeder von uns für einen Hammer hielte, woanders z. B. ein Wurfgeschloß oder Dirigentenstock wäre. Mache die Anwendung nun selbst!

352. Sagt nun jemand “Ich weiß, daß das ein Baum ist”, so kann ich antworten: “Ja, das ist ein Satz. Ein deutscher Satz. Und was soll’s damit?” Wie, wenn er nun antwortet: “Ich wollte mich nur daran erinnern, daß ich so etwas *weiß*”? ---

353. Wie aber, wenn er sagte: “Ich will eine logische Bemerkung machen”?

– – – Wenn der Förster mit seinen Arbeitern in den Wald geht und nun sagt “*Dieser* Baum ist umzuhauen, und *dieser* und *dieser*” – – – wie, wenn er da die Bemerkung macht “Ich *weiß*, daß das ein Baum ist”? – Könnte aber nicht ich vom Förster sagen “Er *weiß*, daß das ein Baum ist, er untersucht es nicht, befiehlt¹³⁴ seinen Leuten nicht, es zu untersuchen”?

354. Zweifelndes und nicht zweifelndes Benehmen. Es gibt das erste nur, wenn es das zweite gibt.

355. Der Irrenarzt etwa könnte mich fragen “Weißt du, was das ist?”, und ich antworten: “Ich weiß, daß das ein Sessel ist; ich kenne ihn, er ist immer schon in meinem Zimmer gestanden.” Er prüft da vielleicht nicht meine Augen, sondern mein Vermögen, Dinge wiederzuerkennen, ihren Namen und ihre Funktion zu wissen.¹³⁵ Es handelt sich da um ein Sichauskennen.

Es wäre nun für mich falsch zu sagen “Ich glaube, daß das ein Sessel ist”, weil dadurch die Bereitschaft zur Prüfung der Aussage

134. Há a seguinte variante riscada no MS 175 (p. 54r): sagt (diz).

135. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 54v): kennen (conhecer).

351. A pergunta “Essas palavras fazem sentido?” não é semelhante a: “Isso é uma ferramenta?” ao se mostrar, digamos, um martelo. Eu digo: “Sim, isto é um martelo”. Mas e se o que cada um de nós considerasse ser um martelo fosse, em outro lugar, por exemplo um projétil ou a batuta de um maestro. Agora faça você mesmo a aplicação!

352. Se alguém disser: “Eu sei que isso é uma árvore”, posso responder: “Sim, isso é uma proposição. Uma proposição em português. E qual é o objetivo?” E se ele responder: “Eu só queria me lembrar de que *sei* algo assim”? ---

353. Mas e se ele dissesse: “Quero fazer uma observação lógica”?

--- Se o guarda florestal for para a floresta com seus trabalhadores e disser: “*Esta* árvore deve ser cortada, e *esta* e *esta*” – e se ele fizer a observação “Eu *sei* que esta é uma árvore”? – Mas eu não poderia dizer do guarda florestal: “Ele *sabe* que isso é uma árvore, ele não a examina, não ordena que seus homens a examinem”?

354. Comportamento de dúvida e de não dúvida. O primeiro só existe se houver o segundo.

355. O psiquiatra poderia me perguntar: “Você sabe o que é isso?” e eu poderia responder: “Sei que é uma poltrona; eu a conheço; ela sempre esteve no meu quarto”. Talvez ele não esteja testando meus olhos, mas minha capacidade de reconhecer as coisas, de saber os nomes e suas funções. É uma questão de saber o que fazer.

Seria errado eu dizer: “Acho que isso é uma poltrona”, porque isso expressaria minha predisposição de examinar minha afirmação. Ao passo que “Eu sei que isso é...” implica que o *espanto* ocorreria se a confirmação não se concretizasse.

ausgedrückt¹³⁶ wäre. Während “Ich weiß, daß das ...” impliziert, daß *Verblüffung* einträte, wenn die Bestätigung nicht einträte.¹³⁷

356. Mein ‚Seelenzustand‘, das “Wissen”, steht mir nicht gut für das, was geschehen wird.

Er besteht aber darin, daß ich nicht verstünde, wo ein Zweifel ansetzen könnte, wo eine Überprüfung möglich wäre.¹³⁸

357. Man könnte sagen: “Ich weiß drückt die *beruhigte* Sicherheit aus, nicht die noch kämpfende.”

358. Ich möchte nun diese Sicherheit nicht als etwas der Vorschnellheit oder Oberflächlichkeit Verwandtes ansehen, sondern als (eine) Lebensform. (Das ist sehr schlecht ausgedrückt und wohl auch¹³⁹ schlecht gedacht.)

359. Das heißt doch, ich will sie als etwas auffassen, was jenseits von berechtigt und unberechtigt liegt; also gleichsam als etwas Animalisches.¹⁴⁰

360. Ich *weiß*,¹⁴¹ daß dies mein Fuß ist. Ich könnte keine Erfahrung als Beweis des Gegenteils anerkennen. – Das kann ein Ausruf sein; aber was *folgt* daraus?

Jedenfalls, daß ich mit einer Sicherheit, die den Zweifel nicht kennt, meinem Glauben gemäß handeln werde.¹⁴²

136. Há as seguintes variantes no MS 175 (p. 55r), sendo que uma delas encontra-se riscada como indicado: des Satzes || der Aussage ausgesprochen (a proposição || a declaração expressa).

137. Variante riscada por Wittgenstein no MS 175 (p. 55r): erwarteten Folgen nicht einträten (as consequências esperadas não ocorreram).

138. Há a seguinte variante riscada no MS 175 (p. 55v): zu machen wäre (seria feita).

139. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 55v): vielleicht (talvez).

140. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 56r): Tierisches (animalesco).

Após este parágrafo, há a seguinte anotação que não foi assimilada pela edição de Anscombe e Von Wright: Gott kann mir sagen: “Ich richte Dich aus Deinem eigenen Munde. Du hast Dich vor Ekel vor Deinen eigenen Handlungen geschüttelt, wenn Du sie an Andern gesehen hast.” (| Deus pode me dizer: “Eu lhe julgo pela sua própria boca. Você tremeu de horror diante de suas próprias ações quando as viu nos outros.” |).

141. Weiß está duplamente grifado no MS 175 (p. 56r).

142. Consta a seguinte variante no MS 175 (p. 56v): mit unbedingter Sicherheit dem Gewußten gemäß handeln werde (agirei com absoluta certeza de acordo com o que é conhecido).

356. Meu ‘estado mental’, o “conhecimento”, não me dá qualquer garantia quanto ao que irá acontecer.

Mas ele consiste no seguinte: eu não entenderia onde uma dúvida poderia ter lugar, nem onde uma nova verificação seria possível.

357. Poderíamos dizer: “Eu sei expressa a certeza *pacificada*, não a certeza que ainda está lutando”.

358. Não quero considerar essa certeza como algo semelhante à pressa ou à superficialidade, mas como (uma) forma de vida. (Isso está muito mal expresso e provavelmente também mal pensado).

359. Isto quer dizer que eu quero entendê-la como algo que está além do que é justificado e injustificado; como algo animal, por assim dizer.

360. Eu *sei* que esse é o meu pé. Eu não poderia aceitar nenhuma experiência como prova do contrário. – Isso pode ser uma exclamação, mas o que se *segue* dela?

Em todo caso, eu agirei de acordo com minha convicção, com uma certeza que não concebe dúvidas.

361. Ich könnte aber auch sagen: Es ist mir von Gott geoffenbart, daß das so ist. Gott hat mich gelehrt, daß das mein Fuß ist. Und geschähe also etwas, was dieser Erkenntnis zu widerstreiten scheint, so müßte ich *das* als Trug ansehen.

362. Aber zeigt sich hier nicht, daß das Wissen mit einer Entscheidung verwandt ist?

363. Und es ist hier schwer, den Übergang von dem, was man ausrufen möchte, zu den Folgen in der Handlungsweise zu finden.¹⁴³

364. Man könnte auch so fragen: “Wenn du weißt, daß das dein Fuß ist, – weißt du da auch, oder glaubst du nur, daß keine zukünftige Erfahrung deinem Wissen widersprechen zu scheinen wird (d. h., daß sie *Dir selbst* nicht so scheinen wird)?”

365. Wenn nun Einer antwortete: “Ich weiß auch, daß es mir nie so *scheinen* wird, als widerspräche etwas jener Erkenntnis”, – was können wir daraus entnehmen, als daß er selbst nicht zweifelte, es werde das nie geschehen? –

366. Wie, wenn es verboten wäre zu sagen “Ich weiß” und erlaubt nur zu sagen “Ich glaube zu wissen”?

367. Ist nicht der Zweck, ein Wort wie “wissen” analog¹⁴⁴ mit “glauben” zu konstruieren,¹⁴⁵ daß dann der Aussage “Ich weiß” ein Opprobrium anhaftet, wenn, wer es sagt, sich geirrt hat.¹⁴⁶

Ein Irrtum wird dadurch zu etwas Unerlaubtem.

368. Wenn Einer sagt, er werde keine Erfahrung als Beweis des Gegenteils anerkennen, so ist das doch eine *Entscheidung*. Es ist möglich, daß er ihr zuwiderhandeln wird.

143. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 57r): zu den praktischen Folgen zu finden. (para encontrar... as consequências práticas).

144. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 58r): parallel (paralela).

145. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 58r): führen (conduzir).

146. Embora não haja ponto de interrogação nesse período, no MS 175 (p. 58r), ele está na forma interrogativa.

361. Mas eu também poderia dizer: Deus me revelou que é assim. Deus me ensinou que esse é o meu pé. E se algo acontecesse que parecesse contradizer esse conhecimento, eu teria de considerar *isso* como uma ilusão.

362. Mas isso aqui não mostra que o conhecimento está relacionado a uma decisão?

363. E aqui é difícil encontrar a transição do que se gostaria de exclamar para as consequências no modo de agir.

364. Pode-se também perguntar o seguinte: “Se você sabe que este é o seu pé, – então você também sabe, ou apenas acredita, que nenhuma experiência futura parecerá contradizer seu conhecimento (isto é, que não parecerá assim *para você mesmo*)?”.

365. Se alguém agora respondesse: “Também sei que nunca me *parecerá* que algo contradiga esse conhecimento”, – o que podemos concluir disso senão que ele próprio não duvidava que isso nunca aconteceria? –

366. E se fosse proibido dizer “eu sei” e só fosse permitido dizer “eu acredito saber”?

367. Não é o propósito de interpretar uma palavra como “saber” de forma análoga a “acreditar”, que um opróbrio seja atribuído à afirmação “eu sei” se quem a diz cometeu um erro?

Assim, um erro se torna algo não autorizado.

368. Se alguém disser que não reconhecerá a experiência como prova do contrário, isso é uma *decisão*. É possível que ele aja de forma contrária a ela.

16.3.51

369. Wenn ich zweifeln wollte, daß dies meine Hand ist, wie könnte ich da umhin zu zweifeln, daß das Wort “Hand” irgendeine Bedeutung hat? Das scheine ich also doch zu *wissen*.

370. Richtiger aber: Daß ich ohne Skrupel das Wort “Hand” und alle übrigen Wörter meines Satzes gebrauche, ja, daß ich vor dem Nichts stünde, sowie ich auch nur versuchen wollte zu zweifeln – zeigt, daß die Zweifellosigkeit zum Wesen des Sprachspiels gehört, daß die Frage “Wie weiß ich ...” das Sprachspiel hinauszieht oder aufhebt.

371. Heißt nicht “Ich weiß, daß das eine Hand ist” in Moores Sinn das gleiche oder etwas Ähnliches wie: ich könnte Aussagen wie “Ich habe Schmerzen in dieser Hand” oder “Diese Hand ist schwächer als die andre” oder “Ich habe mir einmal diese Hand gebrochen” und unzählige andere¹⁴⁷ in Sprachspielen gebrauchen, in welche ein Zweifel an der Existenz dieser Hand nicht eintritt.

372. Nur in gewissen Fällen ist eine Untersuchung “Ist das wirklich eine Hand?” (oder “meine Hand”) möglich. Denn der Satz “Ich zweifle daran, ob das wirklich meine (oder eine) Hand ist” hat ohne nähere Bestimmung noch keinen Sinn. Es ist aus diesen Worten allein noch nicht zu ersehen, ob überhaupt und was für ein¹⁴⁸ Zweifel gemeint ist.

373. Warum soll es möglich sein, einen Grund zum *Glauben* zu haben, wenn es nicht möglich ist, sicher zu sein?

374. Wir lehren das Kind “Das ist deine Hand”, nicht “Das ist vielleicht (oder “wahrscheinlich”) deine Hand”. So lernt das Kind die unzähligen Sprachspiele, die sich mit seiner Hand beschäftigen. Eine

147. No MS 175 (pp. 59v-60r), há a seguinte anotação intercalada, de forma que o complemento do parágrafo é feito somente na página que se segue. Uma anotação da mesma natureza se encontra, como já mencionado, após o parágrafo 299, não tendo, tal como ela, sido assimilada pela edição de Anscombe e Von Wright: Das entschuldigt die Unredlichkeit derer nicht, die ihren Veröffentlichungen durch meine von mir unveröffentlichten || nicht veröffentlichten Einfälle (Beispiele, Methoden) ein Ansehen verschaffen. Denn wenn auch, was sie davontragen können, ... (| Isso não desculpa a desonestidade daqueles que usam minhas ideias inéditas || não publicadas (exemplos, métodos) para conferir prestígio às suas publicações. Pois mesmo que eles possam levar, |).

148. No MS 175 (p. 60v), há a seguinte variante: zu ersehen was für ein (ver que tipo).

16.3.51

369. Se eu quisesse duvidar de que esta é minha mão, como poderia deixar de duvidar que a palavra “mão” tenha algum significado? Afinal, parece que eu *sei* disso.

370. Mas, mais corretamente: o fato de eu usar sem escrúpulos a palavra “mão” e todas as demais palavras de minha frase; o fato de que eu não enfrentaria nada se tentasse duvidar – mostra que a ausência de dúvida faz parte da essência do jogo de linguagem e que a pergunta “Como eu sei...?” suspende ou anula o jogo de linguagem.

371. “Eu sei que esta é uma mão”, no sentido de Moore, não quer dizer o mesmo ou algo semelhante a: Eu poderia usar afirmações como “Eu tenho dor nesta mão” ou “Esta mão é mais fraca do que a outra” ou “Eu uma vez quebrei esta mão” e inúmeros outros usos em jogos de linguagem nos quais não surge uma dúvida sobre a existência desta mão?

372. Somente em certos casos é possível investigar se “Isso é realmente uma mão?” (ou “minha mão”). Pois a frase “Tenho dúvidas se essa é realmente a minha (ou uma) mão” não tem sentido sem uma definição adicional. Apenas com base nessas palavras, ainda não está claro se existe de fato uma dúvida e que tipo de dúvida é essa.

373. Por que deveria ser possível ter uma razão para *acreditar* se não é possível ter certeza?

374. Ensina-mos à criança “Esta é sua mão”, e não “Esta é talvez (ou ‘provavelmente’) sua mão”. É assim que a criança aprende os inúmeros jogos de linguagem que envolvem sua mão. Uma indagação ou pergunta sobre ‘se esta é realmente uma mão’ não lhe ocorre de forma alguma. Por outro lado, tampouco ela aprende que *sabe* que isso é uma mão.

Untersuchung oder Frage, ‘ob dies wirklich eine Hand sei’ kommt ihm gar nicht unter. Andererseits lernt es auch nicht: es *wisse*, daß dies eine¹⁴⁹ Hand sei.

375. Man muß hier einsehen, daß die vollkommene Zweifellosigkeit in einem Punkt, sogar dort wo, wie wir sagen würden, ‘berechtigte’ Zweifel bestehen können, ein Sprachspiel nicht falsifizieren muß. Es gibt eben auch so etwas wie eine *andere* Arithmetik.

Dieses Eingeständnis muß, glaube ich, am Grunde alles Verständnisses der Logik liegen.

17.3.

376. Ich kann mich mit Leidenschaft dafür erklären, daß ich weiß, daß das (z. B.) mein Fuß ist.

377. Aber diese Leidenschaft ist doch etwas (sehr) Seltenes, und es ist von ihr keine Spur, wenn ich für gewöhnlich von diesem Fuß rede.

378. Das Wissen gründet sich am Schluß auf der Anerkennung.

379. Ich sage mit Leidenschaft “Ich *weiß*, daß das ein Fuß ist” – aber was *bedeutet* es?

380. Ich könnte fortfahren: “Nichts auf der Welt wird mich vom Gegenteil überzeugen!” Das Faktum ist für mich am Grunde aller Erkenntnis. Ich werde anderes aufgeben, aber nicht das.

381. Dieses “Nichts auf der Welt ...” ist offenbar eine Einstellung, die man nicht gegenüber alledem hat, was man glaubt oder dessen man sicher ist.

382. Es ist damit nicht gesagt, daß wirklich nichts auf der Welt imstande sein wird, mich eines andern zu überzeugen.¹⁵⁰

383. Das Argument “Vielleicht träume ich” ist darum sinnlos, weil dann eben auch diese Äußerung geträumt ist, ja auch *das*, daß diese Worte eine Bedeutung haben.

149. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 61r): seine (sua).

150. No MS 175 (pp. 62v-63r), há a seguinte variante: wird, meine Einstellung zu ändern. (a mudar minha atitude).

375. Deve-se reconhecer aqui que a completa ausência de dúvida em um ponto, mesmo quando diríamos que podem existir dúvidas ‘justificadas’, não deve falsear um jogo de linguagem. Existe também algo como uma aritmética *diferente*.

Acredito que essa admissão deve estar na base de toda a compreensão da lógica.

17.3.

376. Posso declarar com paixão que sei que este (por exemplo) é o meu pé.

377. Mas essa paixão é algo (muito) raro e não há nenhum vestígio dela quando costumo falar sobre esse pé.

378. Em última análise, o conhecimento se baseia no reconhecimento.

379. Eu digo com paixão: “Eu *sei* que isso é um pé” – mas o que isso *significa*?

380. Eu poderia prosseguir: “Nada no mundo me convencerá do contrário!” Esse fato é, para mim, a base de todo o conhecimento. Desistirei de outras coisas, mas não disso.

381. Esse “nada no mundo...” é obviamente uma atitude que não se tem em relação a tudo em que você acredita ou de que tem certeza.

382. Isso não quer dizer que nada no mundo será realmente capaz de me convencer de outra coisa.

383. O argumento: “Talvez eu esteja sonhando” é, portanto, sem sentido, dado que essa afirmação também é sonhada, do mesmo modo o *fato* dessas palavras terem significado.

384. Welcher Art ist nun der Satz “Nichts auf der Welt ...”?

385. Er hat die Form einer Vorhersage, ist aber (natürlich) nicht eine, die auf Erfahrung beruht.¹⁵¹

386. Wer, wie Moore, sagt, er *wisse*, daß ... – gibt den Grad der Gewißheit an, den etwas für ihn hat. Und es ist wichtig, daß es für diesen Grad ein Maximum gibt.¹⁵²

387. Man könnte mich fragen: “Wie sicher bist du: daß das dort ein Baum ist; daß du Geld in der Tasche hast; daß das dein Fuß ist?” Und die Antwort könnte in einem Fall sein “nicht sicher”, in einem andern “so gut wie sicher”, im dritten “Ich kann nicht zweifeln”. Und diese Antworten hätten Sinn auch ohne alle Gründe. Ich brauchte z. B. nicht zu sagen: “Ich kann nicht sicher sein, ob das ein Baum ist, weil meine Augen nicht scharf genug sind.” Ich will sagen: es hatte Sinn für Moore zu sagen “Ich *weiß*, daß das ein Baum ist”, wenn er damit etwas ganz Bestimmtes sagen wollte.

| Ich glaube, einen Philosophen, einen der selbst denken kann, könnte es interessieren, meine Noten zu lesen. Denn wenn ich auch nur selten ins Schwarze getroffen habe, so würde er doch erkennen, nach welchen Zielen ich unablässig geschossen habe. |

388. Jeder von uns gebraucht oft einen solchen Satz, und es ist nicht fraglich, ob er Sinn hat. Läßt sich damit auch ein philosophischer Aufschluß geben?¹⁵³ Ist es mehr ein Beweis der Existenz der äußern Dinge, daß ich weiß, daß das eine Hand ist, als daß ich nicht weiß, ob das Gold oder Messing ist?

151. No MS 175 (p. 63v), há as seguintes variantes: *begründet ist*. || *ist aber natürlich nicht gegründet auf Erfahrung*. (não é fundamentado || mas claramente não é fundamentado pela experiência). Após o parágrafo 385, no MS 175 (p. 63v) há a seguinte anotação, que não foi publicada na edição de Anscombe e von Wright: | *Ist der Sinn des Glaubens an den Teufel der, daß nicht alles, was als eine Eingebung zu uns kommt, gut || von gutem ist?* | (|| *O sentido de acreditar no demônio é que nem tudo que nos chega como inspiração é bom || do bem?* |).

152. No MS 175 (pp. 63v-64r), há a seguinte variante: *für ihn einen höchsten Wert gibt*. (que para ele haja um valor mais alto).

153. No MS 175, (p. 65r), há a seguinte variante riscada por Wittgenstein: *Läßt er sich aber auch so sagen, daß er uns einen philosophischen Aufschluß gibt* (Mas também se pode dizer que nos fornece uma elucidação filosófica).

384. Qual é então o tipo da proposição “Nada no mundo...”?

385. Ela tem a forma de uma previsão, mas (é claro) não é baseada na experiência.

386. Quem diz, como Moore, que *sabe* que ... – indica o grau de certeza que algo tem para ele. E é importante que haja um máximo para esse grau.

387. Alguém poderia me perguntar: “Quão certo você está de que há uma árvore ali; de que você tem dinheiro no bolso; de que esse é o seu pé?” E a resposta poderia ser, em um caso, “não tenho certeza”, em outro “tenho certeza”, no terceiro “não posso duvidar”. E essas respostas fariam sentido mesmo sem todas as razões. Por exemplo, eu não precisaria dizer “Não posso ter certeza se é uma árvore porque meus olhos não estão suficientemente bons”. Quero dizer que fazia sentido para Moore dizer “eu *sei* que isso é uma árvore” se ele quisesse dizer com isso algo muito específico.

| Acredito que um filósofo, alguém que possa pensar por si mesmo, poderia se interessar em ler minhas anotações, pois mesmo que eu raramente acertasse o alvo, ele reconheceria os alvos para os quais eu estava constantemente atirando. |

388. Cada um de nós usa essa proposição com frequência, e não se questiona se ela faz sentido. Ela também fornece uma elucidação filosófica? Que eu saiba que isso é uma mão é mais uma prova da existência de coisas externas do que não saber se isso é de ouro ou de latão?

18.3.

389. Moore wollte ein Beispiel dafür geben, daß man Sätze über physikalische Gegenstände wirklich wissen könne. Wenn es streitig wäre, ob man an der und der bestimmten Stelle des Körpers Schmerzen haben kann, dann könnte Einer, der gerade dort Schmerzen hat, sagen: “Ich versichere dich, ich habe jetzt da Schmerzen.” Es klänge aber seltsam, wenn Moore gesagt hätte: “Ich versichere dich, ich weiß, daß das ein Baum ist.” Es hat eben hier nicht ein persönliches Erlebnis für uns Interesse.¹⁵⁴

390. Wichtig ist nur, daß es Sinn hat zu sagen, man wisse so etwas; und daher kann die Versicherung, man wisse es, hier nichts ausrichten.

391. Denk dir ein Sprachspiel “Wenn ich dich rufe, komm zur Tür herein”. In allen gewöhnlichen Fällen wird ein Zweifel, ob wirklich eine Tür da ist, unmöglich sein.

392. Was ich zeigen muß, ist, daß ein Zweifel nicht notwendig ist, auch wenn er möglich ist. Daß die Möglichkeit des Sprachspiels nicht davon abhängt, daß alles bezweifelt werde, was bezweifelt werden kann. (Das hängt mit der Rolle des Widerspruchs in der Mathematik zusammen.)

393. Der Satz “Ich weiß, daß das ein Baum ist” könnte, wenn er außerhalb seines Sprachspiels gesagt wird, auch ein Zitat (aus einer deutschen Sprachlehre etwa) sein. – “Aber wenn ich ihn nun *meine*, während ich ihn spreche?” Das alte Mißverständnis, den Begriff¹⁵⁵ “meinen” betreffend.

394. “Dies gehört zu den Dingen, an denen ich nicht zweifeln kann.”

395. “Ich weiß das alles.” Und das wird sich darin zeigen, wie ich handle und über die Dinge spreche.

154. No MS 175 (p. 66r), há a seguinte variante riscada por Wittgenstein: Es handelt sich eben hier nicht um ein persönliches Erlebnis. (Não se trata aqui de uma experiência pessoal).

155. No MS 175, (p. 67r), há a seguinte variante: das Wort (a palavra).

18.3.

389. Moore queria dar um exemplo de que as proposições sobre objetos físicos podem realmente ser conhecidas. Se fosse uma questão controversa que alguém possa sentir dor em tal e tal parte específica do corpo, então alguém que sente dor nessa parte poderia dizer “Eu lhe asseguro que agora estou com dor aí”. Mas soaria estranho se Moore dissesse: “Eu lhe garanto que sei que isso é uma árvore”. Neste caso, não é uma experiência pessoal que nos interessa.

390. O que importa é que faz sentido dizer que se sabe tal coisa; e, portanto, a segurança de que se sabe isso não adianta nada aqui.

391. Pense em um jogo de linguagem “Quando lhe chamar, entre pela porta”. Em todas as situações comuns, será impossível duvidar se realmente existe uma porta.

392. O que tenho que mostrar é que a dúvida não é necessária, mesmo quando possível. Que a possibilidade do jogo de linguagem não depende de pôr em dúvida tudo o que pode ser duvidado. (Isso tem a ver com o papel da contradição na matemática).

393. A proposição “eu sei que isso é uma árvore” quando é dito fora de seu jogo de linguagem também poderia ser uma citação (de uma cartilha de ensino da língua portuguesa, por exemplo). – “Mas se eu *quiser dizer* isso agora, enquanto eu a enuncio?” O velho mal-entendido a respeito do conceito de “querer dizer”.

394. “Essa é uma das coisas das quais não posso duvidar.”

395. “Eu sei tudo isso”. E isso se mostra em como ajo e falo sobre as coisas.

396. Im Sprachspiel “2”, kann er sagen, er wisse, daß das Bausteine sind? – “Nein, aber er *weiß* es.”

397. Habe ich mich nicht geirrt und hat nicht Moore vollkommen recht? Habe ich nicht den elementaren Fehler gemacht, zu verwechseln, was man denkt, mit dem, was man weiß? Freilich denke ich nicht “Die Erde hat einige Zeit vor meiner Geburt schon existiert”, aber *weiß* ich’s drum nicht? Zeige ich nicht, daß ich’s weiß, indem ich immer die Konsequenzen draus ziehe?

398. Weiß ich nicht auch, daß von diesem Haus keine Stiege sechs Stock tief in die Erde führt, obgleich ich noch nie dran gedacht habe?

399. Aber zeigt, daß ich die Konsequenzen draus ziehe, nicht nur, daß ich diese Hypothese annehme?

19.3.

400. Ich bin hier geneigt, gegen Windmühlen zu kämpfen, weil ich das noch nicht sagen kann, was ich eigentlich sagen will.

401. Ich will sagen: Sätze von der Form der Erfahrungssätze und nicht nur Sätze der Logik gehören zum Fundament alles Operierens mit Gedanken (mit der Sprache). – Diese Feststellung ist nicht von der Form “Ich weiß, ...”. “Ich weiß, ...” sagt aus, was ich weiß, und das ist *nicht* von logischem Interesse.

396. No jogo de linguagem “2”¹³, ele pode dizer que sabe que esses são tijolos? – “Não, mas ele sabe”.

397. Será que não estou enganado e não estaria Moore completamente certo? Será que eu não cometi o erro elementar de confundir o que se pensa com o que se sabe? É claro que não penso que “A Terra já existia algum tempo antes de eu nascer”, mas se quer dizer com isso que eu não *sei*? Eu não mostro que sei, sempre tirando as consequências disso?

398. Será que eu também não sei que não há nenhuma escada nesta casa, descendo profundamente seis andares abaixo da Terra, embora eu nunca tenha pensado nisso?

399. Mas isso mostra que eu tiro as consequências disso, não apenas que eu aceito essa hipótese?

19.3.

400. Estou inclinado aqui a lutar contra moinhos de vento porque ainda não posso dizer o que realmente quero dizer.

401. Quero dizer: as proposições da forma de proposições empíricas, e não apenas as proposições da lógica, pertencem ao fundamento de todas as operações com pensamentos (com a linguagem). – Essa afirmação não é da forma “Eu sei, ...” “Eu sei, ...” diz o que *eu* sei, e isso *não* é de interesse lógico.

13. Referência ao parágrafo 2 das Investigações Filosóficas, no qual Wittgenstein apresenta uma representação primitiva do funcionamento da linguagem: “Aquele conceito filosófico de significado se ajusta a uma representação primitiva da maneira como a linguagem funciona. Pode-se, entretanto, dizer que ela seria a representação de uma língua mais primitiva que a nossa. Imaginemos uma linguagem que concorde com a descrição dada por Agostinho: a linguagem deve servir de comunicação entre um construtor A e um ajudante B. A executa uma edificação com blocos de construção; há disponíveis blocos, colunas, lajotas e vigas. B tem que lhe alcançar os blocos de construção na sequência em que A deles precisa. Para esta finalidade, eles se servem de uma língua que consiste das palavras: “bloco”, “coluna”, “lajota”, “viga”. A chama as palavras; – B traz a peça que aprendeu a trazer para este chamado. — Conceba isso como uma linguagem primitiva completa” (Tradução de João José R. L. de Almeida).

402. In dieser Bemerkung ist schon der Ausdruck “Sätze von der Form der Erfahrungssätze” ganz schlecht; es handelt sich um Aussagen¹⁵⁶ über Gegenstände.¹⁵⁷ Und sie dienen nicht als Fundamente wie Hypothesen, die, wenn sie sich als falsch erweisen, durch andere ersetzt werden.

... und schreib getrost

“Im Anfang war die Tat.”

403. Vom Menschen, in Moores Sinne, zu sagen, er *wisse* etwas; was er sage, sei also unbedingt die Wahrheit, scheint mir falsch. – Es ist die Wahrheit nur insofern, als es eine unwankende Grundlage seiner Sprachspiele ist.

404. Ich will sagen: Es ist nicht so, daß der Mensch in gewissen Punkten mit vollkommener Sicherheit die Wahrheit weiß. Sondern die¹⁵⁸ vollkommene Sicherheit bezieht sich nur auf seine Einstellung.

405. Aber auch hier ist natürlich noch ein Fehler.

156. Há a seguinte variante riscada por Wittgenstein no MS 175 (p. 69r): Sätze (proposições).

157. Há as seguintes variantes no MS 175 (p. 69r): physikalische || materielle Gegenstände. (físicos || materiais objetos).

158. No MS 175 (p. 70r), há a seguinte variante: Die (A).

402. Nessa observação, a expressão “proposições da forma de proposições empíricas” é muito ruim; trata-se de afirmações sobre objetos. E não servem como fundamentos à maneira de hipóteses, que, se se mostrarem falsas, são substituídas por outras.

... e escreve com confiança

“No princípio era a ação”.¹⁴

403. Dizer do homem, no sentido de Moore, que ele *sabe* algo; que o que ele diz é, portanto, necessariamente a verdade, parece-me errado. – É a verdade apenas na medida em que é uma base instável de seus jogos de linguagem.

404. Quero dizer: Não é o caso de o homem saber a verdade sobre certos pontos com total segurança. Ao contrário, a total segurança está relacionada apenas à sua atitude.

405. Mas é claro que ainda há um erro aqui também.

14. Wittgenstein menciona, nesse caso, um verso que se encontra em uma passagem da Primeira Partido Fausto de Goethe, na qual Fausto prepara-se para traduzir o Evangelho de São João, então verte “das Wort”, da Vulgata de Lutero, em “die Tat”. Trata-se da seguinte passagem, na qual destacamos a frase original do Evangelho de São João e a frase mencionada por Wittgenstein: “Mich drängt's, den Grundtext aufzuschlagen, / Mit redlichem Gefühl einmal / Das heilige Original In mein geliebtes Deutsch zu übertragen. / Geschrieben steht: “Im Anfang war das Wort”! / Hier stock' ich schon! Wer hilft mir weiter fort? / Ich kann das Wort so hoch unmöglich schätzen, / Ich muß es anders übersetzen, / Wenn ich vom Geiste recht erleuchtet bin. / Geschrieben steht: Im Anfang war der Sinn. / Bedenke wohl die erste Zeile, / Daß deine Feder sich nicht übereile! / Ist es der Sinn, der alles wirkt und schafft? / Es sollte stehn: Im Anfang war die Kraft! / Doch, auch indem ich dieses niederschreibe, / Schon warnt mich was, daß ich dabei nicht bleibe. / Mir hilft der Geist! Auf einmal seh' ich Rat / Und schreibe getrost: Im Anfang war die Tat!” (1220-1237)

“Almejo abrir o básico texto / E verter o sagrado Original, / Com sentimento reverente e honesto / Em meu amado idioma natal. / Escrito está: “Era no início o Verbo!” / Começo apenas, e já me exacerbo! / Como hei de ao verbo dar tão alto apreço? / De outra interpretação careço; / Se o espírito me deixa esclarecido, / Escrito está: No início era o Sentido! / Pesa a linha inicial com calma plena, / Não se apressure a tua pena! / É o sentido então, que tudo opera e cria? / Deverá opor! No início era a Energia! / Mas, já, enquanto assim o retifico, / Diz-me algo que tampouco nisso fico. / Do espírito me vale a direção, / E escrevo em paz: Era no início a Ação!” (Tradução de Jenny Klabin Segall, São Paulo, Editora 34, 2004).

Curiosamente, Karl Marx menciona a mesma frase no Capítulo II do Capital, quando trata de afirmar a ação como precedente ao pensamento na constituição da prática em que consiste a troca de mercadorias.

406. Das, worauf ich abziele, liegt auch in dem Unterschied zwischen der beiläufigen Feststellung “Ich weiß, daß das ...”, wie sie im gewöhnlichen Leben gebraucht wird, und dieser Äußerung, wenn der Philosoph sie macht.

407. Denn wenn Moore sagt “Ich weiß, daß das ... ist”, möchte ich antworten: “Du *weißt* gar nichts!” Und doch würde ich das dem nicht antworten, der ohne philosophische Absicht so spricht.¹⁵⁹ Ich fühle also (ob mit Recht?), daß diese zwei Verschiedenes sagen wollen.

408. Denn sagt Einer, er *wisse* das und das, und das gehört zu seiner Philosophie – so ist sie falsch, wenn er in jener Aussage fehlgegangen ist.

409. Wenn ich sage “Ich weiß, daß das ein Fuß ist” – was sage ich eigentlich? Ist nicht der ganze Witz, daß ich der Konsequenzen sicher bin, daß, wenn ein Anderer gezweifelt hätte, ich ihm sagen könnte “Siehst du, ich hab dir’s gesagt”? Wäre mein Wissen noch etwas wert, wenn es als Richtschnur des Handelns versagte? Und *kann* es nicht versagen?

410. Unser Wissen bildet ein großes System. Und nur in diesem System hat das Einzelne den Wert, den wir ihm beilegen.

411. Wenn ich sage “*Wir nehmen an*, daß die Erde schon viele Jahre existiert habe” (oder dergl.), so klingt es freilich sonderbar, daß wir so etwas *annehmen* sollten. Aber im ganzen System unsrer Sprachspiele gehört es zum Fundament. Die Annahme, kann man sagen, bildet die Grundlage des Handelns und also natürlich auch des Denkens.

412. Wer nicht imstande ist, sich einen Fall vorzustellen, in dem man sagen könnte “Ich weiß, daß das meine Hand ist” (und solche Fälle sind ja selten), der könnte sagen, diese Worte wären Unsinn. Er könnte freilich auch sagen: “Freilich weiß ich’s, wie könnte ich’s

159. No MS 175 (p. 70v), há a seguinte variante: Und doch würde ich das nicht dem alltäglichen Gebrauch dieser Worte antworten (E, no entanto, eu não responderia isso ao uso cotidiano dessas palavras).

406. O que estou buscando também reside na diferença entre a afirmação ordinária “Eu sei que...”, como é usada na vida cotidiana, e essa afirmação quando o filósofo a faz.

407. Pois quando Moore diz “Eu sei que isso ... é”, eu gostaria de responder: “Você não *sabe* nada!” E, no entanto, eu não responderia a alguém que fala assim sem intenção filosófica. Portanto, sinto (com razão?) que esses dois querem dizer coisas diferentes.

408. Pois se alguém diz que *sabe* isso e aquilo, e isso faz parte de sua filosofia – então ela é falsa, se ele errou nessa afirmação.

409. Quando eu digo: “Eu sei que isso é um pé”, o que estou realmente dizendo? Todo o ponto em questão não é que tenho certeza das consequências e que, se alguém duvidasse, eu poderia lhe dizer: “Veja, eu não lhe disse”? Meu conhecimento ainda valeria alguma coisa se falhasse como guia para a ação? E será que ele não *pode* falhar?

410. O nosso saber forma um grande sistema. E é só neste sistema que o singular tem o valor que lhe atribuímos.

411. Se eu disser: “*Nós supomos* que a Terra já existe há muitos anos” (ou algo do gênero), soa certamente estranho que *suponhamos* tal coisa. Mas no todo do sistema dos nossos jogos de linguagem, isso pertence ao fundamento. A suposição, pode se dizer, constitui a base da ação e, naturalmente, também do pensamento.

412. Quem não for capaz de imaginar um caso em que se possa dizer: “Eu sei que isto é a minha mão” (e esses casos são raros), pode dizer que estas palavras não fazem sentido. Claro que também poderia dizer: “Claro que sei, como poderia não saber?” – mas então talvez entendesse a proposição “Esta é a minha mão” como uma *explicação* das palavras “a minha mão”.

nicht wissen?“ – aber da würde er vielleicht den Satz “Das ist meine Hand” als *Erklärung* der Worte “meine Hand” verstehen.

413. Denn nimm an, du führtest einem Blinden die Hand und sagtest, indem du sie deiner Hand entlang führst, “Das ist meine Hand”; – wenn er dich nun fragte “Bist du sicher?” oder “Weißt du das?”, so würde das nur unter sehr besondern Umständen Sinn haben.

414. Aber anderseits: Woher *weiß* ich, daß das meine Hand ist? Ja, weiß ich auch hier genau, was es bedeutet zu sagen, es sei meine Hand? – Wenn ich sage “Woher weiß ich’s?”, so meine ich nicht, daß ich im mindesten daran *zweifle*. Es ist hier eine Grundlage meines ganzen Handelns. Aber mir scheint, sie ist falsch ausgedrückt durch die Worte “Ich weiß ...”

415. Ja, ist nicht der Gebrauch des Wortes Wissen, als eines ausgezeichneten philosophischen Worts, überhaupt ganz falsch? Wenn “wissen” dieses Interesse hat, warum nicht “sicher sein”? Offenbar, weil es zu subjektiv wäre. Aber ist wissen nicht *ebenso* subjektiv? Ist man nicht nur durch die grammatische Eigentümlichkeit getäuscht, daß aus “ich weiß p” “p” folgt?

“Ich glaube es zu wissen” müßte keinen mindern Grad der Gewißheit ausdrücken. – Ja, aber man will nicht subjektive Sicherheit ausdrücken, auch nicht die größte, sondern dies, daß gewisse Sätze am Grunde aller Fragen und alles Denkens zu liegen scheinen.

416. Ist nun so ein Satz z. B., daß ich in diesem Zimmer wochenlang gelebt habe, daß mich mein Gedächtnis darin nicht täuscht?

– “certain beyond all reasonable doubt”¹⁶⁰ –

21.3.

417. “Ich weiß, daß ich im letzten Monat täglich gebadet habe.” Woran erinnere ich mich? An jeden Tag und das Bad an jedem Morgen? Nein. Ich *weiß*, daß ich jeden Tag gebadet habe, und ich entnehme das nicht aus einem andern unmittelbaren Datum. Ähnlich sage ich “Ich

160. Escrito originalmente em inglês no MS 175 (pp. 74r - 74v).

413. Suponha que ao guiar a mão de um cego e, guiando-a com a sua mão, dissesse: “Esta é a minha mão”; – se ele perguntasse: “Tem certeza?” ou “Você sabe disto?”, isso só faria sentido em circunstâncias muito especiais.

414. Mas, por outro lado, como é que eu *sei* que esta é a minha mão? Será que aqui eu também sei exatamente o que significa dizer que isso é minha mão? – Quando digo “Como é que eu sei?”, não quero dizer que *duvide* disso minimamente. O que temos aqui é o fundamento de todas as minhas ações. Mas me parece que é incorretamente expresso pelas palavras “Eu sei...”

415. E, de fato, o uso da palavra “saber”, como uma excelente palavra filosófica, não é completamente errado? Se “saber” tem esse interesse, por que não “ter a certeza”? Obviamente, porque seria demasiado subjetivo. Mas o saber não é *igualmente* subjetivo? Não estaremos apenas enganados pela particularidade gramatical de que “p” segue-se de ‘eu sei p’?

“Acredito que sei isso” não deveria expressar um grau menor de certeza. – Sim, mas não se quer expressar uma certeza subjetiva, nem sequer a maior delas, mas sim que certas proposições parecem estar na base de todas as questões e de todo o pensamento.

416. Será que a minha memória não me engana, por exemplo, a respeito da proposição que eu vivi neste quarto durante semanas?
– “Certo além de qualquer dúvida razoável” –

21.3.

417. “Sei que tomei banho todos os dias no último mês.” Do que é que eu lembro? Todos os dias e o banho todas as manhãs? Não. *Sei* que tomei banho todos os dias e não deduzo isso de outro dado imediato. Do mesmo modo, digo “senti uma pontada no braço” sem que essa localidade chegue à minha consciência de qualquer outra forma (através de uma imagem, por exemplo).

habe einen Stich im Arm empfunden“, ohne daß diese Lokalität mir auf eine andre Weise (durch ein Bild etwa) zum Bewußtsein käme.

418. Ist mein Verständnis nur Blindheit gegen mein eigenes Unverständnis? Oft scheint es mir so.

419. Wenn ich sage “Ich war nie in Kleinasien”, woher kommt mir dieses Wissen? Ich habe es nicht berechnet, niemand hat es mir gesagt; mein Gedächtnis sagt es mir. – So kann ich mich also darin nicht irren? Ist hier eine Wahrheit, die ich *weiß*? – Ich kann von diesem Urteil¹⁶¹ nicht abgehen, ohne alle andern Urteile mitzureißen.

420. Auch ein Satz wie der, daß ich jetzt in England lebe, hat diese zwei Seiten: Ein *Irrtum* ist er nicht – aber andererseits: was weiß ich von England? Kann ich nicht ganz in meinem Urteilen fehlgehen?

Wäre es nicht möglich, daß Menschen zu mir ins Zimmer kämen, die Alle das Gegenteil aussagten, ja, mir ‚Beweise‘ dafür gäben, so daß ich plötzlich wie ein Wahnsinniger unter lauter Normalen, oder ein Normaler unter Verrückten, allein dastünde? Könnten mir da nicht Zweifel an dem kommen, was mir jetzt das Unzweifelhafteste ist?¹⁶²

421. Ich bin in England. – Alles um mich herum sagt es mir, sowie ich meine Gedanken schweifen lasse und wohin immer, so bestätigen sie mir’s. – Könnte ich aber nicht irre werden, wenn Dinge geschähen, die ich mir jetzt nicht träumen lasse?

422. Ich will also etwas sagen, was wie Pragmatismus klingt. Mir kommt hier eine Art Weltanschauung in die Quere.

423. Warum sag ich also mit Moore nicht einfach “Ich *weiß*, daß ich in England bin”? Dies zu sagen, hat *unter bestimmten Umständen*, die ich mir vorstellen kann, Sinn. Wenn ich aber, nicht in diesen Umständen, den Satz ausspreche als Beispiel dafür,¹⁶³ daß Wahrheiten¹⁶⁴ dieser Art

161. No MS 175 (p. 75v), há a seguinte variante riscada: dieser Feststellung (essa afirmação).

162. No MS 175 (p. 76v), há as seguintes variantes: Könnten mir da nicht Zweifel an dem Einfachsten || Offenbarsten kommen. (Será que eu não poderia ter dúvidas sobre o mais simples || o mais óbvio?).

163. No MS 175 (p. 77r), há a seguinte variante: um zu zeigen (para mostrar).

164. No MS 175 (p. 77r), há a seguinte variante riscada por Wittgenstein: Sätze (proposições).

418. Minha compreensão é apenas cegueira para minha própria falta de compreensão? Muitas vezes parece assim para mim.

419. Quando digo que “nunca estive na Ásia Menor”, de onde vem esse conhecimento? Eu não considere isso, ninguém me disse; minha memória me diz isso. Então, não posso estar enganado quanto a isso? Há alguma verdade aqui que eu *saiba*? – Não posso abandonar esse juízo sem levar todos os outros juízos comigo.

420. Até mesmo uma proposição como “eu agora vivo na Inglaterra” tem esses dois lados: Não é um *erro* – mas, por outro lado, o que eu sei sobre a Inglaterra? Não posso estar completamente errado em meu juízo?

Não seria possível que entrassem em minha sala pessoas que dissessem o contrário e, de fato, dessem-me ‘provas’ disso, de modo que, de repente, eu ficaria sozinho como um louco entre pessoas normais ou uma pessoa normal entre loucos? Será que eu não poderia ter dúvidas sobre o que agora é a coisa mais inquestionável para mim?

421. Estou na Inglaterra. – Tudo ao meu redor me diz isso, para onde quer que eu deixe meus pensamentos vagarem, eles confirmam isso. – Mas será que eu não poderia me enganar se acontecessem coisas com as quais eu agora jamais sonharia?

422. Portanto, quero dizer algo que soa como pragmatismo.
Aqui me enredo com um tipo de visão de mundo.

423. Então, por que não digo simplesmente, como Moore, “Eu *sei* que estou na Inglaterra”? Dizer isso faz sentido *em determinadas circunstâncias* que eu possa imaginar. Mas se, não nestas circunstâncias, eu proferir a proposição como exemplo de que verdades desse tipo podem ser reconhecidas por mim com certeza, então para mim ela se torna imediatamente suspeita. – Mas com razão??

von mir mit Gewißheit¹⁶⁵ zu erkennen sind, dann wird er mir sofort verdächtig. – Ob mit Recht??

424. Ich sage “Ich weiß p”, entweder um zu versichern, daß auch mir die Wahrheit p bekannt sei, oder einfach als eine Verstärkung von |–p. Man sagt auch “Ich *glaube* es nicht, ich *weiß* es”. Und das könnte man auch so ausdrücken (z. B.): “Das ist ein Baum. Und das ist keine bloße Vermutung.”

Aber wie ist es damit: “Wenn ich jemand mitteilte, daß das ein Baum ist, so wäre es keine bloße Vermutung.” Ist nicht dies, was Moore sagen wollte?

425. Es wäre keine Vermutung, und ich könnte es dem Andern mit absoluter Sicherheit mitteilen, als etwas, woran nicht zu zweifeln ist. Heißt das aber, daß es unbedingt die Wahrheit ist? Kann sich das, was ich mit der vollsten Bestimmtheit als den Baum erkenne, den ich mein Leben lang hier gesehen habe, kann sich das nicht als etwas andres entpuppen? Kann es mich nicht verblüffen?

Und dennoch war es richtig unter den Umständen, die diesem Satz Sinn verleihen, zu sagen “Ich weiß (ich vermute nicht nur), daß das ein Baum ist”. Zu sagen, in Wahrheit glaube ich es nur, wäre falsch. Es wäre gänzlich *irreführend* zu sagen: ich glaube, ich heiße L. W. Und es ist auch richtig: ich kann mich darin nicht *irren*. Aber das heißt nicht, ich sei darin unfehlbar.

21.3.51

426. Wie aber ist es Einem zu *zeigen*, daß wir nicht nur Wahrheiten über Sinnesdaten, sondern auch solche über Dinge *wissen*? Denn es kann doch nicht genug¹⁶⁶ sein, daß jemand uns versichert, *er* wisse dies. Wovon muß man denn ausgehen, um das zu zeigen?

165. No MS 175 (p. 77r), há a seguinte variante riscada por Wittgenstein: mir gewiß sind (são certas para mim).

166. No MS 176, (pp. 22r-22v), há a seguinte variante: ist doch nicht genug || (não é suficiente).

424. Digo “Eu sei p”, seja para garantir que também sei que a verdade p é conhecida por mim, ou simplesmente como um reforço de | –p. Também se diz: “Eu não *acredito* nisso, eu *sei* isso”. Também se poderia expressá-la da seguinte forma (por exemplo): “Esta é uma árvore. E isso não é apenas uma simples suposição”.

Mas e quanto a isto: “Se eu dissesse a alguém que isto é uma árvore, isso não seria uma mera suposição”. Não é isso que Moore estava tentando dizer?

425. Não seria uma suposição, e eu poderia dizer a outra pessoa com absoluta certeza como algo que não pode ser duvidado. Mas isso significa que é necessariamente a verdade? Será que aquilo que reconheço com a maior certeza como a árvore que vi aqui durante toda a minha vida, não pode se tornar outra coisa? Será que não pode me confundir?

E, no entanto, sob as circunstâncias que dão sentido a essa proposição, foi correto dizer: “Eu sei (não apenas presumo) que isso é uma árvore”. Dizer, na verdade, eu apenas *acredito* nisso, seria errado. Seria completamente *enganoso* dizer: “*Acredito* que eu me chame L. W. Também está correto: não posso estar *enganado* a este respeito. Mas isso não significa que eu seja infalível.”¹⁵

21.3.51

426. Mas como se pode *mostrar* a alguém que *sabemos* não apenas verdades sobre os dados dos sentidos, mas também sobre as coisas? Pois pode não ser suficiente que alguém nos assegure que *ele* sabe disso. O que, então, é preciso assumir para mostrar isso?¹⁶

15. O parágrafo 425 é o último do conjunto de parágrafos provenientes do MS 175.

16. O conjunto de parágrafos 426 a 637 deriva do MS 176, pp. 22r - 46v (§§ 426 - 523); pp. 51v - 80v (§§ 524 - 637). O trecho do MS 176, que compreende da página 46v à página 51v, foi omitido do texto do *Sobre a Certeza*, estabelecido pela edição de Anscombe e Von Wright, tendo sido publicado no Volume II, VI, dos Últimos Escritos sobre filosofia da psicologia, cuja tradução para a língua portuguesa fora feita por Antônio Marques, Nuno Venturinha e João Tiago Proença, tendo sido publicada em 2007 pela Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

22.3.

427. Man muß zeigen, daß, auch wenn er nie die Worte gebraucht “Ich weiß, ...”, sein Gebaren das zeigt, worauf es uns ankommt.

428. Denn wie, wenn ein normal handelnder Mensch uns versicherte: er *glaube* nur, er heiße soundso, er *glaube* seine ständigen Hausgenossen zu erkennen, er glaube Hände und Füße zu haben, wenn er sie nicht gerade sieht, usw. Können wir ihm aus seinen Handlungen (und Reden) zeigen, daß es nicht so ist?

23.3.51

429. Welchen Grund habe ich jetzt, da ich meine Zehen nicht sehe, anzunehmen, daß ich fünf Zehen an jedem Fuß habe?

Ist es richtig zu sagen, der Grund sei der, daß frühere Erfahrung mich immer das gelehrt¹⁶⁷ hat? Bin ich früherer Erfahrung sicherer als dessen, daß ich zehn Zehen habe?

Jene frühere Erfahrung mag wohl die *Ursache* meiner gegenwärtigen Sicherheit sein; aber ist sie ihr Grund?

430. Ich treffe einen Marsbewohner, und er fragt mich “Wieviel Zehen haben die Menschen?” – Ich sage: “Zehn. Ich will’s dir zeigen”, und ziehe meine Schuhe aus. Wenn er sich nun wunderte, daß ich es mit solcher Sicherheit wußte, obwohl ich meine Zehen nicht gesehen hatte. – Sollte ich da sagen: “Wir Menschen wissen, daß wir soviel Zehen haben, ob wie sie sehen oder nicht”?

26.3.51

431. “Ich weiß, daß dieses Zimmer auf dem zweiten Stock ist, daß hinter der Tür ein kurzer Gang zur Treppe führt, etc.” Es ließen sich Fälle denken, wo ich die Äußerung machen würde, aber es wären recht seltene Fälle. Andererseits aber zeige ich dieses Wissen tagtäglich durch meine Handlungen und auch in meinem Reden.

167. No MS 176 (p. 23r), há a seguinte variante riscada: mir frühere Erfahrung immer das gezeigt (a experiência passada sempre me mostrou isso).

22.3.

427. É preciso mostrar que, mesmo que ele nunca use as palavras “eu sei...”, sua conduta mostra o que nos interessa.

428. Como se uma pessoa que age normalmente nos garantisse que apenas *acredita* que seu nome era tal e tal; que *acredita* poder reconhecer as pessoas com quem convive habitualmente; que acredita que tem mãos e pés quando não os vê, etc. Podemos lhe mostrar a partir de suas ações (e falas), que não é assim.

23.3.51

429. Já que não posso ver meus dedos, que razão tenho agora para supor que tenho cinco dedos em cada pé?

É correto dizer que a razão é que a experiência passada sempre me ensinou isso? Tenho mais certeza da experiência passada do que de ter dez dedos?

Essa experiência passada pode muito bem ser a *causa* da minha certeza atual; mas será que ela é a razão?

430. Eu encontro um marciano e ele me pergunta: “Quantos dedos os humanos têm?” – Eu digo: “Dez. Deixe-me mostrar”, e tiro meus sapatos. Se ele ficasse surpreso por eu saber com tanta certeza, mesmo sem ter visto meus dedos dos pés – deveria eu dizer: “Nós, humanos, sabemos que temos tantos dedos nos pés quer os vejamos ou não”?

26.3.51

431. “Eu sei que este quarto fica no segundo andar; que atrás da porta há um corredor curto que leva à escada, etc”. Eu poderia pensar em casos em que eu faria essa afirmação, mas seriam casos bastante raros. Por outro lado, mostro esse conhecimento todos os dias por meio de minhas ações e também em minha fala.

Então, o que outra pessoa conclui dessas minhas ações e discursos? Não apenas que eu tenho *certeza* deles? – Pelo fato de eu ter vivido aqui por muitas semanas e ter subido e descido as escadas todos os dias, ela deduzirá que eu *sei* onde fica meu quarto. – Só usarei “eu sei”

Was entnimmt nun der Andre aus diesen meinen Handlungen und Reden? Nicht nur, daß ich meiner Sache *sicher* bin? – Daraus, daß ich hier seit vielen Wochen gewohnt habe und täglich treppauf und ab gegangen bin, wird er entnehmen, daß ich *weiß*, wo mein Zimmer gelegen ist. – Die Versicherung “Ich weiß ...” werde ich gebrauchen, wenn er das noch *nicht* weiß, woraus er mein Wissen unbedingt schließen müßte.¹⁶⁸

432. Die Äußerung “Ich weiß ...” kann nur in Verbindung mit der übrigen Evidenz des “Wissens” ihre Bedeutung haben.

433. Wenn ich also jemandem sage “Ich *weiß*, daß das ein Baum ist”, so ist es, wie wenn ich ihm sagte: “Das ist ein Baum; du kannst dich absolut drauf verlassen; es ist kein Zweifel.” Und das könnte der Philosoph nur dazu gebrauchen, um zu zeigen, daß man diese Form der Rede wirklich gebraucht. Wenn das aber nicht bloß eine Bemerkung der deutschen Grammatik sein soll, so muß er die Umstände angeben, in denen dieser Ausdruck funktioniert.

434. Lehrt uns nun *Erfahrung*, daß Menschen unter den und den Umständen das und das wissen? Erfahrung zeigt uns gewiß, daß für gewöhnlich ein Mensch nach soundso viel Tagen sich in einem Haus, das er bewohnt, auskennt.

Oder auch: Erfahrung lehrt uns, daß eines Menschen Urteil nach der und der Lehrdauer zu trauen ist. Er muß, erfahrungsgemäß, soundso lang gelernt haben, um eine richtige Vorhersage machen zu können.

Aber – – –.

27.3.

435. Man wird oft von einem Wort behext. Z. B. vom Wort “wissen”.

436. Ist Gott durch unser Wissen gebunden? *Können* manche unsrer Aussagen nicht falsch sein? Denn das ist es, was wir sagen wollen.

437. Ich bin geneigt zu sagen: “Das *kann* nicht falsch sein.” Das ist interessant; aber welche Folgen hat es?

168. Há a seguinte variante no MS 175 (p. 24r): schließen würde (conduziria).

como garantia disso se ela ainda *não* souber o que a deveria conduzir necessariamente a concluir o que eu sei.

432. O enunciado “eu sei...” só pode ter seu significado em conexão com as outras evidências de “conhecimento”.

433. Portanto, se eu disser a alguém: “Eu *sei* que isso é uma árvore”, é como se eu lhe dissesse: “Isso é uma árvore; você pode confiar absolutamente nisso; não há dúvida sobre isso”. E o filósofo só poderia usar isso para mostrar que realmente se usa essa forma de discurso. Mas para que isso não seja uma mera observação da gramática portuguesa, ele deve indicar as circunstâncias em que essa expressão funciona.

434. Então, a *experiência* nos ensina que, em tais e tais circunstâncias, as pessoas sabem tais e tais coisas? A experiência certamente nos mostra que, depois de tantos dias, uma pessoa geralmente conhece a casa em que vive.

Ou ainda: A experiência nos ensina que o juízo de uma pessoa deve ser confiável de acordo com a duração de seu aprendizado. Ele deve, de acordo com a experiência, ter aprendido ao longo do tempo para ser capaz de fazer uma previsão correta.

Mas – – –.

27.3.

435. Muitas vezes, se é enfeitiçado por uma palavra. Por exemplo, pela palavra “saber”.

436. Deus está sujeito ao nosso conhecimento? Algumas de nossas afirmações não *podem* ser falsas? Porque é isso que queremos dizer.

437. Estou inclinado a dizer: “Isso não *pode* estar errado”. Isso é interessante; mas quais são as consequências disso?

438. Es wäre nicht genug, zu versichern, ich wisse, was dort und dort vorgeht – ohne Gründe anzugeben, die (den Andern) davon überzeugen, ich sei in der Lage, es zu wissen.

439. Auch die Aussage “Ich weiß, daß hinter dieser Tür ein Gang und die Stiege ins Erdgeschoß ist” klingt nur so überzeugend, weil jeder annimmt,¹⁶⁹ daß ich’s weiß.

440. Es ist hier etwas Allgemeines; nicht nur etwas Persönliches.

441. Im Gerichtssaal würde die bloße Versicherung des Zeugen “Ich weiß ...” niemand überzeugen. Es muß gezeigt werden, daß der Zeuge in der Lage war zu wissen.

Auch die Versicherung “Ich weiß, daß das eine Hand ist”, wobei man die eigene Hand ansieht, wäre nicht glaubhaft, wenn wir die Umstände der Aussage nicht kennen.¹⁷⁰ Und kennen wir sie, so scheint sie zu versichern, daß der Sprechende in dieser Beziehung normal ist.

442. Kann es denn nicht sein, daß ich mir *einbilde*, etwas zu *wissen*?

443. Denke, es gäbe in einer Sprache kein Wort, das unserm “wissen” entspricht. – Sie sprechen einfach die Behauptung aus. “Das ist ein Baum” etc. Es kann natürlich vorkommen, daß sie sich irren. Und da fügen sie nun dem Satz ein Zeichen hinzu, das anzeigt, für wie wahrscheinlich¹⁷¹ sie einen Irrtum halten – oder soll ich sagen: wie wahrscheinlich¹⁷² ein Irrtum in diesem Falle ist? Dies letztere kann man auch durch die Angabe gewisser Umstände anzeigen. Z. B. “A sagte dem B ... Ich stand ganz nahe bei ihnen, und meine Ohren sind gut” oder “A war gestern dort und dort. Ich habe ihn von weitem gesehen. Meine Augen sind nicht sehr gut” oder “Dort steht ein Baum. Ich sehe ihn deutlich und habe ihn unzählige Male gesehen”.

169. No MS 176 (p. 25v), há a seguinte variante: jeder weiß (todos sabem).

170. No MS 176 (p. 26r), há a seguinte variante: wenn wir nicht wüßten, daß er seine eigene Hand ansieht (se não soubéssemos que ele vê sua própria mão).

171. No MS 176 (p. 26v), há a seguinte variante: sicher (certeza).

172. No MS 176 (p. 26v), há a seguinte variante: sicher (certeza).

438. Não bastaria assegurar que eu sei o que está acontecendo ali e acolá – sem dar razões para convencer (a outra pessoa) de que estou em posição de saber.

439. Também a afirmação: “eu sei que atrás desta porta há um corredor e as escadas para o andar térreo” só soa tão convincente porque todos presumem que eu sei disso.

440. É algo geral aqui; não apenas algo pessoal.

441. No tribunal, a mera afirmação da testemunha: “Eu sei...” não convenceria ninguém. Deve-se demonstrar que a testemunha estava em posição de saber.

Mesmo a afirmação: “Eu sei que isso é uma mão”, olhando para a própria mão, não seria confiável se não soubéssemos as circunstâncias da declaração. E se as conhecermos, isso parece nos assegurar que o falante é normal com relação a isso.

442. Não é possível que eu *imagine* que *sei* alguma coisa?

443. Imagine que não houvesse nenhuma palavra em uma determinada língua que correspondesse ao nosso “saber”. – Você simplesmente pronuncia a afirmação. “Isto é uma árvore” etc. É claro que pode acontecer que eles estejam errados. E então eles acrescentam um sinal à proposição que indica a probabilidade de um erro – ou devo dizer: qual a probabilidade de um erro neste caso? Isto também pode ser indicado por determinadas circunstâncias. Por exemplo, “A disse a B ... Eu estava muito próximo a eles, e meus ouvidos são bons” ou “A estava aqui e ali ontem. Eu o vi de longe. Minha visão não é muito boa” ou “Há uma árvore ali. Eu posso vê-la claramente e já a vi inúmeras vezes”.

444. “Der Zug geht um 2 Uhr. Prüf zur Sicherheit noch einmal nach” oder “Der Zug geht um 2 Uhr. Ich habe gerade in einem neuen Fahrplan nachgeschaut”. Man kann auch hinzufügen “Ich bin in solchen Sachen verlässlich”. Die Nützlichkeit solcher Zusätze ist offenbar.

445. Wenn ich aber sage “Ich habe zwei Hände” – was kann ich hinzufügen, um die Verlässlichkeit anzuzeigen? Höchstens, daß die Umstände die gewöhnlichen sind.

446. Warum bin ich denn so sicher, daß das meine Hand ist? Beruht nicht auf dieser Art Sicherheit das ganze Sprachspiel?

Oder: Ist in dem Sprachspiel diese ‘Sicherheit’ nicht (schon) vorausgesetzt? Dadurch nämlich, daß *deres* nicht spielt, oder falsch spielt, der Gegenstände nicht mit Sicherheit erkennt.¹⁷³

28.3.

447. Vergleiche damit $12 \times 12 = 144$. Auch hier sagen wir nicht “vielleicht”. Denn sofern dieser Satz darauf beruht, daß wir uns nicht verzählen oder verrechnen, daß uns unsre Sinne beim Rechnen nicht trügen, sind die beiden, der arithmetische und der physische Satz, auf der gleichen Stufe.

Ich will sagen: Das physische Spiel ist ebenso sicher wie das arithmetische.¹⁷⁴ Aber das kann mißverstanden werden. Meine Bemerkung ist eine logische, nicht eine psychologische.

448. Ich will sagen: Wenn man sich nicht darüber wundert, daß die arithmetischen Sätze (z. B. das Einmaleins) ‘absolut gewiß’ sind, warum sollte man darüber erstaunt sein, daß der Satz “Dies ist meine Hand” es ebenso ist?

449. Es muß uns etwas als Grundlage gelehrt werden.

173. No MS 176 (p. 27v), há a seguinte variante: nicht erkennt (não reconhece).

174. No MS 176 (p. 28r), há a seguinte variante: Das arithmetische Spiel ist eben so wenig unsicher wie das physische (O jogo aritmético é tão pouco inseguro quanto o físico).

444. “O trem parte às duas horas. Verifique novamente para ter certeza” ou “O trem parte às duas horas. Acabei de verificar um novo horário”. Você pode também acrescentar: “Sou confiável em tais coisas”. A utilidade de tais acréscimos é óbvia.

445. Mas se eu disser: “Eu tenho duas mãos” – o que posso acrescentar para indicar confiabilidade? No máximo, que as circunstâncias são as usuais.

446. Por que tenho tanta certeza de que esta é a minha mão? A totalidade do jogo de linguagem não se baseia nesse tipo de certeza?

Ou: essa ‘certeza’ não está (já) pressuposta no jogo de linguagem? Pois *aquela* que não o joga, ou joga errado, não reconhece os objetos com certeza.

28.3.

447. Compare com isso $12 \times 12 = 144$. Aqui novamente não dizemos “talvez”. Pois, na medida em que essa proposição se baseia no fato de que não contamos errado ou calculamos mal, que nossos sentidos não nos enganam ao calcular, ambas as proposições, a aritmética e a física, estão no mesmo nível.

Quero dizer que o jogo físico é tão certo quanto o aritmético. Mas isso pode ser mal interpretado. Minha observação é lógica, não psicológica.

448. Quero dizer: Se não estamos surpresos com as proposições aritméticas (por exemplo, a tabuada) serem ‘absolutamente certas’, por que deveríamos nos surpreender com o fato de que a proposição “Esta é a minha mão” também seja?

449. Algo deve nos ser ensinado como fundamento.

450. Ich will sagen: Unser Lernen hat die Form “Das ist ein Veilchen”, “Das ist ein Tisch”. Das Kind könnte allerdings das Wort “Veilchen” zum erstenmal in dem Satz hören “Das ist vielleicht ein Veilchen”; dann aber könnte es fragen “Was ist ein Veilchen?”. Nun könnte dies freilich dadurch beantwortet werden, daß man ihm ein *Bild* zeigt.

Aber wie wäre es, wenn man nur beim Vorzeigen eines Bilds sagte “Das ist ein ...”, sonst aber immer nur: “Das ist vielleicht ein ...”? – Welche praktischen Folgen soll es haben?

Ein Zweifel, der an allem zweifelte, wäre kein Zweifel.

451. Mein Einwurf gegen Moore, daß der Sinn des isolierten Satzes “Das ist ein Baum” unbestimmt sei, da nicht bestimmt ist, was das ‘*Das*’ ist, wovon man aussagt, es sei ein Baum – gilt nicht; denn man kann den Sinn bestimmter machen, indem man z. B. sagt: “Der Gegenstand dort, der ausschaut wie ein Baum, ist nicht die künstliche Imitation eines Baumes, sondern ein wirklicher Baum.”

452. Es wäre nicht vernünftig, zu zweifeln, ob das ein wirklicher Baum oder ... sei.

Daß es mir (als) zweifellos erscheint, darauf kommt’s nicht an. Wenn es unvernünftig wäre, hier zu zweifeln, so kann das nicht aus meinem Dafürhalten ersehen werden. Es müßte also eine Regel geben, die den Zweifel hier für unvernünftig erklärt. Die aber gibt es auch nicht.

453. Ich sage allerdings: “Hier würde kein vernünftiger Mensch zweifeln.” – Könnte man sich denken, daß gelehrte Richter befragt würden,¹⁷⁵ ob ein Zweifel vernünftig oder unvernünftig sei?

454. Es gibt Fälle, in denen der Zweifel unvernünftig ist, andre aber, in denen er logisch unmöglich scheint. Und zwischen ihnen scheint es keine klare Grenze zu geben.

175. No MS 176 (p. 29v), há a seguinte variante: zu entscheiden hätten (teriam que decidir).

450. Quero dizer: Nosso aprendizado tem a forma “isto é uma violeta”, “isto é uma mesa”. A criança poderia, entretanto, ouvir a palavra “violeta” pela primeira vez na proposição “isto talvez seja uma violeta”; mas então ela poderia perguntar “O que é uma violeta?”.

Agora, é claro, isso poderia ser respondido mostrando-lhe uma imagem. Mas como seria se alguém dissesse “Isso é uma...” apenas mostrando uma imagem, e, ao invés disso, apenas dissesse: “Esta talvez seja uma ...”? – Quais consequências práticas isso deveria ter?

Uma dúvida que duvidasse de tudo não seria uma dúvida.

451. Minha objeção a Moore, de que o sentido da proposição isolada “isto é uma árvore” seria indeterminado, uma vez que não está determinado o que é o ‘isso’, do qual se diz que seja uma árvore – não se aplica; pois é possível tornar o significado mais definido dizendo, por exemplo: “Aquele objeto ali, que parece uma árvore, não é a imitação artificial de uma árvore, mas uma árvore de verdade”.

452. Não seria razoável duvidar se esta é uma árvore real ou...

O que me parece (como) indubitável não é relevante. Se não fosse razoável duvidar aqui, isso não pode ser visto em minha opinião. Portanto, teria que haver uma regra que declarasse que aqui a dúvida não é razoável. Mas isso também não existe.

453. Entretanto, eu digo: “Aqui nenhuma pessoa razoável duvidaria”. – Seria possível imaginar que juízes instruídos seriam perguntados se uma dúvida era razoável ou irrazoável?

454. Há casos em que a dúvida não é razoável, mas há outros em que ela parece logicamente impossível. E parece não haver um limite claro entre eles.

29.3.

455. Alles¹⁷⁶ Sprachspiel beruht darauf, daß Wörter und Gegenstände wiedererkannt werden. Wir lernen mit der gleichen Unerbittlichkeit,¹⁷⁷ daß dies ein Sessel ist, wie daß $2 \times 2 = 4$ ist.

456. Wenn ich also zweifle, oder unsicher bin darüber, daß das meine Hand ist (in welchem Sinn immer), warum dann nicht auch über die Bedeutung dieser Worte?

457. Will ich also sagen, daß die Sicherheit im Wesen des Sprachspiels liegt?

458. Man zweifelt aus bestimmten Gründen. Es handelt sich darum: Wie wird der Zweifel ins Sprachspiel eingeführt?

459. Wenn der Kaufmann jeden seiner Äpfel ohne Grund untersuchen wollte, um da recht sicherzugehen, warum muß er (dann) nicht die Untersuchung untersuchen? Und kann man nun hier von Glauben reden (ich meine, im Sinne von religiösem Glauben, nicht von Vermutung)? Alle psychologischen Wörter führen hier nur von der Hauptsache ab.

460. Ich gehe zum Arzt, zeige ihm meine Hand und sage “Das ist eine Hand, nicht ...; ich habe sie mir verletzt etc. etc.” Mache ich da nur eine überflüssige Mitteilung? Könnte man z. B. nicht sagen: Angenommen die Worte “Das ist eine Hand” seien eine Mitteilung – wie konntest du dann darauf rechnen, daß er die Mitteilung versteht? Ja, wenn es einem Zweifel unterliegt, ‘daß das eine Hand ist’, warum unterliegt es nicht auch einem Zweifel, daß ich ein Mensch bin, der dem Arzt dies mitteilt? – Andererseits kann man sich aber – wenn auch sehr seltsame – Fälle vorstellen, wo so eine Erklärung nicht überflüssig ist, oder nur überflüssig, aber nicht absurd ist.

461. Angenommen, ich wäre der Arzt, und ein Patient kommt zu mir, zeigt mir seine Hand und sagt: “Was hier wie eine Hand aussieht, ist nicht eine ausgezeichnete Imitation, sondern wirklich eine Hand.” (Worauf er von seiner Verletzung redet.) – Würde ich dies wirklich

176. No MS 176 (p. 30r), há a seguinte variante: Das (O).

177. No MS 176 (p. 30r), há a seguinte variante: Bestimmtheit (assertividade).

29.3.

455. Todo jogo de linguagem baseia-se no repetido reconhecimento de palavras e objetos. Aprendemos com a mesma inexorabilidade que esta é uma poltrona e que $2 \times 2 = 4$.

456. Então, se eu duvido ou não tenho certeza de que esta é a minha mão (em qualquer sentido), por que não duvidar também do significado dessas palavras?

457. Então, estou dizendo que a certeza está na essência do jogo de linguagem?

458. A pessoa duvida por determinadas razões. A questão é: como a dúvida é introduzida no jogo de linguagem?

459. Se o comerciante quisesse examinar cada uma de suas maçãs sem razão, para ter certeza, por que ele (então) não deveria examinar o próprio exame? E pode-se falar de crença aqui (quero dizer, no sentido de crença religiosa, não de suposição)? Todas as palavras psicológicas aqui apenas desviam do ponto principal.

460. Vou ao médico, mostro minha mão e digo: “Isto é uma mão, não...; eu a machuquei etc., etc.”. Estou apenas dando uma informação supérflua? Não se poderia dizer, por exemplo: supondo-se que as palavras “isto é uma mão” seja uma informação – como você poderia esperar que ele entendesse essa informação? Sim, se é possível duvidar ‘que isto seja uma mão’, por que não é possível duvidar que eu seja um ser humano informando isso ao médico? – Por outro lado, é possível imaginar casos – embora muito estranhos – em que essa explicação não fosse supérflua, ou apenas supérflua, mas não absurda.

461. Suponha que eu fosse o médico e um paciente viesse até mim, mostrasse sua mão e dissesse: “O que parece ser uma mão aqui não é uma excelente imitação, mas realmente uma mão”. (Em seguida, ele fala sobre seu ferimento.) – Será que eu realmente veria isso como uma informação, ainda que supérflua? Será que eu não veria isso como um contrassenso, embora na forma de uma informação? Pois é,

als eine Mitteilung, wenn auch eine überflüssige, ansehen? Würde ich es nicht vielmehr für Unsinn halten, der allerdings die Form einer Mitteilung hat? Denn, würde ich sagen, wenn diese Mitteilung wirklich Sinn hätte,¹⁷⁸ wie kann er seiner Sache sicher sein? Es fehlt der Mitteilung der Hintergrund.

30.3.

462. Warum gibt Moore unter den Dingen, die er weiß, nicht z. B. an, es gebe in dem und dem Teil von England ein Dorf, das soundso heiße? Mit andern Worten: Warum erwähnt er nicht eine Tatsache, die ihm, und nicht *jedem* von uns, bekannt ist?

31.3.

463. Gewiß ist doch, daß die Mitteilung “Das ist ein Baum”, wenn niemand daran zweifeln könnte, eine Art Witz sein könnte und als solche Sinn hätte. Ein Witz dieser Art ist wirklich einmal von Renan gemacht worden.

3.4.51

464. Meine Schwierigkeit läßt sich auch so demonstrieren: Ich sitze mit einem Freund im Gespräch. Plötzlich sage ich: “Ich habe schon die ganze Zeit gewußt, daß du der N. N. bist.” Ist dies wirklich nur eine überflüssige, wenn auch wahre, Bemerkung?

Es kommt mir vor, als wären diese Worte ähnlich einem “Grüß Gott”, wenn man es mitten im Gespräch dem Andern sagte.

465. Wie wäre es mit den Worten “Man weiß heute, daß es über ... Arten von Insekten gibt”, statt der Worte “Ich weiß, daß das ein Baum ist”? Wenn Einer jenen Satz plötzlich außer allem Zusammenhang ausspräche, so könnte man meinen, er habe inzwischen an etwas anderes gedacht und spreche nun einen Satz seines Gedankenganges laut aus. Oder auch: er sei in einer Trance und rede, ohne seine Worte zu verstehen.

178. No MS 176 (p. 31v), há a seguinte variante riscada por Wittgenstein: diese Mitteilung wirklich nötig wäre (essa informação realmente fosse necessária).

eu diria que, se essa informação fosse realmente significativa, como ele poderia ter certeza do que diz? A informação carece de contexto.

30.3.

462. Por que Moore não diz, entre as coisas que sabe, por exemplo, que há um vilarejo em tal e tal lugar da Inglaterra, chamado assim e assim? Em outras palavras: por que ele não menciona um fato que é conhecido por ele, e não por *todos* nós?

31.3.

463. É certo que a informação: “isto é uma árvore”, se ninguém pudesse duvidar dela, poderia ser um tipo de brincadeira e, como tal, faria sentido. Uma brincadeira desse tipo realmente foi feita uma vez por Renan.

3.4.51

464. Minha dificuldade também pode ser demonstrada desta forma: estou sentado com um amigo conversando. De repente, eu digo: “Eu sempre soube que você é o N. N.”. Será que isso é apenas um comentário supérfluo, embora verdadeiro?

Parece-me que essas palavras são semelhantes a um “bom dia”, se você disser isso para a outra pessoa no meio de uma conversa.

465. E quanto às palavras “sabe-se agora que há mais de ... espécies de insetos” em vez das palavras “eu sei que isso é uma árvore”? Se alguém de repente pronunciasse essa proposição fora de contexto, poderíamos pensar que ele havia pensado em outra coisa nesse meio tempo e agora está dizendo uma proposição de sua linha de pensamento em voz alta. Ou também: ele está em transe e fala sem entender as próprias palavras.

466. Es scheint mir also, ich habe etwas schon die ganze Zeit gewußt, und doch habe es keinen Sinn, dies zu sagen, diese Wahrheit auszusprechen.

467. Ich sitze mit einem Philosophen im Garten; er sagt zu wiederholten Malen “Ich weiß, daß das ein Baum ist”, wobei er auf einen Baum in unsrer Nähe zeigt. Ein Dritter kommt daher und hört das, und ich sage ihm: “Dieser Mensch ist nicht verrückt: Wir philosophieren nur”.¹⁷⁹

4.4.

468. Jemand sagt irrelevant “Das ist ein Baum”. Er könnte den Satz sagen, weil er sich erinnert, ihn in einer ähnlichen Situation gehört zu haben; oder er wurde plötzlich von der Schönheit dieses Baumes getroffen, und der Satz war ein Ausruf; oder er sagte sich den Satz als grammatisches Beispiel vor. (Etc.) Ich frage ihn nun: “Wie hast du das gemeint?”, und er antwortet: “Es war eine Mitteilung, an dich gerichtet.” Stünde mir da nicht frei, anzunehmen, er wisse nicht, was er sage, wenn er verrückt genug ist, mir diese Mitteilung machen zu wollen?

469. Jemand sagt im Gespräch zu mir zusammenhangslos “Ich wünsch Dir alles Gute”. Ich bin erstaunt; aber später sehe ich ein, daß diese Worte in einem Zusammenhang mit seinen Gedanken über mich stehen. Und nun erscheinen sie mir nicht mehr sinnlos.

470. Warum ist kein Zweifel, daß ich L. W. heiße? Es scheint durchaus nichts, das man ohne weiteres zweifelfrei feststellen könnte. Man sollte nicht meinen, daß das eine der unzweifelhaften Wahrheiten ist.

5.4.

[Hier ist noch eine große Lücke in meinem Denken. Und ich zweifle, ob sie noch ausgefüllt werden wird.]

471. Es ist so schwer den *Anfang* zu finden. Oder besser: Es ist schwer, am Anfang anzufangen. Und nicht versuchen, weiter zurückzugehen.

179. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 33v): bloß (simplesmente).

466. Portanto, parece-me que eu sempre soube de algo, mas não faz sentido dizer isso, expressar essa verdade.

467. Estou sentado com um filósofo no jardim; ele diz repetidas vezes: “Eu sei que isso é uma árvore”, apontando para uma árvore perto de nós. Uma terceira pessoa chega e ouve isso, e eu lhe digo: “Este homem não está louco: estamos apenas filosofando”.

4.4.

468. Alguém diz do nada: “Isso é uma árvore”. Ele poderia dizer a proposição porque se lembra de tê-la ouvido em uma situação semelhante; ou porque ficou subitamente impressionado com a beleza dessa árvore, e a proposição foi uma exclamação; ou ele disse a proposição para si mesmo como um exemplo gramatical (Etc.). Agora eu lhe pergunto: “O que você quis dizer com isso?”, e ele responde: “Era uma informação dirigida a você”. Eu não teria a liberdade de presumir que ele não sabe o que está dizendo, se ele fosse louco o suficiente para querer informar isso?

469. Alguém me diz de forma desconexa em uma conversa: “Eu lhe desejo tudo de bom”. Fico espantado; mas depois percebo que essas palavras estão relacionadas aos seus pensamentos a meu respeito. E agora elas já não me parecem sem sentido.

470. Por que não há dúvida de que me chamo L. W.? Parece não haver nada que possa ser estabelecido sem sombra de dúvida. Não se deve querer dizer que essa é uma das verdades indubitáveis.

5.4.

[Ainda há uma grande lacuna em meu pensamento aqui. E duvido que ela seja preenchida].

471. É tão difícil encontrar o *começo*. Ou melhor: é difícil começar do começo. E não tentar voltar mais.

472. Wenn das Kind die Sprache lernt, lernt es zugleich, was zu untersuchen und was nicht zu untersuchen ist. Wenn es lernt, daß im Zimmer ein Schrank ist, so lehrt man es nicht zweifeln, ob, was es später sieht, noch immer ein Schrank oder nur eine Art Kulisse ist.

473. Wie man beim Schreiben eine bestimmte Grundform lernt und diese später dann variiert, so lernt man zuerst die Beständigkeit der Dinge als Norm, die dann Änderungen unterliegt.

474. Dieses Spiel bewährt sich. Das mag die Ursache sein, weshalb es gespielt wird, aber es ist nicht der Grund.

475. Ich will den Menschen hier als Tier betrachten; als ein primitives Wesen, dem man zwar Instinkt, aber nicht Raisonement zutraut. Als ein Wesen in einem primitiven Zustande. Denn welche Logik für ein primitives Verständigungsmittel genügt, deren brauchen wir uns auch nicht zu schämen. Die Sprache ist nicht aus einem Raisonement hervorgegangen.

6.4.

476. Das Kind lernt nicht, daß es Bücher gibt, daß es Sessel gibt, etc. etc., sondern es lernt Bücher holen, sich auf Sessel (zu) setzen, etc.

Es kommen freilich später auch Fragen nach der Existenz auf: “Gibt es ein Einhorn?” usw. Aber so eine Frage ist nur möglich, weil in der Regel keine ihr entsprechende auftritt. Denn wie weiß man, wie man sich von der Existenz des Einhorns zu überzeugen hat? Wie hat man die Methode gelernt zu bestimmen, ob etwas existiere oder nicht?

477. “So muß man also wissen, daß die Gegenstände existieren, deren Namen man durch eine hinweisende Erklärung einem Kind beibringt.” – Warum muß man’s wissen? Ist es nicht genug, daß Erfahrung später nicht das Gegenteil erweise?

Warum soll denn das Sprachspiel auf einem Wissen ruhen?

472. Quando uma criança aprende a linguagem, ela também aprende o que examinar e o que não examinar. Quando aprende que há um armário no quarto, ela não é ensinada a duvidar se o que ela vê depois ainda é um armário ou apenas uma espécie de pano de fundo.

473. Assim como aprendemos uma determinada forma básica ao escrever e depois a variamos, também aprendemos primeiro a constância das coisas como uma norma, que depois está sujeita a mudanças.

474. Esse jogo prova seu valor. Esse pode ser o motivo pelo qual ele é jogado, mas não é a razão.

475. Quero considerar o homem aqui como um animal; como um ser primitivo, a quem se atribui o instinto, mas não o raciocínio. Como um ser em um estado primitivo. Não precisamos nos envergonhar de uma lógica suficiente para um meio de comunicação primitivo. A linguagem não surgiu do raciocínio.

6.4.

476. A criança não aprende que há livros, que há poltronas, etc., etc., mas aprende a buscar livros, a se sentar em poltronas, etc.

É claro que as perguntas sobre a existência também surgem mais tarde: “Existe um unicórnio?”, etc. Mas uma tal pergunta só é possível porque, via de regra, nada corresponde a ela. Pois como alguém sabe como se convencer da existência do unicórnio? Como aprendemos o método para determinar se algo existe ou não?

477. “Assim, deve-se saber também que existem os objetos cujos nomes são ensinados a uma criança por meio de uma explicação ostensiva.” – Por que é necessário saber? Não é suficiente que a experiência não prove o contrário mais tarde?

Por que deveria o jogo de linguagem se basear em um conhecimento?

7.4.

478. Glaubt das Kind, daß es Milch gibt? Oder weiß es, daß es Milch gibt? Weiß die Katze, daß es eine Maus gibt?

479. Sollen wir sagen, daß die Erkenntnis, es gebe physikalische Gegenstände, eine sehr frühe oder eine sehr späte sei?

8.4.

480. Das Kind, das das Wort “Baum” gebrauchen lernt. Man steht mit ihm vor einem Baum und sagt “*Schöner Baum!*”. Daß kein Zweifel an der Existenz des Baums in das Sprachspiel eintritt, ist klar. Aber kann man sagen, das Kind *wisse*: daß es einen Baum gibt? Es ist allerdings wahr, daß ‘etwas wissen’ nicht in sich beschließt:¹⁸⁰ daran *denken* – aber muß nicht, wer etwas weiß, eines Zweifels fähig sein? Und zweifeln heißt denken.

481. Wenn man Moore sagen hört “Ich *weiß*, daß das ein Baum ist”, so versteht man plötzlich die, welche finden, das sei gar nicht ausgemacht. Die Sache kommt einem auf einmal unklar und verschwommen vor. Es ist, als hätte Moore das falsche Licht drauf fallen lassen.

Es ist, als sähe ich ein Gemälde (vielleicht eine Bühnenmalerei) und erkenne von weitem sofort und ohne den geringsten Zweifel, was es darstellt. Nun trete ich aber näher: und da sehe ich eine Menge Flecke verschiedener Farben, die alle höchst vieldeutig sind und durchaus keine Gewißheit geben.

482. Es ist, als ob das “Ich weiß” keine metaphysische Betonung verträge.

483. Richtige Verwendung des Wortes “Ich weiß”. Ein Schwachsichtiger fragt mich: “Glaubst du, daß das, was wir dort sehen, ein Baum ist?” – Ich antworte: “Ich *weiß* es; ich sehe ihn genau und kenne ihn gut.” A: “Ist N. N. zu Hause?” – Ich: “Ich glaube ja”. – A: “War er gestern zu Hause?” – Ich: “Gestern war er zu Hause, das weiß ich, ich habe mit ihm gesprochen.” – A: “Weißt du, oder glaubst du nur, daß dieser Teil

180. Há a seguinte variante riscada no MS 176 (p. 36v): bedeutet (significa).

7.4.

478. A criança acredita que existe leite? Ou ela sabe que existe leite? O gato sabe que existe um rato?

479. Devemos dizer que o conhecimento de que existem objetos físicos se dá muito cedo ou muito tarde?

8.4.

480. A criança está aprendendo a usar a palavra “árvore”. Você fica com ela na frente de uma árvore e diz “*Linda árvore!*”. É claro que não há dúvida sobre a existência da árvore no jogo de linguagem. Mas podemos dizer que a criança *sabe* que existe uma árvore? É verdade, entretanto, que ‘saber algo’ não implica, por si só, *pensar* sobre isso – mas quem sabe algo não deve ser capaz de pensar sobre isso? E duvidar é pensar.

481. Quando você ouve Moore dizer: “Eu *sei* que isso é uma árvore”, de repente você entende aqueles que acham que isso não ficou claro de modo algum. Em um dado momento, as coisas parecem pouco claras e embaçadas. É como se Moore tivesse lançado luz de forma inadequada sobre a questão.

É como se eu visse uma pintura (talvez um cenário pintado) e imediatamente reconhecesse de longe, sem a menor dúvida, o que ela representa. Mas agora chego mais perto e lá vejo muitos pontos de cores diferentes, todos altamente ambíguos e que não dão absolutamente nenhuma certeza.

482. É como se o “eu sei” não tolerasse ênfase metafísica.

483. Uso correto da expressão “Eu sei”. Uma pessoa de visão fraca me pergunta: “Você acha que o que estamos vendo ali é uma árvore?” – Eu respondo: “Eu *sei* que é; eu a vejo claramente e a conheço bem”. A: “N. N. está em casa?” – Eu: “Acho que sim”. – A: “Ele estava em casa ontem?” – Eu: “Ontem ele estava em casa, eu sei disso, eu falei com ele”. – A: “Você sabe, ou você acha que essa parte da casa é uma construção nova?” – Eu: “Eu *sei*; eu me informei com o ...”

des Hauses neu dazugebaut ist?” – Ich: “Ich *weiß* es; ich habe mich beim ... erkundigt.”

484. Hier sagt man also “Ich *weiß*” und gibt den Grund¹⁸¹ des Wissens an, oder man kann ihn doch angeben.

485. Man kann sich auch einen Fall denken, in welchem Einer eine Liste von Sätzen durchgeht und sich dabei immer wieder fragt “*Weiß* ich das, oder glaube ich es nur?” Er will die Sicherheit jedes einzelnen Satzes überprüfen. Es könnte sich um eine Zeugenaussage vor Gericht handeln.

9.4.

486. “*Weißt* du, oder glaubst du nur, daß du L. W. heißt?” Ist das eine sinnvolle Frage?

Weißt du, oder glaubst du nur, daß, was du hier hinschreibst, deutsche Worte sind? Glaubst du nur, daß “glauben” *diese* Bedeutung hat? *Welche* Bedeutung?

487. Was ist der Beweis dafür, daß ich etwas *weiß*? Doch gewiß nicht, daß ich sage, ich wisse es.

488. Wenn also Autoren aufzählen, was sie alles *wissen*, so beweist das also gar nichts.

Daß man also etwas über physikalische Dinge wissen kann, kann nicht durch die Beteuerungen derer erwiesen werden, die es zu wissen glauben.

489. Denn was antwortet man dem, der sagt: “Ich glaube, es kommt dir nur so vor, als wüßtest du’s”?

490. Wenn ich nun frage “*Weiß* ich, oder glaube ich nur, daß ich ... heiße?”, so nützt es nichts, daß ich in mich hineinsehe.

Ich könnte aber sagen: Nicht nur zweifle ich nie im mindesten, daß ich so heiße, sondern ich könnte keines Urteils sicher sein, wenn sich darüber ein Zweifel erhöhe.

181. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 37v): das Wie (o como).

484. Então aqui se diz “eu sei” e se dá a razão para o conhecimento ou, pelo menos, se pode fazer isso.

485. Também é possível pensar em um caso em que alguém percorre uma lista de proposições e fica se perguntando: “Eu sei disso ou apenas acredito nisso?” Ele quer revisar a certeza de cada proposição. Poderia se tratar de um depoimento em um tribunal.

9.4.

486. “Você sabe, ou apenas acredita, que seu nome é L. W.?” Esta é uma pergunta com sentido?

Você sabe, ou apenas acredita, que o que você escreve aqui são palavras em português? Você acredita apenas que “acreditar” tem *esse* significado? *Que* significado?

487. Qual é a prova de que eu *sei* algo? Certamente não é eu dizer que sei.

488. Portanto, quando autores enumeram tudo o que *sabem*, isso não prova nada. Que se pode saber algo sobre coisas físicas não pode ser provado pelas afirmações daqueles que acreditam saber.

489. Pois que resposta é dada àquele que diz: “Acredito que só lhe parece como se você soubesse”?

490. Se eu perguntar agora: “Eu sei ou apenas acredito que meu nome é ...?, não adianta olhar para dentro de mim mesmo.

Mas eu poderia dizer: Não apenas não duvido nem um pouco de que sou chamado assim, mas também não poderia ter certeza de qualquer juízo se surgisse alguma dúvida sobre isso.

10.4.

491. “Weiß ich, oder glaub ich nur, daß ich L. W. heiße?” – Ja, wenn die Frage hieße “Bin ich sicher, oder vermute ich nur, daß ich ...?”, da könnte man sich¹⁸² auf meine Antwort verlassen. –

492. “Weiß ich, oder glaube ich nur, ...?” könnte man auch so ausdrücken: Wie, wenn es sich herauszustellen *schiene*, daß, was mir bisher dem Zweifel nicht zugänglich schien, eine falsche Annahme war?¹⁸³ Würde ich da reagieren, wie wenn ein Glauben sich als falsch erwiesen hat? Oder würde das den Boden meines Urteilens¹⁸⁴ auszuschlagen scheinen? – Aber ich will hier natürlich nicht eine *Prophezeiung*.

Würde ich einfach sagen “Das hätte ich nie gedacht!” – oder aber mich weigern (müssen), mein Urteil zu revidieren, weil nämlich eine solche ‘Revision’ einer Vernichtung aller Maßstäbe gleichkäme?

493. Ist es also so, daß ich gewisse Autoritäten anerkennen muß, um überhaupt urteilen zu können?

494. “An diesem Satz kann¹⁸⁵ ich nicht zweifeln, ohne alles Urteilen aufzugeben.”

Aber was für ein Satz ist das? (Er erinnert an das, was Frege über das Gesetz der Identität gesagt hat).¹⁸⁶ Er ist sicher kein Erfahrungssatz. Er gehört nicht in die Psychologie. Er hat eher den Charakter einer Regel.

495. Man könnte Einem, der gegen die zweifellosen¹⁸⁷ Sätze Einwände machen wollte, einfach sagen “Ach Unsinn!”. Also nicht ihm antworten, sondern ihn zurechtweisen.

182. Há a seguinte variante no MS 176 (p.39r): Ich mich (eu).

183. Há as seguintes variantes no MS 176 (p. 39r): falsch ist || (...) || nicht so ist || sei, wie ich immer angenommen habe? (é falsa || (...) || não é assim || como eu sempre presumi?).

184. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 39v): Denkens (pensamentos).

185. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 39v): Daran kann (quanto a isso).

186. Como sugerido na edição de Anscombe e Von Wright, trata-se de Grundgesetz der Arithmetik (Leis fundamentais da aritmética), I, XVIII. E tudo leva a crer que se trata da edição alemã de 1883.

187. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 40r): gewissen (certas).

10.4.

491. “Eu sei, ou apenas acredito, que me chamo L. W.?” – Sim, se a pergunta fosse “Tenho certeza ou apenas suspeito que meu nome é ...?”, poder-se-ia confiar na minha resposta. –

492. “Eu sei, ou apenas acredito, ...?” também poderia ser expressa dessa forma: E se eu descobrisse que o que até então não me parecia passível de dúvida era uma suposição falsa? Eu reagiria da mesma forma que reagiria se uma crença se mostrasse falsa? Ou isso pareceria ser a base do meu juízo? – Mas é claro que não quero fazer uma *profecia* aqui.

Eu simplesmente diria: “Eu nunca teria pensado isso!” – ou eu (teria que) me recusaria a revisar meu juízo, porque essa ‘revisão’ seria equivalente a destruir todos os parâmetros?

493. É, portanto, o caso de eu precisar reconhecer certas autoridades para poder julgar?

494. “Não posso duvidar dessa proposição sem abdicar de todos os juízos.”

Mas que tipo de proposição é essa? (É uma reminiscência do que Frege disse sobre a lei da identidade. Certamente não é uma proposição da experiência. Não pertence à psicologia. Ela tem mais o caráter de uma regra.

495. Alguém poderia simplesmente dizer a alguém que quisesse se opor às proposições indubitáveis, “Que absurdo!”. Portanto, não responda a ele, mas o repreenda.

496. Es ist hier ein ähnlicher Fall wie wenn man zeigt,¹⁸⁸ daß es keinen Sinn hat zu sagen, ein Spiel sei immer falsch gespielt worden.

497. Wenn Einer Zweifel in mir aufrufen wollte und spräche: da täuscht dich dein Gedächtnis, dort bist du betrogen worden, dort wieder hast du dich nicht gründlich genug überzeugt, etc., und ich ließe mich nicht erschüttern und bliebe bei meiner Gewißheit – dann kann das schon darum nicht falsch sein, weil es erst ein Spiel definiert.

11.4.

498. Das Seltsame ist, daß, wenn schon ich es ganz richtig finde, daß Einer den Versuch, ihn mit Zweifeln in dem Fundamente¹⁸⁹ irrezumachen, mit dem Wort “Unsinn!” abweist, ich es für unrichtig halte, wenn er sich verteidigen will, wobei er etwa die Worte “Ich weiß” gebraucht.

499. Ich könnte auch so sagen: Das ‘Gesetz der Induktion’ läßt sich ebensowenig *begründen* als gewisse partikuläre Sätze, das Erfahrungsmaterial betreffend.

500. Aber es schiene mir auch Unsinn zu sein, zu sagen “Ich weiß, daß das Gesetz der Induktion wahr ist”.

Denk dir so eine Aussage in einem Gerichtshof gemacht. Richtiger wäre noch “Ich glaube an das Gesetz...”, wo ‘glauben’ nichts mit *vermuten* zu tun hat.

501. Komme ich nicht immer mehr und mehr dahin zu sagen, daß die Logik sich am Schluß nicht beschreiben lasse? Du mußt die Praxis der Sprache ansehen, dann siehst du sie.

502. Könnte man sagen “Ich weiß mit geschlossenen Augen die Lage meiner Hände”, wenn meine Angabe immer oder meistens dem Zeugnis der Andern widerspräche?

188. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 40r): der des Beweises (ao da prova). Na edição de Anscombe e Von Wright, foi acrescentada a palavra “immer” à frase “Wenn Einer Zweifel in mir [immer]...”, mas não se encontra no MS 176 (p. 40r).

189. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 40v): gewissen Zweifeln (certas dúvidas).

496. É um caso semelhante ao de mostrar que não faz sentido dizer que um jogo sempre foi jogado incorretamente.

497. Se alguém quisesse levantar dúvidas em relação a mim e dissesse: aí sua memória o engana, aqui você foi enganado, ali novamente você não se convenceu completamente, etc., e eu não me deixasse abalar e mantivesse minha certeza – então essa atitude por si só não pode estar errada porque ela primeiramente define um jogo.

11.4.

498. O estranho é que, mesmo que eu considere bastante correto que alguém rejeite, com a expressão “absurdo”, a tentativa de enganá-lo com dúvidas sobre os fundamentos, considero que é errado ele tentar se defender usando as palavras “Eu sei”.

499. Eu também poderia dizer assim: a ‘lei da indução’ tampouco pode ser mais *fundamentada* do que certas proposições particulares relativas ao material da experiência.

500. Mas também me parece absurdo dizer: “Eu sei que a lei da indução é verdadeira”.

Imagine uma declaração como essa feita em um tribunal. Seria mais correto dizer: “Eu acredito na lei...”, onde ‘acreditar’ não tem nada a ver com *supor*.

501. Não estou cada vez mais afirmando que, em última análise, a lógica não pode ser descrita? Você deve observar a prática da linguagem, então verá isso.

502. Alguém poderia dizer: “Eu sei a posição de minhas mãos com meus olhos fechados” se essa afirmação sempre ou quase sempre contradissesse o testemunho de outros?

503. Ich schaue einen Gegenstand an und sage “Das ist ein Baum” oder “Ich weiß, daß das ...” – Gehe ich nun in die Nähe und es stellt sich anders heraus, so kann ich sagen “Es war doch kein Baum”; oder ich sage “Es *war* ein Baum, ist es aber jetzt nicht mehr”. Wenn nun aber alle Andern mit mir in Widerspruch wären und sagten, es wäre nie ein Baum gewesen, und wenn alle andern Zeugnisse gegen mich sprächen – was *nützte* es mir dann noch, auf meinem “Ich weiß ...” zu beharren?

504. Ob ich etwas *weiß*, hängt davon ab, ob die Evidenz mir recht gibt oder mir widerspricht. Denn zu sagen, man wisse, daß man Schmerzen habe, heißt nichts.

505. Es ist immer von Gnaden der Natur, wenn man etwas weiß.

506. “Wenn mich mein Gedächtnis *hier* täuscht, so kann es mich überall täuschen.”

Wenn ich *das* nicht weiß, wie weiß ich dann, ob meine Worte das bedeuten, was ich glaube, daß sie bedeuten?

507. “Wenn mich dies täuscht, was heißt¹⁹⁰ ‘täuschen’ dann noch?”

508. Worauf kann ich mich verlassen?

509. Ich will eigentlich sagen, daß ein Sprachspiel nur möglich ist, wenn man sich auf etwas verläßt. (Ich habe nicht gesagt “auf etwas verlassen kann”).)

510. Wenn ich sage “Natürlich weiß ich, daß das ein Handtuch ist”,¹⁹¹ so mache ich eine Äußerung. Ich denke nicht an eine Verifikation.¹⁹² Es ist für mich eine unmittelbare Äußerung.

Ich denke nicht an Vergangenheit oder Zukunft. (Und so geht es natürlich auch Moore.)

Ganz so wie ein unmittelbares Zugreifen; wie ich ohne zu zweifeln nach dem Handtuch greife.

190. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 42v): bedeutet (significa).

191. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 42v): “Ich weiß, daß das ein Handtuch ist” (“Eu sei que isso é uma toalha”).

192. Há a seguinte variante riscada no MS 176 (p. 42v): Ein Gedanke an eine Verifikation kommt mir nicht in den Sinn (Não me vem à mente uma ideia de uma verificação).

503. Olho para um objeto e digo: “Isso é uma árvore” ou “Sei que é...”. – Se eu me aproximar e o resultado for diferente, posso dizer: “*Era* uma árvore, mas agora não é mais”. Mas se todos os outros me contradissem e dissessem que nunca foi uma árvore, e se todos os outros testemunhos falassem contra mim – de que *adiantaria* eu insistir em meu “Eu sei...”?

504. Que eu *saiba* algo depende de as evidências me darem razão ou me contradizerem. Pois não significa nada dizer que se sabe que está sentindo dor.

505. É sempre graças à natureza que se sabe algo.

506. “Se minha memória me engana *aqui*, ela pode me enganar em qualquer lugar”.

Se eu não souber *disso*, como saberei se minhas palavras significam o que acredito que significam?

507. “Se isso me engana, o que mais quer dizer ‘enganar’?”.

508. Em que posso confiar?

509. Na verdade, quero dizer que um jogo de linguagem só é possível quando se confia em algo. (Eu não disse “pode confiar em algo”).

510. Quando digo: “É claro que sei que isso é uma toalha”, estou fazendo uma *declaração*. Não estou pensando em uma verificação. É uma declaração imediata para mim.

Não estou pensando no passado ou no futuro. (E isso se passa naturalmente também com Moore).

É como uma compreensão imediata; como quando pego a toalha sem duvidar.

511. Aber dieses unmittelbare Zugreifen entspricht doch einer *Sicherheit*, keinem Wissen.

Aber greif ich so nicht auch zum Namen eines Dinges?

12.4.

512. Die Frage ist doch die: “Wie, wenn du auch in diesen fundamentalsten Dingen deine Meinung¹⁹³ ändern müßtest?” Und darauf scheint mir die Antwort zu sein: “Du *mußt* sie nicht ändern. Gerade darin liegt es, daß sie ‘fundamental’ sind.”

513. Wie, wenn etwas *wirklich Unerhörtes* geschähe? Wenn ich etwa sähe, wie Häuser sich nach und nach ohne offenbare Ursache in Dampf verwandelten; wenn das Vieh auf der Wiese auf den Köpfen stünde, lachte und verständliche Worte redete; wenn Bäume sich nach und nach in Menschen und Menschen in Bäume verwandelten. Hatte ich nun recht, als ich vor allen diesen Geschehnissen sagte “Ich weiß, daß das ein Haus ist” etc., oder einfach “Das ist ein Haus” etc.?

514. Diese Aussage erschien mir als fundamental; wenn das falsch ist, was ist noch ‘wahr’ und ‘falsch’?!

515. Wenn mein Name *nicht* L. W. ist, wie kann ich mich darauf verlassen, was unter

“wahr” und “falsch” zu verstehen ist?

516. Wenn etwas geschähe (wenn z. B. jemand mir etwas sagte), was dazu angetan wäre, mir Zweifel daran zu erwecken, so gäbe es gewiß auch etwas, was die Gründe solcher Zweifel selbst zweifelhaft erscheinen ließe, und ich könnte mich also dafür entscheiden, meinen alten Glauben beizubehalten.

517. Wäre es aber nicht möglich, daß etwas geschähe, was mich ganz aus dem Geleise würfe?

Evidenz, die mir das Sicherste unannehmbar machte? Oder doch bewirkte, daß ich meine fundamentalsten Urteile umstoße? (Ob mit Recht oder mit Unrecht, ist hier ganz gleich.)

193. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 43r): Anschauung (perspectiva).

511. Mas esse acesso imediato corresponde a uma *certeza*, não a um conhecimento.

Mas não é assim também que fixo o nome de uma coisa?

12.4.

512. A pergunta é a seguinte: “E se você tivesse que mudar de ideia até mesmo nessas questões mais fundamentais? E a resposta a isso me parece ser: “Você não *tem* que mudá-los. É precisamente por isso que elas são <fundamentais>”.

513. E se algo *realmente inédito* acontecesse? E se eu visse algo como casas se transformando aos poucos em vapor sem causa aparente; se o gado no pasto ficasse de cabeça para baixo, rindo e pronunciando palavras inteligíveis; se as árvores gradualmente se transformassem em pessoas e pessoas em árvores. Se, diante de todos esses eventos, eu dissesse: “Eu sei que isso é uma casa”, etc., ou simplesmente “Isto é uma casa”, etc., eu estaria certo?

514. Essa afirmação me pareceu fundamental; se isso é falso, o que mais é ‘verdadeiro’ e ‘falso’?!

515. Se meu nome não for L. W., como posso confiar no que significa “verdadeiro” e “falso”?

516. Se algo acontecesse (por exemplo, se alguém me dissesse algo) que pudesse me levar a duvidar, certamente haveria algo que faria com que as razões para tais dúvidas parecessem duvidosas, e eu poderia, portanto, decidir manter minha antiga crença.

517. Mas não seria possível que acontecesse algo que me tirasse completamente dos trilhos?

Uma evidência que tornasse as coisas mais certas inaceitáveis para mim? Ou ainda que me fizesse derrubar meus juízos mais fundamentais? (Se com razão ou sem razão, é a mesma coisa aqui).

518. Könnte ich mir denken, daß ich dies in einem andern Menschen beobachtete?

519. Wenn du einen Befehl befolgst “Bring mir ein Buch”, so ist es allerdings möglich, daß du untersuchen mußt, ob, was du dort siehst, wirklich ein Buch ist, aber du weißt dann doch, was man unter “Buch” versteht; und weißt du das nicht, so kannst du etwa nachschlagen, – aber dann mußt du doch wissen, was ein anderes Wort bedeutet. Und, daß ein Wort das und das bedeutet, so und so gebraucht wird, ist wieder eine Erfahrungstatsache wie die, daß jener Gegenstand ein Buch ist.¹⁹⁴

Um also einen Befehl befolgen zu können, mußt du über eine Erfahrungstatsache außer Zweifel sein. Ja, der Zweifel beruht nur auf dem, was außer Zweifel ist.

Da aber ein Sprachspiel etwas ist, was in wiederholten Spielhandlungen in der Zeit besteht, so scheint es, man könne in keinem *einzelnen* Falle sagen, das und das müsse außer Zweifel stehen, wenn es ein Sprachspiel geben solle, wohl aber, daß, *in der Regel*, irgendwelche Erfahrungsurteile außer Zweifel stehen müssen.

13.4.

520. Moore hat ein gutes Recht zu sagen, er wisse, daß vor ihm ein Baum steht. Natürlich kann er sich darin irren. (Denn es ist ja hier nicht wie mit der Äußerung “Ich glaube, dort steht ein Baum”.) Aber, ob er in diesem Fall recht hat oder sich irrt, ist philosophisch nicht von Belang. Wenn Moore die bekämpft, die sagen, so etwas könne man nicht eigentlich wissen, so kann er es nicht tun, indem er versichert: *Er* wisse das und das. Denn das braucht man ihm nicht zu glauben. Hätten seine Gegner behauptet, man könne das und das nicht *glauben*, so hätte er ihnen antworten können “*Ich* glaube es”.

194. No MS 176 (p. 45r), há a seguinte variante: ist eine Tatsache von eben der Art, wie, daß, was Du dort siehst, ein Buch ist. (é um fato do mesmo tipo como o que você vê ali é um livro).

518. Eu poderia imaginar que observei isso em outra pessoa?

519. Se você obedecer a uma ordem: “Traga-me um livro”, é possível que tenha de investigar se o que está vendo é realmente um livro, mas você saberá o que significa “livro”; e se você não souber, pode pesquisar, por exemplo, – mas então você precisa saber o que outra palavra significa. Que uma palavra signifique isso e aquilo, é usada dessa e daquela maneira, é novamente um fato da experiência, como esse objeto ser um livro.

Portanto, para ser capaz de obedecer a um comando, você não pode ter dúvidas sobre um fato da experiência. Sim, a dúvida se baseia apenas no que está fora de dúvida.

Mas como um jogo de linguagem é algo que consiste em ações do jogo repetidas no tempo, parece que em nenhum caso se pode dizer que isso e aquilo devem estar fora de dúvida, para que haja um jogo de linguagem, ainda que, *como regra geral*, um ou outro juízo empírico deva ficar fora de dúvida.

13.4.

520. Moore tem todo o direito de dizer que sabe que há uma árvore à sua frente. É claro que ele pode estar enganado. (Pois aqui não é como na expressão “Eu acredito que há uma árvore ali”). Mas se ele está certo ou errado nesse caso é filosoficamente irrelevante. Se Moore rebate aqueles que dizem que tais coisas não podem ser realmente conhecidas, *ele* não pode fazer isso assegurando-lhes que sabe isso e aquilo, pois não é preciso acreditar nele. Se seus oponentes tivessem afirmado que não se pode *acreditar* em tal e tal coisa, ele poderia ter respondido: “*Eu acredito*”.

14.4.

521. Moores Fehler liegt darin, auf die Behauptung, man könne das nicht wissen, zu entgegnen “Ich weiß es”.

522. Wir sagen: Wenn das Kind die Sprache – und also ihre Anwendung – beherrscht, muß es die Bedeutungen der Worte wissen. Es muß z. B. einem weißen, schwarzen, roten, blauen Dinge seinen Farbnamen, in der Abwesenheit jedes Zweifels, beilegen können.

523. Ja, hier vermißt auch niemand den Zweifel; wundert sich niemand, daß wir die Bedeutung der Worte nicht nur *vermuten*.

15.4.

524. Ist es für unsre Sprachspiele (‘Befehlen und Gehorchen’, z. B.) wesentlich, daß ein Zweifel an gewissen Stellen nicht eintritt, oder genügt es, wenn das Gefühl der Sicherheit besteht, wenn auch mit einem leichten Anhauch des Zweifels?

Genügt es also, wenn ich zwar nicht wie jetzt, *ohne weiteres*, ohne die Dazwischenkunft irgendeines Zweifels, etwas ‘schwarz’, ‘grün’, ‘rot’ nenne – aber statt dessen doch sage “Ich bin sicher, daß das rot ist”, wie man etwa sagt “Ich bin sicher, daß er heute kommen wird” (also mit dem ‘Gefühl der Sicherheit’)?

Das begleitende Gefühl ist uns natürlich gleichgültig, und ebensowenig brauchen wir uns um die Worte “Ich bin sicher, daß” bekümmern. – Wichtig ist, ob ein Unterschied in der *Praxis* der Sprache damit zusammengeht.

Man könnte fragen, ob er überall dort, wo wir, z. B., mit Sicherheit eine Meldung machen (bei einem Versuch z. B. schauen wir in eine Röhre und melden die Farbe, die wir durch sie beobachten), ob er bei dieser Gelegenheit sagt “Ich bin sicher”. Tut er dies, so wird man zuerst geneigt sein, seine Angabe zu überprüfen. Zeigt sich aber, daß er ganz zuverlässig ist, so wird man erklären, seine Redeweise sei nur eine Verschrobenheit, die die Sache nicht berührt. Man könnte z. B. annehmen, daß er skeptische Philosophen gelesen habe, überzeugt worden sei, man könne nichts wissen, und darum diese Redeweise

14.4.

521. O erro de Moore consiste em responder à afirmação de que não se pode saber isso retrucando: “Eu sei disso”.

522. Dizemos: Se a criança domina o idioma – e, portanto, seu uso, ela deve conhecer os significados das palavras. Ela deve, por exemplo, ser capaz de atribuir às coisas brancas, pretas, vermelhas e azuis os nomes de suas cores sem nenhuma dúvida.

523. Sim, aqui também ninguém pensa em duvidar; ninguém se surpreende com o fato de não *supormos* simplesmente o significado das palavras.¹⁷

15.4.

524. É essencial para nossos jogos de linguagem (‘comandar e obedecer’, por exemplo) que uma dúvida não surja em certos pontos ou é suficiente que haja o sentimento de certeza, embora com um leve sopro de dúvida?

É suficiente, então, que eu não nomeie algo de ‘preto’, ‘verde’, ‘vermelho’, como faço agora, *sem mais*, sem a interposição de qualquer dúvida – mas, em vez disso, dizer “tenho certeza de que isso é vermelho”, como se diz “tenho certeza de que ele virá hoje” (portanto, com o ‘sentimento de certeza’)?

É claro que somos indiferentes ao sentimento que nos acompanha, e tampouco precisamos nos preocupar com as palavras: “Eu estou certo de que”. – O importante é saber se uma diferença na *prática* da linguagem está associada a isso.

Poderíamos nos perguntar se, por exemplo, sempre que fazemos um relato com certeza (em um experimento, por exemplo, olhando para um tubo e relatando a cor que observamos através dele), se alguém diz, nessa ocasião, “eu tenho certeza”. Se ele fizer isso, primeiro estaremos inclinados a verificar sua declaração. Se, no entanto, ele

17. Como já dito em nota, o trecho que se segue desse parágrafo, no MS 176 (p. 46v), foi publicado no Volume II, dos Últimos Escritos sobre filosofia da psicologia. O trecho compreende da página 46v à 51v, de sorte que o conjunto de parágrafos iniciado no 524 derivam das anotações que começam na página 51v do MS 176, sendo o parágrafo 637 a última delas.

angenommen habe. Wenn wir erst einmal an sie gewöhnt sind, so tut sie der Praxis keinen Eintrag.

525. Wie sieht also der Fall aus, wo Einer wirklich zu den Farbnamen, z. B., eine andere Beziehung hat als wir? Wo nämlich ein leiser Zweifel, oder die Möglichkeit eines Zweifels, in ihrem Gebrauch bestehen bleibt.

16.4.

526. Wer beim Anblick¹⁹⁵ eines englischen Postkastens sagte “Ich bin sicher, er ist rot”, den müßten wir für farbenblind halten oder glauben, er beherrschte das Deutsche nicht¹⁹⁶ und wüßte den richtigen Farbnamen in einer andern Sprache.

Wäre keines von beiden der Fall, so würden wir ihn nicht recht verstehen.

527. Ein Deutscher, der diese Farbe “rot” nennt, ist nicht ‘sicher, sie heiße im Deutschen “rot”’. Das Kind, welches die Verwendung des Wortes beherrscht, ist nicht ‘sicher, diese Farbe heiße in seiner Sprache so’. Man kann auch nicht von ihm sagen, es lerne, wenn es sprechen lernt, daß die Farbe auf deutsch so heißt, oder auch: es *wisse* dies, wenn es den Gebrauch des Worts erlernt hat.

528. Und dennoch: wenn jemand mich fragte, wie die Farbe auf deutsch heiße, und ich sag es ihm, und er fragt mich “Bist du sicher?”, so werde ich antworten: “Ich *weiß* es; Deutsch ist meine Muttersprache.”

529. Auch wird z. B. ein Kind vom andern sagen, oder von sich selbst, es wisse schon, wie das und das heißt.

530. Ich kann jemandem sagen “Diese Farbe heißt auf deutsch ‘rot’” (wenn ich ihn z. B. im Deutschen unterrichte). Ich würde in diesem Falle nicht sagen “Ich weiß, daß diese Farbe ...” – das würde ich etwa sagen, wenn ich es soeben selbst gelernt hätte, oder im Gegensatz zu einer andern Farbe, deren deutschen Namen ich nicht kenne.¹⁹⁷

195. No MS 176 (p.53r), há a seguinte variante riscada: von der Farbe (a partir da cor).

196. No MS 176 (p.53r), há a seguinte variante riscada: könne nicht deutsch sprechen (não poderia falar português).

197. No MS 176 (p.54r), há a seguinte variante riscada: weiß (sei).

for bastante confiável, ficará claro que seu modo de falar é apenas peculiar e não afeta a questão. Pode-se supor, por exemplo, que ele tenha lido filósofos céticos, tenha se convencido de que nada pode ser conhecido e, portanto, tenha adotado essa maneira de falar. Uma vez que estivermos acostumados, isso não prejudica a prática.

525. Então, como seria o caso em que alguém realmente tivesse uma relação diferente da nossa com os nomes das cores, por exemplo? Quando uma ligeira dúvida ou possibilidade de dúvida permanece no uso desses nomes.

16.4.

526. Quem dissesse: “Tenho certeza de que é vermelha” ao ver uma caixa de correio inglesa teria de ser daltônica ou acreditar que não dominava o português e que sabia o nome correto da cor em outro idioma.

Se nenhum dos dois fosse o caso, não o entenderíamos completamente.

527. Um brasileiro que nomeia essa cor de “vermelho” não tem ‘certeza de que ela é chamada de “vermelho” em português.’ A criança que domina o uso da palavra não tem ‘certeza se essa cor é chamada *assim* em seu idioma.’ Tampouco se pode dizer que ela aprende, quando aprende a falar, que a cor se chama assim em português, ou também: ela *conhece* a cor quando aprende a usar a palavra “vermelho”.

528. E ainda: se alguém me perguntar como a cor é chamada em português e eu lhe disser, e se ele me perguntar “Tem certeza?”, então responderei: “Eu *sei* disso; o português é minha língua materna”.

529. Além disso, por exemplo, uma criança dirá de outra, ou de si mesma, que já sabe como se chama isso e aquilo.

530. Posso dizer a alguém “Essa cor é chamada de ‘vermelho’ em português” (se eu estiver ensinando português, por exemplo). Nesse caso, eu não diria: “Eu sei que essa cor...”. – Eu diria isso se eu mesmo tivesse acabado de aprendê-la ou em contraste com outra cor, cujo nome em português eu não conheço.

531. Ist es nun aber nicht richtig, meinen gegenwärtigen Zustand so zu beschreiben: ich wisse, wie diese Farbe auf deutsch heißt? Und wenn das richtig ist, warum soll ich dann nicht meinen Zustand mit den entsprechenden Worten “Ich *weiß* etc.” beschreiben?

532. Moore also, wenn er, vor dem Baum sitzend, sprach “Ich weiß, daß das ein ...”, sprach einfach die Wahrheit über seinen damaligen Zustand aus.

[Ich philosophiere jetzt wie eine alte Frau, die fortwährend etwas verlegt und es wieder suchen muß; einmal die Brille, einmal den Schlüsselbund –]

533. Nun, wenn es richtig war,¹⁹⁸ außer dem Zusammenhange seinen Zustand zu beschreiben, dann war es ebenso richtig, außer dem Zusammenhange die Worte “Das ist ein Baum” auszusprechen.

534. Ist es aber falsch zu sagen: “Das Kind, welches ein Sprachspiel beherrscht, muß Gewisses *wissen*”?

Wenn man statt dessen sagte “muß Gewisses *können*”, so wäre das ein Pleonasmus, und doch ist es gerade *das*, welches ich auf den ersten Satz erwidern möchte. – Aber: “Das Kind erwirbt sich ein naturgeschichtliches Wissen.” Das setzt voraus, daß das Kind fragen könne, wie die und die Pflanze heißt.¹⁹⁹

535. Das Kind weiß, wie etwas heißt, wenn es auf die Frage “Wie heißt das?” richtig antworten kann.

536. Das Kind, welches anfängt, die Sprache zu lernen, hat natürlich den Begriff des *Heißens* noch gar nicht.²⁰⁰

198. No MS 176 (p. 55r), a expressão: “Nun, wenn es richtig war” (“Ora, se foi correto”) foi escrita inicialmente assim: “Nun, wenn es für ihn richtig war” (“Ora, se foi correto para ele”).

199. Em seguida a este parágrafo há a seguinte anotação no MS 176, p. 55v: | Man kann sich selbst nicht beurteilen, wenn man sich in den Kategorien nicht auskennt. (Freges Schreibart ist manchmal groß; Freud schreibt ausgezeichnet, & es ist ein Vergnügen, ihn zu lesen, aber er ist nie groß in seinem Schreiben.) | | Sem ser bem versado em categorias, não se pode julgar a si mesmo. (A forma de Frege escrever é, por vezes, grandiosa; Freud escreve de forma excelente e é um prazer lê-lo, mas ele nunca é grandioso em sua escrita.) |

200. Há a seguinte anotação entre parênteses e riscada no MS 176 (p. 56r): (Dazu müßte es ja zwischen den einzelnen Wortgattungen unterscheiden können) (Para isso, teria de ser capaz de distinguir entre os diferentes tipos de palavras).

531. Mas não é correto descrever meu estado atual da *seguinte forma*: eu sei como essa cor se chama em português? E se isso é correto, por que então eu não deveria descrever meu estado com as palavras correspondentes: “Eu *sei* etc.”?

532. Portanto, quando Moore, sentado em frente à árvore, disse: “Eu sei que isso é uma...”, estava simplesmente falando a verdade sobre sua condição naquele momento.

[Agora estou filosofando como uma senhora idosa que está sempre perdendo alguma coisa e tem que procurá-la novamente, e tem que procurar de novo; uma vez os óculos, outra vez as chaves –]

533. Ora, se foi correto descrever sua condição fora do contexto, então era igualmente correto proferir fora do contexto as palavras: “Isto é uma árvore”.

534. Mas é errado dizer: “A criança que domina um jogo de linguagem deve *conhecer* certas coisas”?

Se, em vez disso, disséssemos: “Deve *ser capaz de fazer* certas coisas”, isso seria um pleonasmo e, no entanto, é exatamente *isso* que eu gostaria de responder à primeira proposição. – Mas: “A criança adquire um conhecimento de história natural”. Isso pressupõe que a criança possa perguntar como se chama essa ou aquela planta.

535. A criança sabe como algo se chama se puder responder corretamente à pergunta “Como se chama isso?”.

536. A criança que está começando a aprender o idioma naturalmente ainda não tem o conceito de *denominação*.

537. Kann man von Einem, der diesen Begriff nicht besitzt, sagen, er *wisse*, wie das und das heiße?

538. Das Kind, möchte ich sagen, lernt so und so reagieren; und wenn es das nun tut, so weiß es damit noch nichts. Das Wissen beginnt erst auf einer späteren Stufe.

539. Ist es mit dem Wissen wie mit dem Sammeln?

540. Ein Hund könnte lernen, auf den Ruf "N" zu N zu laufen und auf den Ruf "M" zu M, – wüßte er aber darum, wie die Leute heißen?²⁰¹

541. "Er weiß erst, wie Dieser heißt, noch nicht, wie Jener heißt." Das kann man strenggenommen nicht von Einem sagen, der den Begriff davon noch gar nicht hat, daß Menschen Namen haben.

542. "Ich kann diese Blume nicht beschreiben, wenn ich nicht weiß, daß diese Farbe 'rot' heißt."

543. Das Kind kann die Namen von Personen gebrauchen, lang ehe es in irgendeiner Form sagen kann: "Ich weiß, wie Dieser heißt; ich weiß noch nicht, wie Jener heißt."

544. Ich kann freilich wahrheitsgem²⁰² sagen "Ich weiß, wie diese Farbe auf deutsch heißt", indem ich z. B. auf die Farbe des frischen Blutes deute. Aber – – –

17.4.

545. 'Das Kind weiß, welche Farbe das Wort "blau" bedeutet.' Was es da weiß, ist gar nicht so einfach.

546. "Ich weiß, wie diese Farbe heißt", würde ich z. B. sagen, wenn es sich um Farbtöne handelt, deren Namen nicht jeder kennt.

201. Ha a seguinte variante riscada no MS 176 (p. 56v): ihre Namen (seus nomes). Imediatamente depois desse pargrafo (MS 176, p.56r) ha a seguinte anotao riscada: (Dazu müßte es ja zwischen den einzelnen Wortgattungen unterscheiden knnen.). (Para fazer isso, ela já teria de ser capaz de distinguir os gneros de palavras).

202. Ha a seguinte variante riscada no MS 176 (p.57r): Es ist freilich wahr fr mich zu ( claramente verdadeiro para mim).

537. Alguém que não possui esse conceito pode dizer que *sabe* como isso e aquilo são chamados?

538. Eu gostaria de dizer que a criança aprende a reagir de tal e tal maneira; e se ela faz isso agora, ainda não *sabenada*. O conhecimento só começa em um estágio posterior.

539. Não se passa com o conhecimento o que se passa com o coletar?

540. Um cão poderia aprender a correr para N ao ouvir “N” e a correr para M ao ouvir “M” – mas ele saberia como as pessoas se chamam?

541. “Ele só sabe como esta pessoa se chama, mas ainda não sabe como aquela se chama.” Isso não pode ser dito, a rigor, de alguém que ainda não tem o conceito de que as pessoas têm nomes.

542. “Não posso descrever essa flor se não souber que essa cor se chama ‘vermelho’”.

543. A criança pode usar os nomes das pessoas muito antes de poder dizer de qualquer forma: “Eu sei como essa pessoa se chama; ainda não sei como aquela pessoa se chama”.

544. Posso, é claro, dizer com sinceridade: “Eu sei como essa cor é chamada em português” apontando para a cor do sangue fresco, por exemplo. Mas – – –

17.4.

545. ‘A criança sabe qual cor que a palavra “azul” significa.’ O que ela sabe não é tão simples.

546. “Eu sei como se chama essa cor” é algo que eu diria, por exemplo, quando se trata de tonalidades de cores cujos nomes nem todo mundo conhece.

547. Man kann einem Kind, das grade erst anfängt zu sprechen und die Wörter “rot” und “blau” gebrauchen kann, noch nicht sagen: “Nicht wahr, du weißt, wie diese Farbe heißt.”

548. Das Kind muß die Verwendung von Farbnamen lernen, ehe es nach dem Namen einer Farbe fragen kann.

549. Es wäre falsch zu sagen, ich könne nur dann sagen “Ich weiß, daß dort ein Sessel steht”, wenn ein Sessel dort steht. Freilich ist es nur dann *wahr*, aber ich habe ein Recht, es zu sagen, wenn ich *sicher* bin, es stehe einer dort, auch wenn ich unrecht habe.

18.04.²⁰³

| Die Prätensionen sind eine Hypothek, die die Denkkraft des Philosophen belastet. |

550. Wenn Einer etwas glaubt, so muß man nicht immer die Frage beantworten können, ‘warum er es glaubt’; weiß er aber etwas, so muß die Frage “Wie weiß er es?” beantwortet werden können.

551. Und beantwortet man diese Frage, so muß es nach allgemein anerkannten Grundsätzen geschehen. *So* läßt sich so etwas wissen.

552. Weiß ich, daß ich jetzt in einem Sessel sitze? – Weiß ich es nicht?! Es wird niemand, unter den gegenwärtigen Umständen, sagen, ich wisse das, aber ebensowenig z. B., ich sei bei Bewußtsein. Man wird das auch gewöhnlich nicht von den Passanten auf der Straße sagen.

Aber wenn man’s nun auch nicht sagt, *ist* es darum nicht so??

553. Es ist seltsam: Wenn ich, ohne besondern Anlaß, sage “Ich weiß”, z. B. “Ich weiß, daß ich jetzt auf einem Sessel sitze”, so erscheint mir die Aussage²⁰⁴ ungerechtfertigt und anmaßend. Mache ich aber die gleiche Aussage, wo ein Bedürfnis nach ihr vorhanden ist, so scheint

203. No MS 176 (p. 58r), a data está anotada exatamente acima dessa afirmação, tendo sido deslocada para o parágrafo seguinte na edição de Anscombe e Von Wright, a qual emprega colchetes ao invés das barras verticais usadas por Wittgenstein. Preferimos o uso das barras, pois Wittgenstein tanto as usa quanto usa colchetes, sendo importante preservar a distinção.

204. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 58v): der Satz (a proposição).

547. Man kann einem Kind, das grade erst anfängt zu sprechen und die Wörter “rot” und “blau” gebrauchen kann, noch nicht sagen: “Nicht wahr, du weißt, wie diese Farbe heißt.”

547. Não se pode dizer a uma criança que está começando a falar e consegue usar as palavras “vermelho” e “azul”: “você sabe bem como se chama essa cor!”.

548. A criança deve aprender a utilizar os nomes das cores antes de poder perguntar o nome de uma cor.

549. Seria errado dizer que só posso dizer: “Eu sei que há uma poltrona ali” se houver uma poltrona ali. É claro que isso só é *verdade* nesse caso, mas tenho o direito de dizer isso se tiver *certeza* de que há uma poltrona lá, mesmo que eu esteja errado.

18.04.

| As pretensões hipotecam o poder do pensamento do filósofo. |

550. Se alguém acredita em algo, nem sempre é necessário ser capaz de responder à pergunta ‘por que ele acredita nisso’, mas se ele sabe algo, a pergunta ‘como ele sabe disso?’ deve ser respondida.

551. E se essa pergunta for respondida, isso deve ser feito de acordo com os princípios geralmente reconhecidos. É *assim* que algo como isso pode ser conhecido.

552. Eu sei que agora estou sentado em uma poltrona? – Será que não sei?!

Ninguém dirá, nas circunstâncias atuais, que sei, mas também não dirão, por exemplo, que estou consciente.

Normalmente, também não se diz isso dos transeuntes na rua. Mas mesmo que não se diga, *significa* que não se passa??

553. É estranho: se eu disser: “eu sei” sem nenhuma razão especial, por exemplo, “eu sei que agora estou sentado em uma poltrona”, a afirmação me parece injustificada e presunçosa. Mas se eu fizer a mesma afirmação onde houver necessidade, ela me parecerá, embora

sie mir, obgleich ich ihrer Wahrheit nicht um ein Haar sicherer bin, als vollkommen gerechtfertigt und alltäglich.

554. In ihrem Sprachspiel ist sie nicht anmaßend. Sie steht dort nicht höher als eben das menschliche Sprachspiel. Denn da hat sie ihre eingeschränkte Anwendung.²⁰⁵

Wie ich aber den Satz außerhalb seines Zusammenhangs sage, so erscheint er in einem falschen Lichte. Denn dann ist es, als wollte ich versichern, daß es Dinge gibt, die ich *weiß*. Worüber Gott selber mir nichts erzählen könnte.

19.4.

555. Wir sagen, wir wissen, daß das Wasser kocht, wenn es ans Feuer gestellt wird. Wie wissen wir's? Erfahrung hat es uns gelehrt. – Ich sage "Ich weiß, daß ich heute früh gefrühstückt habe"; Erfahrung hat mich das nicht gelehrt. Man sagt auch "Ich weiß, daß er Schmerzen hat". Jedesmal ist das Sprachspiel anders, jedesmal sind wir *sicher*, und jedesmal wird man mit uns übereinstimmen, daß wir *in der Lage sind* zu wissen. Daher finden sich ja auch die Lehrsätze der Physik in Lehrbüchern für jedermann.

Wenn jemand sagt, er *wisse* etwas, so muß es etwas sein, was er, dem allgemeinen *Urteil* nach, in der Lage ist zu wissen.

556. Man sagt nicht: Er ist in der Lage, das zu glauben.

Wohl aber: "Es ist vernünftig, in dieser Lage das anzunehmen" (oder "zu glauben").

557. Ein Kriegsgericht mag zu beurteilen haben, ob es in der und der Lage vernünftig war, das und das mit Sicherheit (wenn auch fälschlich) anzunehmen.

205. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 59r): da hat sie ihre (sehr) besondere || spezielle Anwendung (lá ela tem sua (muito) particular || especial aplicação).

eu não esteja nem um pouco certo de sua verdade, perfeitamente justificada e comum.

554. Ela não é presunçosa em seu jogo de linguagem. Ela não é mais elevada do que o jogo de linguagem humano. Pois lá ela tem sua aplicação limitada.

Mas quando digo a proposição fora de seu contexto, ela aparece sob uma luz inadequada. Pois então é como se eu quisesse afirmar que há coisas que eu *sei*. Sobre as quais o próprio Deus não poderia me dizer nada.

19.4.

555. Dizemos que sabemos que a água ferve quando é levada ao fogo. Como sabemos? A experiência nos ensinou. – Eu digo: “Eu sei que tomei café da manhã hoje”; a experiência não me ensinou isso. As pessoas também dizem: “Eu sei que ele está com dor”. Em todas as vezes o jogo de linguagem é diferente, em todas as vezes temos *certeza*, e em todas as vezes concordaremos que *estamos em posição* de saber. Portanto é por isso que os teoremas da física podem ser encontrados em livros didáticos para todos.

Se alguém diz que *sabe* algo, deve ser algo que, de acordo com o *julgamento* comum, está em posição de saber.

556. Não se diz: Ele está em posição de acreditar nisso.

Mas sim: Nessa situação, “é razoável aceitar” (ou “acreditar”).

557. Uma corte marcial pode ter que julgar se era razoável, na situação, presumir isso e aquilo com certeza (embora erroneamente).

558. Wir sagen, wir wissen, daß das Wasser unter den und den Umständen kocht und nicht. Ist es denkbar, daß wir uns darin irren? Würde nicht ein Irrtum alles Urteil mit sich reißen? Ich meine:²⁰⁶ Was könnte aufrecht stehen, wenn das fiele? Könnte Einer etwas finden, und wir nun sagen: “Es war ein Irrtum”?

Was immer in Zukunft geschehen mag, wie immer sich Wasser in Zukunft verhalten mag, – wir *wissen*, daß es sich bis jetzt in unzähligen Fällen *so* verhalten hat.

Diese Tatsache ist in das Fundament²⁰⁷ unseres Sprachspiels eingegossen.²⁰⁸

559. Du mußt bedenken, daß das Sprachspiel sozusagen etwas Unvorhersehbares ist. Ich meine: Es ist nicht begründet. Nicht vernünftig (oder unvernünftig). Es steht da – wie unser Leben.

560. Und der Begriff des Wissens ist mit dem des Sprachspiels verkoppelt.

561. “Ich weiß” und “Du kannst dich drauf verlassen”. Aber man kann nicht immer für das erste das zweite setzen.

562. Immerhin ist es wichtig, sich eine Sprache vorzustellen, in der es *unsern* Begriff ‘wissen’ nicht gibt.

563. Man sagt “Ich *weiß*, daß er Schmerzen hat”, obwohl man keinen überzeugenden Grund dafür angeben kann. – Ist das dasselbe wie “Ich bin sicher, daß er ...”? – Nein. “Ich bin sicher” gibt dir die subjektive Sicherheit.²⁰⁹ “Ich weiß” heißt, daß zwischen mir, der es weiß, und dem, der’s nicht weiß, ein Unterschied des Verständnisses liegt. (Etwa gegründet auf einem Unterschied des Grads der Erfahrung.)

Sage ich in der Mathematik “Ich weiß”, so ist die Rechtfertigung dafür ein Beweis.

206. Diferentemente da edição de Anscombe e Von Wright que transcreveu Noch mehr (Mais ainda), encontra-se “Ich meine” (quero dizer) no MS 176 (p. 60v).

207. No MS 176 (p. 60v), há a seguinte variante: in die Grundlagen (nos princípios básicos).

208. No MS 176 (p. 60v), há a seguinte variante: eingeschmolzen (fundido).

209. No MS 176 (p. 61v), há a seguinte variante: Dir etwas Subjektives. (algo de subjetivo).

558. Dizemos que sabemos que a água ferve sob tais e tais circunstâncias e não congela. É concebível que estejamos enganados a esse respeito? Um erro não poria abaixo todo o julgamento? Quero dizer: o que poderia ficar de pé se isso caísse? Será que alguém poderia encontrar algo e agora dizer: “Foi um erro”?

Aconteça o que acontecer no futuro, seja qual for o comportamento da água no futuro *sabemos* que ela tem se comportado *assim* em inúmeros casos até o momento.

Esse fato foi moldado no fundamento do nosso jogo de linguagem.

559. É preciso ter em mente que o jogo de linguagem é algo imprevisível, por assim dizer. Quero dizer: ele não é fundamentado. Não é razoável (ou irracional). Ele está aí – como nossa vida.

560. E o conceito de conhecimento está associado ao conceito de jogo de linguagem.

561. “Eu sei” e “você pode contar com isso”. Mas nem sempre é possível substituir a primeira pela segunda.

562. Ainda assim, é importante imaginar uma linguagem na qual *nosso* conceito de ‘saber’ não exista.

563. Diz-se “eu *sei* que ele está sofrendo”, embora não se possa dar uma razão convincente para isso. – Isso é o mesmo que “Tenho certeza de que ele...”? – Não. “Tenho certeza” lhe dá certeza subjetiva. “Eu sei” significa que entre mim, que sabe, e aquele que não sabe, há uma diferença de entendimento. (Algo baseado em uma diferença no grau de experiência).

Se eu disser: “Eu sei” em matemática, a justificativa para isso é uma prova.

Se você disser: “Você pode confiar nisso” em vez de “Eu sei” nesses dois casos a justificativa é diferente a cada vez.

E a fundamentação tem um fim.

Wenn man in diesen beiden Fällen statt “Ich weiß” “Du kannst dich drauf verlassen” sagt, so ist die Begründung jedesmal von anderer Art. Und die Begründung hat ein Ende.

564. Ein Sprachspiel: Bringen der Bausteine, Melden der Anzahl vorhandener Steine. Manchmal wird die Anzahl geschätzt, manchmal durch Zählen festgestellt. Es kommt dann die Frage vor “Glaubst du, es sind so viele Steine?” und die Antwort “Ich weiß es, ich hab sie gerade gezählt”. Aber hier könnte das “Ich weiß” wegbleiben. Wenn es aber mehrere Arten der sichern Konstatierung gibt, wie zählen, wägen, messen des Stoßes etc., dann kann statt der Angabe, *wie* man weiß, die Aussage “Ich weiß” treten.

565. Aber hier ist von einem “Wissen”, daß *dies* “Platte”, *dies* “Säule” etc. heißt, noch gar nicht die Rede.

566. Ja, das Kind, das mein Sprachspiel (No. 2)²¹⁰ lernt, lernt nicht sagen “Ich weiß, daß dies ‘Platte’ heißt”.

Es gibt nun freilich ein Sprachspiel, in welchem das Kind *diesen* Satz gebraucht. Dies setzt voraus, daß das Kind, sowie ihm der Name gegeben ist, ihn auch schon gebrauchen kann. Wie wenn mir jemand sagte “Diese Farbe heißt ‘...’” – Wenn also das Kind ein Sprachspiel mit Bausteinen gelernt hat, so kann man ihm nun etwa sagen “Und *dieser* Stein heißt ‘...’” und man hat dadurch das ursprüngliche Sprachspiel *erweitert*.

567. Und ist nun mein²¹¹ Wissen, daß ich L. W. heiße, von der gleichen Art wie das, daß Wasser bei 100°C siedet? Diese Frage ist natürlich falsch gestellt.

568. Wenn einer meiner Namen nur ganz selten gebraucht würde, so könnte es sein, daß ich ihn nicht wüßte. Daß ich meinen Namen weiß, ist nur darum selbstverständlich, weil ich ihn, wie jeder Andre, unzählige Male verwende.

210. Referência ao segundo parágrafo das Investigações Filosóficas.

211. No MS 176 (p. 63r), há a seguinte variante: das (o).

564. Um jogo de linguagem: Trazer os tijolos, informando o número de tijolos presentes. Às vezes, o número é estimado, às vezes é determinado pela contagem. Então surge a pergunta: “Você acredita que há tantos tijolos?” e a resposta “Eu sei, acabei de contá-los”. Mas aqui o “eu sei” poderia ser omitido. Se houver, no entanto, várias maneiras de fazer uma determinada afirmação, como contar, pesar, medir o impacto, etc., então, ao invés de informar *como* se sabe, pode-se usar a afirmação “eu sei”.

565. Mas aqui não se coloca a questão de se “saber” que *isso* é chamado de “laje”, *isso* de “pilar”, etc.

566. Também a criança que aprende meu jogo de linguagem (nº 2) não aprende a dizer “Eu sei que isso significa ‘laje’”.

Há, é claro, um jogo de linguagem no qual a criança usa *essa* proposição. Isso pressupõe que a criança, assim que recebe o nome, já pode usá-lo. Como se alguém me dissesse: “Essa cor se chama ‘...’” – Então, se a criança tiver aprendido um jogo de linguagem com blocos de montar, pode-se dizer a ela: “E *essa* pedra se chama ‘...’” e você *ampliou* o jogo de linguagem original.

567. E então meu conhecimento de que me chamo L. W. é do mesmo tipo do conhecimento de que a água ferve a 100°C? É claro que essa pergunta está mal colocada.

568. Se um de meus nomes fosse usado muito raramente, talvez eu não o soubesse. Que eu saiba meu nome é evidente porque, como qualquer pessoa, eu o uso inúmeras vezes.

569. Ein innres Erlebnis kann es mir nicht zeigen, daß ich etwas *weiß*.

Wenn ich daher trotzdem sage “Ich weiß, daß ich ... heiße” und es doch offenbar nicht ein Erfahrungssatz ist, – – –

570. “Ich weiß, daß ich so heiße; bei uns weiß es jeder Erwachsene, wie er heißt.”

571. “Ich heiße ..., du kannst dich drauf verlassen. Wenn es sich als falsch erweist, so brauchst du mir in Zukunft nie mehr zu glauben.”

572. Ich scheine doch zu wissen, daß ich mich, in meinem eigenen Namen z. B., nicht irren kann!

Das drückt sich in den Worten aus: “Wenn das falsch ist,²¹² dann bin ich verrückt.” Nun gut, aber das sind Worte; aber welchen Einfluß hat es auf die Anwendung der Sprache?

573. Dadurch, daß ich durch nichts vom Gegenteil zu überzeugen bin?

574. Die Frage ist: Welche *Art* Satz ist das: “Ich weiß, daß ich mich darin nicht irren kann”, oder auch: “Ich kann mich darin nicht irren”?

Das “Ich weiß” scheint hier alle Gründe abzuschneiden. Ich *weiß* es eben. Aber wenn hier überhaupt von Irrtum die Rede sein kann, dann muß sich prüfen lassen, ob ich’s weiß.

575. Das Wort “Ich weiß” könnte also den Zweck haben anzuzeigen, wo ich zuverlässig bin, wobei aber die Brauchbarkeit dieses Zeichens aus der *Erfahrung* hervorgehen muß.

576. Man könnte sagen “Wie weiß ich, daß ich mich in meinem Namen nicht irre?” – und wenn darauf geantwortet würde “Weil ich ihn so oft verwendet habe”, so könnte man weiterfragen: “Wie weiß ich, daß ich mich *darin* nicht irre?” Und hier kann das “Wie weiß ich” keine Bedeutung mehr haben.

212. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 63r): Wenn ich mich darin irre (eu erro quanto a isso).

569. Uma experiência interior não pode me mostrar que *sei* algo.
Se, no entanto, eu disser de todo modo “Eu sei que me chamo ...”,
e isso obviamente não se trata de uma proposição empírica, – – –

570. “Eu sei que me chamo assim; entre nós, qualquer adulto sabe seu nome.”

571. “Eu me chamo..., você pode contar com isso. Se isso se revelar falso, então você nunca mais precisará acreditar em mim no futuro.”

572. Parece que não posso estar errado, por exemplo, sobre saber meu próprio nome!

Isso é expresso nas palavras: “Se isso está errado, então estou louco”. “Muito bem, mas essas são palavras; mas que influência isso tem sobre o uso da linguagem?

573. Assim, é que não há nada que possa me convencer do contrário?

574. A pergunta é: Que *tipo* de proposição é esta: “Eu sei que não posso estar enganado nisso”, ou também: “Eu não posso estar enganado nisso”?

O “eu sei” aqui parece eliminar todas as razões. Eu simplesmente *sei*. Mas afinal se é que se pode falar em erro aqui, então deve ser possível verificar se eu sei.

575. A expressão “eu sei” poderia, portanto, ter o propósito de indicar onde sou confiável. Mas a utilidade desse sinal deve surgir da *experiência*.

576. Alguém poderia dizer: “Como sei que não estou enganado sobre meu nome?” – e se a resposta fosse: “Porque eu o usei tantas vezes”, poderíamos continuar perguntando: “Como sei que não estou enganado *quanto a isso*?” E aqui a pergunta “Como sei” não pode mais ter nenhum significado.

577. “Ich weiß meinen Namen mit voller Bestimmtheit.”

Ich würde mich weigern, irgendein Argument in Betracht zu ziehen, welches das Gegenteil zeigen wollte!

Und was heißt “Ich würde mich weigern”? Ist es der Ausdruck einer Absicht?

578. Aber könnte nicht eine höhere Autorität mir versichern, daß ich nicht die Wahrheit weiß? So daß ich sagen müßte “Lehre mich!” Aber dann müßten mir die Augen aufgetan werden.

579. Es gehört zu dem Sprachspiel mit den Personennamen, daß jeder seinen Namen mit der größten Sicherheit weiß.

20.4.

580. Es könnte doch sein, daß, wenn immer ich sagte “Ich weiß es”, es sich als falsch herausstellte. (Aufzeigen.)

581. Ich könnte mir aber vielleicht dennoch nicht helfen und würde weiter versichern “Ich weiß –”

Aber wie hat denn das Kind²¹³ den Ausdruck gelernt?

582. “Ich weiß es” kann heißen: Es ist mir schon bekannt – aber auch: Es ist gewiß so.

583. “Ich weiß, daß das auf ... ‘...’ heißt.” – Wie weißt du das? – “Ich habe ... gelernt.”

Könnte ich hier statt “Ich weiß, daß etc.” setzen “Auf ... heißt dies ‘...’”?

584. Wäre es möglich, das Verbum “wissen” nur in der Frage “Wie weißt du das?” zu benützen, die auf eine einfache Behauptung folgt? – Statt “Das weiß ich schon” sagt man “Das ist mir bekannt”; und dies folgt nur auf die Mitteilung der Tatsache. Aber was sagt man statt “Ich weiß, was das ist”?

585. Aber sagt nicht “Ich weiß, daß das ein Baum ist” etwas anderes als “Das ist ein Baum”?

213. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 65v): der Mensch (a pessoa).

577. “Sei meu nome com plena certeza.”

Eu me recusaria a considerar qualquer argumento que tentasse mostrar o contrário!

E o que significa “eu me *recusaria*”? É a expressão de uma intenção?

578. Mas será que uma autoridade superior não poderia me garantir que eu não sei a verdade? Então eu teria que dizer: “Ensine-me!” Mas então meus olhos teriam que ser abertos.

579. Faz parte do jogo de linguagem com nomes próprios que todos saibam seu nome com a maior certeza possível.

20.4.

580. Poderia ser que, sempre que eu dissesse “eu sei isso”, isso tenha se revelado errado. (mostrado.)

581. Mas talvez eu ainda não conseguisse me conter e continuasse a afirmar “Eu sei...”.

Mas como a criança aprendeu a expressão?

582 “Eu sei isso” pode significar: Isso já é conhecido por mim – mas também: Certamente é assim.

583. “Eu sei que isso ... ‘...’ se chama.” – Como você sabe disso? – “Eu aprendi.”

Eu poderia em vez de “Eu sei isso, etc.” colocar aqui “... isso se chama ‘...’”?

584. Seria possível usar o verbo “saber” apenas na pergunta: “Como você sabe disso?”, que se segue a uma simples afirmação? – Em vez de “Eu já sei que”, diz-se “Eu conheço isso”; e isso só vem após a comunicação do fato. Mas o que você diz em vez de “Eu sei o que é isso”?

585. Mas “Eu sei que isso é uma árvore” não diz algo diferente do que “Isso é uma árvore”?

586. Statt “Ich weiß, was das ist” könnte man sagen “Ich kann sagen, was das ist”. Und wenn man diese Ausdrucksweise annähme, was würde dann aus “Ich weiß, daß das ... ist”?

587. Zurück zur Frage, ob “Ich weiß, daß das ein ... ist” etwas anderes sagt als “Das ist ein ...”. – Im ersten Satz wird eine Person erwähnt, im zweiten nicht. Aber das zeigt nicht, daß sie verschiedenen Sinn haben. Man ersetzt jedenfalls oft die erste Form durch die zweite und gibt dieser dann oft eine besondere Intonation. Denn man spricht anders, wenn man eine unwidersprochene Feststellung macht, und wenn man sie gegen einen Widerspruch aufrechterhält.

588. Aber sage ich nicht durch die Worte “Ich weiß, daß ...”, daß ich in einem bestimmten Zustand mich befinde, während das die bloße Behauptung “Das ist ein ...” nicht sagt? Und doch antwortet man auf so eine Behauptung oft “Wie weißt du das?” – “Aber doch nur, weil die Tatsache, daß ich dies behaupte, zu erkennen gibt, ich glaube es zu wissen.” – Man könnte das so ausdrücken: In einem zoologischen Garten könnte die Aufschrift stehen “Das ist ein Zebra”; aber doch nicht “Ich weiß, daß das ein Zebra ist”.

“Ich weiß” hat nur Sinn, wenn eine Person es äußert. *Dann* aber ist es gleichgültig, ob die Äußerung ist “Ich weiß ...” oder “Das ist ...”.

589. Wie lernt denn Einer seinen²¹⁴ Zustand des Wissens erkennen?

590. Von dem Erkennen²¹⁵ eines Zustandes könnte man eher noch reden, wo es heißt “Ich weiß, was das ist”. Man kann sich hier davon überzeugen, daß man dieses Wissen wirklich besitzt.

591. “Ich weiß, was das für ein Baum ist. – Es ist eine Kastanie.”

“Ich weiß, was das für ein Baum ist. Ich weiß, daß es eine Kastanie ist.” Die erste Aussage klingt natürlicher als die zweite. Man wird nur dann zum zweiten mal “Ich weiß” sagen, wenn man die Gewißheit besonders betonen will; etwa um einem Widerspruch zuvorzukommen. Das erste “Ich weiß” heißt ungefähr: Ich kann sagen.

214. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 67v): den (o).

215. Há a seguinte variante riscada no MS 176 (p. 67v): Wissen (saber).

586. Em vez de “Eu sei o que é isso”, poderia se dizer “Eu posso dizer o que é isso”. E se adotássemos essa forma de expressão, o que aconteceria com “Eu sei que isso é ...”?

587. Voltando à pergunta se “Eu sei que isso é um ...” diz algo diferente de ‘Isto é um ...’ – Uma pessoa é mencionada na primeira proposição, mas não na segunda. Mas isso não mostra que elas têm significados diferentes. De qualquer forma, a primeira forma é frequentemente substituída pela segunda e, em seguida, costuma-se dar a ela uma entonação especial. Porque você fala de forma diferente quando faz uma declaração não contestada e quando a sustenta contra uma contestação.

588. Mas não digo com as palavras “Eu sei que ...” que me encontro em um determinado estado, enquanto a mera afirmação “Isto é um ...” não o diz? E, no entanto, responde-se a essa afirmação frequentemente com “Como você sabe disso?” – “Mas apenas porque o fato de eu afirmar isso indica que eu acho que sei disso”. – Isso poderia ser expresso da seguinte forma: Em um jardim zoológico, você poderia colocar o rótulo “Isto é uma zebra”; mas não “Eu sei que isto é uma zebra”.

“Eu sei” só faz sentido se uma pessoa disser isso. Mas, nesse caso, não importa se o enunciado é “Eu sei ...” ou “Isto é ...”.

589. Como se aprende a reconhecer seu estado de conhecimento?

590. Quando muito, poderíamos até falar do reconhecimento de um estado onde se diz “eu sei o que é isso”. Nesse caso, você pode se convencer de que realmente tem esse conhecimento.

591. “Eu sei que tipo de árvore é essa. – É uma castanheira.” “Eu sei que tipo de árvore é essa. Eu sei que é uma castanha.”

A primeira afirmação soa mais natural do que a segunda. Só se dirá “Eu sei” uma segunda vez caso se queira enfatizar a certeza, por exemplo, para evitar uma contestação. O primeiro “Eu sei” significa aproximadamente: eu posso dizer.

In einem andern Fall aber könnte man mit der Konstatierung “Das ist ein ...” beginnen, und dann, auf einen Widerspruch, entgegen: “Ich weiß, was das für ein Baum ist” und damit die Sicherheit betonen.

592. “Ich kann sagen, was das für ein ..., und zwar mit Sicherheit.”

593. Auch wenn man “Ich weiß, daß es so ist” durch “Es ist so” ersetzen kann, kann man doch nicht die Negation des einen durch die Negation des andern ersetzen. Mit “Ich weiß nicht, ...” tritt ein neues Element in die Sprachspiele ein.

21.04.

594. “L. W.” ist mein Name. Und wenn es jemand bestritte, würde ich sofort unzählige Verbindungen schlagen, die ihn sichern.

595. “Aber ich kann mir doch einen Menschen vorstellen, der alle diese Verbindungen macht, wovon keine mit der Wirklichkeit übereinstimmt. Warum soll ich mich nicht in einem ähnlichen Falle befinden?”

Wenn ich mir jenen Menschen vorstelle, so stelle ich mir auch eine Realität vor, eine Welt, die ihn umgibt; und ihn, wie er dieser Welt zuwider denkt (und spricht).

596. Wenn Einer mir mitteilt, sein Name sei N. N., so hat es Sinn für mich, ihn zu fragen “Kannst du dich darin irren?” Das ist eine regelrechte Frage im Sprachspiel. Und es hat darauf die Antwort Ja und Nein Sinn. – Nun ist freilich auch diese Antwort nicht unfehlbar, d. h. sie kann sich einmal als falsch erweisen, aber das nimmt der Frage “Kannst du dich ...” und der Antwort “Nein” nicht ihren Sinn.

597. Die Antwort auf die Frage “Kannst du dich darin irren” gibt der Aussage ein bestimmtes Gewicht. Die Antwort kann auch sein: “Ich *glaube* nicht.”

598. Aber könnte man nicht auf die Frage “Kannst du ...” antworten: “Ich will dir den Fall beschreiben, und du kannst dann selbst beurteilen, ob ich mich irren kann”?

Em outro caso, no entanto, pode-se começar com a afirmação “Isto é uma ...”, e depois, em resposta a uma contestação, responder: “Eu sei que tipo de árvore é essa”, enfatizando assim a certeza.

592. “Eu posso dizer que tipo de ... isso é, e com certeza.”

593. Mesmo que se possa substituir “Eu sei que é assim” por “É assim”, não se pode substituir a negação de uma pela negação da outra. Com “eu não sei ...” um novo elemento entra nos jogos de linguagem.

21.04.

594. “L. W.” é o meu nome. E se alguém o contestasse, eu imediatamente faria inúmeras relações para assegurá-lo.

595. “Mas eu posso imaginar uma pessoa que faz todas essas relações, nenhuma das quais corresponde à realidade. Por que eu não me encontraria em uma armadilha semelhante?”

Quando imagino essa pessoa, também imagino uma realidade, um mundo que a cerca; e ela pensando (e falando) de forma contrária a esse mundo.

596. Se alguém me disser que seu nome é N. N., faz sentido que eu lhe pergunte: “Você pode estar errado sobre isso?” Essa é uma pergunta normal no jogo de linguagem. E faz sentido responder sim ou não. – É claro que essa resposta também não é infalível, isto é, ela pode estar errada, mas isso não tira a importância da pergunta: “Você pode...” e a resposta: “Não” não perde seu significado.

597. A resposta à pergunta “Você pode estar errado sobre isso?” dá à afirmação um certo peso. A resposta também pode ser: “*Acredito* que não”.

598. Mas não se poderia responder à pergunta: “Você pode...” dizendo: “Vou descrever o caso para você, e você poderá julgar por si mesmo se estou errado”?

Por exemplo, se for o nome da pessoa, o caso poderia ser que a pessoa nunca usou esse nome, mas se lembra de tê-lo lido em um documento, – e, por outro lado, a resposta poderia ser: “Eu tive esse

Z. B., wenn es sich um den Namen der Person handelt, könnte der Fall so stehen, daß die Person diesen Namen nie gebraucht hat, sich aber entsinnt, ihn auf einem Dokument²¹⁶ gelesen zu haben, – und andererseits könnte die Antwort sein: “Ich habe diesen Namen mein ganzes Leben lang geführt, bin von allen Menschen so genannt worden.” Wenn *das* nicht der Antwort “Ich kann mich darin nicht irren” gleichkommt, so hat sie überhaupt keinen Sinn. Und ganz offenbar wird doch damit auf einen sehr wichtigen Unterschied gedeutet.

599. Man könnte z. B. die Sicherheit des Satzes, daß Wasser bei ca. 100°C kocht, beschreiben. Es ist das z. B. nicht ein Satz, den ich einmal gehört habe wie etwa den und jenen, die ich nennen könnte. Ich habe das Experiment selber in der Schule gemacht. Der Satz ist ein sehr elementarer unserer Lehrbücher, denen in solchen Dingen zu trauen ist, weil ... – Man kann nun allem dem Beispiele entgegenhalten, die zeigen, daß Menschen dies und jenes für gewiß gehalten haben, was sich später, unsrer Meinung nach, für falsch erwiesen hat. Aber dieses Argument ist wertlos.²¹⁷ Zu sagen: wir können am Ende nur solche Gründe anführen, die *wir* für Gründe halten, sagt gar nichts.

Ich glaube, es liegt hier ein Mißverständnis des Wesens unserer Sprachspiele zu Grunde.

600. Was für einen Grund habe ich, Lehrbüchern der Experimentalphysik zu trauen?

Ich habe keinen Grund, ihnen nicht zu trauen. Und ich traue ihnen. Ich weiß, wie solche Bücher entstehen – oder vielmehr, ich glaube es zu wissen. Ich habe einige Evidenz, aber sie reicht nicht weit und ist von sehr zerstreuter Art. Ich habe Dinge gehört, gesehen, gelesen.

216. Há a seguinte variante riscada no MS 176 (p. 70r): dem Geburtsschein (certidão de nascimento).

217. Anotação feita à margem por Wittgenstein no MS 176 (p. 71r): Kann es denn nicht auch geschehen, daß man heute einen Irrtum früherer Zeiten zu erkennen glaubt, & später darauf kommt, daß die erste Ansicht richtig war. etc. (Pois não pode acontecer também que hoje alguém acredite reconhecer um erro de tempos atrás e mais tarde chegue à conclusão de que a primeira visão estava correta? etc.).

nome durante toda a minha vida, fui chamado assim por todos”. Se *isso* não for equivalente à resposta “Não posso estar enganado”, então esta não faz sentido algum. E é bastante óbvio que isso aponta para uma diferença muito importante.

599. Poderíamos, por exemplo, descrever a certeza da proposição de que a água ferve a aproximadamente 100°C. Essa não é, por exemplo, uma proposição que eu tenha ouvido uma vez, como muitas outras que eu poderia citar. Eu mesmo fiz o experimento na escola. A proposição é muito elementar e foi extraída de nossos livros didáticos, que são confiáveis em tais assuntos porque ... – Podemos agora contrapor tudo isso com exemplos que mostram que as pessoas tiveram certeza disso e daquilo, o que mais tarde, em nossa opinião, comprovou-se ser falso. Mas esse argumento é inútil. Dizer que, no final, só podemos citar razões, que *nós* consideramos ser razões, não diz nada.

Acredito que isso se baseia em um mal-entendido sobre a natureza de nossos jogos de linguagem.

600. Que razão tenho para confiar nos livros didáticos de física experimental?

Não tenho motivos para não confiar neles. E eu confio neles. Eu sei como esses livros são escritos – ou melhor, acho que sei. Tenho algumas evidências, mas elas não vão muito longe e são de natureza muito dispersa. Eu ouvi, vi e li muitas coisas.

22.4.

601. Es ist immer die Gefahr, die Bedeutung durch Betrachtung des Ausdrucks und der Stimmung, in welcher man ihn gebraucht, erkennen zu wollen, statt immer an die Praxis²¹⁸ zu denken. Darum sagt man sich den Ausdruck so oft vor, weil es ist, als müßte man in ihm und in dem Gefühl, das man hat, das Gesuchte sehen.

23.4.

602. Soll ich sagen “Ich glaube an die Physik”, oder “Ich weiß, daß die Physik wahr ist”?

603. Man lehrt mich, daß unter *solchen* Umständen *dies* geschieht. Man hat es herausgefunden, indem man den Versuch ein paarmal gemacht hat. Das alles würde uns freilich nichts beweisen, wenn nicht rund um diese Erfahrung andere lägen, die mit ihr ein System bilden. So hat man nicht nur Fallversuche gemacht, sondern auch Versuche über den Luftwiderstand, u. a. M.

Am Ende aber verlasse ich mich auf diese Erfahrungen²¹⁹ oder auf die Berichte von ihnen, richte meine eigenen Handlungen ohne jede Skrupel danach. Aber hat sich dieses Vertrauen nicht auch bewährt? Soweit ich es beurteilen kann – ja.

604. In einem Gerichtssaal würde die Aussage eines Physiklers, daß Wasser bei ca. 100° C koche, unbedingt als Wahrheit angenommen.

Wenn ich dieser Aussage nun mißtraute, was könnte ich tun, um sie zu entkräften? Selbst Versuche anstellen? Was würden die beweisen?

605. Aber wie, wenn die Aussage des Physiklers Aberglaube wäre und es ebenso absurd wäre,²²⁰ daß das Urteil²²¹ sich nach ihr, wie daß es sich nach einer Feuerprobe richtet?

218. Há a seguinte variante riscada no MS 176 (p. 71v): den praktischen Gebrauch (o uso prático).

219. No MS 176 (p. 72r), há uma variante riscada por Wittgenstein: auf dies System (nesse sistema).

220. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 72v): falsch ist (é falsa).

221. Há a seguinte variante riscada no MS 176 (p. 72v): Gericht (julgamento).

22.4.

601. Há sempre o perigo de tentar reconhecer o significado observando a expressão e o humor em que ela é usada, em vez de sempre pensar na prática. É por isso que dizemos a expressão com tanta frequência para nós mesmos, porque é como se tivéssemos que reconhecer o que se procura ver nela mesma e no sentimento que se tem.

23.4.

602. Devo dizer: “Eu acredito na física” ou: “Eu sei que a física é verdadeira”?

603. Fui ensinado que em *tais* circunstâncias *isso* acontece. Isso foi constatado, fazendo o experimento algumas vezes. É claro que tudo isso não provaria nada se não houvesse outras experiências em torno dessa experiência que formassem um sistema com ela. Por exemplo, não foram realizados apenas testes sobre queda, mas também sobre resistência do ar, etc.

No final, porém, confio nessas experiências ou em seus relatos, baseio minhas próprias ações nelas sem nenhum escrúpulo. Mas será que essa confiança também não provou seu valor? Até onde posso julgar – sim.

604. Em um tribunal, a afirmação de um físico de que a água ferve a aproximadamente 100° C seria necessariamente aceita como verdade.

Se eu desconfiasse dessa afirmação, o que eu poderia fazer para invalidá-la? Fazer experimentos eu mesmo? O que eles provariam?

605. Mas e se a afirmação do físico fosse uma superstição, e fosse tão absurda que se o juízo fosse baseado nela como seria em uma prova cabal?

606. Daß ein Anderer sich meiner Meinung nach geirrt hat, ist kein Grund anzunehmen, daß ich mich jetzt irre. – Aber ist es nicht ein Grund anzunehmen, daß ich mich irren *könne*? Es ist *kein* Grund zu irgendeiner *Unsicherheit* in meinem Urteil oder Handeln.

607. Der Richter könnte ja sagen “Das ist die Wahrheit – soweit ein Mensch sie erkennen kann”. – Aber was würde dieser Zusatz leisten? (“beyond all reasonable doubt”).²²²

608. Ist es falsch, daß ich mich in meinem Handeln nach dem Satze der Physik richte? Soll ich sagen, ich habe keinen guten Grund dazu? Ist [es] nicht eben das, was wir einen ‘guten Grund’ nennen?

609. Angenommen, wir träfen Leute, die das nicht als triftigen Grund betrachteten. Nun, wie stellen wir uns das vor? Sie befragen statt des Physikers etwa ein Orakel. (Und wir halten sie darum für primitiv.) Ist es falsch, daß sie ein Orakel befragen und sich nach ihm richten? – Wenn wir dies “falsch” nennen, gehen wir nicht schon von unserm Sprachspiel aus und *bekämpfen* das ihre?

610. Und haben wir recht oder unrecht darin, daß wir’s bekämpfen? Man wird²²³ freilich unser Vorgehen mit allerlei Schlagworten²²⁴ (slogans) aufstützen.²²⁵

611. Wo sich wirklich zwei Prinzipien treffen, die sich nicht miteinander aussöhnen, da erklärt jeder den Andern für einen Narren und Ketzer.

612. Ich sagte, ich würde den Andern ,bekämpfen‘, – aber würde ich ihm denn nicht *Gründe* geben? Doch; aber wie weit reichen die? Am Ende der Gründe steht die Überredung. (Denke daran, was; geschieht, wenn Missionare die Eingeborenen bekehren.)

613. Wenn ich nun sage “Ich weiß, daß das Wasser im Kessel auf der Gasflamme nicht gefrieren, sondern kochen wird”, so scheine

222. Frase escrita em inglês no MS 176 (p. 73r).

223. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 73v): Könnte (poderia).

224. Há a seguinte variante riscada no MS 176 (p. 74r): Schlachtrufen (gritos de guerra).

225. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 74r): Stützen (sustentada).

606. O fato de outro ter se enganado, segundo minha opinião, não é motivo para supor que eu esteja enganado agora. – Mas não é um motivo para supor que eu *pudesse* estar enganado? Isso *não* é motivo para qualquer *incerteza* em meu juízo ou ação.

607. O juiz poderia dizer: “Esta é a verdade – até onde uma pessoa pode reconhecê-la”. – Mas qual seria o resultado desse acréscimo? (“além de qualquer dúvida razoável”).

608. É errado eu agir de acordo com as leis da física? Devo dizer que não tenho um bom motivo para fazer isso? Não é exatamente o que chamamos de um ‘bom fundamento’?

609. Suponhamos que tenhamos encontrado pessoas que não considerem esse fundamento válido. Agora, como podemos imaginar isso? Elas consultam um oráculo em vez de um físico. (E, portanto, nós as consideramos primitivas). É incorreto que eles consultem um oráculo e sejam guiados por ele? – Se chamarmos isso de “incorreto”, não estaremos já partindo de nosso jogo de linguagem para *combater* o deles?

610. E estamos certos ou errados em combatê-los? É claro que nossa abordagem será apoiada por todos os tipos de palavras de ordem (slogans).

611. Quando dois princípios que não podem ser reconciliados realmente se encontram, cada lado declara que o outro é um louco e um herege.

612. Eu disse que ‘combateria’ o outro, – mas não lhe daria *razões*? Sim, mas até onde elas vão? No final das razões está a *persuasão*. (Pense no que acontece quando os missionários convertem os nativos).

613. Se eu disser agora: “Eu sei que a água na chaleira não congelará sobre a chama do gás, mas ferverá”, parece que tenho tanto direito a esse “eu sei” quanto a *qualquer* outro. “Se eu sei de algo, então eu sei *isso*”. – Ou será que eu sei que a pessoa à minha frente é meu velho amigo fulano de tal, com uma certeza ainda *maior*? E como isso se compara à proposição de que eu vejo com dois *olhos* e os verei quando

ich zu diesem “Ich weiß”, so berechtigt wie zu *irgendeinem*. ‘Wenn ich etwas weiß, so weiß ich *das*.’ – Oder weiß ich, daß der Mensch mir gegenüber mein alter Freund Soundso ist, mit noch *größerer* Gewißheit? Und wie vergleicht sich das mit dem Satz, daß ich aus zwei *Augen* schaue und sie sehen werde, wenn ich in den Spiegel schaue? – Ich weiß nicht mit Sicherheit, was ich da antworten soll. – Aber es ist doch ein Unterschied zwischen den Fällen. Wenn das Wasser auf der Flamme gefriert, werde ich freilich im höchsten Maße erstaunt sein, aber einen mir noch unbekannten Einfluß annehmen und etwa Physikern die Sache zur Beurteilung überlassen. – Was aber könnte mich daran zweifeln machen, daß dieser Mensch N. N. ist, den ich seit Jahren kenne? Hier schiene ein Zweifel alles nach sich zu ziehen und in ein Chaos zu stürzen.²²⁶

614. D. h.: Wenn mir von allen Seiten widersprochen würde: Jener heiße nicht, wie ich es immer wußte (und ich gebrauche hier “wußte” absichtlich), dann würde mir in diesem Fall die Grundlage alles Urteilens entzogen.

615. Heißt das nun: “Ich kann überhaupt nur urteilen, weil sich die Dinge so und so (gleichsam gutmütig) benehmen?”

616. Aber wäre es denn *undenkbar*, daß ich im Sattel bleibe, auch wenn die Tatsachen noch so sehr bockten?

617. Ich würde durch gewisse Ereignisse in eine Lage versetzt, in der ich das alte Spiel nicht mehr fortsetzen könnte. In der ich aus der *Sicherheit* des Spiels herausgerissen würde.

Ja, ist es nicht²²⁷ selbstverständlich, daß die Möglichkeit eines Sprachspiels durch gewisse Tatsachen bedingt ist?

618. Es schiene dann, als müßte das Sprachspiel die Tatsachen, die es ermöglichen, ‘*zeigen*’. (Aber so ist es nicht).

226. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 75r): und ein Chaos zu erzeugen. (e gerar um caos).

227. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 76r): scheint (parece).

me olho no espelho? – Não sei com certeza o que devo responder. – Mas há uma diferença entre os casos. Se a água congelar sobre a chama, é claro que ficarei extremamente surpreso, mas irei supor um efeito que ainda desconheço e deixarei a questão para os físicos julgarem. – Mas o que poderia me fazer duvidar de que essa pessoa seja N. N., que conheço há anos? Uma dúvida aqui parece arrastar tudo consigo e mergulhar no caos.

614. Isto é: E se tudo à minha volta me contradissesse: o nome dessa pessoa não é o que eu sempre soube que era (e eu uso “soube” aqui deliberadamente), então, nesse caso, a base de todo julgamento seria retirada de mim.

615. Isso agora significa: “Só posso julgar porque as coisas se comportam de tal e tal maneira” (como que de boa índole)?”.

616. Mas seria *impensável* que eu permanecesse na sela por mais que os fatos me balançassem?

617. Eu seria colocado por certos acontecimentos em uma posição em que já não poderia continuar no antigo jogo. Posição na qual eu seria arrancado da *segurança* do jogo.

Sim, não é evidente que a possibilidade de um jogo de linguagem esteja condicionada por certos fatos?

618. Pareceria então que o jogo de linguagem devesse ‘*mostrar*’ os fatos que o tornam possível. (Mas esse não é o caso).

Podemos dizer que só uma certa regularidade dos acontecimentos torna possível a indução? O ‘possível’ teria, naturalmente, de ser ‘*logicamente possível*’.

Kann man denn sagen, daß nur eine gewisse Regelmäßigkeit in den Geschehnissen die Induktion möglich macht? Das ‘möglich’ müßte natürlich ‘*logisch möglich*’ sein.

619. Soll ich sagen: Wenn auch plötzlich eine Unregelmäßigkeit im Naturgeschehen einträte, so *müßte* das mich nicht aus dem Sattel heben. Ich könnte, nach wie vor, Schlüsse machen – aber ob man das nun “Induktion” nennen würde, ist eine andre Frage.

620. Unter bestimmten Umständen sagt man “Du kannst dich drauf verlassen”; und diese Versicherung kann in der Alltagssprache berechtigt oder unberechtigt sein, und sie kann auch dann als berechtigt gelten,²²⁸ wenn das nicht zutrifft, was vorhergesagt wurde. *Es gibt ein Sprachspiel*,²²⁹ worin die Versicherung verwendet wird.²²⁹

24.4.

621. Wenn von Anatomie die Rede wäre, würde ich sagen: “Ich weiß, daß vom Gehirn 12 Nervenpaare ausgehen.” Ich habe diese Nerven nie gesehen, und auch ein Fachmann hat sie nur an wenigen Specimina beobachtet. – So wird eben hier das Wort “Ich weiß” richtig gebraucht.

622. Nun ist es aber auch richtig, “Ich weiß” in den Verbindungen zu gebrauchen, die Moore erwähnt, wenigstens *unter bestimmten Umständen*. (Was “I know that I am a human being”²³⁰ heißt, weiß ich allerdings nicht. Aber auch dem könnte man einen Sinn geben.)

Ich kann mir zu jeder dieser Sätze Umstände vorstellen, die ihn zum Zug in einem unserer Sprachspiele machen, wodurch er alles philosophisch Erstaunliche verliert.

623. Das Seltsame ist, daß ich in so einem Falle immer sagen möchte (obwohl es falsch ist): “Ich weiß das – soweit man so etwas wissen kann.” Da ist unrichtig, aber es steckt etwas Richtiges dahinter.

228. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 76v): *berechtigt sein* (*ser legitimada*).

229. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 76v): *worin mit dieser Versicherung operiert wird* (*em que se opera com essa segurança*).

230. Frase escrita originalmente em inglês no MS 176 (p. 77r).

619. Devo dizer: Mesmo que uma irregularidade ocorresse subitamente no curso da natureza, não *deveria* me tirar da sela. Eu poderia, como antes, tirar conclusões – mas se se chamaria a isso de “indução” é outra questão.

620. Em determinadas circunstâncias, diz-se “você pode confiar nisso”; e esta segurança pode ser justificada ou injustificada na linguagem cotidiana, e pode ser considerada justificada mesmo que o que foi previsto não se concretize. *Há um jogo de linguagem* em que a segurança é utilizada.

24.4.

621. Se estivermos falando de anatomia, eu diria: “Eu sei que 12 pares de nervos saem do cérebro.” Nunca vi esses nervos, e mesmo um especialista os observou apenas em alguns espécimes. – É assim que, neste caso, a expressão “eu sei” é usada corretamente.

622. No entanto, também é correto usar “Eu sei” nos contextos mencionados por Moore, pelo menos *em certas circunstâncias*. (Eu de fato não sei o que significa “Eu sei que sou um ser humano”. Mas mesmo isso poderia receber um sentido).

Posso imaginar circunstâncias para cada uma dessas proposições que as tornem parte de um de nossos jogos de linguagem, fazendo com que percam todo o seu caráter filosoficamente surpreendente.

623. O estranho é que, em um caso assim, eu sempre gostaria de dizer (embora seja errado): “Eu sei disso – na medida em que algo assim pode ser sabido”. Isso é incorreto, mas há algo verdadeiro por trás disso.

624. Kannst du dich darin irren, daß diese Farbe auf deutsch ‚grün‘ heißt? Meine Antwort darauf kann nur “Nein” sein. Sagte ich “Ja, – denn eine Verblendung ist immer möglich”, so hieße das gar nichts.

Ist denn der Nachsatz etwas dem Andern Unbekanntes? Und wie ist er mir bekannt?

625. Heißt das aber, daß es undenkbar wäre, daß das Wort “grün” hier aus einer Art von Versprechen oder momentaner Verwirrung entspringt? Kennen wir solche Fälle nicht? – Man kann einem auch sagen:²³¹ “Du hast dich nicht vielleicht versprochen?” Das heißt etwa: “Überleg dir’s noch einmal.” –

Ein Zweifel ohne Ende ist nicht einmal ein Zweifel.

626. Es heißt auch nichts, zu sagen: “Der deutsche Name dieser Farbe ist *gewiß* ‘grün’, – es sei denn, ich verspreche mich jetzt oder bin irgendwie verwirrt.”

627. Müßte man diese Klausel nicht in *alle* Sprachspiele einschieben? (Wodurch sich ihre Sinnlosigkeit zeigt.)

628. Wenn man sagt “Gewisse Sätze müssen vom Zweifel ausgeschlossen werden”, dann scheint es, als sollte ich diese Sätze, z. B. daß ich L. W. heiße, in ein Buch der Logik aufnehmen. Denn wenn es zur Beschreibung des Sprachspiels gehört, so gehört es zur Logik. Aber daß ich L. W. heiße, gehört nicht zu so einer Beschreibung. Das Sprachspiel, das mit Personennamen operiert, kann wohl bestehen, wenn ich mich in meinem Namen irre, – aber es setzt voraus, daß es unsinnig ist zu sagen, die Mehrzahl der Menschen irre sich in ihren Namen.

629. Andererseits aber ist es richtig, wenn ich von mir aussage “Ich kann mich in meinem Namen nicht irren”, und falsch, wenn ich sage “Vielleicht irre ich mich”.

Aber das bedeutet nicht, daß es für Andre sinnlos ist anzuzweifeln, was ich für sicher erkläre.

231. Há a seguinte variante no MS 176 (p. 78r): einen auch ermahnen (também advertir).

624. Você pode se enganar ao afirmar que essa cor se chama ‘verde’ em português? Minha resposta só pode ser “não”. Se eu dissesse “sim, – pois um engano é sempre possível”, isso não significaria absolutamente nada.

Será que a segunda parte da proposição é algo desconhecido para outra pessoa? E como eu conheço isso?

625. Significa isso, então, que seria impensável que a palavra “verde” aqui surgisse de um lapso ou de uma confusão momentânea? Não conhecemos casos assim? – Alguém também poderia dizer: “Talvez você não tenha se enganado ao falar?” Isso quer dizer algo como: “Refleta novamente”. –

Mas essas medidas de precaução só fazem sentido se chegam a um fim em algum momento.

Uma dúvida sem fim não é sequer uma dúvida.

626. Também não significa nada dizer: “O nome português desta cor é *certamente* ‘verde’, – a menos que eu me engane ao falar ou esteja, de alguma forma, confuso”.

627. Não seria necessário inserir essa cláusula em *todos* os jogos de linguagem? (O que demonstra sua falta de sentido).

628. Quando se diz “Certas proposições devem ser excluídas da dúvida”, parece que eu deveria incluir essas proposições, por exemplo, que eu me chamo L. W., em um livro de lógica. Pois, se isso pertence à descrição do jogo de linguagem, então pertence à lógica. Mas o fato de eu me chamar L. W. não pertence a uma descrição assim. O jogo de linguagem que opera com nomes de pessoas pode muito bem existir se eu me enganar sobre meu nome, – mas pressupõe que seja absurdo dizer que a maioria das pessoas se engana sobre seus nomes.

629. Mas, por outro lado, é correto que eu diga de mim próprio: “Não posso enganar-me sobre meu nome”, e errado quando digo: “Talvez eu esteja enganado”.

Mas isso não quer dizer que seja inútil para outros duvidar daquilo que declaro como certo.

630. Sich in der Muttersprache über die Bezeichnung gewisser Dinge nicht irren können ist einfach der gewöhnliche Fall.

631. “Ich kann mich darin nicht irren” kennzeichnet einfach eine Art der Behauptung.

632. Sichere und unsichere Erinnerung. Wäre die sichere Erinnerung nicht im allgemeinen zuverlässiger, d. h. würde sie nicht öfter durch andere Verifikationen bestätigt als die unsichere, dann würde der Ausdruck der Sicherheit und Unsicherheit nicht seine gegenwärtige Funktion in der Sprache haben.

633. “Ich kann mich darin nicht irren” – aber wie, wenn ich mich dann doch geirrt habe? Ist denn das nicht möglich?

Aber macht es den Ausdruck “Ich kann mich etc.” zum Unsinn?

Oder wäre es besser, statt dessen zu sagen “Ich kann mich darin schwerlich irren”? Nein; denn dies heißt etwas anderes.

634. “Ich kann mich darin nicht irren; und schlimmstenfalls mache ich aus meinem Satze eine Norm.“

635. “Ich kann mich darin nicht irren: ich bin heute bei ihm gewesen.”

636. “Ich kann mich darin nicht irren; sollte aber doch etwas gegen meinen Satz zu sprechen scheinen, so werde ich, gegen den Schein, an ihm festhalten.”

637. “Ich kann mich etc.” weist meiner Behauptung ihren Platz im Spiel an. Aber es bezieht sich wesentlich auf *mich*, nicht auf das Spiel im allgemeinen.

Wenn ich mich in meiner Behauptung irre, so nimmt das dem Sprachspiel nicht seinen Nutzen.

630. É simplesmente normal não se poder errar o nome de certas coisas na língua materna.

631. “Não posso estar errado sobre isso” simplesmente caracteriza um tipo de afirmação.

632. Memória certa e incerta. Se a memória certa não fosse geralmente mais confiável, isto é, se ela não fosse confirmada com mais frequência por outras verificações do que a incerta, então, a expressão de certeza e incerteza não teria sua função atual na linguagem.

633. “Não posso estar enganado sobre isso” – mas como posso estar enganado? Isso não é então possível?

Mas isso faz com que a expressão: “Eu posso estar, etc.” seja um absurdo?

Ou, em vez disso, seria melhor dizer: “Difícilmente posso estar enganado sobre isso”? Não, pois isso quer dizer outra coisa.

634. “Não posso me enganar sobre isso; e, na pior das hipóteses, transformo minha proposição em uma norma.”

635. “Não posso estar errado sobre isso: eu estive com ele hoje.”

636. “Não posso me enganar sobre isso; mas se alguma coisa parece falar contra minha proposição, eu me manterei firme nela, apesar das aparências.”

637. “Não posso me, etc.” dá à minha reivindicação seu lugar no jogo. Mas ela se refere essencialmente a *mim*, não ao jogo em geral.

Se eu estiver errado em minha afirmação, isso não priva o jogo de linguagem de sua utilidade.¹⁸

18. O parágrafo 637 (MS 176, p. 80v) é o último parágrafo do conjunto de parágrafos provenientes do MS 176.

25.4.51.

638. “Ich kann mich darin nicht irren” ist ein gewöhnlicher Satz, der dazu dient, den Gewißheitswert einer Aussage anzugeben. Und nur in seinem alltäglichen Gebrauch ist er berechtigt.

639. Aber was zum Teufel hilft er, wenn ich mich – zugegebenermaßen – in ihm irren kann und also auch in dem Satz, den er stützen sollte?

640. Oder soll ich sagen, der Satz schließe eine bestimmte *Art* des Fehlers aus?

641. “Er hat mir das heute gesagt – darin kann ich mich nicht irren.” – Wenn es sich aber doch als falsch erwiese?! – Muß man da nicht einen Unterschied machen in der Art und Weise, wie sich etwas ‘als falsch erweist’? – Wie kann es denn *erwiesen* werden, daß meine Aussage falsch war? Hier steht doch Evidenz gegen Evidenz, und es muß *entschieden* werden, welche weichen soll.

642. Wenn man aber mit dem Bedenken²³² kommt: Wie, wenn ich plötzlich sozusagen aufwachte und sagte “Jetzt hab ich mir eingebildet, ich heiße L. W.!” – – wer sagt denn, daß ich nicht noch einmal aufwache und nun *dies* als sonderbare Einbildung erkläre, usf?

643. Man kann sich freilich einen Fall vorstellen, und es gibt Fälle, wo man nach dem ‘Aufwachen’ nie mehr daran zweifelt, was Einbildung und was Wirklichkeit war. Aber so ein Fall, oder seine Möglichkeit, diskreditiert den Satz “Ich kann mich darin nicht irren” nicht.

644. Würde denn sonst nicht alle Behauptung so diskreditiert?

645. Ich kann mich darin nicht irren, – aber ich mag wohl einmal, mit Recht oder mit Unrecht, einzusehen glauben,²³³ ich sei nicht urteilsfähig gewesen.

646. Wenn das immer oder oft vorkäme, würde es allerdings den Charakter des Sprachspiels gänzlich verändern.

232. Há a seguinte variante no MS 177 (p. 1v): dem Einwurf (a objeção).

233. Há a seguinte variante no MS 177 (p. 2r): entscheiden (decidir).

25.4.51

638. “Eu não posso estar errado sobre isso” é uma proposição corriqueira usada para indicar a certeza de uma afirmação. E somente se justifica em seu uso cotidiano.¹⁹

639. Mas de que diabos ela serve se eu posso – reconhecidamente – estar errado sobre ela e, portanto, também sobre a proposição que ela deveria apoiar?

640. Ou devo dizer que a proposição exclui um determinado *tipo* de erro?

641. “Ele me disse isso hoje – não posso estar errado sobre isso.” – Mas e se provou estar errado?! – Não deveria haver uma diferença na forma como algo ‘prova ser falso’? – Como pode ser *provado* que minha afirmação é falsa? Aqui, afinal, temos uma evidência contra outra evidência, e deve ser *decidido* qual deve ceder.

642. Mas se alguém vier com a preocupação: E se eu de repente acordasse, por assim dizer, e dissesse “Agora eu imaginei que meu nome é L. W.!” – – quem disse que eu não vou acordar de novo e explicar *isso* como uma estranha imaginação, e assim por diante?

643. É possível, é claro, imaginar um caso, e há casos em que, depois de ‘acordar’, nunca mais se duvida do que era imaginação e do que era realidade. Mas tal caso, ou sua possibilidade, não descredita a proposição “Não posso estar enganado sobre isso”.

644. De outro modo, toda afirmação não seria assim desacreditada?

645. Não posso estar enganado quanto a isso, – mas posso muito bem acreditar que, em algum momento, com ou sem razão, eu não seja capaz de julgar.

646. Se isso acontecesse sempre ou com frequência, mudaria completamente o caráter do jogo de linguagem.

19. O conjunto de parágrafos de 638 a 676 deriva do MS 177, pp. 11-11r, o último bloco de anotações de Wittgenstein.

647. Es ist ein Unterschied zwischen einem Irrtum, für den, sozusagen, ein Platz im Spiel vorgesehen ist, und einer vollkommenen Regelwidrigkeit, die ausnahmsweise vorkommt.²³⁴

648. Ich kann auch den Andern davon überzeugen, daß ich mich ‘darin nicht irren kann’.

Ich sage Einem: “Der und der war heute vormittag bei mir und hat mir das und das erzählt.” Wenn es erstaunlich ist, so fragt er mich vielleicht: “Du kannst dich nicht darin irren?” Das mag heißen: “Ist das auch gewiß *heute vormittag* geschehen?”, oder aber: “Hast du ihn auch gewiß recht verstanden?” – Es ist leicht zu sehen, durch welche Ausführungen ich zeigen könnte, daß ich mich in der Zeit nicht geirrt habe, und ebenso, daß ich die Erzählung nicht mißverstanden habe. Aber alles das kann *nicht* zeigen, daß ich die ganze Sache nicht geträumt oder sie mir traumhaft eingebildet habe. Es kann auch nicht zeigen, daß ich mich nicht vielleicht durchgehend *versprochen* habe. (So etwas kommt vor.)

649. (Ich sagte einmal jemandem – auf englisch –, die Form eines bestimmten Zweiges sei charakteristisch für den Zweig einer Ulme [elm], was der Andre bestritt. Wir kamen dann an Eschen vorbei, und ich sagte “Siehst du, hier sind die Zweige, von denen ich gesprochen habe”. Worauf er: “But that’s an ash” – und ich: “I always meant ash when I said elm.”)²³⁵

650. Das heißt doch: die Möglichkeit eines *Irrtums* läßt sich in gewissen (und häufigen) Fällen eliminieren. – So eliminiert man (ja auch) Rechnungsfehler. Denn wenn eine Rechnung unzählige Male nachgerechnet worden ist, so kann man nun nicht sagen: “Ihre Richtigkeit ist dennoch²³⁶ nur *sehr wahrscheinlich*, – da sich immer

234. Há as seguintes variantes no MS 177 (p. 2v): & einer Verwirrung, die ausnahmsweise || als Ausnahme einmal vorkommt. (e uma confusão que ocorre excepcionalmente || ocorre alguma vez como exceção).

235. As duas últimas frases entre aspas foram escritas originalmente em inglês por Wittgenstein (MS 177, p. 3v.), e o parágrafo se encontra entre parênteses.

236. Há a seguinte variante no MS 177 (p. 4r): immer (sempre).

647. Há uma diferença entre um erro para o qual, por assim dizer, está reservado um lugar no jogo e uma violação completa das regras, que ocorre excepcionalmente.

648. Também posso convencer o outro de que ‘não posso estar errado sobre isso’.

Eu digo a alguém: “Tal pessoa estava comigo *hoje de manhã* e me contou isso e aquilo”. Se for algo surpreendente, ele pode me perguntar: “Você não pode estar errado sobre isso?” Isso pode significar: “Isso certamente aconteceu *hoje de manhã*?”, ou então: “Tem certeza de que o entendeu corretamente?” – É fácil ver com quais afirmações eu poderia mostrar que não estava enganado com relação à hora e, da mesma forma, que não entendi mal a narrativa. Mas tudo isso *não* pode mostrar que eu não sonhei tudo isso ou que não imaginei como em sonho. Também não pode mostrar que talvez eu não tenha me *enganado* o tempo todo ao falar. (Coisas assim acontecem).

649. (Uma vez eu disse a alguém – em inglês – que a forma de um determinado galho era característico do galho de um olmo [elm], o que o outro negou. Passamos então por árvores de freixo, e eu disse: “Veja, aqui estão os galhos de que eu estava falando”. Então ele disse: “Mas isso é um freixo” – e eu disse: “Eu sempre quis dizer freixo quando dizia olmo”).

650. Isso significa que a possibilidade de *erro* pode ser eliminada em determinados (e frequentes) casos. – É assim (também) que se elimina os erros de cálculo. Porque se um cálculo tiver sido recalculado inúmeras vezes, não é possível dizer: “É ainda apenas *muito provável* que esteja correto, pois um erro ainda pode ter ocorrido”. Pois, supondo que, em algum momento, pareça que um erro tenha sido descoberto – por que não deveríamos suspeitar de um erro *aqui*?

noch ein Fehler eingeschlichen haben kann.”²³⁷ Denn angenommen, es schiene nun einmal, daß ein Fehler entdeckt worden sei – warum sollen wir nicht *hier* einen Fehler vermuten?

651. Ich kann mich nicht darin irren, daß $12 \times 12 = 144$ ist. Und man kann nun nicht *mathematische* Sicherheit der relativen Unsicherheit von Erfahrungssätzen entgegenstellen. Denn der mathematische Satz wurde durch eine Reihe von Handlungen erhalten, die sich in keiner Weise von Handlungen des übrigen Lebens unterscheiden und die gleichermaßen dem Vergessen, Übersehen, der Täuschung ausgesetzt sind.

652. Kann ich nun prophezeien, daß Menschen die heutigen Rechsätze nie umstürzen werden, nie sagen werden, jetzt wüßten sie erst, wie es sich verhalte? Aber würde das einen Zweifel unsrerseits rechtfertigen?

653. Wenn der Satz $12 \times 12 = 144$ vom Zweifel ausgenommen ist, dann müssen’s auch nicht-mathematische Sätze sein.

26.4.51

654. Aber darauf kann man manches einwenden. – Erstens ist eben “ 12×12 etc.” ein *mathematischer* Satz, und daraus kann man folgern, daß nur solche Sätze in dieser Lage sind. Und wenn diese Folgerung nicht berechtigt ist, so sollte es einen ebenso sichern²³⁸ Satz geben, der vom Vorgang jener Rechnung handelt, aber nicht mathematisch ist. – Ich denke an einen Satz etwa dieser Art: “Die Rechnung ‘ 12×12 ’ wird, wenn Rechenkundige sie ausführen, in der großen Mehrzahl der Fälle ‘144’ ergeben.” Diesen Satz wird niemand bestreiten,²³⁹ und er ist natürlich kein mathematischer. Aber hat er die Gewißheit des mathematischen?

237. Há a seguinte variante no MS 177 (p. 4r): da immer noch ein Fehler der Aufmerksamkeit entgangen sein kann (pois um erro de atenção ainda pode ter passado despercebido).

238. Há a seguinte variante no MS 177 (p. 5r): gewissen (certa).

239. Há a seguinte variante riscada no MS 177 (p. 5v): Dieser Satz ist unbestreitbar (Esta proposição é incontestável).

651. Não posso estar enganado de que $12 \times 12 = 144$. E não se pode contrapor a certeza *matemática* à relativa incerteza das proposições empíricas. Pois a proposição matemática foi obtida por uma série de ações, que não diferem em nada das ações do resto da vida e que estão igualmente sujeitas ao esquecimento, à desatenção e ao engano.

652. Posso então profetizar que os homens nunca irão derrubar as atuais regras de cálculo, nunca irão dizer que finalmente agora sabem como as coisas se comportam? Mas será que isso justificaria alguma dúvida de nossa parte?

653. Se a proposição $12 \times 12 = 144$ é excluída da dúvida, então as proposições não matemáticas também devem ser.

26.4.51

654. Mas há muitas objeções a isso. – Em primeiro lugar, “ 12×12 etc.” é uma proposição matemática e, a partir disso, pode-se concluir que somente tais proposições estão nessa posição. E se essa conclusão não for justificada, então deve haver uma proposição igualmente segura que lida com o processo desse cálculo, mas que não é matemática. – Estou pensando em uma proposição deste tipo: “Quando realizado por pessoas que saibam calcular, o cálculo ‘ 12×12 ’ resultará em ‘144’ na grande maioria dos casos”. Ninguém negará essa proposição, e é claro que ela não é matemática. Mas será que ela tem a certeza das proposições matemáticas?

655. Dem mathematischen Satz ist gleichsam offiziell der Stempel der Unbestreitbarkeit aufgedrückt worden. D. h.: “Streitet euch um andre Dinge; *das* steht fest, ist eine Angel, um die sich euer Streit drehen kann.”

656. Und das kann man *nicht* vom Satz sagen, daß *ich* L. W. heiße. Auch nicht von dem Satze, daß die und die Menschen die und die Rechnung richtig gerechnet haben.

657. Die Sätze der Mathematik, könnte man sagen, sind Petrefakten. – Der Satz “Ich heiße ...” ist dies nicht. Aber von denen, die, wie ich, die überwältigende Evidenz haben, wird auch er als *unumstößlich* betrachtet. Und das nicht aus Gedankenlosigkeit. Denn, daß die Evidenz überwältigend ist, besteht eben darin, daß wir uns vor keiner entgegenstehenden Evidenz beugen *müssen*. Wir haben also hier einen Widerhalt ähnlich wie den, der die Sätze der Mathematik unumstößlich macht.

658. Die Frage “Aber könntest du nicht jetzt in einem Wahn befangen sein und vielleicht später herausfinden, daß du’s warst?” könnte man auch auf jeden Satz des Einmaleins einwerfen.

659. “Ich kann mich darin nicht irren, daß ich jetzt gerade zu Mittag gegessen habe.”

Ja, wenn ich Einem sage “Ich habe gerade zu Mittag gegessen”, mag er glauben, daß ich lüge oder jetzt nicht bei Sinnen bin, aber er wird nicht glauben, ich *irre* mich. Ja, die Annahme, ich könnte mich irren, hat hier keinen Sinn.

Aber das stimmt nicht. Ich könnte z. B. gleich nach Tisch, ohne es zu wissen, eingenickt sein und eine Stunde geschlafen haben und nun glauben, ich hätte gerade gegessen.

Aber ich unterscheide hier immerhin zwischen verschiedenen Arten des Irrtums.

660. Ich könnte fragen: “*Wie* könnte ich mich darin irren, daß ich L. W. heiße?” Und ich kann sagen: Ich sehe nicht, wie es möglich wäre.

655. A proposição matemática foi, por assim dizer, oficialmente carimbada com o selo da indiscutibilidade. Isto é: “Disputem sobre outras coisas; *isso* permanece firme, é um eixo em torno do qual sua disputa pode girar”.

656. E isso *não* pode ser dito da proposição que *eu* me chamo L. W. Nem tampouco da proposição de que as pessoas fizeram o cálculo corretamente.

657. Pode-se dizer que as proposições da matemática estão petrificadas. – A proposição “eu me chamo ...” não está. Mas para aqueles que, como eu, têm a evidência esmagadora, ela também é considerada *irrefutável*. E não por falta de reflexão. Pois a evidência é esmagadora precisamente porque não temos que nos curvar a nenhuma evidência contrária. Portanto, temos aqui uma resistência semelhante àquela que torna as proposições da matemática irrefutáveis.

658. A pergunta “Mas você não poderia estar sob uma ilusão agora e talvez mais tarde descobrisse que estava?” também poderia ser levantada em relação a qualquer proposição da tabuada.

659. “Não posso estar enganado quanto a ter acabado de almoçar.”

Sim, se eu disser a alguém “acabei de almoçar”, ele pode acreditar que estou mentindo ou que não estou em meu juízo perfeito, mas não acreditará que *estou cometendo um erro*. Sim, a suposição de que eu poderia estar errado não faz sentido aqui.

Mas isso não é verdade. Por exemplo, eu poderia ter cochilado logo após o jantar sem perceber e dormido por uma hora e agora acreditar que acabei de comer.

Mas faço aqui uma distinção entre diferentes tipos de erro.

660. Eu poderia perguntar: “*Como* eu poderia estar errado que me chamo L. W.?” E eu posso dizer: “Não vejo como isso seria possível”.

661. Wie könnte ich mich in der Annahme irren, daß ich nie auf dem Mond war?

662. Wenn ich sagte “Ich bin nicht auf dem Mond gewesen – aber ich kann mich irren”, so wäre das blödsinnig.

Denn selbst der Gedanke, ich hätte ja, durch unbekannte Mittel, im Schlaf dorthin transportiert worden sein können, *gäbe mir kein Recht*, hier von einem möglichen Irrtum zu reden.²⁴⁰ Ich spiele das Spiel *falsch*, wenn ich es tue.

663. Ich habe ein Recht zu sagen “Ich kann mich hier nicht irren”, auch wenn ich im Irrtum bin.

664. Es ist ein Unterschied: ob man in der Schule lernt, was in der Mathematik richtig und falsch ist, oder ob ich selbst erkläre, ich könne mich in einem Satz nicht irren.

665. Ich setze hier dem, was allgemein festgelegt ist, Besonderes hinzu.

666. Aber wie ist es z. B. mit der Anatomie (oder einem großen Teil derselben)? Ist nicht auch, was sie beschreibt, von allem Zweifel ausgenommen?²⁴¹

667. Auch wenn ich zu einem Volk käme, das glaubt²⁴², die Menschen würden im Traum auf den Mond versetzt, könnte ich ihnen nicht sagen: “Ich war nie auf dem Mond. – Natürlich kann ich mich irren.” Und auf ihre Frage “Kannst du dich nicht irren?” müßte ich antworten: Nein.

668. Welche praktischen Folgen hat es, wenn ich eine Mitteilung mache und dazusetze, ich könne mich darin nicht irren?

(Ich könnte statt dessen auch hinzusetzen: “Ich kann mich darin sowenig irren, wie darin, daß ich L. W. heiße.”)

Der Andre könnte dennoch an meiner Aussage zweifeln. Aber nicht nur wird er, wenn er mir traut, sich von mir belehren lassen, sondern

240. Há a seguinte variante no MS 177 (p. 7v): Recht, die Möglichkeit eines Irrtums anzunehmen. (o direito de presumir a possibilidade de um erro).

241. Há a seguinte variante no MS 177 (p. 8r): ausgeschlossen (excluído).

242. Há a seguinte variante riscada no MS 177 (p. 8r): die Lehre bekennt (que segue a doutrina).

661. Como eu poderia me enganar ao supor que nunca estive na Lua?

662. Se eu dissesse: “Eu não estive na lua – mas posso estar errado”, isso seria um disparate.

Pois até mesmo o pensamento de que eu poderia ter sido transportado para lá, por meios desconhecidos, enquanto dormia, nesse caso, *não me daria o direito* de falar de um possível erro. Se eu o fizer, estarei jogando o jogo *erradamente*.

663. Tenho o direito de dizer: “Não posso estar errado aqui”, mesmo que eu esteja errado.

664. Há uma diferença entre aprender na escola o que é certo e errado em matemática e eu mesmo declarar que não posso estar enganado em uma proposição.

665. Aqui estou acrescentando algo especial ao que é geralmente estabelecido.

666. Mas como fica, por exemplo, com a anatomia (ou uma grande parte dela)? Não é também o que ela descreve além de toda dúvida?

667. Mesmo se eu fosse a um povo que acredita que as pessoas são transportadas para a lua em sonho, eu não poderia lhes dizer: “Nunca fui à lua. – É claro que posso estar enganado”. E à pergunta deles: “Você não pode estar enganado?”, eu teria que responder: Não.

668. Quais são as consequências práticas se eu der uma informação e acrescentar, eu não posso me enganar sobre isso?

(Em vez disso, eu também poderia acrescentar: “Não posso me enganar sobre isso, assim como não posso estar enganado sobre meu nome ser L. W.”).

A pessoa ainda poderia duvidar da minha declaração. Mas se ela confiar em mim, não apenas admitirá o que digo, como também inferirá determinadas conclusões sobre o meu comportamento a partir da minha convicção.

er wird auch bestimmte Schlüsse aus meiner Überzeugung auf mein Verhalten ziehen.

669. Der Satz “Ich kann mich darin nicht irren” wird sicher in der Praxis gebraucht. Man kann aber bezweifeln, ob er dann in ganz strengem Sinne zu verstehen ist, oder ob er eher von der Art einer Übertreibung ist, die vielleicht nur zum Zweck der Überredung gebraucht wird.

27.4.²⁴³

670. Man könnte von Grundprinzipien der menschlichen Forschung reden.

671. Ich fliege von hier nach einem Weltteil, wo die Menschen nur unbestimmte oder wo sie gar keine Nachricht von der Möglichkeit des Fliegens haben. Ich sage ihnen, ich sei soeben von ... zu ihnen geflogen. Sie fragen mich, ob ich mich irren könnte. – Sie haben offenbar eine falsche Vorstellung davon, wie die Sache vor sich geht. (Wenn ich in eine Kiste gepackt würde, wäre es möglich, daß ich mich über die Art des Transportes irrte.)²⁴⁴ Sage ich ihnen einfach, ich könne mich nicht irren, so wird sie das vielleicht nicht überzeugen; wohl aber, wenn ich ihnen den Vorgang beschreibe. Sie werden darin die Möglichkeit eines *Irrtums* gewiß nicht in Frage ziehen. Dabei könnten sie aber – auch wenn sie mir trauen – glauben, ich habe geträumt oder ein *Zauber* habe mir das eingebildet.

672. ‘Wenn ich *der* Evidenz nicht traue, warum soll ich dann irgendeiner Evidenz trauen?’

673. Ist es nicht schwer zu unterscheiden zwischen den Fällen, in denen ich mich *nicht*, und solchen, worin ich mich *schwerlich* irren kann? Ist es immer klar, zu welcher Art ein Fall gehört? Ich glaube nicht.

243. No MS 177 (p. 9r), a data está em meio ao final da elaboração do parágrafo anterior.

244. Há a seguinte variante no MS 177 (p. 9v): Unter gewissen Umständen wäre es möglich, daß ich mich über die Art des Transportes irrte (Em certas circunstâncias, seria possível que eu tivesse me enganado sobre o meio de transporte).

669. A proposição “eu não posso me enganar sobre isso” é certamente usada na prática. No entanto, pode-se duvidar se deve ser entendida no sentido mais estrito ou se é mais um tipo de exagero que talvez seja usado apenas para fins de persuasão.

27.4.

670. Poderíamos falar sobre princípios básicos da pesquisa humana.

671. Eu voo daqui para uma parte do mundo onde as pessoas têm apenas nenhuma ou uma vaga notícia da possibilidade de voar. Digo a elas que acabei de voar de ... até elas. Elas me perguntam se eu poderia estar enganado. – Obviamente, elas têm uma ideia errada de como as coisas se passam. (Se eu tivesse sido posto em uma caixa, é possível que eu tivesse me enganado sobre o meio de transporte). Se eu simplesmente lhes disser que não posso estar enganado, isso pode não as convencer, mas ficarão convencidas se eu descrever o processo para elas. Elas certamente não colocarão em questão a possibilidade de um *erro*. Mas podem – mesmo que confiem em mim – acreditar que eu estava sonhando ou que um *feitiço* me fez imaginar isso.

672. ‘Se eu não confio *nesta* evidência, por que deveria confiar em qualquer evidência?’

673. Não é difícil distinguir entre os casos em que *não* posso estar enganado e aqueles em que *difficilmente* posso estar enganado? É sempre claro a qual tipo pertence um caso? Acredito que não.

674. Es gibt nun aber bestimmte Typen von Fällen,²⁴⁵ in denen ich mit Recht sage, ich könne mich nicht irren, und Moore hat ein paar Beispiele solcher Fälle gegeben.

Ich kann verschiedene typische Fälle aufzählen,²⁴⁶ aber keine allgemeine Charakteristik angeben. (N. N. kann sich darin nicht irren, daß er vor wenigen Tagen von Amerika nach England geflogen ist. Nur wenn er närrisch ist, kann er etwas anderes für möglich halten.)

675. Wenn Einer glaubt, vor wenigen Tagen von Amerika nach England geflogen zu sein, so glaube ich, daß er sich darin nicht *irren* kann.

Ebenso, wenn Einer sagt, er sitze jetzt am Tisch und schreibe.

676. “Aber wenn ich mich auch in solchen Fällen nicht irren kann, – ist es nicht möglich, daß ich in der Narkose bin?” Wenn ich es bin und wenn die Narkose mir das Bewußtsein raubt, dann rede und denke ich jetzt nicht wirklich. Ich kann nicht im Ernst annehmen, ich träume jetzt. Wer träumend sagt “Ich träume”, auch wenn er dabei hörbar redete, hat so wenig recht, wie wenn er im Traum sagt “Es regnet”,²⁴⁷ während es tatsächlich regnet. Auch wenn sein Traum wirklich mit dem Geräusch des Regens zusammenhängt.

245. Há a seguinte variante no MS 177 (p. 10r): typische Fälle (casos típicos).

246. Há a seguinte variante riscada no MS 177 (p. 10v): beschreiben (descrever).

247. Há a seguinte variante riscada no MS 177 (p. 11r): vom Regen spräche (falasse sobre a chuva).

674. Mas agora há determinados tipos de casos em que digo com razão que não poderia estar enganado e Moore deu alguns exemplos de tais casos.

Posso enumerar vários casos típicos, mas não posso dar uma característica geral (N. N. não pode estar enganado ao dizer que voou da América para a Inglaterra há alguns dias. Só se ele for tolo pode pensar que outra coisa é possível).

675. Se alguém acredita que voou dos Estados Unidos para a Inglaterra há alguns dias, acredito que não pode estar *enganado*.

Da mesma forma, se alguém disser que agora está sentado à mesa escrevendo.

676. “Mas mesmo que eu não possa estar enganado em tais casos, – não é possível que eu esteja sob o efeito de drogas?” Se eu estou e se a droga me rouba a consciência, então não estou realmente falando ou pensando agora. Não posso supor seriamente que estou sonhando agora. Quem diz “Estou sonhando” enquanto sonha, por mais que fale de modo audível, não está mais correto do que se dissesse “Está chovendo” em um sonho quando realmente está chovendo. Ainda que seu sonho esteja realmente relacionado ao barulho da chuva.

Referências Bibliográficas

- Aarnio, A. 1987. *The Rational as Reasonable: A Treatise on Legal Justification*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.
- Aarnio, A. 2011. *Essays on The Doctrinal Study of Law*. Dordrecht: Springer.
- Azanha, J. M. P. 2006. A pedagogia das competências e o ENEM. In: *A Formação do Professor e outros escritos*. SP: Ed. Senac São Paulo.
- Baker, G. 1999. Italics in Wittgenstein. *Language & Communication*, Oxford, Pergamon, n. 19, pp. 181-211.
- Bevan, Joan. 1999. “Wittgenstein’s Last Year”. In: Flowers III, F. A. *Portraits of Wittgenstein*. Bristol: Thoemmes Press. (Vol. III).
- Condé, Mauro L. 2004. *As Teias da Razão: Wittgenstein e a Crise da Racionalidade Moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm.
- Condé, Mauro L. 2013. “Léxico versus gramática na ciência: a virada linguística de Kuhn e o segundo Wittgenstein”. In Condé, Mauro; Penna-Forte, Marcelo. In: *Thomas Kuhn e A Estrutura das Revoluções Científicas [50anos]*. Belo Horizonte: Fino Traço.
- Condé, Mauro L. 2017. “Um papel para a história”: O problema da historicidade da ciência. Curitiba: Editora da UFPR.
- Condé, Mauro L. 2020 “Comments on Thomas Kuhn’s philosophy of language”. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 43, pp. 373-378, Edição Especial.
- Condé, Mauro L. 2021. “Science and Its Grammar: Writing the History of Science through the Lens of the Later Wittgenstein”. *Transversal: International Journal for the Historiography of Science* (10): 1-17.

- Condé, Mauro L. 2023. “Thomas Kuhn’s legacy for the historiography of science. In: Condé, Mauro L. e Salomon, Marlon J. *Handbook for the historiography of science*. Cham: Springer.
- Gerrard, Steve. 1987. *Wittgenstein in transition: the Philosophy of Mathematics*. Tese de doutorado na Universidade de Chicago, Illinois.
- Gottschalk, Cristiane Maria Cornelia (org.). 2020. *Ensaaios filosófico-educacionais de uma perspectiva wittgensteiniana*. Jundiaí/SP: Paco Editorial.
- Gottschalk, Cristiane Maria Cornelia & Sousa, Bárbara Nivalda Palharini Alvim (orgs.). 2026. *Diálogos com Wittgenstein na educação*. (no prelo).
- Gottschalk, Cristiane Maria Cornelia. 2007. Uma concepção pragmática de ensino e aprendizagem. *Educação e Pesquisa*, vol. 33, n.3, set/dez., pp. 459- 470.
- Gottschalk, Cristiane Maria Cornelia. 2022. Unfounded foundations, grammatical relativism and Wittgenstein, the educator. *RIPEM*, v. 12, n.2, Extra Edition pp. 23-37.
- Kuhn, Thomas. 1970 [1962]. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Malcom, Norman. 1999. “A Memoir”. In: Flowers III, F. A. *Protraits of Wittgenstein*. Bristol: Thoemmes Press. (Vol. III).
- Malcolm, Norman. 2001. *Ludwig Wittgenstein: A Memoir*. New York: Oxford University Press.
- Moore, G. E. 2013. “Wittgenstein’s Lectures in 1930-33”. In: *Philosophical Papers*. Londres: Routledge.
- Moore, G. E. 1959 [1925]. “A Defence of Common Sense”. In: *Philosophical Papers*. Londres: George Allen and Unwin.

- Moore, G. E. 1959 [1939]. “Proof of an external world”. In: *Philosophical Papers*. Londres: George Allen and Unwin.
- Moore, G. E. 1959 [1939]. “Certainty”. In: *Philosophical Papers*. Londres: George Allen and Unwin.
- Moreno, Arley Ramos. 1995. *Wittgenstein – Através das Imagens*. Ed. Unicamp.
- Moreno, Arley Ramos. 2021. Do gesto ao signo. In: Rodrigues, Cassiano Terra (org.) *Arley Morenum Liber Amicorum – Homenagem a Arley Ramos Moreno in memoriam*. São Paulo: Editora FiloCzar: Fundação Fausto Castilho.
- Oliveira, Bernardo J.; Condé, Mauro. 2002. “Thomas Kuhn e a nova historiografia da ciência”. *Ensaio: pesquisa em educação em ciências*. 4 (2): 143-153.
- Oliveira, W. T. 2020. Certeza, Filosofia da Psicologia e o Manuscrito 119. *Cadernos de Filosofia Alemã*, 25(1), pp. 31-52.
- Perrenoud, Philippe. 1999. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed.
- Peters, M. A. & Stickney, J. (Editors). 2017. *A Companion to Wittgenstein on Education – Pedagogical Investigations*. Singapore: Springer Nature.
- Peters, Michael R. & Burbules, Nicholas, C. & Smeyers, Paul (Editors). 2010. *Showing and Doing – Wittgenstein as a Pedagogical Philosopher*. Boulder-London: Paradigm Publishers.
- Rhees, R. 2003. *Wittgenstein's On certainty: there – like our life*. Oxford: Blackwell.
- Ryle, G. Enseñanza y Entrenamiento. 1969. In: *El Concepto e Educacion*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Salles, João Carlos. 2006. “Considerações sobre o texto das Bemerkungen über die Farben”. In: *O Retrato do Vermelho de outros ensaios*. Salvador: Quarteto.

- Shapin, S.; Schaffer, S. 1985. *Leviathan and the Air-Pump: Hobbes, Boyle and the experimental life*. Princeton: Princeton University Press.
- Smeyers, P., Marshall, J. D. (Editors). 1995. *Philosophy and Education – Accepting Wittgenstein’s Challenge*. vol. 6, Kluwer Academic Publishers, Holanda.
- Van Gennip, K. 2009. *Wittgenstein’s On Certainty in the Making: Studies into Its Historical and Philosophical Background*, Diss. Groningen: Rijksuniversiteit Groningen.
- Vives Antón, T. S. 2019. Reexame do Dolo. In: Busato, P. C. (ed.) *Direito Penal: modernas tendências*. São Paulo: Tirant lo Blanch.
- Wisdom, John. 1953 [1937]. “Philosophical Perplexity”. Proceedings of the Aristotelian Society, New Series, Vol. 37 (1936 – 1937), pp. 71-88
- Wittgenstein, Ludwig. 1969. *On Certainty*. Translated by D. Paul and G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell.
- Wittgenstein, Ludwig. 1970. *Über Gewißheit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Wittgenstein, Ludwig. 1976. *Wittgenstein’s Lectures on the foundations of mathematics*. Editado por Cora Diamond. Ithaca, NY.: Cornell University Press.
- Wittgenstein, Ludwig. 1989. *Fichas (Zettel)*. Lisboa: Edições 70.
- Wittgenstein, Ludwig. 1996. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Wittgenstein, Ludwig. 2009 [1953] *Philosophical Investigations*. English Translation by G. E. M. Anscombe, P. M. S. Hacker and Joachim Schulte. Oxford: Wiley-Blackwell.



TIPOLOGIAS: Silva Text, Alegria Sans

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Betânia G. Figueiredo

PROJETO GRÁFICO: Marcela Paim do Carmo

DIAGRAMAÇÃO E CAPA: Marcela Paim do Carmo

REVISÃO DE TEXTOS: Beth Lara

